

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

VOL. IV

Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio
SÃO PAULO (BRASIL)

— 1944 —

Os números dos PAPÉIS AVULSOS são, em parte, distribuídos pelos próprios autores, sob a forma de separata, logo após a sua impressão, ficando a cargo do Departamento de Zoologia a distribuição do volume completo.

Artigos de colaboração externa só serão aceitos na medida do espaço disponível, sujeitando-se seus autores às alterações julgadas eventualmente necessárias para a homogeneidade do texto.

Cada autor, conforme a praxe, terá direito a um certo número de separatas, nunca superior a 100.

Toda a correspondência referente aos PAPÉIS AVULSOS deve ser endereçada ao Diretor Superintendente do Departamento de Zoologia, a quem devem ser também encaminhados quaisquer originais que à publicação se destinem.

As publicações enviadas em permuta com os presentes PAPÉIS AVULSOS devem ser endereçadas explicitamente à

BIBLIOTECA DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA DA SECRETARIA
DA AGRICULTURA.

Caixa Postal, 172-A — S. PAULO — BRASIL

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

VOL. IV

Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio
SÃO PAULO (BRASIL)

— 1944 —

S U M A R I O

	PÁGS.
Prefácio	V
VIEIRA, C. C.	
Os símios do Estado de São Paulo	1
SOARES, B. M.	
Um novo opilião da Bahia	34
D'ALMEIDA, R. FERREIRA	
Nota suplementar à "Revisão das espécies americanas da superfamília <i>Danaoidea</i> "	37
GUIMARÃES, LINDOLPHO R.	
Um novo malófago do surucuá. <i>Trogonurus aurantius</i> (Spix)	71
GUIMARÃES, LINDOLPHO R.	
Mais um caso de associação entre <i>Mallophaga</i> e <i>Hippoboscidae</i>	79
CARRERA, MESSIAS	
Chave sinóptica da subfamília <i>Leptogastrinae</i> (Diptera, Asilidae), com a descrição de um novo gênero e uma nova espécie	85
NAVAJAS, E.	
Sôbre a validez de <i>Fulcidax violaceus</i> (Klug, 1824) (Col. <i>Fulcidacidae</i>)	95
GUIMARÃES, LINDOLPHO R.	
Sôbre os <i>Menoponidae</i> (<i>Mallophaga</i>) encontrados em Tinamiformes	105
PINTO, OLIVÉRIO	
Sôbre as aves do Distrito de Monte Alegre, Município de Amparo (São Paulo, Brasil)	117
SOARES, B. M.	
Aracnídeos de Monte Alegre	151

	PÁGS.
CAMPOS, A. AMARAL	
Primeira contribuição ao conhecimento da fauna ictio- lógica de Monte Alegre (Estado de São Paulo)	169
SOARES, B. M.	
Mais alguns opiliões de Boracéia	177
TRAVASSOS FILHO, LAURO	
Interessante anomalia em um <i>Cosmosoma teuthras</i> (Walker, 1854) (<i>Lepid.: Ctenuchidae</i> Kirby, 1837)	187
CAMPOS, A. AMARAL	
Peixes da subfamília <i>Mylinae</i> existentes na coleção do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricul- tura de São Paulo	197
NAVAJAS, E.	
Algumas notas sobre a nomenclatura dos fulcidací- deos (<i>Col. Chrysomeloidea</i>)	213
SOARES, B. M.	
Opiliões do Alto da Serra	221
SOARES, B. M.	
Notas sobre opiliões	248
SOARES, B. M.	
Opiliões do Alto da Serra II	277
WYGODZINSKY, PETR	
Sobre uma nova espécie de <i>Plusiocampa</i> (<i>Entotrophi</i> , <i>Campodeidae</i>) do Brasil	303
SOARES, B. M.	
Alguns reparos a "Notas sobre opiliões - V a XIII"	309
D'ALMEIDA, F. FERREIRA	
Sobre a nomenclatura de alguns grupos superiores da ordem <i>Lepidoptera</i> - 3. ^a nota: famílias <i>Lemoniidae</i> , <i>Megalopygidae</i> e superfamília <i>Eucleoidea</i>	313
SOARES, B. M.	
Notas sobre Aranhas I	319
SOARES, HÉLIA ELLER MONTEIRO	
Um novo opilião do Paraná	321
Índice alfabético	325

PREFÁCIO

Sai a lume o tomo IV dos Papéis Avulsos, sem apresentar, em sua parte material, com referência ao volume anterior, qualquer inovação digna de nota. No que toca porém ao seu conteúdo, encerra êle apenas dois artigos de colaboração estranha, o que é índice lisongeiro da crescente atividade dos funcionários técnicos do Departamento de Zoologia. Bem maior seria certamente esta produção se não continuasse o instituto a lutar com absoluta falta de pessoal para atender às necessidades rotineiras da maioria de suas divisões, cujo patrimônio apesar disso não cessa de crescer, através de novas expedições de coleta, de modo a preparar campo sempre mais vasto e apôio cada vez mais sólido aos especialistas que oportunamente delas se venham ocupar.

Tão precária situação em matéria de pessoal veio a se tornar ultimamente ainda mais sensível com a transferência para o Museu Nacional de um de seus mais competentes colaboradores, o sr. ROMUALDO FERREIRA D'ALMEIDA, que ainda enriquece o presente volume com dois trabalhos sôbre Lepidópteros, grupo em que adquiriu grande autoridade.

A despeito das dificuldades próprias da época presente, está já bastante adiantado o preparo do tomo V, que talvez em começos do ano próximo já possa ser distribuído.

S. Paulo, 8 de novembro de 1944.

OLIVÉRIO PINTO.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO BRASIL

OS SÍMIOS DO ESTADO DE SÃO PAULO

POR

C. C. VIEIRA

A sistemática dos símios neotrópicos, como é notório, continua ainda bastante confusa, principalmente no que concerne ao gênero *Cebus* que, não obstante ter sido tão discutido, ainda permanece em parte obscuro quanto às espécies e subespécies realmente válidas que pode abranger.

Natterer, quando percorreu em 1818 limitada zona de São Paulo, colecionou sete espécies de símios que foram descritas por Pelzeln em 1883 no seu “Brasilische Saeugethiere”, trabalho que constitue a mais seria base em que se pode assentar as determinações das espécies de mamíferos existentes em nosso estado.

Goeldi, em sua “Monografia dos Mamíferos do Brasil” e Herman von Ihering em seu “Catálogo dos Mamíferos de São Paulo”, publicados respectivamente em 1893 e 1894, adotaram *in totum* as conclusões de Pelzeln, citando ambos apenas sete espécies válidas em todo o território paulista.

Tambem Elliot em sua volumosa revisão dos primatas de todo o mundo, mencionou para o estado de São Paulo o mesmo número de símios, o que não corresponde à realidade, pois se é mais ou menos acertado o número de espécies que atribue ao gênero *Cebus*, o mesmo não se dá quanto aos gêneros *Callithrix* e *Calli-
cebus*, realmente possuidores de mais formas em nosso estado.

Revendo a grande coleção de peles e crânios de primatas brasileiros obtidos durante mais de quarenta anos pelo antigo Museu Paulista e, mais recentemente, pelo Departamento de Zoologia, ti-

vemos a oportunidade de verificar com certa segurança as formas que efetivamente ocorrem dentro dos limites do estado de São Paulo.

Constatamos assim a presença de três calitriquídeos e nove cebídeos, quantidades essas bem mesquinhas comparadas com o total de primatas atualmente existentes no Brasil: cerca de cento e vinte formas, das quais, oitenta são de cebídeos e quarenta de calitriquídeos.

Sendo a fauna de mamíferos do estado de São Paulo, como aliás a de todo o Brasil, ainda imperfeitamente conhecida, é provável que outros símios dos estados limítrofes ocorram nas zonas ainda pouco exploradas sob o ponto de vista científico. Tal é o caso de *Cebus paraguayanus* que, possivelmente, será encontrado no extremo sudoeste do estado, zona da qual nenhum material possuímos.

Chave para as famílias e espécies de símios ocorrentes no estado de São Paulo

- | | | |
|--|------------------------------------|---|
| 1 - Com 32 dentes | família CALLITRICHIDAE | 2 |
| Com 36 dentes | família CEBIDAE | 4 |
| 2 - Pelos da nuca e do pescoço longos, formando uma espécie de juba; caninos inferiores maiores que os incisivos (uma única espécie) | gênero <i>Leontocebus</i> | |
| Pelos da nuca e do pescoço curtos; caninos inferiores quase iguais aos incisivos | gênero <i>Callithrix</i> | 3 |
| 3 - Alto da cabeça amarelado; pinceis das orelhas brancos | <i>C. aurita</i> | |
| Alto da cabeça cinzento; pinceis das orelhas pretos | <i>C. penicillata</i> | |
| 4 - Cauda não preênsil | gênero <i>Callicebus</i> | 5 |
| Cauda preênsil | | 6 |
| 5 - Alto da cabeça amarelo muito claro; cauda pardo avermelhada | <i>C. personatus</i> | |
| Alto da cabeça cinzento; cauda pardo escura | <i>C. nigrifrons</i> | |
| 6 - Osso hióide extremamente dilatado; fornida barba no mento | gênero <i>Alouatta</i> | 7 |

- Osso hióide normal; barba es-
cassa ou ausente 8
- 7 - Colorido geral do macho adul-
to, preto *A. caraya*
Colorido geral do macho adul-
to, castanho *A. fusca*
- 8 - Polegares rudimentares ou au-
sentes (uma única espécie) . gênero *Brachyteles*
Polegares completos . . . gênero *Cebus* . . . 9
- 9 - Pelos do dorso de colorido u-
niformemente pardo escuro 10
Pelos do dorso de colorido não
uniformemente pardo escuro 11
- 10 - Pelos da cabeça dispostos late-
ralmente em dois tufos distin-
tos *C. nigrītus*
Pelos da cabeça esparramados,
sem formarem dois tufos dis-
tintos *C. frontatus*
- 11 - Pelagem do dorso entremeiada
de longos pelos brancos; gar-
ganta e peito cinza claro; cau-
da toda preta *C. vellerosus*
Pelagem do dorso sem pelos
brancos; garganta e peito par-
do muito claro; cauda preta só
na extremidade *C. versutus*

Família CALLITRICHIDAE

Símios platirríneos de cauda não prênsil, caracterizados pela
formula dentária $i \frac{2}{2}$, $c \frac{1}{1}$, $p - m \frac{2}{2} = 32$.

Gênero **Leontocebus** Wagner

Leontocebus WAGNER. 1839, Schreber's Saeugethiere, Suplem.
I, p. 248; Elliot, 1913, A Review of the Primates, vol. I,
p. 194.

Leontopithecus LESSON, 1840, Spec. Mammal., p. 200 (sub-
gênero de *Midas*).

Midas (Tamarinus) TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Sup-
plem.; p. 29.

GENÓTIPO, por designação de Thomas, *Midas chrysomelas* Kuhl.

Pelos da cabeça e do pescoço longos, assemelhando-se a uma juba; cauda muito comprida, excedendo em muito o comprimento do corpo e com a extremidade peluda, em forma de pincel.

***Leontocebus chrysopygus* (Wagner)**

“Sagüi”, “Sauim”.

Hapale chrysopyga WAGNER, 1840, Schreb. Saeugeth., Supplem., I, p. 249.

Midas chrysopygus PELZELN, 1883, Brasilische Saeugethiere, p. 26; Forbes, 1894, Handb. Primates, p. 144; H. Ihering, 184. Os mamíferos de São Paulo, p. 30.

Midas (Tamarinus) chrysopygus TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Suplem. p. 28.

Mystax chrysopygus THOMAS, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., Série 9, vol. 9, p. 198.

Leontocebus (Tamarinus) chrysopygus ELLIOT, 1913, A Review of the Primates, vol. I, p. 200.

LOCALIDADE TIPO: Ipanema, estado de São Paulo.

Cabeça preta com tons arruivados nos pelos das extremidades da juba; dorso preto, assim como o peito; pelos da fronte amarelo pardacentos; mãos e pés, pretos; ventre, côxas nas partes inferiores e uropígio, amarelo ferrugíneo; cauda preta em toda a extensão, exceto na base que é amarelo doirada.

Dimensões externas:

N.º 2.140 - cabeça e corpo 290; cauda 330; mão 65; pé 70.

Dimensões do crânio: -

N.º 2.140 - comprimento total 56; comprimento occipito-nasal 54; comprimento palatila 19; largura bizigomática 35; largura da caixa craniana 29; largura interorbital 6,5; série dos molares superiores 15; comprimento da mandíbula 37.

Exemplares no Departamento de Zoologia:

N.º 470 - Estado de São Paulo, Garbe col., montado.

- N.º 2.140 - ♂ - Vitoria, município de Botucatu, Garbe col., 14-VII-902, pele cheia.
N.º 2.141 - ♂ - Vitoria, município de Botucatu, Garbe col., 14-VII-902, pele cheia.
N.º 2.063 - ♂ - Baurú, estado de São Paulo, oferta do Dr. O. Humel, X-905, pele aberta.

Descoberto por Natterer em 1822 perto de Ipanema, este belo saguú foi por vários autores incluído nos gêneros *Hapale* e *Midas*. Além do crânio, seus caracteres externos são os mesmos do típico *Leontocebus*. E' pouco conhecido, parecendo não ter distribuição muito ampla. Constitue raridade nas coleções dos museus ou em cativeiro. No Rio de Janeiro, ocorre *L. rosalia*, espécie unicolor, vulgarmente chamada "Mico-leão" que, como já notara H. Ihering, é possível que também ocorra nas regiões montanhosas limítrofes do estado de São Paulo.

Gênero *Callithrix* ⁽¹⁾ Erxleben

Callithrix ERXELEBEN, 1777, Syst. Regn. Anim., p. 55; Trouessart, 1904, Cat. Mammal., Supplem., p. 28; Elliot, 1913, A Review of the Primates, I, p. 216.

Hapale ILLIGER, 1811, Prodr. Syst. Mammal et Avium, p. 71.

Jacchus E. GEOFFROY, 1812, Ann. Mus. Hist. Nat. Paris, XIX, p. 118.

GENÓTIPO: por designação de Thomas, *Simia jacchus* Linnaeus.

Orelhas relativamente grandes, nús e revestidas internamente de tufo de pelos em forma de pinceis; olhos grandes; cauda maior que o corpo e sempre de colorido amarelado. Mãos com palmas relativamente longas e curtas, dedos curtos e bem separados entre si. Crânio arredondado; incisivos inferiores longos e quase iguais aos caninos em altura; incisivos superiores também longos, mas bem menores que os caninos; mandíbula fraca e estreita.

⁽¹⁾ Não tendo sido obtida suspensão das regras de nomenclatura para *Hapale*, nome consagrado pelo uso no último Congresso Internacional de Zoologia, tem prioridade *Callithrix* de Erxleben como já foi demonstrado por Thomas (Ann. Mag. Nat. Hist., série 7, vol. XII, 1903, p. 457).

Das dez espécies brasileiras, sómente duas foram até agora encontradas no estado de São Paulo: *C. penicillata* e *C. aurita*.

***Callithrix penicillata jordani* (Thomas)**

“Sagüi”, “Sauim”.

Callithrix penicillata jordani THOMAS, 1904, Ann. Mag. Nat. Hist., série 7, vol. 14, p. 188; Elliot, 1913, A Review of the Primates, vol. I, p. 227.

Hapale penicillata (não de Geoffroy) PELZELN, 1883, Brasilische Saeugethiere, p. 22 (porto do rio Paraná, S. Paulo).

LOCALIDADE TIPO: rio Jordão, Minas Gerais.

Cabeça pardo acinzentada; fronte com mancha branca semi-circular; orelhas núas, pretas, com longos tufo de pelos negros em forma de pincéis nas bases de suas aberturas; pelos do dorso de tom cinza esbranquiçado, mas com base ocrácea e faixas transversais escuras; garganta escura; peito e ventre, cinza muito claro; braços e côxas, cinza muito claro, com tons amarelados; mãos e pés amarelados; cauda cinza escuro com anéis brancos.

A forma típica da Baía *C. penicillata penicillata* é pouco menor e de colorido muito mais vivo, principalmente na cabeça e no dorso. Também difere nos dentes, pois tem os incisivos muito mais largos.

Esta raça é bem conhecida em Goiaz e Minas Gerais, de onde o Departamento de Zoologia possui abundante material. Em São Paulo parece ocorrer sómente ao norte, nas divisas de Minas Gerais. Natterer colecionou-o em 1823 à margem esquerda do rio Grande, que é mencionado por Pelzeln como o “rio Paraná”.

Dimensões externas e crânicas:

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comp.º total do crânio	Comp.º palatillal	Larg.ª bi-zigomática	Larg.ª caixa crân.ª	Larg.ª interorbital	Série molares superiores	Comp.º mandibular
1.425 ♂ j.	220	265	46	14	26,5	24	5	8,5	26
1.426 ♂	240	280	47	15	31	25	5,5	9	29
1.447 ♀	231	270	46	14,5	30	24	5	9	28
3.921 ♀	230	270	45	15	30	23	5,5	9	27

Exemplares no Departamento de Zoologia:

- Ns. 1.422, 1.423, 1.425 e 1.426 - ♂ ♂ - rio Grande, município de Barretos, estado de São Paulo; E. Garbe col., 1904; peles abertas.
- Ns. 1.270 e 1.271 - ♂ ♂ - Catalão, estado de Goiás; Dreher col.; V-904; peles abertas.
- Ns. 1.446, 1.447 e 2.753 - ♀ ♀ - Ponte do Ipê Arcado, estado de Goiás; Dreher col., V-904; peles abertas.
- Ns. 3.920 e 3.921 - ♀ ♀ - rio das Almas, estado de Goiás, José Lima col., X-934; peles cheias.

***Callithrix aurita* (E. Geoffroy)**

"Sagüi", "Sauim".

Jacchus auritus E. GEOFFROY, 1812, Ann. Mus. Hist. Nat. Paris, XIX, p. 119.

Hapale aurita GRAY, 1870, Cat. Monkeys, Lemurs and Fruit-eating Bats, p. 63; Pelzeln, 1883, Brasilische Säugethiere, p. 21 (Mato Dentro, São Paulo); H. Ihering, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, p. 30.

Callithrix aurita ELLIOT, 1913, A Review of the Primates, p. 225.

LOCALIDADE TIPO: Rio de Janeiro. (2)

Cabeça amarelada, orelhas nús, pretas e com tufo branco; fronte branca; dorso muito escuro, quase negro, entremeado de pelos ocráceos; ventre ocráceo, com a região central quase negra; braços e pernas, ocráceos; mãos e pés amarelo cromo; cauda negra na base, tornando-se clara e com anéis negros até a extremidade, que é ocrácea.

E' este o sagüi mais encontrado por todo o interior de São Paulo, sendo comum na zona litorânea da serra do Mar, desde o estado do Rio de Janeiro ao Paraná.

(2) Tendo E. Geoffroy mencionado apenas o Brasil como pátria deste sauim e, sendo o exemplar sobre o qual baseiou a sua espécie, procedente do Museu de Lisboa, é quase certo ter sido caçado nos arredores do Rio de Janeiro.

Dimensões externas e cranianas

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comp.º total do crânio	Comp.º palatilar	Larg.ª caixa cran.ª	Larg.ª interorbital	Série molares superiores	Larg.ª bi-zigomática	Comp.º mandibular
1.868 ♂	250	350	—	—	—	—	—	—	—
3.710 ♀	240	340	—	—	—	—	—	—	—
1.865 ♂	—	—	48	16	29	5	10	—	30
2.355 ♂	—	—	47,5	16	27,5	5	10	—	30
1.867 ♀	—	—	47	15	27,5	5	9,5	—	27,5

Exemplares no Departamento de Zoologia:

- N.º 3.710 - ♀ - Itatiba, estado de São Paulo, Lima col., 1926; pele cheia.
- N.º 3.723 - ♂ - Itatiba, estado de São Paulo, Lima col., 1926; pelecheia.
- N.º 3.065 - o? - São João, estado de São Paulo, Bakkenist col., 1929; pele aberta.
- N.º 3.750 - o? - São João, estado de São Paulo, Bakkenist col., 1929; pele aberta.
- N.º 1.868 - ♂ - Ubatuba, estado de São Paulo, Garbe, col., VI-905; pele aberta.
- N.º 1.867 - ♀ - Ubatuba, estado de São Paulo, Garbe, col., VI-905; crânio.
- N.º 2.355 - ♂ - "Estado de São Paulo", coleção antiga, montado.
- N.º 1.865 ♂, 1.866 ♀ - Ubatuba, estado de S. Paulo, montado.
- N.º 2.702 - o? - "Estado de São Paulo", montado.

Família CEBIDAE

Símios platirríneos com cauda quase sempre preênsil, caracterizados pela fórmula dentária: $i \frac{2}{2}$. $c \frac{1}{1}$. $p \frac{3}{3}$. $m \frac{3}{3} = 36$.

Subfamília ALOUATTINAE

Macacos de tamanho avantajado com cauda longa e preênsil, nua na parte inferior de sua extremidade; polegar bem desenvolvido; ambos os sexos munidos de fornida barba.

O que caracteriza porém este grupo é o osso hióide enormemente dilatado formando uma verdadeira caixa de ressonância que

permita aos membros deste grupo emitirem sons que podem ser ouvidos a grandes distâncias.

Gênero **Alouatta** Lacépède (³)

Alouatta LACÉPÈDE, 1799, Tabl. Div. Sous.-divis. Ordres et Genres de Mammifères, p. 4; Forbes, 1896, A Handbook to the Primates; Trouseart, 1904, Cat. Mammal Suplem., p. 21; Elliot, 1913, A Review of the Primates, vol. I, p. 258.

Mycetes ILLIGER, 1811, Prodr. Syst. Mammal. et Avium, p. 70; Gray, 1870, Cat. of the Monkeys, Lemurs and Fruit-eating Bats, vol. I, p. 38.

Stentor E. GEOFFROY, 1812, Ann. Mus. d'Hist. Nat. Paris, XIX, p. 107.

Crânio muito característico; forma piramidal; caixa encefálica muito deprimida; região occipital bruscamente terminada; mandíbula extremamente reforçada com ângulo muito aberto.

Dentes incisivos verticais; caninos grandes e salientes, os superiores ligeiramente recurvos; molares superiores muito largos.

Das onze formas deste gênero que ocorrem no Brasil, somente duas são encontradas em território paulista: *A. caraya* e *A. fusca iheringii*.

GENÓTIPO: *Simia beelzebul* Linnaeus.

Alouatta caraya (Humboldt)

“Bugio preto”, “Guariba”

Simia (Stentor) caraya HUMBOLDT, 1811, Recueil d'Observations de Zoologie, vol. I, p. 355.

(³) Miranda Ribeiro, em 1914 (Comissão de Linhas Telegráficas Mato Grosso ao Amazonas, Anexo 5, Zoologia, p. 5) propôs mudar a denominação do gênero *Alouatta* para *Cebus*, passando este a denominar-se *Pseudocebus*. Baseiava-se no fato de serem as duas primeiras espécies do gênero *Cebus* de Erxleben (então com nove espécies), dois aluotíneos: *beelzebul* e *seniculus*.

Como nota Cabrera (Physis, t. XVI, 1939, p. 14), além de já ter sido designado em 1907, por Elliot, o tipo do gênero *Cebus*, separado do grupo de símios assim denominados por Erxleben em 1777, o código das Regras de Nomenclatura aconselha erigir em tipo uma das espécies que não foram separadas do gênero primitivo e, justamente, os dois aluotíneos mencionados que figuravam no heterogêneo grupo de Erxleben, foram dos primeiros separados para formarem um gênero aparte.

Mycetes barbatus SPIX, 1811, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium, p. 46, pl. 32 (Baía).

Stentor niger E. GEOFFROY, 1812, Ann. Mus. Hist. Nat. Paris, XIX, p. 108.

Mycetes caraya PELZELN, 1883, Brasilische Saeugethiere, p. 4. (Vila Maria, Mato Grosso).

Alouatta nigra FORBES, 1894, A Handbook to the Primates, p. 195, pl. 1.

Alouatta caraya ELLIOT, 1913, A Review of the Primates, vol. I, p. 265; H. Ihering, 1914, Rev. Mus. Paul., vol. IX, p. 248.

LOCALIDADE TIPO: Paraguay.

Macho adulto: pelos longos atingindo 5 centímetros no dorso; barba fornida e espessa; colorido geral preto, com ligeiros reflexos pardacentos no dorso; muitas vezes as mãos e os pés conservam pelos pardo-oliváceos, vestígios de imaturidade.

Macho imaturo: dorso, cauda, pernas, peito e ventre, amarelo-oliváceos sôbre fundo negro.

Fêmea adulta e imatura, inteiramente amarelo-olivácea, com pelos escuros na cabeça e no dorso.

O osso hióide desta espécie distingue-se imediatamente do de *A. fusca* em ter o "tentório" (*) muito reduzido ou às vezes completamente ausente. Também o crânio apresenta algumas diferenças, principalmente nos ossos nasais que são alongados e quase retos, em vez de curtos e côncavos como naquela espécie.

Dimensões externas e crânicas

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comp.º total do crânio	Comp.º palatál	Larg.ª bi-zigomática	Larg.ª caixa cran.ª	Larg.ª interorbital	Série molares superiores	Comp.º mandibular
5.891 ♂	600	620	126	42	82,5	47	11	34	94
5.892 ♂ j.	650	620	117,5	41	78	50	10	34	92
1.930 ♂	600	620	126	42,5	85,5	52,5	11	35	96
3.059 ♀	500	545	115	34	68	51	10	29	78
3.109 ♀	500	550	101	35	71	50	8	29	78

(*) H. Ihering (Rev. Mus. Paulista, vol. IX, p. 239, 1914) denominou "tentório" a lamela formada pela margem posterior do corpo do osso hióide.

Dimensões do osso hióide:

N.º	Maior altura	Maior largura	Altura do tentório	Altura da abertura
1.930 ♂	54	34	0	37
3.365 ♂	61	48	0	41,5
3.769 ♀	55	38	9	37,5

Dentre todas as espécies deste gênero é *A. caraya* a que tem mais larga distribuição, ocorrendo desde o Perú e Equador até o Paraguay e norte da Argentina. No Brasil, é conhecida em Mato Grosso, Goiaz, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

No estado de São Paulo ocorria outrora por todo o interior, sendo hoje encontrado somente nas regiões em que ainda existem grandes matas.

Não ocorre no litoral.

Exemplares no Departamento de Zoologia:

- N.º 1.401, 1.405, 1.406, 1.407 e 1.408, ♂ ♂ - rio Grande, município de Barretos, estado de São Paulo, Garbe col., 1904, peles abertas.
- N.º 1.929 - ♂ - Itapura, estado de São Paulo, Garbe col., 1904, pele aberta.
- N.º 3.055, 3.059 e 3.110, ♀ ♀ ; 3.060, 3.061 e 1.108, ♂ ♂ - Pirapora, estado de Minas Gerais, Garbe col., 1912, peles abertas.
- N.º 1.934, 4.095 - ♂ ♂ - Barra do rio São Domingos, Goiaz, José Blaser col., 1938, peles abertas.
- N.º 3.365 - ♂ - Corumbá, estado de Mato Grosso, Garbe col., 1917, pele aberta.
- N.º 3.769 - ♀ - Miranda, estado de Mato Grosso, Lima col., 1930, pele aberta.
- N.º 5.891 e 5.892 - ♂ ♂ - Salobra, estado de Mato Grosso, Lane e Travassos col., 1941, peles cheias.

***Alouatta fusca iheringii* (Lönnberg)**

“Bugio ruivo”, “Guariba”

Stentor fuscus E. GEOFFROY, 1812, Annales du Museum, tome XIX, p. 108.

- Mycetes fuscus* SPIX, 1813, 'Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium, p. 43, pl. XXX (Ipanema, S. Paulo); SCHLEGEL, 1876, Monographie des Singes, p. 154 (Nova Friburgo, Rio de Janeiro); PELZELN, 1883, Brasilische Saeugethiere, p. 3 (Mato Dentro, Ipanema e Itararé, São Paulo); H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de S. Paulo, p. 29.
- Alouatta ursina* ELLIOT, 1913, A Review of the Primates, p. 274 (Roça Nova, estado do Paraná), em parte.
- Alouatta fusca guariba* H. IHERING, 1914, Rev. Mus. Paulista, vol. IX, p. 248.
- Alouatta fusca iheringii* LOENNBORG, 1941, Arkiv foer Zoologi, band 33.^a, n.º 10, p. 23 (novo nome para *A. fusca guariba*).⁽⁵⁾

Macho adulto: pelo maior e barbas mais espessas que na espécie precedente; cabeça castanho escura; face preta; barba castanho muito escura; pelos do peito e ventre, pretos; pelos do dorso pardos, com pontas amarelas, o que produz reflexos doirados, mais vivos nas proximidades da base da cauda; cauda com pelos pardos e pretos misturados, predominando estes; mãos e pés pretos.

Macho jovem: colorido geral pardo muito escuro com o dorso mais claro; mãos e pés pretos.

Fêmea adulta: colorido geral pardo muito escuro; dorso arruivado; barbas, pernas, mãos, pés e cauda, pretos.

Fêmea jovem: colorido geral amarelo oliváceo; cabeça e barbas arruivadas.

Difere esta raça de *A. fusca* de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia em serem os machos de colorido mais pardo avermelhado e as fêmeas muito mais escuras, quase negras. O crânio e o osso hióide todavia não apresentam diferenças apreciáveis.

⁽⁵⁾ Estando o nome subespecífico *guariba* proposto por H. Ihering em 1914, preocupado por *Simia guariba* (= *Simia beelzebul* Gmelin, I, p. 36), Humboldt, 1815, Recueil d'Observations de Zoologie et d'Anatomie Comparée, p. 355, Loennberg, 1941, propôs o nome *iheringii* para substituí-lo justa homenagem ao grande naturalista que por tantos anos dirigiu o Museu Paulista.

Dimensões externas e do crânio:

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comp.º total do crânio	Comp.º palatillal	Larg.ª bi-zigomática	Larg.ª caixa crân.ª	Larg.ª interorbital	Série molares superiores	Comp.º superiores
6.868 ♂	560	570	116	40	72,5	46,5	11	33,5	94
5.899 ♂	600	570	116,5	40	73	48,5	11	33	97
1.672 ♂	600	570	99	31,5	67	47,5	8	30	77,5
97 ♀	500	520	97,5	34	66,5	48	8	30	76
5.900 ♀	540	547	97,5	34	66,5	48	8	30	76

Dimensões do osso hióide:

N.º	Maior altura	Maior largura	Altura do tentório	Altura da abertura
407 ♂	65	44,5	17,7	32,5
412 ♂	61	40	20	27
5.868 ♂ j.	58	42,5	11	32
1.687 ♀	60	33,5	11,5	32

Ocorre esta raça desde a zona montanhosa do litoral do estado do Rio de Janeiro, através de São Paulo, Paraná e Santa Catarina até o norte do Rio Grande do Sul. (°)

Hermann von Ihering em sua monografia do gênero *Alouatta* (Rev. Mus. Paulista, vol. IX, p. 247), afirmou ser esta forma peculiar ao litoral paulista e, em seu mapa da distribuição geográfica do gênero *Alouatta*, estampa VI, figurou *A. fusca* como ocorrendo somente numa faixa que, abrangendo as serras do Mar e da Mantiqueira, alcança para o interior, pouco além da Capital.

Entretanto, ocorre por todo o oeste do estado, onde ainda pode ser encontrada nas zonas de grandes matas.

O Departamento possui dois bons exemplares caçados no município de Lins, muito além dos limites marcados por Ihering em sua distribuição.

(°) Cf. H. Ihering, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, 1892.

No município da Capital é ainda encontrada com frequência na serra da Cantareira.

Exemplares no Departamento de Zoologia:

- N.º 97 - ♀ - São Sebastião, São Paulo, Bicego col., 1895 (pele aberta).
N.º 317 - ♀ - Pinheiros (cid. de São Paulo), São Paulo, oferta (pele aberta).
N.º 407 - ♂ - Alto da Serra, São Paulo, comprado, 1900 (pele aberta).
N.º 3.287 - juv. - "Estado de São Paulo", 1914 - montado.
N.º 5.865 - 5.867 - 5.868 - ♂ ♂ - e 5.866 - ♀ - Cuca, serra da Cantareira, São Paulo, Dr. Lauro Travassos Filho col., XII-940 (peles cheias e crânios).
N.º 5.869 - ♂ - serra da Cantareira, São Paulo, Dr. Flavio da Fonseca col., 1940 (pele aberta).
N.º 5.899 - ♂ e 5.900 - ♀ - Município de Lins, São Paulo, Olalla col., I-941 (peles cheias e crânios).
N.º 2.464 - ♂ - "Paraná", E. Garbe col., 1907 (pele aberta).
N.º 430 e 579 - ♂ ♂ - Colônia Hansa, Santa Catarina, Erhardt col., 1898 (peles abertas).
N.º 1.671 e 1.672 - ♂ ♂ - Joinville, Santa Catarina, Grossmann col., 1900 (peles abertas).

Subfamília *ATELINAE*

Grandes símios caracterizados pelos membros compridos e finos e grande cauda extremamente preênsil, com extremidade nua na parte inferior. Mãos com polegares completos, atrofiados ou inteiramente ausentes.

Compreende os gêneros *Lagothrix*, *Ateles* e *Brachyteles*, ocorrendo somente este no estado de São Paulo.

Gênero ***Bachyteles*** Spix

Brachyteles SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasilien-sium, p. 36; GRAY, 1870, Cat. Monkeys, Lemurs and Fruit-eating Bats, p. 45; TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Supplementum, p. 22.

Eriodes, 1829, I. GEOFFROY, Mem. Mus. Hist. Nat. Paris, XVII, p. 160.

Brachyteleus ELLIOT, 1913, A Review of the Primates, p. 49.

GENÓTIPO, por designação original, *Brachyteles macrotarsus* SJIX = *Ateles arachnoides* E. GEOFFROY.

Estão compreendidos neste gênero os maiores e mais robustos macacos da América.

Cabeça arredondada; face achatada, com ângulo facial relativamente grande; membros longos e delgados; mãos, com polegar rudimentar ou ausente, unhas comprimidas e agudas; cauda maior que o corpo, nua na parte inferior e muito prênsil. Pelos lanosos e espessos recobrimdo todo o corpo; faces nuas.

Crânio com caixa encefálica arredondada; ossos premaxilares articulados com ossos nasais por uma larga superfície; mandíbula muito alta na parte posterior.

Dentes caninos não muito maiores que os incisivos que são todos do mesmo tamanho; molares superiores largos e colocados quase ao mesmo nível dos caninos.

***Brachyteles arachnoides arachnoides* (E. Geoffroy)**

“Muriquim”, “Mono carvoeiro”, “Mono” (?)

Ateles arachnoides E. GEOFFROY, 1806, Ann. Mus. Hist. Nat. Paris, VII, p. 271.

Eriodes arachnoides PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, p. 8 (Ipanema, São Paulo); GOELDI, 1893, Os Mamíferos do Brasil, p. 41; H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, p. 29.

Brachyteles arachnoides GRAY, 1870, Cat. Monkeys, Lemurs and Fruit-eating Bats, p. 45; FORBES, 1894, A Handbook to the Primates, p. 226; TROUESSART, 1904, Cat. Mammalium, Supplementum, p. 22.

Brachyteles arachnoides ELLIOT, 1913, A Review of the Primates, vol. II, p. 50 (em parte).

LOCALIDADE TIPO: Rio de Janeiro. (8)

(?) O nome popular “Mono carvoeiro” dado aos machos velhos que adquirem colorido mais escuro, foi-nos fornecido pelo sr. Frederico Lane, digno Assistente do Departamento de Zoologia e profundo conhecedor da zona litorânea do nosso estado.

(8) E. Geoffroy, “Mémoire sur les Singes à main imparfaite ou *Atèles*” Ann. Mus. Hist. Nat., Paris, 1806, tome VII, p. 270, referindo-se ao seu *Ateles arachnoides*, diz: “Je donne ce nom à l’atèle brun et je l’emprunte

O macho adulto tem a cabeça com colorido pardo muito escuro; mento amarelado; face nua, côr de carne; dorso pardo, lavado de oliváceo, amarelo ferrugíneo na parte inferior e amarelo pardacento na superior; pernas, mãos e pés, amarelo castanho; peito e ventre, oliváceos.

O colorido da fêmea adulta é diferente: cabeça, pescoço e parte do dorso, pardos; resto do corpo, inclusive a cauda, amarelo oliváceo claro.

Os jovens de ambos os sexos são de colorido amarelo oliváceo muito claro e a pele da cara muito escura.

Esta espécie ocorre na zona montanhosa do litoral sul do Brasil, do estado do Rio de Janeiro ao norte do Rio Grande do Sul.

Para o Norte ocorre outra raça de colorido oliváceo muito claro. A presença ou ausência do rudimento do polegar na mão que foi por vários autores como Gray, considerado um caráter pri-

en quelque sorte d'Edwards (Glanures, p. 222), qui raconte qu'on le faisoit voir à Londres sous la dénomination de singe-araignée; dénomination qui se rapporte principalement à la longueur et à la maigreur des membres des atèles.

"Brown (Histoire de la Jamaïque) parle aussi d'un singe à mains tétradactyles, qui a tout son pelage brun et la queue prenante."

"C'est sur ces deux autorités que j'inscris cette espèce dans la catalogue des mammifères" et je m'y suis en outre déterminé, parce que je ne vois pas qu'elle puisse être regardée comme un jeune âge ou une femelle de nos autres atèles.

"Elle pourra être nommée ainsi *Ateles arachnoides*; *ateles fuscus*, *palmis tetradactylis*".

Quanto à sua pátria diz apenas: "Brown ajoute qu'elle existe dans le continent américain."

No tomo XIII dos mesmos anais, à p. 90, deu uma descrição minuciosa da mesma espécie, acompanhada duma boa gravura (pl. 9) pela qual vê-se claramente tratar-se da raça meridional que é mais escura, sobretudo na cabeça, espádua e dorso.

Essa descrição, assim como a respectiva gravura, foram baseadas num exemplar obtido do museu de Lisboa e conservado no museu de Paris como procedente do Brasil.

À p. 106 do tomo XIX, em seu "Tableau des Quadrumanes", Geoffroy cita como habitat de *A. arachnoides*, apenas "le Brésil?".

O exemplar obtido em Lisboa, evidentemente procedia do Rio de Janeiro em cujos arredores não seria raro nos tempos coloniais, quando ainda eram cobertos de espessas florestas.

E' lícito pois estabelecer-se o Rio de Janeiro como localidade tipo para esta raça.

(⁹) Elliot, 1913, A Review of the Primates, p. 51.

mordial para a distinção das duas espécies não tem importância, pois como já notara Elliot (°) tem sido encontrados indivíduos com o polegar rudimentar na mão e sem ele na outra, o que evidencia tratar-se de simples variação individual.

Nos exemplares existentes no Departamento de Zoologia, o de n.º 2.939, proveniente do Alto da Serra, São Paulo, tem o polegar rudimentar em ambas as mãos.

Tres exemplares respectivamente da Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo, são de colorido geral amarelo oliváceo pálido, diferindo bastante na pelagem que é muito mais macia e curta, principalmente no dorso.

A cabeça é bastante acinzentado escura, principalmente na região auricular; mãos, pés e cauda, amarelo pardacentas.

Os crânios, todavia, nenhuma diferença apreciável apresentam.

Constitue pois esta forma outra raça: *Brachyteles arachnoides hypoxanthus* (Desm.) que habita o estado do Rio de Janeiro até a Bahia e talvez mesmo em épocas anteriores, a zona costeira, então coberta de espessas matas, que vai até o cabo de São Roque no estado do Rio Grande do Norte.

Este grande símio foi outrora bem comum em nosso estado, ocorrendo não só por toda a serra do Mar, na zona litoreana, como também nas florestas espessas das zonas montanhosas do interior, onde Natterer encontrou-o em 1819 em Ipanema, no caminho de Porto Feliz.

Com a impiedosa devastação das matas porém, tende a restringir-se cada vez mais a sua distribuição.

E' bem conhecido mesmo não muito longe do município da Capital, pois tivemos oportunidade de observá-lo em pequeno bando, nos contrafortes da serra de Paranapiacaba, a 12 quilômetros da vila de Parelheiros, no local denominado "Ingaeiro". Nessa zona, dão-lhe caça bastante ativa pela sua carne, que é sofrível, o que o torna cada vez mais arisco, refugiando-se em lugares quase inacessíveis.

Dimensões externas e do crânio:

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comp.º total do crânio	Comp.º palatila	Larg.ª bi-zigomática	Larg.ª caixa cran.ª	Larg.ª interorbital	Série molares superiores	Comp.º mandibular
282 ♂	630	650	—	—	—	—	—	—	—
1.864 ♂	630	650	—	—	—	—	—	—	—
1.863 ♂	—	—	115	36	76	61,5	12,5	32,5	82
1.197 ♂	—	—	116	37	81	64	12,5	32	83
2.940 ♂	—	—	119	41	76,5	61	12,5	33	83
1.158	—	—	113	37	73	60,5	11	72	80

Exemplares no Departamento de Zoologia:

N.º 282 - ♂ - Poço Grande, Juquiá, São Paulo, Hempel col., 1898 (pele aberta).

N.º 1.160 - ♀ - Itararé, São Paulo, Garbe col., 1904, pele aberta.

N.º 1.864 - ♂ - Ubatuba, S. Paulo, Garbe col., 1903, pele aberta.

N.º 1.863 - ♂ - Ubatuba, S. Paulo, Garbe col., 1903, crânio.

N.º 1.158 - ♀ - Itararé, S. Paulo, Garbe col., 1903, crânio.

N.º 1.197 - ♂ - "Estado de São Paulo" (coleção antiga) crânio.

N.º 2.940 - ♂ juv. - Alto da Serra, São Paulo, Garbe col., 1911, montado.

N.º 2.939 - ♀ - Alto da Serra, São Paulo, Garbe col., 1911, montado.

Subfamília *CALLICEBINAE*

Com o único gênero *Callicebus*.

Gênero **Callicebus** Thomas

Callicebus THOMAS, 1903, Ann. Mag. Nat. Hist., série 7, p. 456; TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Supplementum, p. 25; ELLIOT, 1913, A Review of the Primates, vol. 2, p. 234 ⁽¹⁰⁾

Callithrix E. GEOFFROY, 1812, Annales du Museum, XIX, p. 112 (nec Erxleben, 1777).

⁽¹⁰⁾ Elliot à pag. 234 de sua "Review of the Primates", dá a fórmula dentária deste gênero somando 32 dentes e considera-o como pertencente à família *Callithrichidae* o que é inteiramente errôneo. Como já notara Anthony (Bulletin de la Société Zoologique de France, 1932, pag. 242), fazendo essa afirmação, estampou entretanto, uma fotografia dum crânio de *Callicebus personatus* em que pode-se contar nitidamente 36 dentes.

Saguinus LESSON, 1827, Man. Mammal., p. 36 (nec *Sagouin* Lacépède).

GENÓTIPO, por subsequente designação de Thomas, *Callithrix personatus* E. GEOFFROY.

Símios pouco menores que os do gênero *Cebus*, com pelos compridos e espessos, cauda longa e peluda, maior que o corpo e não prênscil; cabeça arredondada; orelhas grandes e olhos pequenos.

Crânio curto, com caixa encefálica arredondada; mandíbula notavelmente dilatada nos ângulos como no gênero *Alouatta*.

Dentes pequenos, inclusive os caninos e molares.

Das dezessete formas conhecidas no Brasil, sómente duas ocorrem em território paulista: *C. nigrifrons* e *C. personatus*.

***Callicebus nigrifrons* (Spix)**

“Saá”, “Sauá”.

Callithrix nigrifrons SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium, pl. XV, p. 21 (rio das Onças, Minas Gerais) ⁽¹¹⁾; GRAY, 1870, Catal. Monkeys, Lemurs and Fruit-eating Bats, p. 56; PELZELN, 1883, Brasilische Saeugethiere, p. 19 (Mato Dentro e Irisanga, São Paulo); FORBES, 1893, A Hand Book to the Primates, p. 164; H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, p. 29.

Callicebus nigrifrons TROUESSART, 1904; Cat. Mammalium, Supplementum, p. 21; ELLIOT, 1913, A Review of the Primates, p. 264.

LOCALIDADE TIPO: rio das Onças, Minas Gerais.

Macho adulto: alto da cabeça cinza; fronte negra, assim como as orelhas e faces; pelos do mento negros; garganta esbranquiçada; pele da face negra, com pelos esbranquiçados em volta dos lábios; dorso superior cinzento escuro e inferior cinzento claro; peito, ventre e partes inferiores dos braços e cõxas cinza esbranquiçado com raros pelos amarelados; partes superiores dos braços e pernas cinzento escuro; mãos e pés negros; cauda, cinza muito claro na base, tornando-se ocrácea para a extremidade.

⁽¹¹⁾ O colorido da gravura da prancha XV não está, entretanto, de acordo com a descrição no texto, à pag. 15.

Este “saá” ocorre ao sul de Minas Gerais e em toda a zona nordeste do estado de São Paulo, onde é conhecido vivendo em pequenos bandos, mesmo em capoeiras.

E’ provável que ocorra também ao sul do estado, de onde o Departamento de Zoologia, até o presente não obteve material.

Dimensões externas e do crânio:

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comp.º palatinal	Larg.ª bi-zigomática	Larg.ª caixa cran.ª	Larg.ª interorbital	Série molares superiores	Comp.º mandíbula	Comp.º total do corpo
5.901 ♂	430	450	19,5	42	35	6,5	19	45	68
3.721 ♂	420	440	—	42	35	8	19	45	68
1.077 o	—	—	19,5	42,5	36	8	18	41	67
1.420 o	—	—	20	45	36	8	19	46	65
1.421 o	—	—	20	43	35	7	19	45	67
1.419 o	—	—	20	45	35	6	18	45	68

Exemplares no Departamento de Zoologia:

- N.º 3.240 - o? - “Estado de São Paulo”, coleção antiga, montado
 N.º 3.721 - ♂ - Itatiba, estado de São Paulo, João Lima, col., 1926, pele aberta.
 N.º 3.722 - ♂ - Itatiba, estado de São Paulo, João Lima col., 1926, pele aberta.
 N.º 5.901 - ♂ - Município de Lins, estado de São Paulo, Olalla col., II-941, pele aberta.
 N.º 1.419 - o? - Rio Grande, município de Barretos, Garbe col., 1904, crânio.
 N.º 1.420 - o? - Rio Grande, município de Barretos, Garbe col., 1904, crânio.
 N.º 1.421 - o? - Rio Grande, município de Barretos, Garbe col., 1904, crânio.
 N.º 1.071 - o? - Franca, estado de São Paulo, Dreher, col., 1903, crânio.

Callicebus personatus brunello (Thomas)

“Saá”

Callicebus personatus brunello O. THOMAS, 1913, Ann. Mag. Nat. Hist., série VIII, vol. 12, p. 568.

LOCALIDADE TIPO: Piquê, estado de São Paulo.

O *Callicebus personatus* de E. Geoffroy ⁽¹²⁾, conforme O. Thomas ⁽¹³⁾, corresponde à forma do Espírito Santo, mais tarde descrita por Desmarest ⁽¹⁴⁾ de exemplares trazidos por A. de Saint Hilaire da região costeira daquele estado.

A distribuição geográfica dada por vários autores para esta raça é inteiramente inexata; assim, Elliot ⁽¹⁵⁾ diz: "Geogr. distrib. Region of the upper Amazon, south to the latitude 14°", e Trouessart ⁽¹⁶⁾ "Brasil ab Amazonia Sup. ad Rio de Janeiro"; entretanto, tem sido constatada somente na região litorânea do sul da Bahia ao Rio de Janeiro.

O Departamento de Zoologia apenas possui três exemplares dos quais um procedente de Colatina, rio Doce, Espírito Santo e dois do baixo Sussuí, afluente do mesmo rio, Minas Gerais.

O de n.º 5.931, ♂ adulto, tem a cabeça até a nuca, orelhas, garganta e face nua, pretas; nuca amarelo muito claro; dorso pardo avermelhado claro que se torna castanho avermelhado brilhante na região da base da cauda; membros anteriores castanho claro, bastante esbranquiçado no antebraço; pernas e coxas castanho mais claro; mãos e pés inteiramente negros; peito e ventre pardo alaranjado claro; cauda pardo avermelhada na base, tornando-se mais escura na extremidade.

Dimensões externas e do crânio:

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comp.º palatillal	Larg.ª bi-zigomática	Larg.ª caixa crân.ª	Larg.ª interorbital	Série molares superiores	Comp.º mandibular	Comp.º total do corpo
5.931 ♂	410	450	20	44	36,5	6	17,5	48	70
5.932 ♀	400	440	20	44	35	6	16	46,5	66
2.220 o	380	—	20	44	34	7	17	47	67

(12) E. Geoffroy, 1812, Ann. Mus. Hist. Nat. Paris, tomo XIX, p. 113.

(13) Ann. Mag. Nat. Hist., 1913, série VIII, vol. 12, p. 568.

(14) Mammalogie, 1820, p. 86.

(15) A Review of the Primates, vol. II, p. 255.

(16) Cat. Mammalium, Supplementum, p. 26.

A principal diferença da subespécie creada por O. Thomas, encontra-se no colorido dos membros anteriores que não apresentam o antebraço fortemente esbranquiçado como na raça do Espírito Santo.

Eis a descrição de O. Thomas: "General characteres as in true *personatus*, including the extent of black on the face, crown, ears, hands, and feet, and in this respect similarly differing from *C. nigrifrons*, in wich only a narrow frontal band is black, the crown being dark grey. Whole of upper surface greyish brown, this colour extending uniformly over the nape, shoulders, and back. Under surface similarly brown, without any tinge of reddish on the chest. Fore limbs proximally a similar greyish brown, inconspicuously speckled with buffy very different from the conspicuously whitish forearms of true *personatus*; hands and wrists black. Hind limbs similar, the greyish brown extending to the ankles. Tail dull reddish.

Dimensions of the type (measured in the flesh): - Head and body 380 mm.; tail 420 mm.; hind foot 100; ear 30." (17)

Subfamília CEBINAE

Compreende unicamente o gênero *Cebus*.

Gênero **Cebus** Erxleben

Simia LINNAEUS, 1758, Syst. Naturae, 10.^a ed., p. 25 (em parte).

Cebus ERXELEBEN, 1777, Syst. Reng. Anim. Mammal., p. 44.

Sapajus KERR, 1792, Anim. Kingd., I, p. 74.

Pseudocebus REICHENBACH, 1862, Vollstaend Naturg. Affen., p. 55.

GENÓTIPO, por subsequente designação de ELLIOT, 1907, *Simia capucinus* LINNAEUS = *Cebus nigrivittatus* WAGNER.

De todos os símios americanos, são os deste gênero os mais conhecidos por serem os mais adaptáveis ao cativeiro.

Corpo robusto, cabeça arredondada revestida de pelos erectos em muitas espécies, formando um capacete; cauda longa reco-

(17) Ann. Mag. Nat. Hist., série VIII, vol. XII, p. 569.

berta de pelos em toda a sua extensão e muito preênsil; membros de moderado tamanho; polegares completos.

Crânio arredondado; arcadas zigomáticas delgadas e mandíbulas robustas.

Caninós grandes e salientes nos machos; terceiros molares superiores e inferiores sempre muito menores que os outros.

E' êste gênero, dentre todos os da família *Cebidae*, o que mais dificuldades oferece, não só por abranger um grande número de formas sujeitas a inúmeras variações, como também por reinar grande confusão na literatura existente.

Cabrera, em seu reputado trabalho ⁽¹⁸⁾ baseando-se no colorido geral do corpo e na disposição dos pelos da cabeça (únicos caracteres realmente aproveitáveis para a distinção das formas) considerou válidas para o Brasil uma dezena de espécies, das quais sómente quatro foram encontradas até agora dentro dos limites do estado de São Paulo: *C. cirrifer*, *C. frontatus*, *C. vellerosus* e *C. versutus*.

E' possível que *C. paraguayanus* Fischer encontrado na zona noroeste do estado do Paraná, e tão comum no sul de Mato Grosso ocorra também nas matas dos rios Paranapanema e Paraná.

Vulgarmente são os "micos" ou "macacos" propriamente ditos, e são bem nocivos à agricultura pois, vivendo em bandos às vezes de quarenta e cinquenta indivíduos, são bem conhecidas por todo o interior do país as depredações que causam nas roças de milho situadas nas vizinhanças das matas em que habitam.

***Cebus nigrinus* (Goldfuss)**

"Mico-topete", "Macaco-prego"

Cercopithecus nigrinus GOLDFUSS, 1809, *Vergleicheinde Naturbeschreibung*, Säugethiere, vol. I, p. 74, baseado no *Sajou nègre* de BUFFON, 1789, *Hist. Nat., Supplem.*, vol. 7, p. 109, pl. 28.

Simia cirrifer HUMBOLDT, 1811, *Rec. Obs. Zool.*, I, p. 256.

Cebus niger E. GEOFFROY, 1812, *Ann. du Museum*, p. 111; TROUESSART, 1904, *Cat. Mammalium, Supplement.*, p. 24.

⁽¹⁸⁾ Notas sobre el genero *Cebus*, *Rev. Real Acad. Ciencias de Madrid*, tomo XVI, p. 221.

Cebus cirrifer E. GEOFFROY, 1812, Annales du Museum d'Hist. Nat. Paris, p. 110; GRAY, 1870, Cat. Monkeys, Lemurs and Fruit-eating Bats, Brit. Museum, p. 49; PELZELN, 1883, Brasilische Säugethiere, p. 12 (Ipanema, S. Paulo); H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, p. 29; GOELDI, 1893, Os Mamíferos do Brasil, p. 44; FORBES, 1894, A Handbook to the Primates, p. 109; OLIVERIO PINTO, 1941, Papeis Avulsos do Departamento de Zoologia, p. 114.

Cebus caliginosus ELLIOT, 1913, A Review of the Primates, p. 112.

Cebus nigritus CABRERA & YEPES, 1940, Mammiferos Sud-Americanos, Historia Natural Ediar, p. 99.

LOCALIDADE TIPO: Rio de Janeiro. ⁽¹⁹⁾

Machos e fêmeas adultos: pelos da cabeça de colorido negro lúcido e formando distintamente dois topetes; pelos ao redor da face, fronte, orelhas e mento, branco amarelado; dorso negro, ligeiramente lavado de pardo; braços e pernas, negro lúcido; dedos com parcos pelos esbranquiçados; garganta amarelo esbranquiçada, assim como o ventre; cauda inteiramente negra.

A côr, entretanto, varia muito com a idade apresentando os indivíduos jovens um colorido muito mais claro que varia do amarelo pardacento ao pardo escuro, não se distinguindo também o duplo topete formado pelos tufo laterais do capacete.

Dentre os macacos deste gênero, é este o mais comum em nosso estado, onde parece estar representado em todo o seu território como o atesta o abundante material existente no Departamento de Zoologia e proveniente de zonas as mais diversas.

E' bem grande a sua área de dispersão, pois é conhecido des-

(19). I. Geoffroy em seu "Catalogue des Mammifères, Primates", p. 44, citando os exemplares de *Cebus cirrifer* existentes em 1851 no Museu de Paris, diz: "♂ type de l'espèce. Du voyage de M. Geoffroy Saint-Hilaire en Portugal em 1808)".

Como muitos dos exemplares existentes no Museu de Paris e obtidos do Museu da Ajuda em Lisboa, rotulados como procedentes do Brasil, é muito provável que este também tivesse sido caçado nas regiões adjacentes ao Rio de Janeiro.

de o estado do Rio de Janeiro, onde foi colecionado por Wied ⁽²⁰⁾ e São Paulo até Santa Catarina e Rio Grande do Sul. ⁽²¹⁾

Tambem ocorre no Paraguay e, possivelmente, ao sul de Mato Grosso.

Elliot ⁽²²⁾ em 1910 ,descreveu a nova espécie *C. caliginosus* baseado num exemplar enviado pelo Museu Paulista ao Museu Britânico, proveniente do estado de Santa Catarina e errôneamente rotulado como *C. robustus*.

Em sua revisão, ⁽²³⁾ redescreveu-a, mas com diagnose um tanto modificada.

Cabrera, ⁽²⁴⁾ baseando-se na primeira descrição acha que não é possível distingui-la de *C. cirrifer* cuja distribuição vai até o norte do estado do Rio Grande do Sul.

O exemplar ♂ examinado por Elliot, conforme consta no antigo catálogo do Museu Paulista, é o de n.º 883, de Colônia Hansa no estado de Santa Catarina e colecionado por Ehrhardt em 1903.

O exemplar ♀ n.º 882 de nossa coleção, coletado nessa mesma localidade e na mesma data, é inteiramente igual em todos os caracteres ao de n.º 1.667 ♂, de Joinville, na mesma zona e com todos os característicos de *C. cirrifer*, confirmando assim as previsões de Cabrera.

Dimensões externas e do crânio:

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comp.º palatral	Larg.ª bi-zigomática	Larg.ª caixa crân.ª	Larg.ª interorbital	Série molares superiores	Comp.º mandibular	Comp.º total do corpo
6.165 ♂	560	460	30	71	52	5	23	55	96
5.903 ♂	540	460	31	73	52	5	22	62	98
5.904 ♀	480	450	29	63	50	5	19	55	93
5.902 ♂	440	440	29	62	49	5	18	55	95
98 ♂	460	440	31	71	50	6	23	62	98

⁽²⁰⁾ Cf. Wied, Beitrage zur Naturgeschichte Brasiliens, Mammalia, p. 97.

⁽²¹⁾ Cf. H. Ihering, 1893, Mamíferos do Rio Grande do Sul e Hensel, Beitr. Säugethiere Sud-Brasiliens, p. 372.

⁽²²⁾ Ann. Mag. Nat. Hist., série 5, vol. V, p. 78.

⁽²³⁾ A Review of the Primates, vol. II, 1913, p. 112.

⁽²⁴⁾ Notas sobre el genero *Cebus*, Rev. Real Acad. Ciencias de Madrid, tomo XVI, 1917, p. 236.

Exemplares no Departamento de Zoologia:

- N.º 421 - juv. - Ourinhos, S. Paulo, Lima col., III-901, pele aberta.
N.º 98 e 2.548 - ♀ juv. - São Sebastião, São Paulo, Guenther col., IX-907, pele aberta.
N.º 2.855 e 2.857 - ♂ ♂ - Avandava, São Paulo, Garbe col., VI-1910, pele aberta.
N.º 5.902, 5.903 e 6.165 ♂ ♂ ; 5.904, 5.905, 5.906 e 5.907 ♀ ♀ - Varjão, município de Lins, Olalla col., II-941, peles cheias.
N.º 6.165 - ♂ - Campestre, município de Lins, Olalla col., II-941, pele cheia.
N.º 1.667 - ♂ - Joinville, Santa Catarina, Grossman col., 1903, pele aberta.
N.º 884 - ♀ - Colônia Hansa, Santa Catarina, Ehrhardt col., 1901, pele aberta.

Cebus vellerosus (L. Geoffroy)

Cebus vellerosus I. GEOFFROY, 1851, Cat. des Mammifères, Primates, p. 44; GRAY, 1870, Cat. Monkeys, Lemurs and Fruit-eating Bats, p. 49; FORBES, 1894, A Handbook to the Primates, p. 217; TROUESSART, 1904, Cat. Mammal. Supplementum, p. 24; ELLIOT, 1913, A Review of the Primates, p. 113; CABRERA, 1917, "Notas sobre el genero *Cebus*", Rev. Real Acad. Ciencias de Madrid, tomo XVI, p. 237; CABRERA & YEPES, 1940, Mamíferos de la América del Sud, p. 100.

LOCALIDADE TIPO: "Provincia de São Paulo". ⁽²⁵⁾

Assemelha-se bastante a *C. cirrifer* no aspecto externo e no colorido tendo também o capacete de pelos da cabeça disposto em dois tufo.

O tamanho porém é bem menor e o principal característico consiste na presença de longos pelos brancos por entre a pelagem pardo-escura do corpo, principalmente no dorso.

Parece ser forma peculiar ao oeste de nosso estado, pois até agora só tem sido encontrado nas matas do vale do Tietê e das margens do Paraná.

⁽²⁵⁾ I. Geoffroy, Catalogue des Mammifères, p. 44, assim se refere à procedência dos dois exemplares sobre os quais baseiou a descrição de sua espécie: "Types de l'espèce. Du Brésil, province de Saint-Paul. Acquis en 1826"

Dimensões externas do crânio:

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comp.º total do crânio	Larg.ª palatinal	Larg.ª caixa crân.ª	Larg.ª bi-zigomática	Larg.ª interorbital	Comp.º mandibular	Série molares superiores
5.905 ♀	450	430	95	29	55	60	5,5	55	22
6.014 ♂	420	430	95	29	55	62	68	58	22
3.151 ♀	420	430	98	31	55	63	6	—	23
3.815 o	430	430	95	30	52	60	6	55	23

Exemplares no Departamento de Zoologia:

- N.º 3.715 - ♀ - Presidente Epitacio, São Paulo, Lima col., VI-926 pele aberta.
 N.º 3.815 - ♀ - Valparaizo, São Paulo, H. Serapião col., VII-931 pele aberta.
 N.º 3.151, 5.905 e 5.906 - ♀ ♀ - Lins, São Paulo, Lima e Olall: col., 1914 e 1941, peles cheias.
 N.º 6.014 e 6.017, ♂ ♂ ; 6.016, ♀ - Porto Cabral, rio Paraná, São Paulo, E. Dente col., X-941, peles cheias.

Cebus frontatus (Kuhl)

Cebus frontatus KUHL, 1820, Beitr. Zool., p. 34; PELZELN 1883, Brasililische Säugethiere, p. 13 (Ipanema, São Paulo); ELLIOT, 1913, A Review of the Primates, p. 86 CABRERA, 1917, Rev. Real Acad. Ciencias de Madrid, p. 237; CABRERA & YEPES, 1940, Mamíferos sud-americanos, Hist. Nat. Ediar, p. 98; OLIV. PINTO, 1941, Papei Avulsos do Departamento de Zoologia, p. 115.

Cebus robustus H. IHERING, 1893, Os Mamíferos de São Paulo, p. 29; TROUESSART, 1904, Cat. Mammal., Supplementum, p. 38.

LOCALIDADE TIPO: ignorada. ⁽²⁶⁾

⁽²⁶⁾ I. Geoffroy, "Cat. des Mammifères, Primates", 1851, p. 44, assim se refere à procedência do tipo da espécie de Kuhl: "♂ ♂ Types de l'espèce De la Ménagerie, 1819, Individus acquis ensemble, et ayant très vraisemblablement la même origine. L'un d'eux a été spécialement déterminé par Mr. Kuhl comme type de cette espèce."

Provavelmente esses exemplares foram apanhados na região montanha do litoral de São Paulo.

Difere de *C. cirrifer* em ter os pelos do corpo mais compridos e os da cabeça formarem um capuz mais ou menos esparramado para os lados, sem os dois tufos distintos, um dos caracteres mais salientes daquela espécie.

Face, região temporal, bochechas e mento de colorido branco amarelado; partes superiores do corpo, preto fuliginosa, que se torna pardacenta no dorso; braços e pernas também pretos com raros pelos pardos nas mãos e nos pés; cauda preta com escassos pelos pardacentos na base; garganta, peito e ventre pardacentos.

Crânio com forte crista sagital nos machos adultos.

A distribuição geográfica deste grande *Cebus* era muito pouco conhecida, pois nem mesmo Kuhl designou o paiz em que foi encontrado.

Natterer colecionou-o, em 1819, em Ipanema, e pela procedência do material que atualmente possuímos, podemos considerá-lo como espécie muito mais litorânea que *C. nigrítus*. Ocorre por toda a serra do Mar, desde o estado de São Paulo, até o norte de Santa Catarina.

Dimensões externas e do crânio:

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comp.º total do crânio	Comp.º palatila	Larg.ª bi-zigomática	Larg.ª caixa crân.ª	Larg.ª interorbital	Série molares superiores	Comp.º mandibular
397 ♂	480	410	104	33	77	54	6	24	65
3.813 ♀	470	—	92	30	66	52	5	20	57
432 ♀	—	—	101	31,5	75	49	7	21	65

Exemplares no Departamento de Zoologia:

- N.º 397 - ♂ - Alto da Serra, São Paulo, Garbe col., III-900, pele aberta.
 N.º 3.813 - ♀ - Serra de Paranapiacaba, Tres Barras, Lima col., VIII-929, pele aberta.
 N.º 3.909 - juv. - Município de Cananéia, São Paulo, Camargo col., 1934, pele aberta.
 N.º 431 - ♂ - Colônia Hansa, Santa Catarina, Ehrhardt col., 1901, pele aberta.

N.º 432 - ♂ - Colônia Hansa, Santa Catarina, Ehrhardt col., 1901
crânio.

***Cebus versutus* (Elliot)**

Cebus versuta ELLIOT, 1910, Ann. Mag. Nat. Hist., 8.ª série,
n.º 5, p. 77; idem, 1913, A Review of the Primates, p. 105.

LOCALIDADE TIPO: Araguaí, rio Jordão, Minas Gerais.

Seis peles abertas, com os respectivos crânios, provenientes de Franca, norte do estado de São Paulo, colecionadas por Ernesto Garbe em 1903 e erroneamente determinadas como *Cebus libidinosus* Spix, conforme já notara Oliverio Pinto ⁽²⁷⁾ concordam com a descrição de *Cebus versuta* de Elliot, da região oeste do estado de Minas Gerais.

Os exemplares de machos adultos que possuímos de *Cebus libidinosus* SPIX ⁽²⁸⁾ procedentes do Maranhão e Baía, são de colorido muito mais claro, quase amarelado e com o capacete cefálico constituído de pelos muito mais curtos. Também os crânios distinguem-se em ter a crista sagital bem mais fraca.

O macho adulto de *C. versutus* tem o colorido geral preto-acastanhado; cabeça preta até a nuca (com os pelos formando dois tufos como em *C. cirrifer*); região temporal, faces e mento branco amarelados; cauda castanho-escura na base e preta na extremidade; garganta e peito pardo muito claro; ventre pardo mais escuro; braços, côxas e pernas, preto acastanhado, mesclado de amarelo; mãos e pés quase pretos; dedos amarelados.

A fêmea adulta difere em ter o colorido geral muito mais claro principalmente no dorso, garganta e peito. O capacete de pelos da cabeça é mais curto, não formando dois tufos distintos.

Parece ser muito limitada a sua área de distribuição, ocorrendo somente a sudoeste de Minas Gerais e ao nordeste do estado de São Paulo.

⁽²⁷⁾ Olivério Pinto, Da validez de *Cebus robustus* Kuhl, Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia, vol. I, p. 120.

⁽²⁸⁾ Spix, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium, p. 5, pl. II.

Dimensões externas e do crânio:

N.º	Cabeça e corpo	Cauda	Comp.º palatillal	Comp.º total do crânio	Larg.ª bi-zigomática	Larg.ª interorbital	Larg.ª caixa crân.ª	Série molares mandibular	Comp.º mandibular
828 ♂	460	430	35	100	73	5	50	22	65
830 ♀	450	430	28	94	60	5	50	22	58
794 ♀	450	430	28	90	57	5	50	21	50

Exemplares no Departamento de Zoologia:

N.º 828 ♂, 794, 830, 833, 834, 2.925 e 2.926 ♀ ♀ - Franca, São Paulo, Dreher e Garbe col., 1902 e 1910, peles abertas.

BIBLIOGRAFIA

- HUMBOLDT, 1815, Recueil d'Observations de Zoologie et d'Anatomie Comparée, Paris.
- SPIX, 1823, Simiarum et Vespertilionum Brasiliensium, Species Novae, Muenchen.
- WIED-NEUWIED, 1826, Beitrage zur Naturgeschichte von Brasilien, II, Mammalia.
- I. GEOFFROY DE SAINT-HILAIRE, 1851, Catalogue méthodique des mammiferes dans la collection du Musée d'Histoire Naturelle, (Primates), Paris.
- BURMEISTER, 1854, Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliensis, Mammalia, Berlin.
- GRAY, 1870, Catalogue of Monkeys, Lemurs and Fruit-eating Bats in the British Museum, London.
- SCHLEGEL, 1876, Monographie des Singes (Collection du Musée d'Histoire Naturelle des Pays-Bas), Leyde.
- PELZELN, 1883, Brasilische Saeugethiere, K. K. Zoologisch-botanisch Gessellschaft in Wien, Band XXXIII.
- H. IHERING, 1892, Os Mamíferos do Rio Grande do Sul, Anuário do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- E. GOELDI, 1893, Os Mamíferos do Brasil, Rio de Janeiro.
- FORBES, 1893, A Handbook to the Primates, Allen's Naturalist Library, London.
- H. IHERING, 1894, Os Mamíferos de São Paulo, São Paulo.
- H. MEERWARTH, 1898, Símios do Novo Mundo, Bol. Museu Paranaense, tomo II, p. 121.

- TROUESSART, 1904, Catalogus Mammalium, Supplementum.
- ELLIOT, 1912-13, A Review of the Primates, American Museum of Nat. Hist., New York.
- H. IHERING, 1914, Os bugios do gênero *Alouatta*, Revista do Museu Paulista, vol. 9, p. 231.
- POCOCK, 1917, The Genera of *Hapalidae*, Annals and Magazine of Natural History, vol. 8, série 20, p. 247.
- CABRERA, 1917, Notas sobre el genero *Cebus*, Revista de la Real Academia de Ciencias de Madrid, n.º 16, p. 221.
- POCOCK, 1920, On the external characters of the south-american monkeys, Proceedings Zoological Society of London, p. 91.
- THOMAS, 1922, On Systematic arrangement of Marmosets, Annals and Magazine Natural History of London, p. 196.
- CABRERA, 1939, Los Monos de la Argentina, Physis, tomo XVI.
- CABRERA & YEPES, 1940, Mamíferos sud-americanos, Historia Natural Ediar, Buenos Aires.
- OLIVERIO PINTO, 1941, Sobre a validez de *Cebus robustus* Kuhl, Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia, vol. I, p. 111.



PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

UM NOVO OPILIÃO DA BAHIA

POR

B. M. SOARES

INTRODUÇÃO

Tendo recebido, para determinação, uma coleção de opiliões, pertencente ao Dr. Otto Schubart, encontrei, logo no primeiro espécime que tive o ensejo de examinar, um curiosíssimo goniléptida da subfamília *Pachylinae*, o qual constitui uma nova espécie dum novo gênero, muito bem caracterizado. Resolvi, pois, nesta pequenina nota, descrevê-lo. Seu nome genérico é dado em homenagem ao Dr. Otto Schubart.

Família GONYLEPTIDAE

Subfamília *PACHYLINAE*

Schubartesia, g. n.

Cômodo ocular com alto espinho mediano. Área I dividida ao meio, interme, II inerme, III com dois espinhos, V com longuíssimo e robustíssimo espinho horizontal que se prolonga para trás como cauda, IV com um espinho forte e curto, semelhante a um acúleo de roseira, superposto ao espinho da área IV. Opérculo anal dorsal e ventral inerme. Tergitos e esternitos livres inermes. Fêmur dos palpos sem espinho apical interno. Tarsos I de seis se-

gmentos, os outros de mais de 6. Tipo: *Schubartesia singularis*, sp. n.

Parece-me que se trata do primeiro gênero de *Pachylinae* com as áreas III, IV e V armadas, áreas I e II e tergitos livres inermes.

***Schubartesia singularis*, sp. n.**

(Fig. 1)



♂. Comprimento: 10,5 mm. Artículos tarsais: 6 - 9 - 7 - 7.

Borda anterior do cefalotorax com uma elevação mediana provida de dois pequenos tubérculos. Cefalotorax granuloso, com

um par de grânulos maiores atrás do cômodo ocular, o qual é liso e armado de longo espinho mediano levemente curvo para trás. Áreas I e II granulosas e inermes; III com um par de espinhos e uma série transversal de tres grossos grânulos ao lado de cada espinho; IV com curto e robusto espinho mediano no bordo posterior, semelhante a um acúleo de roseira, superposto ao espinho da área V, e com uma série de quatro grossos grânulos de cada lado; V com longuíssimo e robustíssimo espinho mediano, horizontal, caudiforme, provido de raros grânulos, e com uma série de sete grossas granulações ao lado desse espinho. Tergitos livres com uma série de grânulos grossos. Opérculo anal com pequenos grânulos. Esternitos livres com uma série de minúsculos grânulos, só visíveis depois de se secar um pouco o material. Opérculo anal ventral e área estigmática também com minúsculos grânulos. Ancas I com grânulos inferiores, II e III com minúsculos grânulos, pouco visíveis. Áreas laterais com grossas granulações e com alto e robusto espinho mais ou menos ao nível da metade posterior da área II. Palpos: Trocânteres com dois espinhos apicais inferiores; fêmures com um espinho basilar inferior e uma série de tres espinhos inferiores, mas sem espinho apical interno; tíbias e tarsos com 4-4 espinhos inferiores. Fêmures I quasi direitos, II direitos, III e IV curvos. Patas IV: Ancas pouco granulosas, com robusta e curta apófise apical externa, de forma irregular, e sem apófise apical interna; trocânteres com robusto espinho rombo apical inferior e com um espinho robusto, menor, mediano, lateral-externo; fêmures com longuíssima e fortíssima apófise "*sui generis*", que começa inferiormente acima do ápice e se dirige para dentro e para trás, tendo a extremidade pontuda e curvado em crossa ou báculo (é esta apófise mais longa que os próprios fêmures), além dessa apófise os fêmures têm um ou dois espinhos internos perto do terço apical, e séries de tubérculos de vários tamanhos, além de curto espinho apical interno.

Colorido geral castanho-avermelhado, com o cefalotorax, a extremidade dorsal das ancas, as patelas e tíbias das patas sombreados de fusco, e com os protarsos e tarsos uniformemente amarelos. Palpos amarelos, muito sombreados de fusco.

Habitat: Vale do Rio Branco, Os Gerais, Estado da Bahia, Brasil.

Tipo: Na coleção do Dr. Otto Schubart.

Coligido em 4-III-1943, pelo Dr. Alvaro C. Aguirre.

A B S T R A C T

In this paper the author describes a new genus and a new species of harvester of the subfamily *Pachylinae*.



PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO BRASIL

NOTA SUPLEMENTAR A' "REVISÃO DAS ESPECIES AMERICANAS DA SUPERFAMILIA *DANAOIDEA*"

POR

R. FERREIRA D'ALMEIDA

Na presente nota procuraremos corrigir diversos erros que escaparam à revisão do nosso trabalho cujo título encima estas linhas ⁽¹⁾, bem assim preencher diversas lacunas de que ele se ressentia e que foram ocasionadas pela escassez de material e deficiência de bibliografia.

ERRATA

Pagina 1, lin. 3, ler *Rhopalocera*, em vez de *Pieridae*.

" 3, " 38, ler *Fam. Danaidae Duponchel*, 1844.

" 64, " 24, ler *Geyer* em vez de *Huebner*.

" 64, " 26, ler 1833 e *Geyer* em vez de *Huebner*.

Na explicação da estampa 16 ler:

Figura 3, *Diogas curassavicae curassavicae*

Figura 4, *Anosia eresimus cleothera*

Figura 5, *Anosia plexaure*.

SUPLEMENTO

Fam. DANAIDAE, p. 3

Danaidae DUPONCHEL, 1844, Cat. Meth. Lep. Europ., p. 2.

(¹) D'Almeida, Revisão das espécies americanas da superfamília *Danaoidea*. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, 34 (1), p. 1-113, est. 1-30. (Junho, 1939).

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO BRASIL

NOTA SUPLEMENTAR A' "REVISÃO DAS ESPECIES AMERICANAS DA SUPERFAMILIA *DANAIOIDEA*"

ERRATA

Página 37, lin. 13 ler DUPONCHEL

" 37, lin. 14 ler HUEBNER

" 37, lin. 15 ler HUEBNER

" 46, lin. 23 ler subspec.

" 47, lin. 36 deve ser excluída da sinonímia de *ares* e grafada como se segue:

Anosia eresimus dilucida Forbes, 1939 (Staudinger, i. l.)

Página 52, lin. 31 ler *megalippe*.

" 62, lin. 22 ler *pasinuntia*.

SUPLEMENTO

Fam. DANAIDAE, p. 3

Danaidae DUPONCHEL, 1844, Cat. Meth. Lep. Europ., p. 2.

(¹) D'Almeida, Revisão das espécies americanas da superfamília *Danaoidea*. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, 34 (1), p. 1-113, est. 1-30. (Junho, 1939).

Danaides BOISDUVAL & LECONTE, 1833, Icon, Lep. & Chen. Amer. Sept., p. 132.

Danaides BOISDUVAL, 1840, Gen. Ind. Meth. Europ. Lep., p. 15

Euploeidae MAC LEAY, 1835, Trans. Zool. Soc. Lond., 1, p. 188

Limnadidae GROTE, 1896, Mitth. Roemer-Mus. Hildesh., 7, p. 2 (tipo: *Limnas chrysippus* (L.).

Limnadidae GROTE, 1897, ibidem, 8, p. 8, 10.

Limnadidae GROTE 1897, Journ. N. Y. Ent. Soc., 5, p. 151.

Danainae KIRBY in HUEBNER, 1904-08, Samm. Ex. Schmett., ed. Wytsman, p. 7.

Subfam. *DANAINAE* p. 10

Danainae+*Lycoreinae* KIRBY in HUEBNER, 1904-08, Samm. Ex. Schmett., ed. Wytsman, p. 7.

Danainae FORBES, 1939, Ent. Amer. 19 (n. ser.), p. 101, 103.

Danaidae LUCAS in CHENU, 1851-53, H. Nat. Pap., 9 (1), p. 61 (tribu).

Nymphalii LUCAS, 1851-53, ibidem, p. 61. (part.)

Ithomiinae FORBES, 1939, Ent. Amer., 19 (n. s.), p. 103 (part.)

Gênero **Danaus** p. 15

Danaus POEY, 1847, Mem. Soc. Econ. Habana, ser. 2, 3, p. 176 (part.)

Danaus KIRBY in ALLEN's, 1894, Nat. Library, 1 (1), p. 18. (part.)

Danaus FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. s.), p. 103, 104, 106, 123, 124, 130. (part.)

Gênero **Anosia** p. 17

Anosia HOFFMANN, 1940, Anal. Inst. Biol. Mexico, 11 (2), p. 662.

Danaus FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. s.), p. 103, 104, 106, 123, 124, 130 (part.)

Danaus CLARK, 1941, Proc. U. S. Nat. Mus., 90, p. 531-542 (part.)

A. **gilippus gilippus** p. 19

Danaus gilippus KIRBY, 1880, Sci. Proc. Roy. Dublin Soc. (n. s.) 2, p. 293.

Danaus gilippus BOENNINGHAUSEN, 1896, Verh. Ver. Nat. Unt. Hamb., 9, p. 31.

Danaus gilippus FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 132, 134, 139.

Anosia gilippus gilippus SCHWEIZER & KAY, 1941, Anal. Mus. H. Nat. Montev., (2) 5, p. 10.

Euploea vincetoxici BRYK in FABRICIUS, 1938, Syst. Gloss., p. 72.

Danais gylippus VERLOREN, 1837, Cat. Syst. ad Cramerum, p. 184.

A. gilippus berenice p 23

Danais berenice WEIDEMEYER, 1863, Proc. Ent. Soc. Philad., 2, p. 513.

Danaus berenice KIRBY, 1880, Sci. Proc. Roy. Dublin Soc. (n. s.), 2, p. 293.

Danais berenice EDWARDS, 1889, Bull. U. S. Nat. Mus., 35, p. 18.

Danais berenice PAGENSTECHER, 1907, Jahrb. Nassauisch. Naturk., 60, p. 102.

Danais berenice PAGENSTECHER, 1909, Geogr. Verbr. Schmett. p. 398 (Bermudas).

Danaus berenice CROSS, 1937, Proc. Color. Mus. N. Hist., 16 (1), p. 8.

Euploea berenice BRYK in FABRICIUS, 1938, Syst. Gloss., p. 71 (part.).

Danaus berenice FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. s.), p. 135.

Danaus gilippus berenice FORBES, 1939, ibidem, p. 139.

Anosia berenice HOFFMANN, 1940, An. Inst. Biol. Mex., 11 (1), p. 277.

Anosia berenice HOFFMANN, 1940, ibidem, 11 (2), p. 662.

Danaus berenice berenice CLARK, 1941, Proc. U. S. Nat. Mus., 90, p. 541, t. 73, f. 3 (♂).

Danais erippe VERLOREN, 1837 (nec *erippus* Cr.), Cat. Syst. ad Cram., p. 184.

Forbes em 1939 considera *thersippus* Bates como sinônimo de *gilippus berenice* Cr. Conquanto não tenhamos material do Panamá, cremos que Forbes tem razão e por isso incluímos na sinônímia desta última a *thersippus* Bates com todos os sinônimos citados por nós na página 27 do nosso trabalho.

Ainda como sinônimo de *berenice* entra a forma individual *cleothera* Godart, erradamente considerada por nós como uma subespécie de *eresimus* Cr.

Forbes em 1939, cita *cleothera* Godart como uma subespécie de *gilippus*, dizendo ter examinado uma autêntica *cleothera* do Museu de Paris que lhe foi cedida para estudos por Le Cerf. La-

mentamos profundamente que o nosso mui acatado colega e amigo, Prof. Forbes, tenha esquecido de publicar uma redescrição e fotografias do espécime em questão, afim de facilitar aos demais colegas o estudo da espécie de Godart, considerada erradamente por quasi todos os autores como uma subespécie de *eresimus* Cramer. Segundo Forbes, *cleothera* é uma *berenice* cuja côr fundamental das asas faz lembrar a de *gilippus gilippus*, parecendo ser muito proxima de *gilippina* Höffmann ou, talvez mais ainda, da nossa var. *b* de *strigosa* (p. 27) que representámos na estampa 18, figura 1 do nosso trabalho, abstenção feita, é claro, das escamas cinzentas que bordam as nervuras das asas posteriores.

Lemos com muita atenção a descrição que Godart fez de *cleothera* e estamos convencidos que Forbes tem razão em considerá-la idêntica aos exemplares claros de *gilippus berenice* Cramer. Os exemplares assim caracterizados não têm uma região própria de vôo, ao contrário aparecem em toda a area de dispersão da subespécie *berenice*, razão porque a consideramos como uma simples variedade individual desta última. Forbes em 1939 eleva *cleothera* a categoria de subespécie. Em 1940 este mesmo autor cita-a como uma “raza de matices anaranjados de la especie que comunmente llaman *berenice*. Tiene, curiosamente, una distribución bastante errática: Haiti, Martinica y la costa oriental de Colombia hasta Trinidad.” Podemos acrescentar ainda como região de vôo de *cleothera*: Mexico e toda a America Central. Discordamos, pois, completamente da opinião de Forbes, quanto a elevação de *cleothera* a subespécie.

Damos abaixo a descrição que Godart publicou da sua *cleothera*:

“*Danais* alis subrepandis, fulvis, limbo posteriori nigro punctorum alborum serie duplici; anticis utrinque ad costam saturatioribus; posticis infra venis dilatato-nigris.” “Elle a de très-grands rapports avec la précédente; (*eresimus*) mais elle s'en distingue en ce qu'elle est plus petite; en ce que le limbe postérieur des quatre ailes offre deux rangées de points blancs en dessus comme en dessous; en ce que les ailes supérieures seules sont plus foncées et simplement vers la côte; enfin, en ce que le dessous des infé-

rieures est d'un fauve jaunâtre, avec des veines noires dilatées et légèrement bordées de blanchâtre. Elle habite l'île de Timor." (2)

Toda a sinonímia de *cleothera* abaixo citada será, pois, incluída na de *gilippus berenice*:

Danais cleothera WEIDEMEYER, 1863, Proc. Ent. Soc. Philad., 2, p. 513.

Danais cleothera GODART, 1819, Enc. Meth., 9, p. 185, n. 31.

Danais cleothera BOISDUVAL, 1832, Voyag. l'Astrolabe, Ent. 1, p. 102.

Danais cleothera MÉNÉTRIÉS, 1855, Enum. Corp. An. Mus. Petr. 1-Lep., p. 17.

Danais gilippus v. *cleothera* KIRBY, 1871, Syn. Cat. D. Lep., p. 8 (part.)

Danaus gilippus cleothera BATES, 1935, Bull. Mus. Comp. Zool., 78 (2), p. 146.

Danaus (Anosia) cleothera BRYK, 1937, Lep. Cat., 78, p. 51. (part.).

Danaus gilippus cleothera FORBES, 1939, Ent. Amer., 19 (n. s.), p. 134, 139.

Anosia eresimus cleothera D'ALMEIDA, 1939, Mem. Inst. Osw. Cruz, 34 (1), p. 34. (sinonim. part.), nec descript., nec fig.).

Danaus gilippus cleothera FORBES, 1940, Bol. Soc. Venez. H. Nat., 40, p. 310.

Danais kaempfferi HALL, 1925, Entomol., 58, p. 165.

Danaus (Anosia) kaempfferi BRYK, 1937, Lep. Cat., 78, p. 52 (part.).

Anosia eresimus kaempfferi D'ALMEIDA, 1939, Mem. Inst. Osw. Cruz, 34 (1), p. 36. (sinonim. part.).

Forbes inclui *kaempfferi* na sinonímia de *cleothera*.

Damos a seguir a forma individual *gilippina* que consideramos como sinônimo de *gilippus berenice*:

Anosia berenice f. *gilippina* HOFFMANN, 1940, Anal. Inst. Biol. Mex., 11 (1), p. 277, f. 3, 4 (♂).

Anosia berenice f. *gilippina* HOFFMANN, 1940, ibidem, 11 (2), p. 662.

Transcrevemos a seguir a descrição original de *gilippina* que representamos na estampa 1, fig. 3, est. 2, fig. 3, do presente trabalho:

(2) O grifo é nosso.

“*Anosia berenice* forma *gilippina* nov. Entre los machos de *Anosia berenice*, de las regiones secas y calientes del Occidente de México se encuentra con cierta regularidad una forma que presenta un acercamiento llamativo a la especie *gilippus* Cr. de Sudamérica. En lo particular se nota en la cara superior del ala anterior una mancha blanca de forma de flecha entre las bases de las dos venas cubitales. En la cara inferior se nota la misma mancha y otra más entre las bases de las venas M3. y Cu 1. No existen en el disco del ala posterior las manchas blancas de los ejemplares típicos de *gilippus*. A veces se observa que las pequeñas manchas que se encuentran en la cara inferior en el ápice de la CD del ala anterior, pasan a la cara superior. En el ejemplar de la figura 3 se nota esta mancha sólo en el ala derecha. Es de interés que un porcentaje relativamente grande de los machos de las citadas regiones muestra manchas blancas en la base de las venas cubitales sólo en la cara inferior, variando su tamaño desde simples puntos hasta manchas bien definidas. Esta forma intermedia con 2 manchas bien definidas se encontró también en una hembra. (Alvarez, Col. I.). Ejemplares típicos de la forma *gilippina* tenemos a la vista procedentes de la cuenca del río Balsas de Guerrero y del Estado de Colima. Hasta la fecha nos consta esta forma típicamente solo en los machos, lo que afirma nuestra opinión que se trata de una tendencia definida de evolución progresiva. La forma nos aporta además una prueba convincente de la íntima relación entre *berenice* del norte y *gilippus* del sur de América. Es prácticamente imposible trazar límites definidos entre ambas especies. Además debe suponerse que el punto de partida de este grupo se encuentra en la forma norteña con escaso desarrollo de manchas blancas. La estrecha relación entre *berenice* y *gilippus* se confirma también por los órganos copuladores, los estados larvales, etc., e indujo a varios autores (Bates, 1934 y ultimamente Ferreira d’Almeida, 1939) de reunir ambas especies en *gilippus* Cr. *reira* d’Almeida, 1939) de reunir ambas especies en *gilippus* es decir, subordinando forzosamente por la estricta ley de la prioridad (*gilippus* Cr. 1775; *berenice* Cr. 1779), la aparente forma primitiva a la forma evolucionada de ella. Esta es la causa que nos impone la conveniencia de no reunir las.”

Hoffmann classificou ainda uma aberração de *berenice* à qual deu o nome de *esperanza*. Consideramo-la também como um sinônimo de *gilippus berenice*.

Anosia berenice ab. *esperanza* HOFFMANN, 1924, Rev. Mex. Biol., 4, p. 69.

Anosia berenice ab. *esperanza* HOFFMANN, 1940, Anal. Inst. Biol. Mexico, 11 (2), p. 662.

A. g. berenice (var. strigosa) p. 25

Danaus berenice strigosa CROSS, 1937, Proc. Color. Mus. N. Hist. 16 (1), p. 8.

Danaus gilippus strigosa FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. s.), p. 139.

Anosia berenice f. *strigosa* HOFFMANN, 1940, Anal. Inst. Biol. Mex. 11 (2), p. 662.

Danaus berenice f. *strigosa* CLARK, 1941, Proc. U. S. Nat. Mus., 90, p. 541, t. 73, f. 4 (♂).

Forbes considera *strigosa* como subespécie, sem razão, pois na nossa opinião ela nada mais é do que uma simples forma individual.

A. g. berenice (var. kerri) p. 27

Anosia berenice ab. *kerri* HOFFMANN, 1940, Anal. Inst. Biol. Mex. 11 (2), p. 662.

A. gilippus jamaicensis p. 28

Danaus jamaicensis KIRBY, 1880, Sci. Proc. Roy. Dublin Soc. (n. s.) 2, p. 293.

Danaus gilippus jamaicensis FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. s.), p. 135, 139.

Danaus jamaicensis CLARK, 1941, Proc. U. S. Nat. Mus., 90, p. 540, t. 73, f. 1 2 (♂).

A. gilippus hermippus p. 29

Danaus gilippus hermippus FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. s.), p. 135.

Danaus gilippus hermippus FORBES, 1940, Bol. Soc. Venez. C. Nat., 6, p. 310.

Danasus gilippus nivosus FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. s.), p. 135, 139.

Forbes confirma ser *nivosus* boa subespécie. Esta subespécie varia muito e por isso temos ainda dúvidas sobre a sua validade.

A. gilippus centralis P. 31

Forbes em 1939 põe na sinonímia de *xanthippus* Felder a *centralis* Joicey & Talbot e considera a primeira como uma subespécie de *Anosia gilippus*. Concordamos com Forbes. *Anosia gilippus xanthippus* substituirá portanto *centralis*.

e) gilippus xantippus Felder

Danaus gilippus xanthippus FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. s.), p. 135, 139.

A sinonímia de *centralis* citada por nós será reunida a de *xanthippus*.

Damos na estampa 1, figuras 1, 2 a *Anosia candidus* que Clark publicou em 1941 como espécie nova de Cuzco, Perú, Na nossa opinião ela não é espécie distinta, quando muito será uma subespécie de *gilippus*, si não fôr um simples sinônimo de *hermippus*, pois muito se assemelha aos indivíduos claros de *hermippus* que Godman & Salvin chamaram de *nivosus*.

Em seguida transcrevemos a descrição que dela fez Clark:

f) gilippus candidus Clark

Danaus candidus CLARK, 1941, Proc. U. S. Nat. Mus., 90, p. 541, t. 72, f. 1, 2 (♂).

Description. — *Upper surface:* White, faintly clouded with pale buff, with a broad black border including two rows of rather large white spots, the veins on the hind wings very dark brown narrowly edged with gray, those on the fore wings edged with lighter brown; cell of fore wing brown with a broad light streak near the lower border; between veins 1 and 2, 2 and 3, and 3 and 4 are three large subcircular white spots occupying the entire width of the interspace, delimited interiorly by a faint clouding of the background; there is a similar spot, situated nearer the margin of the wing, between veins 4 and 5; above this last and in line with the three preceding spots are two somewhat smaller elongated spots; between these and the end of the cell are two approximately similar spots, and just within the end of the cell a triangular or broadly chevron-shaped spot; above the cell spot and each of the two pairs of spots beyond is a white dash on the costal border. *Lower surface:* Fore wing with the cell brown, and the interspaces between the veins brown as far as the submarginal

spots, with a large broadly chevron-shaped white spot between the bases of veins 2 and 3, a small spot just above this, a long dash along the inner portion of vein 2 which is continued inward along the lower border of the cell half way to the wing base, and a similar dash just above vein 1; hind wings faintly tinged with dull yellowish, the veins blackish brown. The sexes are similar. *Type*: Near Cuzco, Peru, collected by H. A. Jaynes, of the U. S. Bureau of Entomology and Plant Quarantine, now stationed at Jeanerette, La., ♂ (U. S. N. M. No. 53528). *Additional specimen examined*: A female, from the same locality, also collected by Mr. Jaynes. *Remarks*: This species is allied to *D. nivosus*, of which it may eventually prove to be merely an extreme form. It is easily distinguished from *nivosus* by the almost pure white hind wings and the much whiter fore wings on which the submarginal white spots between vens (sic) 1 and 2, 2 and 3, and 3 and 4 are larger, the first two reaching the dark border; the spots in the dark border of the wings are also larger, and the inner row is complete, the spots in this row being as large as those in the outer row."

A. plexaure p. 31

Danaus plexaure BIEZANKO & DE SETA, 1939, Cat. Ins. e Rio Gr. arr. 1-lep. p. 5.

Danaus plexaure FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. s.), p. 132, 136, 139.

A. eresimus p. 32

Danaus eresimus KIRBY, 1880, Sci. Proc. Roy. Dublin Soc., (n. s.), 2 p. 293.

Danaus eresimus FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. s.), p. 132, 136, 139, part.

Danaus eresimus eresimus FORBES, 1939, ibidem, p. 136 (part.).

Danaus eresimus FORBES, 1940, Bol. Soc. Venez. H. Nat., 40, p. 310.

Danaus eresimus CLARK, 1941, Proc. U. S. Not. Mus., 90, p. 541, t. 74, f. 1, 2 (♀). Cuba.

Danais eresyma LACORDAIRE, 1833, Ann. Soc. Ent. France, 2, p. 390.

Danais eresime VERLOREN, 1837, Cat. Syst. ad Cramerum, p. 184.

Euploea asclepidea BRYK in FABRICIUS, 1938, Syst. Glossat., n. 72.

A. *eresimus* *erginus* p. 35

Danaus eresimus erginus FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. s.), p. 136, 139.

A. *eresimus* *kaempfferi* p. 36

Não é uma subespécie de *eresimus*, como supunhamos, mas sim de *gilippus*, como dissemos linhas acima.

Forbes em 1939 divide a *Anosia eresimus* (Cramer) em tres subespécies: *eresimus eresimus* Cramer, *eresimus erginus* G. & S. e *eresimus dilucida* Forbes, 1939. Ele dá como *habitat* da primeira todas as Grandes Antilhas, América Central, Guyanas, Venezuela, Colombia, Equador e Perú; da segunda somente o oeste do Equador e do Perú e da terceira a região média do Amazonas. Apesar de não ter sido muito o material de *Danaidae* que temos tido em mãos, pudemos observar que os indivíduos do norte da Amazonia (Pará e Amazonas), da Venezuela e das Guyanas con dizem com a figura de *eresimus* de Cramer, mas diferem dos indivíduos da América Central. Estes últimos apresentam diferenças constantes e suficientes para a sua separação em uma bôa subespécie para a qual propomos o nome de *ares*. Esta subespécie corresponde a nossa "*cleothera*" e a da maioria dos autores. O nome *ares* deve, pois, substituir o de *cleothera* na página 34 do nosso trabalho. A sinonímia de *ares* será a seguinte:

b) *eresimus ares* spec. nov.

? *Danais cleothera* DOUBLEDAY, WESTWOOD & HEWITSON, 1847, Gen. D. Lep., 1, p. 91, n. 7, t. 12, f. 2 (♀).

? *Danais cleothera* LUCAS in SAGRA, 1857, Hist. Cuba, 7 p. 519 (Cuba).

? *Danais cleothera* WEIDEMEYER, 1864, Cat. N. Amer. Butt., p. 13.

Danais berenice v. *cleothera*, BUTLER, 1866, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 45, n. 9 (var. ?) (part.).

Danais gilippus var. *cleothera* KIRBY, 1871, Syn. Cat. D. Lep., p. 8 (part.).

Danais cleothera GODMAN & SALVIN, 1901, Biol. C. Amer. Lep. Rhop., 1, p. 3.

Tasitia cleothera MOORE, 1883, Proc. Zool. Soc. Lond., p. 236 (part.).

- Danais cleothera* GODMAN & SALVIN, 1901, Biol. C. Amer. Lep. Rhop. 2, suppl. p. 638.
- Danais cleothera* HAENSCH in SEITZ, 1909, Macrol., 5, p. 114, t. 31b (♂).
- Danaida (Anosia) cleothera* HULSTAERT in WYTSMAN, 1931, Gen. Ins. 193, p. 25 (part.).
- Danais cleothera* ROIG & VILALBA, 1934, Mem. Soc. Cub. H. Nat., 8, p. 109.
- Danaus (Anosia) cleothera* BRYK, 1937, Lep. Cat. 78, p. 51 (part.).
- Danais erysimus* BOISDUVAL, 1870, Cons. Lep. Guatém., p. 27.
- Anosia eresimus cleothera* D'ALMEIDA, 1939, Mem. Inst. Osw. Cruz, 34 (1), p. 34, est. 3, f. 1, 6, est. 15, f. 5, est. 16, f. 4 (sinonim. part.).
- Anosia cleothera* HOFFMANN, 1940, An. Inst. Biol. Mex., 11 (2), p. 662.
- Danaus cleothera* CLARK, 1941, Proc. U. S. Nat. Mus., 90, p. 539, t. 74, f. 3, 4.
- Danais eresime* MÉNÉTRIÉS, 1832, Bull. Coc. Imp. Nat. Moscou, 5, p. 302.
- Tasitia eresimus* BUTLER, 1900, Entomol. 33, p. 189 (Nicaragua).
- Danaida eresimus* BATES, 1934, Entom. News, 45, p. 168.
- Danaus eresimus* f. (*Danais kaempfferi* BATES, 1935, Bull. Mus. Comp. Zool., 72 (2), p. 145. (Cuba) (sin. part.).
- Danaus eresimus* FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. s.), p. 132, 136, 139 (part.).
- Danaus eresimus eresimus* FORBES, 1939, ibidem, p. 136 (part.).
- Danaida (Anosia) kaempfferi* HULSTAERT in WYTSMAN, 1931, Gen. Ins. 193, p. 25 (part.).
- Danaus (Anosia) eresimus kaempfferi* BRYK, 1937, Lep. Cat., 78, p. 52 (part.).
- Anosia eresimus kaempfferi* D'ALMEIDA, 1939, Mem. Inst. Osw. Cruz, 34 (1), p. 36. (sinonim. part.).
- Anosia eresimus dilucida* FORBES, 1939 (Staudinger, i. l.).
- Danaus eresimus dilucida* FORBES, 1939, Ent. Amer., 19 (n. s.), p. 136, 139.

Forbes designa pelo nome de *dilucida* uma nova subespécie do médio Amazonas. É difícil dizer si *dilucida* é realmente uma bôa subespécie. É verdade que os individuos de Santarem (Dep. Zoologia), Tapajós, Teffé, Alto Juruá, Acre (col. Mus. Nacional do

Rio de Janeiro) e de Maués (col. d'Almeida) se apresentam quasi sempre com os caracteres de *dilucida*, mas não é menos verdade tambem que entre eles encontramos frequentemente outros, em numero não pequeno, semelhantes ao *eresimus* típico, como o que foi figurado por Cramer. Vimos exemplares de Belem do Pará (Utinga) e de São Paulo de Olivença (Amazonas) muito semelhantes aos que possuímos do Alto Amazonas (talvez Rio Negro) e da Venezuela. Todos estes exemplares concordam com a figura de Cramer e não com *dilucida*. A espécie é, aliás, muito variavel .

O exemplar do Alto Amazonas que figuramos na estampa 3, figura 2, tem a borda externa das asas posteriores desprovida de pontos brancos, enquanto que os da Venezuela apresentam as vezes uma serie de pontos desta côr, como em certos individuos de São Paulo de Olivença, todos eles não apresentam, porem, um grande contraste de côr entre a região proximal e distal das asas, concordando, pois, neste particular com os exemplares típicos de *eresimus*. A região post-discoïdal das asas anteriores, em direção ao ápice, é tambem enegrecida como nestes últimos. A vista do que ficou acima exposto, vacilamos em considerar *dilucida* como uma bôa subespécie.

A nossa *eresimus eresimus* de Maués descrita na página 37 e figurada na estampa 17, f. 2 corresponde a *dilucida* Forbes.

Damos abaixo a descrição original de Forbes:

"*Danaus eresimus dilucida* (Stgr. ms.), new race. Ground mahogany brown, shading into bright tawny toward anal angle of fore wing and on outer third of hind wing; apex of fore wing also lightened. White spots in the usual positions, pure white, large and strongly contrasting, the ground about them somewhat darkened toward costa but not black; st. and t. series fairly complete on fore wing, the middle st. ones somewhat enlarged, and occasionally joining the corresponding terminal ones; outer margin shading into dark brown. Hind wing with the pm. spots of under side repeated as vague pale shades, and also sometimes with similar pale shades about end of cell; st. dots mostly faint or obsolete in the tawny ground, but terminals more distinct, usually a complete series but not really white. Beneath, fore wing except apex as above, but with even less dark shading; apex and hind wings pale dull brown.

with fine black veins; the st. and t. spots in a complete series and white on both wings, the ground not at all darkened around them. Postmedial patches on hind wing pale dirty buff, not at all shaded with paler or defined with darker, sometimes with smaller similar spots grouped at end of cell. Expanse 60-80 mm. Type male and 3 paratypes, Santarém, Amazonas, Brazil (F. Knab) in U. S. National Museum; 12 other paratypes without authentic localities in U. S. National Museum, Museum of Comparative Zoology and Cornell University Collection. One is labelled "Amazon" one "Brazil" and two bear the determination "*dilucida*".

Gênero **Diogas** p. 39

Danaus FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. s.), p. 103, 104, 106, 123, 124, 130. (part.).

Danaus CLARK, 1941, Proc. U. S. Nat. Mus., 90, p. 531-542 (part.).

Diogas HOFFMANN, 1940, Anal. Inst. Biol. Mexico, 11 (2), p. 663.

D. erippus p. 39

Danaus erippus KIRBY, 1880, Sci. Proc. Roy. Dublin Soc. (n. s.), 2, p. 293.

Danaüs erippus BONNINGHAUSEN, 1896, Verh. Ver. Nat. Unt. Hamb., 9, p. 31.

Danaüs erippus PAGENSTECHER, 1907, Jahrb. Nassauisch. Ver. Nat. 60, p. 99. Patr. fals.? (Pequenas Antilhas).

Danaüs erippus PAGENSTECHER, 1909, Geogr. Verbr. Schmett., p. 398. (Patr. fals.?)

Danaüs erippus HAYWARD, 1935, Rev. Soc. Ent. Argent., 7, p. 192. (Misiones).

Danaus erippus HAYWARD, 1939, Physis, 17, p. 377. (Bolivia)

Diogas erippus BIEZANKO & DE SETA, 1939, Cat. ins. enc. Rio Gr. arr., 1-lep., p. 5.

Danaus erippus FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. s.), p. 130, 133, 139.

Diogas erippus SCHWEIZER & KAY, 1941, An. Mus. H. Nat. Montev., (2) 5, p. 11.

Danaüs plexippe VERLOREN, 1837, Cat. Syst. ad Cramerum, p. 184. (part.).

Euploea asclepiadis BRYK in FABRICIUS, 1938, Syst. Glossat., p. 70. (part.).

A area de vôo de *erippus* é muito mais extensa do que a que dá Forbes; ela abrange quase toda a Amazonia (Teffé, etc.) atingindo o Territorio do Acre, onde vôa juntamente com a subespécie *megalippe* Huebner (= *nigrippus* Haensch). É comum em Goiás e Belem (Pará), aparecendo também em Catamarca e Cordoba na Argentina.

D. curassavicae p. 44

Euploea curassavicae BRYK in FABRICIUS, 1938, Syst. Gloss., p. 69.

Diogas curassavicae HOFFMANN, 1940, An. Inst. Biol. Mex., 11 (2), p. 663.

Danaida plexippus SPRAGUE, 1879, Psyche, 2, p. 257.

Anosia plexippus PAGENSTECHER, 1909, Geogr. Verbr. Schmett., p. 400. (Bermudas, patr. falsa?).

Danaus plexippus CROSS, 1937, Proc. Color. Mus. N. Hist., 16 (1), p. 8.

Danaus plexippus WILDE, 1939, Bull. Buffalo Soc. Nat. Sci., 19 (1) p. 34, t. 4, f. 1.

Danaus plexippus MACY & SHEPARD, 1941, Butterflies, p. 77.

Danaus plexippus plexippus CLARK, 1941, Proc. U. S. Nat. Mus., 90, p. 533, t. 17, f. 1.

Danais archippus WEIDEMEYER, 1863, Proc. Ent. Soc. Philad., 2, p. 513.

Danais archippus EDWARDS, 1889, Bull. U. S. Nat. Mus., 35, p. 18.

Danais archippus WEED, 1894, Pyche, 7, p. 130.

Danaus erippus menippe FORBES, 1939, Ent. Amer. 19 (n. s.), p. 133, 139.

Danaus menippe TALBOT, 1943, Entomologist, 76, p. 84.

É lamentável que ainda hoje certos autores norte americanos nos seus trabalhos de divulgação continuem usando o nome *plexippus* de Linné para designar esta espécie da América do Norte. Qualquer sistematista que tenha estudado convenientemente as espécies da subfamília *Danainae* sabe perfeitamente que nas coleções de Linné não há espécimes da América do Norte; todos os que lá existem etiquetados sob o nome de *Papilio plexippus* Linné, são espécimes da África ou Ásia. É muito razoável, portanto, que este

nome seja empregado para designar a espécie de *Danaus* desses dois continentes e não a espécie americana.

Aceitando o nome *Papilio plexippus* Linné para a espécie de *Danaus* da África e Ásia nada mais fizemos que concordar com a abalisada opinião de Aurivillius ("Recensio Critica Lepidopterorum Musei Ludovicae Ulricaе", Kongl. Svenska Vetenskaps Akademiens Handlingar, 19, p. 1-188, t. 1, 1882) e de muitos outros bons autores que adotaram igualmente o mesmo critério, como por exemplo Barnes & Benjamin, 1924 (Canad. Entom., 56, p. 16), Forbes, 1939, etc.

São sempre desagradáveis, reconhecemos, as mudanças que se operam a todo momento nos nomes científicos, quer de espécies, quer de outros grupos. A responsabilidade, porem, por este estado de instabilidade que existe hoje na nomenclatura de muitos grupos não pode ser imputada toda ela aos atuais entomologistas; culpa maior cabe sem dúvida aos nossos antecessores que nos legaram um acervo de nomes específicos, genéricos, etc. que não podiam prevalecer porque infringiam diversos artigos do C. I. N. Z. Muitas foram as causas que concorreram para o estado de confusão que ainda hoje persiste na nomenclatura de muitos grupos de animais. A principal foi, porem, a falta de um código que pudesse orientar os nossos antecessores e coibir mesmo, de alguns deles, certas práticas abusivas. Faz-se mister, por conseguinte, que ajamos de acordo com o C. I. N. Z., eliminando todos os nomes que, por qualquer motivo, não possam ser usados, reajustando outros, enfim, fazendo todas as modificações que se fizerem necessárias, de conformidade, é claro, com o referido Código. Cremos que, assim procedendo, concorreremos para estabilisar todos esses nomes. Na hipótese de ocorrer qualquer questão de solução difícil; seria de bom alvitre submete-la a apreciação da Comissão Internacional de Nomenclatura que opinaria a respeito. Esta é a norma que deve ser seguida; qualquer outro procedimento é contraproducente, servindo apenas para aumentar a confusão.

No nosso trabalho aceitámos para esta espécie o nome dado por Fabricius em 1807 no seu "System. Glossatorum". O livro em questão foi impresso na data acima mencionada e portanto deve ser considerada uma publicação válida. Nada justificaria a não a-

ceitação desta obra de Fabricius, quando é do conhecimento de todos que pequenos panfletos de sete páginas e até de menos, como por exemplo, o "Index Exoticorum Lepidopterorum" de Jacob Huebner, do qual só se conhecem copias, são aceitos pelos autores como válidos na data da sua publicação. Adotamos um ó critério: ou aceitamos o trabalho de Fabricius como tendo valor na data da sua publicação em 1807, ou recusamos todas as publicações que se acham nas mesmas condições desta última, sendo a de Jacob Huebner acima citada uma delas.

D. curassavicae (var. fumosus) p. 53

Diogas curassavicae f. *fumosus* HOFFMANN, 1940, An. Inst. Biol. Mex., 11 (2), p. 663.

D. curassavicae nigrippus p. 54

Danaus megalippe FORBES, 1939, Entomol. Amer., 19, (n. ser.), 130.

Danaus erippus megalippe FORBES, 1939, ibidem, p. 133, 139.

Danaus megalippe FORBES, 1940, Bol. Soc. Venez. C. Nat., 46, p. 310.

Danaus plexippus megalippe CLARK, 1941, Proc. U. S. Nat. Mus., 90, p. 536, t. 71, f. 2.

Danaüs erippus PRUEFFER, 1922, Arch. Nauk. Biol. Tow. Nauk. Warsz. 1 (3), p. 7 (Lima).

Anosia plexippus plexippus GAZULLA & RUIZ, 1928, Rev. Chil. H. Nat. 32, p. 292. (Chile).

Danaus plexippus plexippus URETA, 1938, ibidem, 42, p. 297 (Chile).

Danaus plexippus plexippus, URETA, 1938, Bol. Mus. Nac. H. Nat. Chile, 16, p. 126 (Chile).

Devido as máculas de um fulvo ocráceo do ápice das asas anteriores da figura de Huebner, resolvemos em 1939 considerar a *megalippe* Huebner = *curassavicae* Fabricius, sem levar em consideração as localidades citadas por Kirby (in Huebner, Samm. Exot. Schmett., ed. Wytsman, p. 4) para a *megalippe* Huebner. Ha pouco tempo, porem, tivemos ocasião de examinar vários indivíduos do Brasil (Amazonas e Acre), os quais apresentavam máculas subapicais semelhantes as da figura de Huebner. Hoje cremos possível que tais individuos sejam realmente a subespécie de

Huebner, conforme disse Kirby e mais recentemente Forbes (1939). Esta subespécie é, aliás, muito variável. Há exemplares do Brasil idênticos aos da America do Norte (Miami).

O nome *nigrippus* será, pois, substituído pelo de *megalippe*.

b) ***curassavicae megalippe*** Hübner

Anosia megalippe HUEBNER, 1826, Samm. Exot. Schmett., 2, t. 7, f. 1-2.

Anosia megalippe KIRBY in HUEBNER, 1900, ibidem, ed. Wytsman, p. 4.

Anosia archippus v. *megalippe* BUTLER, 18 , Proc. Zool. Soc. Lond., p. 711 (S. Lucia).

Diogas curassavicae nigrippus D'ALMEIDA, 1939, Mem. Inst. Osw. Cruz, 34, p. 54, est. 18, f. 3.

devendo ser ainda incluída aqui toda a sinonímia por nós citada para *nigrippus*.

Esta subespécie tem uma distribuição geográfica muito maior do que a que dá Forbes. Ela vòu por toda a região ocidental do Amazonas atingindo o território do Acre, aparecendo em toda esta area ao lado de *erippus*. Acrescentamos ainda as seguintes localidades: Pastaza no Perú, a ilha da Trindade e Tapajós.

Citamos abaixo duas novas subespécies classificadas em 1941 por Clark, sendo uma de Porto Rico e a outra de Tobago. Nada podemos dizer sôbre estas subespécies, pois não temos material das localidades acima citadas. Na estampa 2, figuras 1, 2, e est. 3, fig. 1, reproduzimos as figuras originais de Clark.

Danaus plexippus portoricensis CLARK, 1941, Proc. U. S. Nat. Mus., 90, p. 539, t. 72, f. 3, 4 (♂). Porto Rico.

Danaus plexippus tobagi CLARK, 1941, ibidem, p. 538, t. 71, f. 3) ♂). Tobago.

Damos abaixo as descrições destas duas supespécies:

***Danaus plexippus tobagi*, new subspecies**

“*Diagnosis*. — Similar in all respects to *D. p. megalippe* but with the ground color of the wings pale lavender-brown. *Range* - Confined to the island of Tobago, British West Indies. *Type* - Scarborough, Tobago, collected by N. A. Wood on August 12,

1913, ♂ (U. S. N. M. No. 53526). *Additional specimens examined* - Tobago: Scarborough, August 5, ♂, August 8, ♀; Botanic Station, August 1, ♂, July 24, ♀; The Bay, August 2, ♀; all collected by N. A. Wood in 1913. *Remarks* - This form is strikingly different from *D. p. megalippe* in the ground color of the wings, though it resembles it in all other features. In a rather rare aberration of *D. p. plexippus* (*fumosus*) the wings have the same ground color."

Os exemplares de Trindade da col. do Museu Nacional do Rio de Janeiro são idênticos aos do continente, é possível, porém, que os de Tobago formem uma boa subespécie.

***Danaus plexippus portoricensis*, new species**

"*Diagnosis* - Resembling *D. p. megalippe* from the Guianas but smaller, the fore wing less than 45 mm. long; pair of white spots just beyond the end of the cell in the fore wing absent; two preapical spots small and pale yellowish, no white spots in the black border of the hind wing. *Range* - Known only from the island of Porto Rico. *Type* - Ciales, north-central Puerto Rico, collected by C. G. Anderson and A. S. Mills, of the United States Bureau of Entomology and Plant Quarantine, December 5, 1933, ♂ (U. S. N. M. No. 53527). *Additional specimen examined* - No data, ♂; received from the Brooklyn Museum. *Remarks* - The small size, absence of the two light spots beyond the end of the cell, and absence of white spots in the border of the hind wing give this form a very distinctive appearance. It is, of course, possible that it may prove to be merely an abnormally marked dwarf of *D. p. megalippe*, but the fact that the two specimens at hand are quite alike would seem to indicate that it is a valid race. A specimen of *D. p. megalippe* from Puerto Rico also lacks the two white spots beyond the end of the cell of the fore wing, and these are occasionally absent from specimens of *D. p. plexippus* taken in the southeastern United States".

***D. cleophile* p. 55**

Danaus cleophile WEIDEMEYER, 1863, Proc. Ent. Soc. Philad., 2, p. 513.

Danaus cleophile FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. s.), p. 132 (Haiti, S. Domingo).

Tribu **Anetiini** p. 57

Subfamília *Anetiinae* STICHEL, 1938, Lep. Cat., 86, p. 151

Subfamília. *Anetiinae* HOFFMANN, 1940, An. Inst. Biol. Mexico, 11 (2), p. 663.

Gênero **Anetia** p. 58

Anetia STICHEL, 1938, Lep. Cat. 86, p. 151

Anetia HOFFMANN, 1940, An. Inst. Biol. Mexico, 11 (2), p. 663

Argynnis DRAPIEZ, 1821, Ann. Génér. Sci. Phys., 8, p. 281.

Argynnis GUÉRIN-MÉNEVILLE, 1844, Icon. Règne Anim., 2-Ins., p. 477.

Argynnis DOUBLEDAY, 1845, Trans. Linn. Soc. Lond., 19, p. 482.

Argynnis MORRIS, 1860, Smith. Miscell. Collect., p. 7.

Clothilda DOUBLEDAY, 1845, Trans. Linn. Soc. Lond., 19, p. 482, 484.

Clothilda FELDER, 1861, Nov. Acta Ac. Leop., 28 (3), p. 7.

Clothilda WEIDEMEYER, 1864, Proc. Entom. Soc. Philad., 2 (sep. p. 16).

Clothilda WALLACE, 1871, Geogr. distr. Anim., 2, p. 73.

Clothilda SCUDDER, 1875, Proc. Amer. Ac. Arts & Sci. Boston, 10, p. 144.

Clothilda KIRBY, 1878, Entomol., 11, p. 125.

Clothilda KIRBY, 1879, Cat. Coll. D. Lep. Hewitson, p. 62.

Clothilda KIRBY in ALLEN's, 1894, Natur. Library, 1, p. 73.

Clothilda REUTER, 1896, Acta Soc. Sci. Fenn., 22 (1), p. 552.

Clothilda PAGENstecher, 1907, Jahrb. Nassauisch. Ver. Nat., 60, p. 97.

Chlothilda FRUHSTORFER, 1916, Arch. f. Naturg., 81 (1915), Abt. A, Heft. 12, p. 5.

Clothilda HOLDHAUS in SCHROEDER, 1927, Handb. Entom., 2, p. 752.

Clothilda FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 103, 105, 106.

Chlothilda GERHARD, 1883, Berl. Entom. Zeit., 27, p. 179.

Chothilda GLASER, 1887, Cat. Etymol. Col. Lepidopt., p. 282.

Phalanta DOUBLEDAY, 1845, Trans. Linn. Soc. Lond., 19, p. 482

Anicia LUCAS in SAGRA, 1856, Hist. Cuba, 7, p. 228.

Synalpe SCUDDER, 1875, Proc. Amer. Ac. Arts & Sci. Boston, 10, p. 272.

Anelia SCUDDER, 1875, *ibidem*, 10, p. 112.

Anelia GUNDLACH, 1881, *Contr. Entom. Cubana*, 1, p. 27.

Anetia numidia p. 60

Anetia numidia numidia STICHEL, 1938, *Lep. Cat.*, 86, p. 154.

Clothilda numidia numidia FORBES, 1939, *Entom. Amer.*, 19 (n. ser.), p. 108.

Clothilda numida KIRBY, 1879, *Cat. Coll. D. Lep. Hewitson*, p. 62.

Clothilda numida KIRBY, 1880, *Sci. Proc. Roy. Dublin Soc.*, n. ser., 2, p. 302.

Argynnis briarea MÉNÉTRIÉS, 1834, *Nouv. Mém. Soc. Nat. Moscou*, 3, p. 125.

Argynnis briarea DOUBLEDAY, 1845, *Trans. Linn. Soc. Lond.*, 19, p. 482.

Danais briarea POEY, 1847, *Poey, Mem. Soc. Econ. Habana*, ser. 2, 3, p. 176.

Argynnis briarea LUCAS in SAGRA, 1856, *Hist. Cuba*, 7, p. 228

Argynnis briarea MORRIS, 1860, *Smith. Miscell. collect.*, p. 7.

Anetia numidia briarea STICHEL, 1938, *Lep. Cat.*, 86, p. 155.

Clothilda numidia briarea FORBES, 1939, *Entom. Amer.*, 19 (n. ser.), p. 108.

Argynnis briariae STICHEL, 1938, *Lep. Cat.*, 86, p. 153 (subsinon., err. tip.)

Clothilda pantherata DOUBLEDAY, WESTWOOD & HEWITSON, 1848 (nec Martyn, 1797), *Gen. D. Lep.*, 1, p. 156 (Sinon. part.).

Clothilda pantherata HERRICH-SCHAEFFER, 1865, *Corr.-Blatt. zool. min. Ver. Regensb.*, 19, p. 74.

Clothilda pantherata GUNDLACH, 1881, *Contr. Entom. Cubana*, 1, p. 27.

Stichel, 1938 e Forbes, 1938 consideram *briarea* como boa subespécie.

A. pantherata p. 61

Clothilda pantherata DOUBLEDAY, 1848, *List Lep. Brit. Mus.*, app., p. 20.

Clothilda pantherata LUCAS in SAGRA, 1856, *Hist. Cuba*, 7, p. 228.

Argynnis pantherata MORRIS, 1860, *Smith. Miscell. coll.*, p. 7.

Argynnis pantherata WEIDEMEYER, 1864, *Proc. Ent. Soc. Philad.*, 2 (sep. p. 16).

Clothilda pantherata KIRBY, 1879, Cat. Coll. D. Lep. Hewitson, p. 62.

Clothilda pantherata DIXEY, 1890, Trans. Ent. Soc. Lond., 97, p. 110, t. 2, f. 28.

Anetia pantherata STICHEL, 1938, Lep. Cat., 86, p. 153.

Clothilda pantherata pantherata FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 108.

Phalanta pantheratus DOUBLEDAY, 1845, Trans. Linn. Soc. Lond., 19, p. 482.

Clothilda pantherina DOUBLEDAY, 1845, ibidem, 19, p. 485, t. 42, f. 6.

Argynnis robynsii Drapiez, 1821, Ann. Génér. Sci. Phys., 8, p. 281, t. 127, f. 9.

Argynnis robynsii GUÉRIN-MÉNEVILLE, 1844, Incon. Règne Anim., 2, Ins. p. 477.

A. pantherata clarescens p. 62

Clothilda pantherata clarescens FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 108.

A cubana p. 63

Clothilda cubana KIRBY, 1879, Cat. Coll. D. Lep. Hewitson, p. 62.

Clothilda cubana HONRATH, 1887, Berl. Entom. Zeit., 31 (Sitz. Ber., p. 37).

Anetia jaegeri cubana STICHEL, 1938, Lep. Cat., 86, p. 155.

Clothilda cubana FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 107.

A. jaegeri p. 63

Clothilda jaegeri MÉNÉTRIÉS, 1855, Enum. Corp. Anim. Mus. Petrop., Lep. 1, p. 22.

Clothilda jaegeri WEIDEMEYER, 1864, Proc. Ent. Soc. Philad., 2 (sep. p. 16).

Anetia jaegeri jaegeri STICHEL, 1938, Lep. Cat., 86, p. 155.

Clothilda jaegeri FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 107.

Stichel, 1938, cita *cubana* como subespécie de *jaegeri*. Forbes dá *jaegeri* como espécie distinta.

A. thirza p. 64

Clothilda thirza KIRBY, 1878, Entomol., 11, p. 125.

Anetia thirza thirza STICHEL, 1938, Lep. Cat. 86, p. 152.

Clothilda thirza thirza FORBES, 1939, Entom. Amer. 19 (n. ser.), p. 108.

Anetia thirza HOFFMANN, 1940, Anal. Inst. Biol. Mexico, 11 (2), p. 663.

Clothilda euryale DOUBLEDAY, 1848, List Lep. Br. Mus., app., p. 20.

Argynnis euryale MORRIS, 1860, Smith. Miscell. Coll., p. 7.

Clothilda euryale WEIDEMEYER, 1864, Proc. Entom. Soc. Philad., 2 (sep. p. 16).

Clothilda euryale HERRICH-SCHAEFFER, 1865, Corr.-Blatt. zool.-min. Ver. Regensb., 19, p. 74.

Clothilda euryale KIRBY, 1879, Cat. Coll. D. Lep. Hewitson, p. 62.

A. insignis p. 65

Clothilda insignis TRISTAN, 1897, Ins. Costa Rica, p. 18.

Clothilda insignis HALL, 1905, Entomol., 38, p. 229.

Anetia thirza insignis STICHEL, 1938, Lep. Cat., 86, p. 152.

Clothilda thirza insignis FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 108.

Stichel e Forbes consideram *insignis* como subespécie de *thirza*, aliás em 1939, já desconfiávamos da validade de *insignis* como boa espécie.

Gênero Ituna p. 66

Ituna FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 103, 105, 108.

Ituna HOFFMANN, 1940, Anal. Inst. Biol. Mexico, 11 (20), p. 663.

I. phenarete p. 67

Ituna lamirus phenarete FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 110.

Ituna phenarete PRUEFFER, 1922, Arch. Nauk. Biol. Tow. Nauk. Warsz., 1 (3), p. 7, Perú.

I. lanassa p. 68

Ituna phenarete lanassa PRUEFFER, 1922, Arch. Nauk. Biol. Tow. Nauk. Warsz., 1 (3), p. 7.

Ituna lamirus lanassa FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 109.

Ituna lamirus p. 69

Ituna lamirus KIRBY, 1880, Sci. Proc. Roy. Dublin Soc. (n. s.) 2, p. 294.

Ituna lamirus lamirus FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 109.

Ituna lamirus HOFFMANN, 1940, Anal. Inst. Biol. Mexico, 11 (2), p. 662.

I. lamirus (v. *fenestrata*) p. 69

Ituna fenestrata FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 109.

I. lamirus (v. *decolorata*) p. 70

Ituna lamirus decolorata FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 110.

I. lamirus (v. *albescens*) p. 70

Ituna albescens FORBES, 1939, Entom. Amer. 19 (n. ser.), p. 109.

Ituna lamirus albescens HOFFMANN, 1940, Anal. Inst. Biol. Mexico, 11 (2), p. 663.

I. ilione p. 71

Heliconius ilione VERLOREN, 1837, Cat. Syst. ad Cramerum, p. 186.

Ituna ilione KIRBY, 1880, Sci. Proc. Roy. Dublin Soc. (n. s.), 2, p. 294.

Ituna ilione BOENNINGHAUSEN, 1896, Vehr. Ver. Nat. Unt. Hamburg, 9, p. 31.

Ituna ilione FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.) p. 109.

Ituna ilione BIEZANKO & DE SETA, Cat. Ins. enc. Rio Grande arr., 1-Lep. p. 5.

Ituna ilione SCHWEIZER & KAY, 1941, An. Mus. H. Nat. Montevideo, (2) 5, p. 11.

Heliconia helione LUCAS in CHENU, 1851-53, Enc. H. Nat. Papill., 9 (1), t. 25, f. 4.

Gênero **Lycorea** p. 73

Lycorea FORBES, 1939, Entom. Amer., 19, (n. ser.), p. 105, 109.

Lycorea HOFFMANN, 1940, Anal. Inst. Biol. Mexico, 11 (2), p. 663.

L. ceres ceres p. 76

Lycorea ceres KIRBY, 1880, Sci. Proc. Roy. Dublin Soc. (n. s.) 2, p. 294.

Lycorea ceres FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 103, 110.

Lycorea ceres ceres FORBES, 1939, ibidem, p. 111.

Lycorea ceres HOFFMANN, 1940, Anal. Inst. Biol. Mexico, 11 (2), p. 663.

Heliconius eva VERLOREN, 1837, Cat. Syst. ad Cramerum, p. 186.

L. ceres (v. fasciata) p. 77

Lycorea fasciata FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 110.

Lycorea ceres fasciata FORBES, 1939, ibidem, p. 111.

Lycorea referrens FORBES, 1939, ibidem, p. 110.

Lycorea ceres referrens FORBES, 1939, ibidem, p. 111.

L. ceres (v. halia) p. 78

Lycorea halia KIRBY, 1880, Sci. Proc. Roy. Dublin Soc. (n. s.), 2, p. 294.

Lycorea halia FORBES, 1939, Entom. Amer. 19 (n. ser.) p. 110

Lycorea ceres halia FORBES, 1939, ibidem, p. 111.

Lycorea halia BOENNINGHAUSEN, 1896, Vehr. Ver. Nat. Unt. Hamburg, 9, p. 31.

L. ceres (v. atergatis) p. 82

Lycorea atergatis WEIDEMEYER, 1863, Proc. Ent. Soc. Philad., 2, p. 513.

Lycorea cleobaea v. *atergatis* KIRBY, 1880, Sci. Proc. Roy. Dublin Soc. (n. s.), 2, p. 294.

Lycorea atergatis BOENNINGHAUSEN, 1896, Verh. Ver. Nat. Unt. Hamburg, 9, p. 31 (Rio).

Lycorea atergatis BUTLER, 1900, Entomol., 33, p. 189 (Nicaragua).

Lycorea cleobaea PRUEFFER, 1922, Arch. Nauk. Biol. Tow. Nauk. Warsz., 1 (3), p. 7.

Lycorea ceres atergatis FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 110, 112.

Lycorea ceres atergatis FORBES, 1940, Bol. Soc. Venezel. C. Nat., 6, p. 310.

Lycorea ceres atergatis HOFFMANN, 1940, Anal. Inst. Biol. Mexico, 11 (2), p. 663.

L. ceres (v. transiens) p. 84

Lycorea ceres transiens FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 111.

L. ceres (v. cleobaea) p. 85

Lycorea cleobaea KIRBY, 1880, Sci. Proc. Roy. Dublin Soc. (n. s.), 2, p. 294.

Lycorea cleobaea FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 110.

Lycorea ceres cleobaea FORBES, 1939, ibidem, p. 112.

Lycorea discreta FORBES, 1939, ibidem, p. 110.

Lycorea ceres discreta FORBES, 1939, ibidem, p. 112.

Lycorea cleoraea (sic) WEIDEMEYER, 1863, Proc. Ent. Soc. Philad., 2, p. 513.

Lycorea ceres (v. bicolor) p. 87

Damos a seguir a descrição original de *bicolor* Prueffer:

“Die Zeichnung unterliegt Veraenderungen nicht, dagegen nehmen alle Flecken der Oberseite der Fluegel eine gleichmaessig braune Farbe an, so dass die gelbe Farbe gaenzlich verschwindet. Monte Rico.”

Lycorea ceres (v. cinnamomea) p. 86

Lycorea cinnamomea FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 110.

Lycorea ceres cinnamomea FORBES, 1939, ibidem, p. 112.

L. *ceres* (v. *pales*) p. 87

Lycorea pales FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 110.

*Lycorea *ceres* pales* FORBES, 1939, ibidem, p. 112.

L. *ceres demeter* p. 88

Lycorea demeter FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 110.

*Lycorea *ceres* demeter* FORBES, 1939, ibidem, p. 111.

*Lycorea *ceres** WEIDEMEYER (nec CRAMER), 1863, Proc. Ent. Soc. Philad., 2, p. 513.

L. *pasinuntia pasinuntia* p. 88

Lycorea pasinuntia, KIRBY, Sci. Proc. Roy. Dublin Soc. (n. s.), 2, p. 294.

Lycorea.pasinuntia pasinuntia FORBES, 1939, Entom. Amer. 19 (n. ser.), p. 111.

Lycorea pasinuntia FORBES, 1939, ibidem, p. 103, 110.

Heliconius passinuntia VERLOREN, 1837, Cat. Syst. ad Cramerum, p. 186.

L. *pasinuntia* (v. *eva*) p. 90

Lycorea pasinuntia eva FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 111.

L. *pasinuntia concolor* p. 90

Lycorea pasinuntia concolor FORBES, 1939, Entom. Amer., 19 (n. ser.), p. 111.

Lycorea pasinuntia brunnea FORBES, 1939, ibidem, p. 111.

L. *pasinuntia* (v. *brunnescens*) p. 91

Lycorea pasinuntia brunnescens FORBES, 1939, op. cit., p. 112

Não existindo mais os tipos de certas espécies, como por exemplo as que fôram figuradas por Cramer e Huebner, etc., damos como *neotypus* os exemplares descritos ou figurados por nós em 1939 das seguintes espécies:

Anosia gilippus (CRAMER), ♂, ♀. (D'ALMEIDA, 1939, op. cit., p. 21, t. 17, f. 3 ♂, Rio de Janeiro). A ♀ é semelhante ao ♂ não tendo, porem, a macula sexual nas asas posteriores. Rio.

- Anosia gilippus berenice* (CRAMER), ♂, ♀. (D'ALMEIDA, op. cit. p. 25 (♂), est. 15, f. 4 (♀). Cuba).
- Diogas erippus* (CRAMER), ♂ ♀. (D'ALMEIDA, op. cit., p. 42 (♂, ♀), est. 16, f. 2 (♂). Rio de Janeiro.).
- Diogas curassavicae megalippe* (HUEBNER), D'ALMEIDA, op. cit., p. 54. Litoral do Equador).
- Anetia numidia* HUEBNER, ♂, ♀. (D'ALMEIDA, op. cit., p. 60, est. 20, f. 1, 2 (♂). Cuba.) A ♀ é semelhante ao ♂ figurado. Cuba.
- Ituna ilione* (CRAMER), ♂, ♀. (D'Almeida, op. cit. p. 72, 73 (♂, ♀). S. Paulo.)
- Lycorea ceres* (CRAMER), ♂, ♀. (D'Almeida, op. cit., p. 77. Guiana Franceza).
- Lycorea ceres halia* (HUEBNER), ♂, ♀. (D'Almeida, op. cit., p. 79, 80 (♂, ♀), Rio de Janeiro).
- Lycorea pasinuntia* (CRAMER), (D'Almeida, op. cit., p. 89. Guiana Franceza).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BIEZANKO, Ceslau Maria de & DE SETA, Francisco Dandolo
1939 Catalogo dos Insetos encontrados no Rio Grande e seus arredores. 1-Lepidopteros. 15 pp. Pelotas, Rio Grande do Sul.
- BOENNINGHAUSEN, Victor von
1896 Beitrag zur Kenntniss der Lepidopteren-Fauna von Rio de Janeiro. Verhandlungen der wissenschaftliche Vereins fuer Natur-Unterhaltung zu Hamburg, 9, p. 19-41.
- BOISDUVAL, J. A.
1840 Genera et Index Methodicus Europeorum Lepidopterorum. 9 pp.+238 pp., Paris.
- BROWN, F. Martin
1941 Some notes on four primary reference works for Lepidoptera. Annals of the Entomological Society, 34 (1): 127-138.
- BRYK, F.
1938 *In* Fabricius, Systema Glossatorum, 8.º, 112 pp. pp. 277-289. Neubrandenburg.
- BUTLER, Arthur G.
1900 On a small Collection of Insects, chiefly Lepidoptera from Nicaragua. The Entomologist, 33: 189-197.
- CLARK, Austin H.
1941 Notes on some north and middle american Danaid Butterflies. Proceedings of the United States National Museum, 90: 531-532.
- CRAMER, Pieter & STOLL C.
1775-1791 Papillons Exotiques, cinco volumes. O 5.º é o suplemento publicado por Stoll. 1.º vol., pp. 1-132, est. 1-84 (1775), pp. 133-156, est. 85-96 (1776); 2.º vol., todo o texto e est. 97-192 (1777); 3.º vol., pp. 1-128, est. 193-264 (1779), pp. 129-176, est. 265-288 (1870); 4.º vol., pp. 1-90, est. 289-336 (1780), pp. 91-164, est. 337-384 (1781), est. 385-400 (1782), pp. 165-252 (1784), ainda pp. 1-29 (1784); 5.º vol. (suplemento), est.º. 1-8 (1787), est. 9-42 (1790), todo o texto (1791).
- CROSS, Frank Clay
1937 Butterflies of Colorado. Proceedings of Colorado Museum of Natural History, 16 (1) p. 3-28. Com 5 fig. texto. (July 1, 1937).

D'ALMEIDA, Romualdo Ferreira

1939 Revisão das espécies americanas da superfamília *Danaioidea*. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, 34 (1), 1-113, est. 1-30.

DIXEY, Frederick A.

1890 On the phylogenetic significance of the wing-markings in certain genera of the *Nymphalidae*. Transactions of the Entomological Society of London, 97: 89-129, est. 1-3.

DOUBLEDAY, Edward, WESTWOOD, John O. & HEWITSON, William C.

1846-1852 Genera Diurnal Lepidoptera. 2 vol. *in-folio*. *Texto*: pp. 1-18 (1846); pp. 19-132 (1847); pp. 133-200 (exceto pp. 143, 144) (1848); pp. 201-242 (1849); pp. 243-326 (1850); pp. 327-466 (1851); pp. 467-534 e pp. 143 e 144 (1852). *Estampas*: 1-4 (1846); 5-25 e 28 (1847); 26-27 e 29 (1848); 30 (1849); 42 (1848-1850); 32-41, 43-49, 51 e 53 (1850); 50, 52, 54 e 63 (1850-1851); 31, 54-62, 64-67, 69-72 (1851); 68, 73, 75 (1851-1852); 74, 76-80 supplementary (1852).

DUPONCHEL, M. P. A. J.

1844-1846 Catalogue Méthodique des Lépidoptères d'Europe. 30+253 pp. 8.º, Paris.

EDWARDS, Henry

1889 Bibliographical Catalogue of the described transformations of north american Lepidoptera. Bulletin of the United States National Museum, 35: 1-147.

FELDER, Cajetan

1861 Ein neues Lepidopteren aus der familie der Nymphaliden, und seine stellung in natuerlich Systeme, begruendet aus der Synopse der uebrigen Gattungen. Novorum Actorum Academiae Caesareae Leopoldino-Carolinae Naturae Curiosorum, 28 (3); pp. 1-50, est. 1 (color.).

FORBES, Wm. T. M.

1939 Revisional notes on the *Danainae* (Lepidoptera). Entomologia Americana, 19 (2), (n. ser.): 101-140.

1940 Las Danaides del norte de Venezuela. Boletín de la Sociedad Venezolana de Ciencias Naturales, 6 (46): 308-317.

FRUHSTORFER, H.

1916 *Vila*, eine anatomische Wundergattung. Archiv fuer naturgeschichte, 81 (1915). Abt. A, Heft, 12, p. 5.

GAZULLA, Policarpo & FLAMINIO, Ruiz P.

1928 Los Insectos de la Hacienda de "Las Mercedes". Revista Chilena de Historia Natural, 32: 288-305, fig. texto: 48-51.

GERHARD, B.

1883 Ueber die geographische Verbreitung der Macro-Lepidopteren auf der Erde. Berliner Entomologische Zeitschrift, 27: 173-185.

GODART & LATREILLE

1819-1823 Encyclopédie Méthodique. Páginas 1-184 (1819); 185-368 (1820); 369-552 (1821); 553-766 (1822); 167-828 (1823).

GODMANN, F. du Cane & SALVIN, Osbert

1879-1901 Biologia Centrali-Americana, Insecta Lepidoptera. Rhopalocera, 2 volum. Páginas 1-56, est. 1-4 (1879); pp. 57-88, est. 5-8 (1880); pp. 89-168, est. 9-18 (1881); pp. 169-224, est. 19-23 (1882); pp. 225-288, est. 24, 24a-27 (1883); pp. 289-360, est. 28-37 (1884); pp. 361-400, est. 38-41 (1885); pp. 401-487, est. 42 (1886). Volume 2: pp. 1-112, est. 43-56 (1887); pp. 113-184, est. 57-64 (1889); pp. 185-240, est. 65-70 (1890); est. 71-72 (1891); pp. 241-328, est. 73-76 (1893); pp. 329-384, est. 77-83 (1894); pp. 385-416, est. 84-87 (1895); pp. 417-440, est. 88-89 (1896); pp. 441-448, est. 90 (1897); pp. 449-460, est. 91 (1899); pp. 461-588, est. 92-100 (1900); pp. 589-782, est. 101-112 (1901).

GROTE, A. Radcliffe

1896 Die Schmetterlingsfauna von Hildesheim. Mittheilungen aus dem Roemer-Museum, Hildesheim, 8: 1-33.

1896 System der nordamerikanischen Schmetterlinge. Ibidem, 7: 1-4.

1897 An Attempt to classify the holarctic *Lepidoptera* by means of the specialization of the wings. Journal New York of the Entomological Society, 5 (4): 151-160.

GUÉRIN-MÉNÉVILLE, F. E.

1844 Iconographie du Règne Animal de G. Cuvier. Tome 3, Insectes, in-8.º, 576 pp.

HALL, Arthur

1905 *Lepidoptera* collected in Central America. The Entomologist, 38: 228-231.

HAYWARD, Kenneth J.

1935 Notas sobre Lepidopteros (Rhop.) argentinos con descripción de nuevas especies y formas. Revista de la Sociedad de Entomologica Argentina, 7: 183-193, est. 13.

1939 Ropalóceros de las Yungas de Bolivia. Coleccionados em 1931 por P. C. L. Denier. Physis, 17: 175-384.

HOFFMANN, Carlos C.

1940 Lepidopteros nuevos de Mexico. Anales del Instituto de Biologia. Mexico, 11 (1): 275-284, 7 fig. texto.

1940 Catalogo systemático y zoogeografico de los lepidopteros mexicanos. Papilionoidea. Ibidem, 11 (2); 639-739.

HOLDHAUS, Karl

1929 in Schroeder, Handbuch der Entomologie, 2: 11+1410 pp. Fig. texto, 1 est. c.

HONRATH

1887 Comunicação. Berliner Entomologische Zeitschrift, 31: 36-37 (Sitz. Ber.).

HUEBNER, Jacob

1816-1826 Verzeichniss bekannter Schmettlinge. In 8.º. Páginas 1-16 (1816); 17-128 (1819); 129-176 (1819); 177-208 (1820); 209-240 (1821); 241-256 (1821); 257-304 (1823); 305-431 (1825). Anzeiger. pp. 1-72 (1826).

KIRBY, W. F.

1878 Introductory papers on *Lepidoptera*. The Entomologist, 11: 124-128.

1880 Catalogue of the *Lepidoptera* (*Rhopalocera*, *Shingidae*, *Castniidae* and *Uraniidae*) in the Museum of Science and Art, Dublin, with remarks on new or interesting species. The Scientific Proceedings of the Royal Dublin Society, (n. ser.), 2: 292-340.

1894-1897 In Allen's Naturalist's Library. A Hand Book to the order *Lepidoptera*. In-8.º London. Vol. 1, 74+261 pp., 37 est. col. (1894); vol. 2, 16+332 pp., est. col. 38-68 (1896); vol. 3, 22+308 pp. est. 69-95 col. (1897); vol. 4, 42+246 pp. est. col. 92-126. Todos os volumes têm muitas fig. no texto.

1908-1912 In Huebner, Jacob & Geyer, Carl, Zutraefe zur Sammlung Exotischer Schmetterlinge, editio Wytzman. Texto com 2+101 pp. Atlas com 172 est. e 1000 fig. color.

LACORDAIRE Th.

1833 Notice sur les habitudes des Lépidoptères Rhopalocères (Diurnes) de la Guyane Française. Annales de la Société Entomologique de France, 2:379-397.

LUCAS, H.

18.. In Ramon de la Sagra, Histoire Physique, Politique et Naturelle de l'Île de Cuba. Vol. 7: Animaux articulés, part. Lépidoptères, 8.º, pp. 474-750. Atlas *in-folio* com fig. color.

1851-1857 In Chenu, Encyclopédie d'Histoire Naturelle, 9 (1), Papillons diurnes, 310 pp., 531 fig. texto e 40 est. (1851-1853). Vol. 10 (2), Papillons nocturnes, 312 pp., 199 fig. texto est. 1-40 (1857).

MAC LEAY, W. S.

1835 A few remarks tending to illustrate the Natural History of two annulose genera, viz. *Urania* of Fabricius, and *Mygale* of Walkenaer. Transactions of the Zoological Society of London, 1: 179-194, est. col. n. 26.

MACY & SHEPARD

1941 Butterflies.

MÉNÉTRIÉS, Émile

1855 Enumeratio Corporum Animalium Musei Imperialis Academiae Scientiarum Petropolitanae. Pars 1: *Lepidoptera Diurna*, 8+97 pp., est. 1-6 col.

PAGENSTECHER, Arnold

1907 Die Lepidopterenfauna der Antillen. Jahrbuecher des Nassauischen Vereins fuer Naturkunde, 60: 91-102.

1909 Die Geographische Verbreitung der Schmetterlinge. Jena, *in-8.º*: 9+451 pp., mit 2 Karten.

PRUEFFER, Jan

1922 Nowe formy motyli peruwjanskich. Archiwum Nauk Biologicznych Towarzystwa Naukowego Warszawskiego, 1 (2), p. 1-8, est. 1-2.

1922 Spis motyli peruwjanskich, zebranych przez ekspedycje Jana Sztolcmana i Konstantego Jelskiego. Ibidem, 1 (3): 1-14

SCHWEIZER, F. & KAY, R. G. WEBSTER

1941 Lepidópteros del Uruguay. 2-Catálogo Sistemático. Part 1: *Rhopalocera* & *Grypocera*. Anales del Museo de Historia Natural de Montevideo, (2.ª ser.): 5 (3): 4-24.

SCUDDER, Samuel H.

1875 The generic names proposed for butterflies. A contribution to systematic nomenclature. Proceedings of the American Academy of Arts and Sciences, Boston, 10: 91-293.

SPRAGUE, F. H.

1879 Notes on Butterflies of Massachussetts. Psyche, 2: 257-260.

STICHEL

1938 *In* Lepidopterorum Catalogus ed. Jung. Part. 86.

TALBOT, G.

1943 The specific name of the "Monarcha Butterfly". The Entomologist, 76, p. 84.

URETA, Emilio R.

1937 Lista de Ropaloceros de Chile. Boletim del Museo Nacional de Historia Natural. Chile, 16: 121-130.

1938 Ropaloceros de la Provincia de Coquimbo. Revista de Historia Natural, 42: 296-299.

VERLOREN, Henrici

1837 Catalogus Systematicus ad Cramerum. *In*-8.º, 280 pp.

WEED, Howard Evarts

1894 A preliminary list of the buterflies of north eastern Mississipi. Psyche, 7: 129-131.

WEIDEMEYER, J. Wm.

1863 Catalogue of North American Butterflies. Proceedings of the Entomological Society of Philadelphia, 2: 143-154 e 513-542.

WILD, William

1939 The Butterflies of the Niagara frontier Region, ond beginner's Guide for colecting, rearing and preserving Them. Bulletin of the Buffalo Society of Natural Sciences, 19 (1): 1-39, est. 1-8.



EXPLICAÇÃO DAS ESTAMPAS

Estampa 1

- Fig. 1 *Anosia candidus* ♂, *supra*. Tipo. (Segundo Clark).
Fig. 2 *Anosia candidus* ♂, *subtus*. Tipo (Segundo Clark).
Fig. 3 *Anosia gilippus* (f. *gilippina*). ♂, *supra*. Tipo. (Segundo Hoffman).

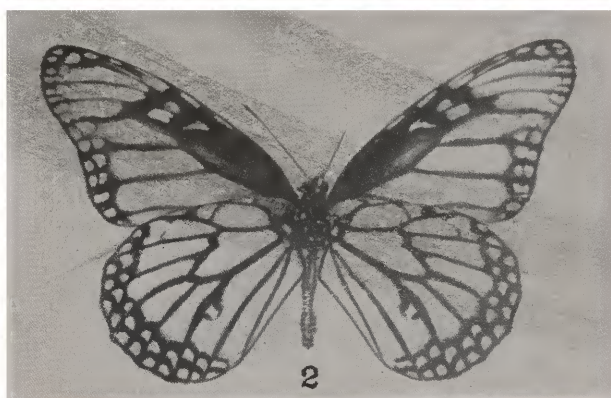
Estampa 2

- Fig. 1 *Diogas curassavicae portoricensis* ♂, *supra*. Tipo. (Segundo Clark).
Fig. 2 *Diogas curassavicae portoricensis* ♂, *subtus*. Tipo. (Segundo Clark).
Fig. 3 *Anosia gilippus* (f. *gilippina*) ♂, *subtus*. Tipo. (Segundo Hoffmann).

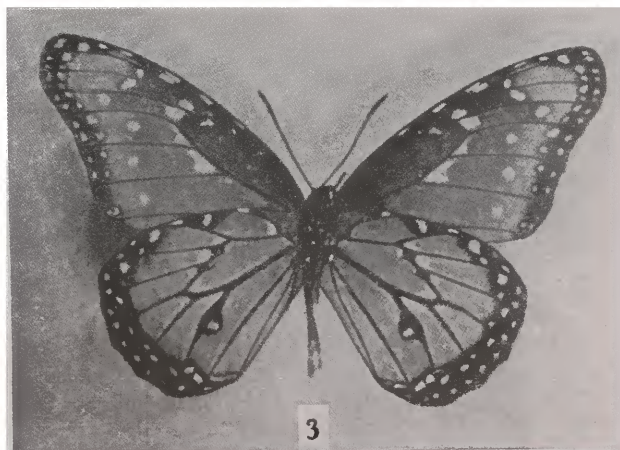
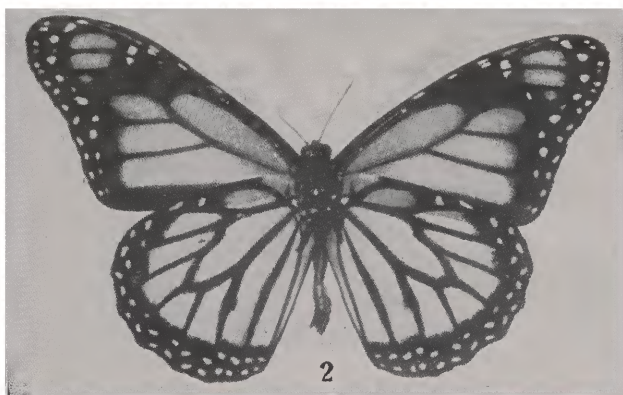
Estampa 3

- Fig. 1 *Diogas curassavicae tobagi* ♂, tipo. (Segundo Clark), aumentado.
Fig. 2 *Anosia eresimus eresimus* (Cramer). Alto Amazonas, aumentado.

Estampa N. 1



Estampa N. 2



Estampa N. 3



PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

UM NOVO MALÓFAGO DO SURUCUA *TROGONURUS AURANTIUS* (Spix).

POR

LINDOLPHO R. GUIMARÃES

A exata posição genérica da espécie aqui descrita é presentemente bastante incerta, em virtude do estado atual de nossos conhecimentos dos malófagos de numerosos grupos de aves e de certos conceitos relacionados à sua evolução. Os especialistas deste grupo de insetos são unanimemente acordes que a evolução dos malófagos se processa paralelamente a de seus hospedeiros, embora mais lentamente. Isto nos leva a concluir, naturalmente, que a semelhança entre malófagos parasitas de diferentes grupos de aves evidencia um parentesco, relativamente próximo, entre esses grupos, embora não possa, de modo absoluto, ser excluída a possibilidade de um poliecismo genérico de origem accidental. A espécie em questão foi encontrada em ave da família *Trogonidae* (Trogoniformes). O gênero com o qual mais se coadunam os seus caracteres, porem, é *Cuculicola*, cujos componentes são parasitas exclusivos de *Cuculidae* (Cuculiformes). Dito isso, parecerá estranho coloca-la no gênero *Degeeriella*, embora provisoriamente, como o fazemos. Pensamos, porem, ser facil justificar esse modo de proceder.

O gênero *Cuculicola* caracteriza-se, principalmente, por apresentar sutura clipeal, ausencia de faixas e signatura occipitais, placas tergaes dos segmentos II a VI separadas medianamente, placas esternais centrais e pleuritos estreitos com cabeças reentrantes.

Um exame das figuras e da descrição da nova espécie nos mostra que ela apresenta todos os caracteres do gênero *Cuculicola*, com exceção da faixa tergal do VII, que é também separada medianamente, e da região occipital que apresenta as faixas, embora pouco conspícuas, e a assinatura (¹). *Degeeriella atopa*, encontrada por Kellogg em *Piaya cayana thermophila* e por nós em *Piaya cayana macroura* (ambos os hospedeiros pertencem à fam. *Cuculidae*), apresenta caracteres que mais a aproxima da nova espécie que do genótipo de *Cuculicola*, embora seja completa a ausência das placas esternais; o aparelho copulador de *D. atopa* é também do mesmo tipo do de *D. odontopleuron*, sp. n., apresentando, naturalmente, diferenças específicas. *Degeeriella odontopleuron*, sp. n., apresenta ainda um detalhe morfológico que não é encontrado no gênero *Cuculicola* nem em *Degeeriella atopa*: as projeções dentiformes da borda posterior dos quatro primeiros tergitos abdominais. Assim, para incluir a nova espécie, teríamos que erigir um gênero que se separaria de *Cuculicola* pela presença das faixas e da assinatura occipitais, das projeções dentiformes dos tergitos I a IV e a faixa tergal do VII tergito abdominal separada medianamente e outro, para incluir *D. atopa*, que se diferenciaria de *Cuculicola* por esses mesmos caracteres (excetuando as projeções dentiformes do abdomen) e mais a ausência das placas esternais. Isto, porém, só poderia ser feito após cuidadoso exame de material colecionado em numerosas espécies de Cuculiformes e Trogoniformes, para se ter certeza de que esses caracteres são de valor genérico. O gênero *Degeeriella* tem um genótipo que nada apresenta em comum com a nova espécie. Entretanto ainda encerra algumas dezenas de espécies das mais variadas formas e encontradas nos mais variados grupos de aves. Não temos mesmo dúvidas que seria esse o gênero escolhido por qualquer autor antigo, para incluir a espécie ora descrita.

(¹) Dada a confusão reinante na nomenclatura das diversas estruturas morfológicas dos malófagos, devido à falta de estudos que comparem essas estruturas com as correspondentes em outros grupos de insetos, é possível que estejamos interpretando erroneamente os caracteres do gênero *Cuculicola*.

DEGEERIELLA ODONTOPLEURON, sp. n.

HOSPEDADOR TIPO: *Trogonurus aurantius* (Spix), proveniente do rio São José, estado do Espírito Santo, Brasil.

Espécimens examinados: — Quatro machos, seis fêmeas e numerosos exemplares imaturos colecionados no hospedador tipo pelo Dr. B. M. Soares, em 22-IX-1942.

DESCRIÇÃO — Fêmea:

Cabeça mais longa que larga; região pré-antenal de bordas

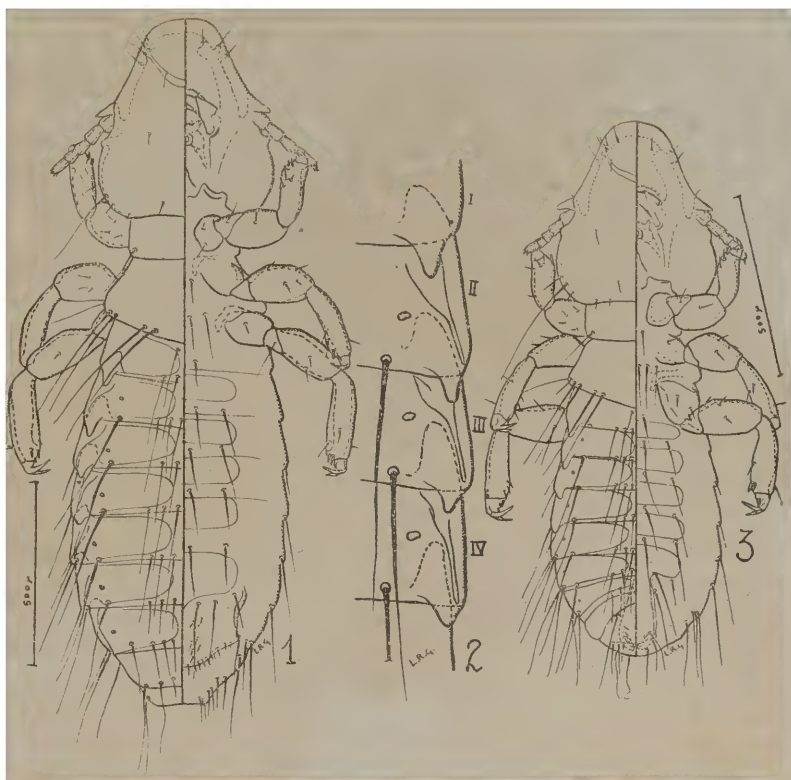


Fig. 1 — *Degeeriella odontopleuron*, sp. n. (fêmea).

Fig. 2 — *Degeeriella odontopleuron*, sp. n. Vista da região pleuro-tergal dos 4 primeiros segmentos do abdômen da fêmea.

Fig. 3 — *Degeeriella odontopleuron*, sp. n. (macho).

quasi retas, convergentes, e inteiramente bordejada pela faixa clipeal que é pouco conspícua ao nível da borda anterior; temporas arredondadas; occiput levemente reentrante. Olhos salientes e apresentando uma cerda. "Clavi" ponteagudas. Sutura clipeal nítida, embora não muito conspícua. Mandíbulas fortes e escuras. Faixas occipitais e assinatura (placa gular) pouco conspícuas. Seis ou sete finas cerdas se distribuem, de cada lado da cabeça, próximo à sutura clipeal. Temporas acompanhadas por 4 cerdas uma das quais é bastante longa. Antenas filiformes; o primeiro segmento é aproximadamente de comprimento igual ao da "clavi".

Protorax quadrangular, mais estreito que a cabeça, de lados paralelos e apresentando uma cerda em cada angulo látero posterior. Metatorax também mais estreito que a cabeça, de bordas laterais divergentes, angulos arredondados e borda posterior, acompanhada por quatro pares de cerdas, projetando-se levemente sobre o primeiro segmento abdominal. Patas localizadas em linhas divergentes. Entre os pares medianos, encontra-se um par de cerdas e entre os pares posteriores, dois pares.

Abdomen oval alongado, atingindo a maior largura ao nível da borda posterior do 4.º segmento; segmentos de comprimento subiguais, com exceção do segmento apical. Placas tergaes interrompidas ao nível da linha mediana dos segmentos I a VII por um espaço claro. As bordas posteriores dos segmentos I a IV apresentam, próximo aos angulos látero-posteriores, uma expansão dentiforme bastante conspícua no primeiro segmento, cujo comprimento vai gradativamente diminuindo até o quarto segmento, tornando-se completamente inexistente no quinto. Pleuritos dos segmentos II a VI bem visíveis; estes são estreitos, não muito corados, penetrando no segmento anterior. Placas esternais centrais e de contornos pouco nítidos. Dorsalmente, encontra-se um par de cerdas ao nível da linha mediana do 1.º segmento, junto à borda posterior do metatorax, e dois outros pares junto à sua borda posterior; nos segmentos II a VII, além das cerdas localizadas nos angulos látero-posteriores e de outras (uma em cada lado do segmento) localizadas próximo dos estigmas, encontram-se 3 pares ao nível da linha mediana. Ventralmente ha um par ao nível da linha mediana do 1.º segmento e 3 pares nos segmentos II a V.

Mancha genital de contornos pouco conspícuos; sua borda posterior se projeta levemente para traz, medianamente. Borda da placa genital acompanhada por cerdas finas e de comprimentos desiguais.

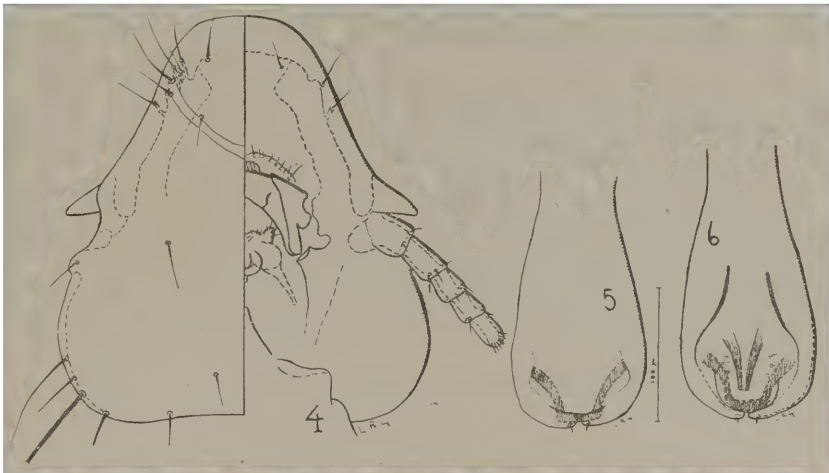


Fig. 4 — *Degeeriella odontopleuron*, sp. n. Cabeça do macho.

Fig. 5 — *Degeeriella odontopleuron*, sp. n. Aparelho copulador do macho (vista dorsal).

Fig. 6 — *Degeeriella odontopleuron*, sp. n. Aparelho copulador do macho (vista ventral).

Macho:

Cabeça e torax iguais aos da fêmea. Abdomen com a porção apical mais arredondada; os segmentos I a VI apresentam forma e quetotaxia iguais às da fêmea; o segmento VII é mais curto e apresenta a borda posterior côncava, onde se encaixa o segmento seguinte; este se apresenta em forma de arco tendo encaixado em sua borda posterior o segmento terminal. Como a da fêmea, a mancha genital é pouco conspícua, embora perfeitamente visível; sua forma é em T. A placa basal apresenta-se de contorno espatulado, e aparentemente contínua aos parameros, que se encurvam para dentro e quasi se tocam ao nível da linha mediana.

Mensurações:

	Holótipo ♀		Alótipo ♂	
	comprimento	largura	comprimento	largura
Cabeça	0,545 mm.	0,495 mm.	0,495 mm.	0,467 mm.
Protorax	0,155 mm.	0,310 mm.	0,100 mm.	0,283 mm.
Pterotorax	0,226 mm.	0,453 mm.	0,184 mm.	0,382 mm.
Abdomen	1,062 mm.	0,623 mm.	0,765 mm.	0,523 mm.
Total	1,870 mm.	—	1,500 mm.	—

	Parátipo		Parátipo	
	comprimento	largura	comprimento	largura
Cabeça	0,531 mm.	0,495 mm.	0,495 mm.	0,453 mm.
Protorax	0,141 mm.	0,300 mm.	0,110 mm.	0,275 mm.
Pterotorax	0,240 mm.	0,440 mm.	0,198 mm.	0,382 mm.
Abdomen	1,030 mm.	0,610 mm.	0,860 mm.	0,523 mm.
Total	1,850 mm.	—	1,540 mm.	—

TIPOS: — Holótipo fêmea e alótipo macho sob n.º 45.462, nas coleções de Insetos do Departamento de Zoologia; três casais de parátipos sob ns. 45.463, 45.464 e 45.465 nas coleções daquele Departamento.

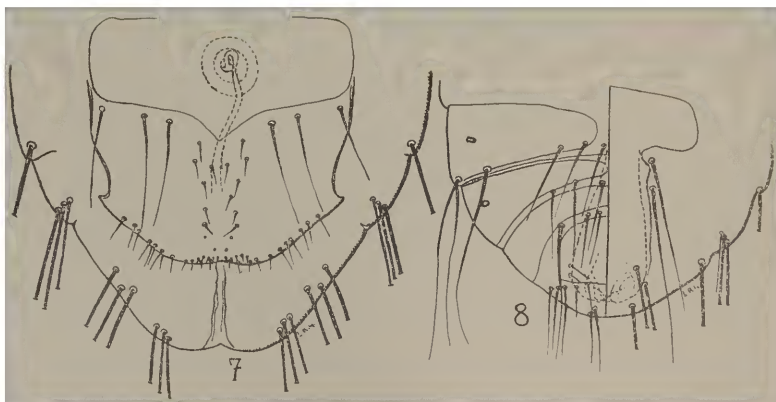


Fig. 7 — *Degeeriella odontopleuron*, sp. n. Extremidade posterior do abdômen da fêmea (vista ventral).

Fig. 8 — *Degeeriella odontopleuron*, sp. n. Extremidade posterior do abdômen do macho.

DISCUSSÃO TAXINÔMICA: — Poucos são os malófagos descritos de material encontrado em Trogoniformes. Em 1903 Carriker descreveu uma espécie, *Nirmus hastiformes*, de um único exemplar fêmea encontrado em *Trogon caligatus* (= *Chrysotrogon c. caligatus*) de Costa Rica, que sem dúvida, apresenta uma certa semelhança com a nossa nova espécie. Entretanto a espécie de Carriker, segundo se depreende de sua descrição, apresenta “segments one to seven almost completely obscured by deep golden brown, transverse bands, darker medially and in posterior segments” enquanto que em *D. odontopleuron*, sp. n., as faixas terciais dos segmentos I a VII são pálidas e separadas medianamente. É possível que a nova espécie seja *Nirmus sulphureus*, descrita por Giebel em 1876, de um *Trogon* sp. A descrição desse Autor é, entretanto, reduzidíssima, tornando impossível, presentemente, reconhecer a sua espécie.

A B S T R A C T

The A. describes a new species, *Degeeriella odontopleuron*, sp. n., found on *Trogonurus aurantius* (Spix) and discusses its exact generic position. Though the morphological characteres of the new species draws it near the species of *Cuculicola*, the A. justifies putting it provisionally in the genus *Degeeriella*.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

MAIS UM CASO DE ASSOCIAÇÃO ENTRE *MALLOPHAGA* E *HIPPOBOSCIDAE*

POR

LINDOLPHO R. GUIMARÃES

Entre os tubos de ectoparasitas colecionadas pelo Dr. Benedicto M. Soares, durante sua recente viagem ao estado do Espírito Santo, tivemos oportunidade de encontrar um contendo um exemplar de *Hippoboscidae* ao qual se achavam presos três espécimes de malófagos.

Esse *Hippoboscidae*, que identificamos como *Stilbometopa ramphastonis* Ferris, 1930, foi colecionado em *Trogonurus aurantius* (Spix), proveniente do rio S. José, em 22-IX-1942. Os malófagos, que se achavam firmemente presos pelas mandíbulas à região pleural ao abdomen da mosca (figs. 1 e 2) provaram ser uma nova espécie que descrevemos como *Degeeriella odontopleuron* (1).

São diversos os casos já assinalados, de associação entre *Mallophaga* e *Hippoboscidae*. (*)

É esta, entretanto, a primeira vez que se verifica essa associação com uma mosca do gênero *Stilbometopa*. Esta pupípara já fôra anteriormente assinalada como hóspede de *Rhamphastos swainsonii* Gould e *Pipile jacutinga* (Spix).

A verificação de mais esse caso de associação entre *Mallophaga* e *Hippoboscidae* levou-nos a fazer uma análise dos casos já assinalados com o fito de verificar se realmente os hipoboscídeos desempenham papel importante nos fenômenos de "straggling".

(*) Clay e Meinertzhagen assinalaram recentemente (*Parasitology*, Vol. 35, p. 11, 1943) mais casos de associação entre malófagos e hipoboscídeos.

As possibilidades de "straggling" em *Mallophaga* foi recentemente analisada por Hopkins (2). Segundo este autor, além dos casos de poliecismo que significaria, quasi sempre uma relação filogenética real entre seus hospedeiros e que não podem ser olhados como verdadeiros casos de "straggling", devemos considerar os casos de "purely accidental straggling" (a), os casos de "casual natural straggling" (b) e os casos de "normal natural straggling" (c). Os casos de "straggling" puramente accidental tem origem, no mais das vezes, na imperfeição da técnica empregada na coleta do material; os casos de "straggling" natural casual, se verificam em virtude do hábito de certas espécies de aves de viverem juntas, o que acontece por interferencia do homem nos jardins zoológicos, nos hábitos predadores de outras e ainda no hábito de certas aves de se criarem em ninhos de outras; os casos de "straggling" normal natural, são os que se verificam em aves de um mesmo gênero ou de uma mesma família, e que só podem ser conhecidos pela menor incidencia do malófago em uma espécie de hospedeiro que em outra.

Até o presente são conhecidos trinta e seis casos de associação entre *Mallophaga* e *Hippoboscidae*. Desses trinta e seis casos, porem, apenas quinze apresentam indicação completa da ave hospedadora, do hipobóscida e da espécie do malófago verificado. São apenas esses, portanto, os casos passíveis de estudo.

A — *Degeeriella marginalis* (Burmeister, 1838). — Esta espécie de malófago já foi encontrada seis vezes presa a um hipobóscida; em quatro ocasiões o hipobóscida era *Ornithomyia avicularia*, sendo entretanto desconhecida a espécie de ave em que a mosca foi apanhada. Nas outras duas ocasiões (3 e 4) esse malófago se achava preso a *Ornithomyia fringillina* e *Ornithomyia chloropus*, colecionadas respectivamente em *Turdus m. merula* e *Turdus pilaris*.

Esta última ave é o hospedeiro tipo de *Degeeriella marginalis*, que tambem já foi assinalada em *Turdus m. merula*. Assim, *Degeeriella marginalis* é um parasita normal de *Turdus pilaris* e *Turdus m. merula*, ambos Passeriformes da fam. *Turdidae*, subfamília *Turdinae*.

B — *Degeeriella deficiens* (Piaget, 1885). — Este malófago foi encontrado (5) preso a uma *Ornithomyia avicularia* apanhada em *Cyanocitta s. stelleri*, ave pertencente à família *Corvidae*. O hospedeiro tipo de *Degeeriella deficiens* é *Cyanopoliuss cooki*, também pertencente à família *Corvidae*. Apesar da diferença de distribuição geográfica das duas aves (*Cyanopoliuss cooki* vive na península ibérica e *Cyanocitta s. stelleri* nos Estados Unidos) é muito provável que *Cyanocitta s. stelleri* seja um hospedeiro normal de *Degeeriella deficiens*, ou pelo menos, de uma espécie muito próxima a *Degeeriella deficiens*.

C — *Degeeriella uncinosa* (Nitzsch in Burmeister, 1838). — Encontrada (6) presa a uma *Ornithomyia avicularia* apanhada em *Corvus cornix* (*Corvidae*). Seu hospedeiro tipo é essa espécie de ave, de modo que não ha dúvida quanto à normalidade do parasitismo.

D — *Degeeriella rotundata* (Osborn, 1896). — Esta espécie foi encontrada (7) presa a uma *Ornithomyia avicularia* apanhada em *Corvus brachyrhynchus hesperis* (= *Corvus corone hesperis*). Seu hospedeiro tipo é *Corvus americanus* (= *Corvus corone brachyrhynchus*). Dada a grande proximidade dessas aves, ha muita probabilidade que *Degeeriella rotundata* seja hóspede normal de *Corvus corone hesperis*.

E — *Degeeriella simplex* (Kellogg, 1896). — Encontrada (4) presa a uma *Ornithomyia fringillina* apanhada em *Turdus migratorius*. Seu hospedeiro tipo é *Merula migratoria* (= *Turdus migratorius*), não havendo dúvida, portanto, quanto à normalidade do parasitismo.

F — *Degeeriella interposita* (Kellogg, 1899). — Esta espécie foi por duas vezes encontrada (8) presa em *Ornithomyia avicularia*, apanhadas em *Dumetella carolinensis*, pertencente à família *Mimidae*, e em *Melospiza melodia melodia*, pertencente à família *Fringillidae*. Ambas essas famílias são Passeriformes. O hospedeiro tipo desta espécie de malófago é *Dendroica bryanti* (= *Dendroica petechia bryanti*), da família *Compsothlypidae*. Esta espécie de malófago nunca havia sido assinalada, anteriormente, em qualquer daquelas duas aves.

G — *Philopterus sturni* (Schränk, 1776) — Encontrada (9) presa a uma *Ornithomyia avicularia* apanhada em *Sturnus v. vulgaris*. O hospedeiro tipo deste malófago é essa mesma ave, não havendo, portanto, dúvida quanto à normalidade do parasitismo.

H — *Ardeicola botauri* (Osborn, 1896). — Esta espécie foi encontrada (13) em associação com uma *Lynchia americana* apanhada em *Casmerodius albus egretta*, Ciconiiformes da família *Ardeidae*, subfamília *Ardeinae*. *Lynchia americana* é um dos hipobóscida de grande ecletismo, já tendo sido assinalada em diversas ordens de aves. O hospedeiro tipo de *Ardeicola botauri* é *Botaurus letiginosus*, Ciconiiformes da família *Ardeidae*, porém da subfamília *Botaurinae*.

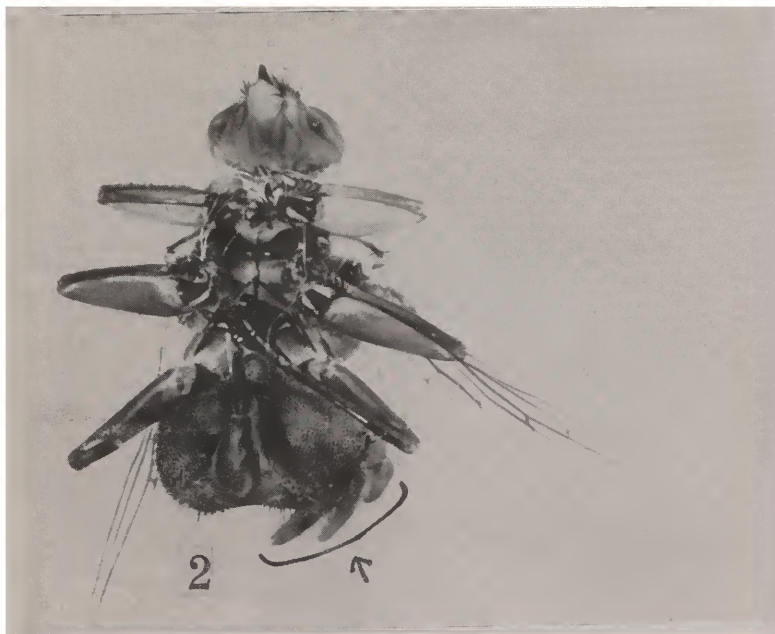
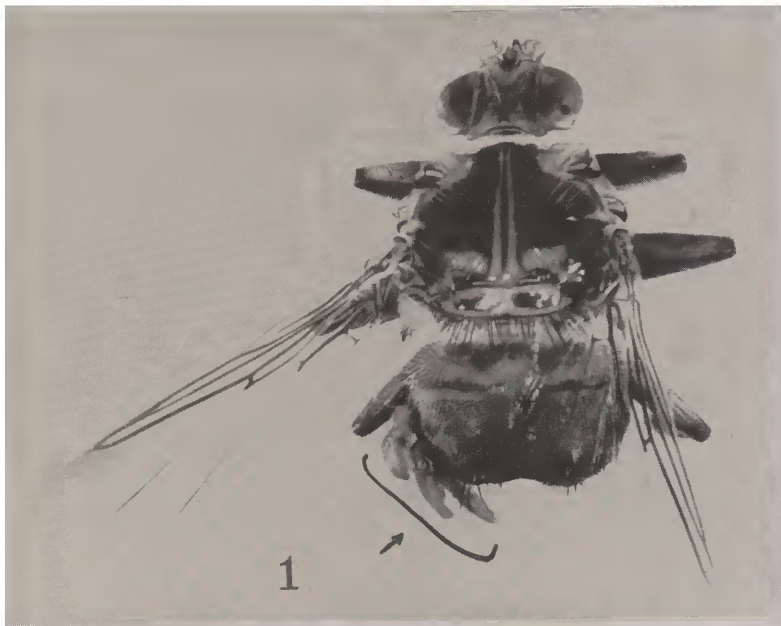
I — *Degeeriella quadratula* (Nitzsch in Giebel, 1866) (= *Lagopoecus pallidovittatus* Grube, 1851). — Encontrada (6) presa a uma *Ornithomyia avicularia* apanhada em *Tetrao tetrix*, Galliformes da família *Tetraonidae*. O hospedeiro tipo de *Lagopoecus pallidovittatus* é *Tetrao urogallus*, já tendo sido assinalada em *Tetrao urogallus aquitanicus*. É possível, entretanto, que tenha havido engano na identificação do malófago, pois *Tetrao tetrix* (= *Lyrurus tetrix*) tem como parasita *Lagopoecus lyrurus* Clay, 1938 e não *Lagopoecus pallidovittatus* (Grube, 1851).

J — *Columbicola columbae* (L., 1758). — Por três vezes (10 e 11) foi esta espécie encontrada presa a *Pseudolynchia canariensis*, colecionadas em pombos domésticos. Seu hospedeiro tipo, no qual é muito comumente encontrada, é o pombo doméstico.

K — *Degeeriella odontopleuron* Guimarães, 1944. — Encontrada presa a uma *Stilpometa ramphastonis* apanhada em *Trogonurus aurantius*, seu hospedeiro tipo. No mesmo hospedeiro foram colecionados outros indivíduos dessa espécie de malófago.

L — *Degeeriella hectica* (Nitzsch in Giebel, 1866). — Esta espécie foi apanhada (12 e 4) em um hipobóscida indeterminado colecionado em *Sericulus chrysocephalus* (= *Sericulus regens*). Embora não seja conhecida a espécie de hipobóscida sobre a qual estava preso o malófago, não resta dúvida sobre a normalidade do parasitismo deste, pois é *Sericulus regens* seu hospedeiro tipo.

Assim, dos casos de associação de malófagos e hipobósci-



- 5 - SPENCER, G. J. — External Parasites of certain Birds of British Columbia. *Canad. Ent.* Vol. LX, pp. 257-260, 1928.
- 6 - FÖRSIUS, R. — Ueber den Transport von Mallophagen durch Hippobosciden. *Medd. Soc. Fauna et Flora Fennica*, 38, pp. 58-60, 1912.
- 7 - McATEE, W. L. — Bird Lice (Mallophaga) attaching themselves to Bird Flies (Dip. Hippoboscidae). *Ent. News*, Vol. XXXIII, p. 90, 1922.
- 8 - EWING, H. E. — The Hippoboscid Fly *Ornithomyia avicularia* Linnaeus, as a carrier of *Mallophaga*. *Ann. Ent. Soc. Amer.*, Vol. XX, pp. 245-250, 1 fig., 1928.
- 9 - THOMPSON, G. B. — Association of *Hippoboscidae* and *Mallophaga*. *Ent. Mon. Mag.*, Vol. 70, p. 134, 1934.
- 10 - MARTIN, M. — Life History and Habits of the Pigeon Louse (*Columbicola columbae* Linnaeus). - *Canad. Ent.* Vol. LXVI, p. 8, 1934.
- 11 - HATHAWAY, C. — Associação entre *Mallophaga* e *Hippoboscidae*. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, Tomo 38, Fasc. 3, pp. 413-417, 2 figs., 1943.
- 12 - HARRISON, L. — Notes and Exhibits. *Proc. Linn. Soc. N. S. Wales*, Vol. XXXVIII, pp. 108-109, 1913.
- 13 - PETERS, H. — Mallophaga carried by Hippoboscids. *Ann. of Carnegie Mus.*, Vol. XXIV, pp. 57-58, 1935.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO BRASIL

CHAVE SINÓPTICA DA SUBFAMÍLIA *LEPTOGASTRINAE* (DÍPTERA, ASILIDAE), COM A DESCRIÇÃO DE UM NOVO GÊNERO E UMA NOVA ESPÉCIE.

POR

MESSIAS CARRERA

Estudando os asilídeos da subfamília *Leptogastrinae*, tivemos ocasião de encontrar, entre o material que bondosamente nos foi cedido pelo Dr. Raymond C. Shannon da "International Health Division" da Fundação Rockefeller, oito exemplares colecionados em Maracaju, sul do estado de Mato Grosso, apresentando caracteres diferentes dos de todos os gêneros desta subfamília. Tais gêneros podem ser facilmente separados pela chave de Aldrich, modificada e ampliada, que damos a seguir.

Chave para os gêneros da subfamília *LEPTOGASTRINAE* (*)

- 1 - Asas muito estreitadas na base;
nervura anal (1A) ausente 2
- Asas normais; nervura anal (1A)
presente 3
- 2 - Asas com a metade basal reduzida
a um pedúnculo; a nervura auxi-
liar (Sc) e a primeira longitudinal
(R₁) fundidas com a costal (C) *Eurhabdus* Aldr.

(*) O gênero *Caenarolia* Thomson, segundo Hermann (4) e Aldrich (1) não pertence a esta subfamília.

- Asas não tão estreitadas na metade basal; nervura auxiliar (Sc) e a primeira longitudinal (R_1) presentes *Leptopteromyia* Will.
- 3 - Nervuras das asas com pequenos pêlos 4
 Nervuras das asas sem pêlos 5
- 4 - Mesonoto com um par de cerdas dorsocentrals situadas anteriormente *Schildia* Aldr.
 Mesonoto com mais de um par de cerdas dorsocentrals anteriores e com um par pouco além do meio *Shannomyioleptus* n. gen.
- 5 - Fêmuress posteriores sem densa pilosidade mediana, alongados; abdômen fino e longo 6
 Fêmuress posteriores com densa pilosidade mediana; abdômen relativamente curto *Systellogaster* Herm. (**)
- 6 - Empódio ausente *Psilonyx* Aldr.
 Empódio presente *Leptogaster* Meigen

Os *Leptogastrinae*, de um modo geral, se caracterizam facilmente pelo formato do abdômen que é delgado e longo; asas geralmente curtas com célula marginal aberta; ausência de pulvilos e, às vezes, também de empódio; pernas posteriores mais longas que as anteriores.

Eurhabdus Aldrich, 1923

Eurhabdus ALDRICH, 1923, Proc. U. S. Nat. Mus. 62, art. 20, p. 2.

Como se pode verificar pela chave, este gênero mostra uma redução na metade basal da asa que é apenas aproximada por *Leptopteromyia*. No entanto, *Eurhabdus* apresenta essa redução em grau muito maior que no gênero acima referido, pois se transforma num fino pedicelo.

É um gênero monotípico e conhecido somente de Costa Rica.

(**) Aldrich não incluiu este gênero em sua chave.

Leptopteromyia Williston, 1907

Leptopteromyia WILLISTON, 1907, Journ. N. Y. Ent. Soc. 15, p. 1. Williston, 1908, Manual N. A. Diptera ed. 3, p. 195, f. 35.

Williston (8) caracterizou êste gênero, dizendo sómente o seguinte: "For a southern species of Asilidae of small size, allied to *Leptogaster*, but differing in the possession of but four posterior cells, in the entire absence of the sixth vein, and in the extraordinarily attenuated basal part of the wing, the genus *Leptopteromyia* is proposed." Depois, em seu Manual sobre os dípteros norte americanos, publicado em 1908, apresenta uma figura com esta simples indicação: "*Leptopteromyia gracilis* (type, Brazil)". Naturalmente, esta espécie deve ser considerada, por monotípia, como a espécie tipo dêste gênero. Erradamente, entretanto, Hermann (4) em 1924, designou como tipo *Leptopteromyia Willistoni*, do México, que deve ser considerada como um pseudótipo.

Schildia Aldrich, 1923

Schildia ALDRICH, 1923, Proc. U. S. Nat. Mus. 62, art. 20, p. 4.

O material de que Aldrich se serviu para descrever êste gênero constou de um macho e uma fêmea, proveniente de Costa Rica. Distingue-se dos outros gêneros incluídos na subfamília *Leptogastrinae*, pela presença de pequenos pêlos nas nervuras das asas; por um par de cerdas dorsocentrais anteriores e pelo percurso da primeira nervura longitudinal (R_1) paralelamente à costal (C) até quase o ápice da asa.

Não foi, até agora, reencontrado.

Shannomyioleptus n. gen.

Afim de *Schildia* Aldrich, do qual se distingue principalmente pelo número de cerdas dorsocentrais e pelo percurso da primeira nervura longitudinal (R_1).

Êste gênero, como o anterior, mostra também nítida pilosidade nas nervuras, mas quanto aos demais caracteres é perfeitamente distinto de *Schildia*. Assim, o número de cerdas dorsocen-

trais não se restringe a um único par e sim a quatro pares de tamanhos diferentes e dispostos, três anteriormente e o último e quarto inserto pouco além do meio do mesonoto; percurso da primeira nervura longitudinal (R_1), terminando muito antes do ápice da asa; a forma do terceiro artículo da antena parece-nos também bastante característica, pois é quase claviforme em contraposição à forma mais ou menos fusiforme encontrada nos outros gêneros de *Leptogastrinae*. Pode-se admitir que em *Schildia* carater semelhante a este não seja encontrado, pois certamente não teria passado despercebido a Aldrich carater tão importante. Aldrich (1) ao descrever a espécie tipo de *Schildia* diz, a este respeito, o seguinte: "Antennae yellow, the third joint brown, not much elongated with subapical slender style which might be called an arista". Embora não nos tenha sido possível examinar a espécie tipo do gênero de Aldrich, achamos que as diferenças acima apontadas justificam plenamente a criação de um novo gênero, cujo nome é dado em homenagem e em sinal de agradecimento ao Dr. Raymond C. Shannon.

Os outros característicos secundários podem ser assim discriminados: cabeça - occipício com coroa de cerdas; face de lados paralelos, plana, sem gibosidade sobre a borda bucal; mistax composto de cerdas longas mas em número reduzido; terceiro artículo antenal pouco maior que os dois basais reunidos, quase claviforme, com pequena mas conspícua pilosidade e com minúsculo estilo subapical.

Tórax com três pares de cerdas dorsocentrals anteriores e um par posterior; o primeiro par muito pouco desenvolvido (em alguns exemplares só encontramos dois pares anteriores).

Abdômen longo e delgadíssimo.

Pernas com a porção apical dos fêmures posteriores repentinamente bojuda; pulvilos e empódio ausentes.

Asa pequena, com a parte basal pouco estreita; nervuras com pequenos pêlos; R_1 terminando muito antes do ápice da asa.

Genótipo — *Shannomyioleptus fragilis* n. sp.

***Shannomyioleptus fragilis* n. sp.**

Comprimento do corpo 10 mm.; da asa 4 mm.; do abdômen 8,5 mm.

Macho: — Cabeça mais larga que o tórax. Olhos arredondados. Fronte com polinosidade branca, levemente amarelada, prolongando-se pelo vértice e occipício em larga faixa que quase atinge o pescoço. Calo ocelar arredondado com três ocelos grandes e reunidos. Occipício com pruinossidade castanha escura, mais clara nas margens onde existe uma coroa de cerdas pretas exceto as que ladeiam o vértice que são amarelas. Face com esparsa pruinossidade amarela clara, sendo preto brilhante no meio, logo abaixo das antenas; borda bucal sem gibosidade e guarnecida com duas longas cerdas amareladas; proboscida e palpos castanhos,



Fig. 1 - Antena de *Shannomyioleptus fragilis* n. sp.



Fig. 2 - Asa de *Shannomyioleptus fragilis* n. sp.



Fig. 3 - Parte apical da asa de *Shannomyioleptus fragilis* n. sp.

êstes pequenos, aquela mais ou menos cilíndrica e dirigida para cima. Antenas amarelas bem claras, o último artículo com a ponta pardacenta; o primeiro artículo é menor que o segundo, que é oval, ambos com pequenas cerdas claras; o terceiro artículo é quase claviforme, com muitos pequeninos pêlos e com um fino e curto estilo subapical.

Tórax com uma projeção anterior de forma cônica e posteriormente terminando em declive quase perpendicular ao abdômen, ficando o escutelo abaixo da raiz da asa; é de coloração castanha escura, quase preta em alguns exemplares, claro em outros; toda sua superfície é polida e brilhante; além das cerdas comuns, supralares e notopleurais, existem anteriormente, pouco afastadas, três pares de dorsocentrais e posteriormente outro par de cerdas tão longas quanto as supralares; as cerdas dorsocentrais anteriores são de diferentes tamanhos, sendo as do primeiro par muito pequenas e as do terceiro maiores que as do segundo e do tamanho das notopleurais. Em alguns exemplares só se observam dois pares de dorsocentrais anteriores. Calos umerais amarelo claro, luzidios; calos postalares fôscos, pardacentos. Escutelo pequeno, de forma triangular com o vértice para baixo, escuro e sem brilho. Pleuras com pruinossidade castanha, exceto na propleura e porção superior da mesopleura que são prateadas segundo a incidência dos raios luminosos.

Abdômen muito fino nos dois primeiros segmentos, os restantes gradualmente se alargando na porção apical e achatados dorso-ventralmente, exceto o último que é mais ou menos globoso. A coloração é castanha avermelhada com finos aneis amarelos existentes no meio do primeiro segmento e na margem anterior dos restantes; o último segmento é preto; existe curta cerdosidade preta recobrando o abdômen mas na borda posterior do quarto e quinto segmentos há também algumas cerdas amarelas. Genitália distinta. As peças visíveis mostram coloração pardacenta com pilosidade clara.

Pernas: — Os dois pares de pernas anteriores são amarelo claro com aneis castanhos. Êstes aneis, dois nos fêmures e dois nas tíbias, intercalam-se com a coloração amarela; os aneis do primeiro par são menos distintos; cerdas apicais das tíbias de-

senholidas; articulações castanhas; tarsos com pequenas cerdas pretas em baixo e com os três últimos artículos castanhos. O par de pernas posteriores é bem maior que os anteriores; o fêmur é bojudo na porção apical e a tíbia apenas mais grossa posteriormente; tanto o fêmur como a tíbia têm coloração castanha escura, mais clara, porém, na parte anterior do fêmur; êste apresenta um anel amarelo na base da intumescência apical; um anel dessa mesma côr existe quase no meio da tíbia; estas pernas estão recobertas de pilosidade preta, ruiva nos tarsos. Basitarso amarelo claro, os restantes avermelhados. Não possuem empódio e em todas as garras se observa uma diferença de tamanho: nas quatro pernas anteriores as garras externas são menores e nas pernas posteriores a interna é a menor.

Asas hialinas com microtríquia muito esparsa e extremidade apical pouco sombreada; parte basal um pouco estreita. Nervulação, de um modo geral, semelhante a de *Leptogaster*. Nervuras com pequeninos e muito nítidos pêlos. Nervura costal com franja de pequenos pêlos em toda sua extensão, sendo os da parte superior parecidos a minúsculas cerdas e os da parte inferior finos e mais juntos uns dos outros. A primeira nervura longitudinal (R_1) termina no início da curvatura da nervura costal. Halteres longos; haste bem clara e capítulo castanho escuro.

Fêmea: — Semelhante ao macho.

Tipos: — Holótipo macho; alótipo fêmea; parátipos: uma fêmea e mais cinco exemplares de sexo indeterminável por se acharem com o abdômen incompleto, a serem depositados como segue: holótipo N.º 104.435, alótipo N.º 104.436 e parátipos Ns. 104.437 e 104.438 na coleção do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo; um parátipo fêmea e outro parátipo na coleção do Snr. J. Lane; um parátipo na coleção do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro; um parátipo na coleção do United States National Museum de Washington.

Localidade tipo: — Brasil, Mato Grosso, Maracaju; (S. F. A. p.R.C. Shannon); junho de 1937. O parátipo fêmea tem a data de maio de 1937.

Systemellogaster Hermann, 1924

Systemellogaster HERMANN, 1924, Verh. Zool. Bot. Ges. Wien 74/75 p. 149.

Ortótipo: — *Euscelidia fascipennis* Schiner.

Caracteriza este gênero, além do abdômen curto, a densa pilosidade existente nos fêmures posteriores que são relativamente menores e mais grossos que o comum verificado em *Leptogaster*.

Há na coleção do Departamento de Zoologia dois exemplares de espécies diferentes pertencentes a este gênero que, provavelmente, ainda não foram descritas.

Psilonyx Aldrich, 1923

Psilonyx ALDRICH, 1923, Proc. U.S. Nat. Mus. 62, art. 20, p. 5.

Ortótipo: — *Leptogaster annulatus* Say.

Este gênero foi criado para as espécies de *Leptogaster* que não apresentam empódio. Não acreditamos possa ele ser mantido, visto os seus caracteres serem muito semelhantes aos de *Leptogaster* que apresenta empódios com tamanhos que variam de pequenos até quase o comprimento das garras. A diferença da nervulação das asas também não pode prevalecer porque ela se repete em varias espécies de *Leptogaster*. Por outro lado a nervulação comum neste último gênero é por sua vez repetida em *Psilonyx*. Refiro-me ao ângulo agudo formado por M_1 e M_2 no ápice da célula discoidal.

Examinamos um exemplar de *P. annulatus* (Say) capturado na America do Norte de onde provem o tipo da espécie, e comparemo-lo com outro apanhado em Maracaju, Mato Grosso, em junho de 1937, (S.F.A. p. R.C.Shannon), não havendo diferenças sensíveis entre ambos.

Como se vê, esta espécie tem uma distribuição geográfica muito extensa, pois já foi constatada em Santa Cruz de la Sierra, Bolivia, e ao Norte da Argentina por Engel (3) e também no Equador por Aldrich (1).

Entre as espécies de *Leptogaster* que não apresentam em-

pódio, figuram as seguintes além de *annulatus*: *L. macropygialis* Williston, *micropygialis* Williston e *magnicauda* Curran.

Leptogaster Meigen, 1803

Leptogaster Meigen, 1803, Illig. Mag. 2, p. 269.

Gonypes Latreille, 1804, Hist. Nat. Crust. et Ins. 14, p. 309.

Gênero cosmopolita que conta com grande número de espécies neotrópicas.

O material dêste Departamento é bastante numeroso e esperamos, uma vez adquirida a bibliografia necessária, publicar uma chave para a determinação das espécies brasileiras.

Agradecemos à Srta. Maria Aparecida Vulcano e Sr. J. Lane o auxílio que nos prestaram para a confecção das ilustrações que acompanham êste trabalho como também valiosas sugestões.

A B S T R A C T

The author gives some notes and a key for the genera of *Leptogastrinae*, and also describes *Shannomyioleptus fragilis* n. gen. n. sp. The name of the new genus is proposed in honor to Dr. Raymond C. Shannon of the International Health Division of the Rockefeller Foundation.

B I B L I O G R A F I A

- 1 - ALDRICH — 1923, Proc. U. S. Nat. Mus. Vol. 62, art. 20.
- 2 - BACK — 1909, Trans. Amer. Ent. Soc. Vol. 35, p. 155.
- 3 - ENGEL — 1929, Konowia 8, 4, p. 457.
- 4 - HERMANN — 1924, Verh. Zool. Bot. Ges. Wien Vol. 74/75, p. 149.
- 5 - LOEW — 1851, Progr. Realschule Meseritz p. 2.
- 6 - SCHINER — 1867, Verh. Zool. Bot. Ges. Wien, Vol. 5, p. 359.
- 7 - WESTWOOD — 1849, Trans. Ent. Soc. London Vol. 5, p. 232.
- 8 - WILLISTON — 1907, Journ. N. Y. Ent. Soc. Vol. 15, p. 1.
- 9 - WILLISTON — 1908, Manual N. A. Dipt. ed. 3, p. 195, f. 35.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

SÔBRE A VALIDEZ

DE *FULCIDAX VIOLACEUS* (Klug, 1824 ⁽¹⁾)

(COL. *FULCIDACIDAE*)

POR

E. NAVAJAS

A determinação dos exemplares do gênero *Fulcidax* Voet, pertencentes ao Departamento de Zoologia, levou-nos a suspeitar de que sob o nome de *Fulcidax cupreus* (Klug, 1824) se confundiam duas espécies distintas embora muitíssimo semelhantes.

Já estranháramos o dimorfismo sexual registrado na descrição de Lacordaire (p. 871) ⁽²⁾, pois, o material de *Fulcidacidae* por nós estudado, até então, confirmara plenamente a seguinte passagem do mesmo autor (p. 640): “Les caractères sexuels se bornent à un seul chez ces insectes (Chlamydées), la présence d’une fossette plus ou moins profonde sur le dernier segment abdominal; elle est énorme chez les *Poropleura*. Les mâles en sont dépourvus, ce qui est le cas ordinaire, ou l’ont beaucoup moins marquée. Pour tout le reste, sauf pour la taille qui, comme de coutume, est plus forte chez les femelles, les deux sexes sont absolument pareils” ⁽³⁾. Ora, em cinco exemplares, um havia que apesar de macho, apresentava o processo prosternal com a conforma-

⁽¹⁾ Com. à Soc. Brasileira de Entomologia em 24-II-1943.

⁽²⁾ As páginas indicadas, entre parênteses, referem-se a: Lacordaire, 1848, Monographie des Phytophages II.

⁽³⁾ Cf., também, a p. 5.

ção do da fêmea, segundo a descrição já referida. Feita a hipótese de se tratar de duas espécies diversas, procuramos reunir a maior quantidade possível de material apropriado à sua verificação.

Conseguimos, ao tódo, 20 exemplares (*), facilmente divisíveis em duas séries: uma de 12 (7 ♂ e 5 ♀), de processo prosternal estreito; outra de 8 (3 ♂ e 5 ♀), de processo prosternal mais largo e canaliculado longitudinalmente. Tratando-se, sem dúvida, de duas espécies distintas, o problema se reduzia a a bem identificá-las, mesmo sem o recurso impossível, pelo menos no momento, de examinar material típico.

Lacordaire (p. 871) ao justificar a inclusão de *Chlamys violacea* Klug na sinonímia de *Poropleura cuprea* (Klug), como variedade B, escreve: "Ce savant entomologiste (Klug) a décrit sous le nom de *violacea*, une espèce qui n'est pas autre chose qu'une variété de celle ci (Var. B.). J'ai sous les yeux l'exemplaire même sur lequel il a fait sa description. Cet exemplaire est une femelle". Diante desta informação positiva e da conformação do processo prosternal atribuída, pelo mesmo autor, à fêmea de *cuprea*, lícito nos parece, feitas todavia as necessárias reservas, identificar os exemplares de processo prosternal largo à espécie de Klug, designada por *violacea*. A seguir, transcrevemos a descrição original e redescrevemos a espécie.

Descrição de Klug (5):

"2. *Chlamys violacea*

Chlamys violacea, thorace elytrisque punctatis tuberculatis.
Long. lin. 3 ½-4.

(*) Consignamos os nossos agradecimentos aos prezados amigos e conhecidos entomólogos, Srs.: J. Pinto da Fonseca, R. L. Araújo e Dr. O. Monte (do Instituto Biológico) e J. Guérin (possuidor de bela coleção de Coleópteros) pela cessão ou doação de parte do material utilizado neste pequeno estudo; Dr. F. Lane (do Dep. de Zoologia) e Pe. J. Moure, C.M.F. (do Museu Paranaense), pela desistência, a nosso favor, do estudo tão interessante dos Fulcidacídeos; aos já nomeados e aos demais assistentes deste Departamento ou do Instituto Biológico, pelas sugestões, facilidades bibliográficas e diversos outros obséquios que nos prestaram. Fazemos especial referência ao Sr. Diretor Superintendente do Departamento de Zoologia, Dr. O. M. de Oliveira Pinto, a quem devemos inúmeras atenções.

(5) Klug, 1824, Entomologische Monographieen, pp. 91-93.

Habitat in Parà Brasiliae. Misit Sieber. Ex Museo Comit. de Hoffmannsegg.

Affinis Chlam. monstrosae. Caput inter oculos planum, cyaneum. Labrum ferrugineum. Mandibulae nigrae. Antennae thorace breviores, serratae, rufae, articulo primo dorso cyaneo. Oculi fusci. Thorax cyaneus, lateribus viridi-cyaneis, nitidissimus, medio in tuberculo dorso planum striolatum, utrinque foveolatum et trituberculatum elevatus, postice productus, angustissime sinuatus. Pectus abdomenque punctata, cyanea aut viridi-cyanea, sterno et fossa anali pilis brevissimis adjacentibus argenteis micantibus. Scutellum transversum subquadratum immersum laeve, basi lineola media elevata, abbreviata. Elytra cyanea, lateribus violacea, sparsim punctata, tuberculata, tuberculis inaequalibus conicis acutis, singulis, majori ad basim intermedio, reliquis brevioribus, carinatis, et lineolis elevatis invicem junctis. Margo elytrorum internus ad apicem crenatus. Pedes cyanei, plantis tomento fusciscenti sericeo tectis.

Von Parà in Brasilien. Kleiner als die vorhergehende Art (Laenge 3 1/2 bis 4 Linien). Lebhaft blau mit bald gruen- bald violet-blauen Schiller. Die Stirn flach, die Lefze braunroth, die Fresszangen schwarz. Die Augen erscheinen blassbraun. Die Fuehler sind kuerzer als das Rueckenschild, gesaegt, braunroth, das Wurzelglied auf der oberen Seite blau. Das Rueckenschild an den Seiten sehr glaenzend erhebt sich in einen metallglaenzenden, in der Mitte gestrichelten, an den Seiten in drei stumpfe Spitzen auslaufenden, dazwischen mit eingedruckten Gruebchen bezeichneten Hoecker. Hinten ist das Rueckenschild zwischen die Deckschilde herein vorgezogen, mit einer schmalen Bucht zur Aufnahme der linienfoermigen Erhabenheit des Rueckenschildchen. Brust und Hinterleib haben eingedruckte Punkte und in der Mitte einen leichten schillernden Ueberzug kurzer silberglaenzender Haerchen. Die Deckschilde sind einzeln punktirt und mit kegelfoermigen Erhabenheiten von ungleicher Groesse besetzt. Groesser ist die mittlere an dem Grundtheil der Deckschilde. Die andern sind kleiner, an der vordern Seite leicht ausgehoelt, oft zusammenhaengend und vornemlich von der Mitte an durch linienfoermige Erhabenheiten verbunden. Die Nath ist deutlich gekerbt. Die Beine haben die

Farbe des Koerpers. Die Sohlen tragen einen Haardilz von hell graubraeunlicher Farbe."

REDESCRIPÇÃO

Fulcidax violaceus (Klug, 1824)

Chlamys violacea Klug, 1824, Ent. Mon., p. 91.

Poropleura cuprea Lacord., (♀), 1848, Mon. Phytoph. II, p. 870.

Subquadrada, robusta, acidentada, brilhante, de colorido mais ou menos uniforme mas muito variável de exemplar para exemplar: cúpreo, verde-azulado, azul (ciâneo) e violeta, às vezes, com reflexos de côr pouco diferente da de fundo. Tôda a parte ventral do corpo é muí finamente alutácea e marcada de pontos pilíferos; cada um dêstes contém, em regra, um pêlo gladiforme, recumbente, brilhante, levemente amarelado, fina e longitudinalmente sulcado e de comprimento variável: desde os diminutos que mal excedem os limites dos pontos em que se implantam, aos que atingem cêrca de $\frac{1}{2}$ mm, os mais longos geralmente distribuídos no centro de tôda a região ventral. Os pontos pilíferos são escasos na região cefálica e muí raros na parte dorsal do corpo.

Cabeça orbicular (vista de frente), levemente inclinada para dentro e ímersa no protórax até a fronte. Olhos grandes, subovais, recortados por fortes cantos oculares arredondados no vértice. Fronte fortemente excavada, desde a abóboda protorácica até o nível dos cantos oculares, entre os quais se inscrevem duas elevações subtriangulares, pouco salientes, separadas por alguns pontos pilíferos. A excavação frontal, geralmente sem pontuação, é coberta de estrias muito finas e sinuosas; as suas margens, da metade para cima, são marcadas de pontos densos, profundos e, às vezes, confluentes. Epístoma subrugosamente pontuado, estreitado, em cima, pela inserção das antenas e largamente emarginado na frente. Labro transversal, ferrugíneo, ciliado, levemente abobadado. Mandíbulas negras, curtas, espêssas, acuminadas, setosas na base e impressas transversalmente. Palpos maxilares negros ou de ápice ferrugíneo.

Antenas inseridas no bordo anterior e interno dos olhos e recebidas (em repouso) em sulcos céfalo-protorácicos, bem profundos no protórax; subserriiformes; curtas (cêrca de 2,5 mm), robustas e ferrugíneas. Escapo de colorido semelhante ao da cabeça (na sua face externa), arqueado, subtriquetro, pouco mais estreito na base que na extremidade, marcado de pontos pilíferos e tão longo quanto os seis artículos seguintes. Dêstes, os três primeiros são escuros, no tôdo ou em parte. O artículo 2 é subgloboso; 3 obcônico, ligeiramente mais longo que o anterior; 4 trígono e mais largo que o precedente; 5-10 transversos, subiguais e frouxamente unidos entre si; 11 um pouco mais longo que os anteriores e brevemente apendiculado.

Pronoto transverso, giboso, fortemente convexo, cêrca de duas vêzes mais estreito na frente que na base; esta pouco menos larga que os élitros, vestigialmente denticulada e bisinuada de cada lado do lobo mediano que é estriado na margem e chanfrado no vértice; bordos laterais oblíquos e sinuosos; bordo anterior em abóboda, marginado-estriado e marcado por uma série transversal de pontos fortes, paralelamente ao arco; ângulos anteriores muito declives, arredondados, munidos de calosidade encimada de pequeno tubérculo; ângulos posteriores quasi retos, munidos de pequeno apêndice subcarinado e escondido sob os élitros; nota-se nas imediações dos ângulos posteriores uma calosidade pouco acentuada. Giba pronotal forte, subquadrangular, quase vertical na frente, bem delimitada (atrás e nos lados) por um sulco raso e brilhante; fortemente excavada em cima, apresentando os bordos da excavação dois fortes tubérculos, mais ou menos comprimidos e com o aspecto de corroidos. O posterior é o maior e ligeiramente bifido; o anterior, um pouco mais externo, dá origem a uma crista arqueada, de concavidade voltada para dentro e que pode atingir o limite anterior da elevação. Nota-se, ainda, um terceiro tubérculo, menor e subcônico, externamente sob o anterior. Quase tôda a superfície do pronoto é finamente estriada e de aparência sedosa; as estrias irradiam, ondulantes, em vários sentidos e se atenuam nas margens; às vêzes a superfície é, ao mesmo tempo, onduladamente sublineolada, sobretudo na face anterior da gibosidade. A pontuação do pronoto é variável e, em geral, mais escassa nas margens.

Escutelo transversal, trapeziforme (de base posterior) e munido de carena central obtusa, abreviada e parcialmente alojada no chanfro pronotal mediano.

Élitros acidentados mas de revestimento mais liso e mais brilhante que o do pronoto (principalmente na região discoidal); fortemente pontuados nas depressões; deiscentes, deixando a descoberto o propigídio e o pigídio; base bem adaptada à do pronoto e com vestígios de denticulação; lobos epipleurais bem pronunciados. Cada élitro é provido de cerca de 15 tubérculos, mais ou menos cônicos ou subtriquetros, assim dispostos: três basilares de que o mediano é o maior e o mais externo o menor (ausente, às vezes); outro sob o mais interno; mais três sob a calosidade umeral (esta, bastante saliente, pouco regular e alongada), o externo pouco distinto; ainda outros três, na região discoidal, sob o grande tubérculo basilar e mais ou menos em forma de tridente; na mesma região, pouco atrás e próximo à sutura, um outro, o mais caracteristicamente triquetro; ainda outros três, na região antepical, dispostos em triângulo; finalmente mais dois, transversalmente dispostos e mais ou menos ligados, em continuação à carena lateral. Esta, bem acentuada, começa sob o tridente e emite, logo depois, pequeno ramo transversal e tuberculiforme. Sutura fortemente crenulada, desde o tubérculo sutural triquetro até um pouco antes da deiscência.

Pigídio subgival, apenas pouco mais longo que largo, proclive, levemente convexo e finamente pontuado; sua parte distal apresenta duas depressões marginais, mais ou menos fortes, marcadas de pontos profundos e separadas por uma carena centro-longitudinal obtusa, geralmente bastante abreviada; a base apresenta outras duas depressões, uma de cada lado, pouco profundas e subcirculares; o bordo distal é espessado e marcado de pontos alongados, profundos e pilíferos.

Processo prosternal distinto, pontuado-cerdoso e rapidamente dilatado, no terço anterior que apresenta uma excavação, ladeada por dois tubérculos antero-marginais; os dois terços posteriores são subparalelos, terminados em curva, levemente arqueados e canaliculados no sentido longitudinal. Episternos subtriangulares, convexos, sinuosos no lado interno e dispostos em prolongamento dos

ângulos protorácicos anteriores. Coxas oblíquo-transversais, alongadamente subglobosas.

Mesosterno recoberto pelo prosterno.

Metasterno saliente, transverso, bastante declive nos lados de um disco triangular, de base posterior e bi-emarginada e de ângulos laterais truncados. Chanfro (*sinus*) metasternal profundo. Disco longitudinal e levemente sulcado, densamente marcado de pontos rasos, por vêzes confluentes, formando rugas oblíquas pouco distintas e irregulares. A pontuação torna-se um pouco mais regular nos declives lâtero-anteriores e toma o aspecto intrincado-rugoso nos laterais. Parapleuras metatorácicas subretangulares, longitudinais, emarginadas no lado externo e variolosamente pontuadas.

Abdômen recalcado sobre si mesmo. Primeiro segmento fortemente carinado na linha mediana e tomentoso atrás desta; muito estreito no meio e bastante alargado, em curva, para os lados; ângulos anteriores providos de uma crista arqueada que toca o ápice das parapleuras metatorácicas; cada um dos seus lados apresenta um forte tubérculo e um pequeno dente marginal pouco acima do primeiro; a superfície, nas imediações dos élitros, é subrugosa e a pilosidade torna-se bem mais longa na região fronteira ao tubérculo lateral. Os três segmentos intermediários são muito curtos e imbricados. Ao contrário do primeiro, o quinto é largo no centro, apesar de emarginado pelo pigídio, e agudo nas extremidades; a excavação deste segmento na ♀ é profunda, inicialmente subtriangular mas perfeitamente hemisférica a partir de certo plano; a parte hemisférica é glabra e finamente pontuada mas a restante é tomentosa e fortemente pontuada. No ♂ a excavação se reduz, em geral, à parte subtriangular e é inteiramente tomentosa.

Pernas subiguais, retráteis, levemente arqueadas (para adaptação à convexidade do corpo), acolhidas nas grandes cavidades dos segmentos torácicos respectivos, na posição de repouso, caso em que o 2.º par fica parcialmente recoberto pelo primeiro. Fêmures tão longos quanto as tíbias, um pouco deprimidos, esparsamente pontuados e providos de ranhuras tibiais. Tíbias subtriquetras, um pouco mais estreitas na base que na extremidade distal que é oblíquamente truncada e armada de pequeno espinho. Tar-

sos curtos, robustos, peniculados; artículos subtrapezoidais e gradualmente alargados do 1.º ao 3.º. 1 quase duas vezes mais longo que 2; 3 ainda mais longo que 1 e fortemente bilobado, para acolher o seguinte em quase toda a sua extensão; 4 estreito mas robusto, quase tão longo quanto o anterior e munido de unhas fortes e simples.

Dimensões:

Comprimento: ♂ 8,5-9,5 ♀ 8,9-9,8 mm

Larg. umeral: 6,8-7,5 7,0-7,5 mm

Cohipótipos: 8 exemplares depositados nas seguintes coleções:

Departamento de Zoologia:

♂ n. 17.745, Estado de S. Paulo, Jundiai, M. Beron col.

♂ n. 105.731, Estado de Mato Grosso, Guaicurús, J. R. Dufaux col.

♀ ♀ n. 105.732-34, Estado de Mato Grosso, Guaicurús, J. R. Dufaux col.

♀ n. 17.746, Estado do Ceará, Gameleira, O. Diog. col.

Instituto Biológico:

♀ - Capital do Estado de S. Paulo, V-1930, Oliveira Filho col.

J. Guérin:

♂ n. 5.322, Estado de S. Paulo, Rio Preto, I-1932, J. Guérin col.

Notas taxinômicas: A espécie é muito próxima e muito semelhante a *F. cupreus* (Klug, 1824) de que se distingue, apenas, pelo processo prosternal mais largo e canaliculado longitudinalmente e pela pilosidade bem mais longa da região fronteira ao tubérculo do primeiro segmento abdominal; em *cupreus* a pilosidade de toda a região lateral, daquele segmento, é de comprimento uniforme e apenas visível sob um aumento de cerca de 30 X.

É interessante lembrar que Klug (Ent. Mon., p. 236) admitiu a possibilidade de *cupreus* não passar de uma variedade de *F. bacca* (Kirby, 1818), quando a espécie indubitavelmente mais próxima e quase idêntica é *violaceus*. Lacordaire considera *bacca* "une

espèce parfaitement distincte” (com o que estamos inteiramente de acôrdo) e incluiu *violaceus* na sinonímia de *cupreus*, provavelmente, por dispor de poucos exemplares de ambas as espécies, pois, tomando-as como uma só, escreve: “Elle n'est pas commune dans les collections”.

A distribuição geográfica de *violaceus* é a seguinte: Pará (Klug) e, segundo o nosso material, S. Paulo, Ceará e Mato Grosso. Os nossos exemplares de *cupreus* foram capturados em S. Paulo, Goiás e Mato Grosso; quanto ao material utilizado por Klug (Brasília), pelo que se sabe a respeito do colecionador (Olfers), proveio, provavelmente, das regiões mais próximas ao Distrito Federal, de S. Paulo à Bahia.

A B S T R A C T

Based on 20 specimens of *Fulcidax cupreus* (in the Lacordaire's sense), easily separated into two series, both with males and females, the author proposes the revalidation of *Fulcidax violaceus* (Klug) and redescribes it.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

SOBRE OS *MENOPONIDAE* (MALLOPHAGA) ENCONTRADOS EM TINAMIFORMES

POR

LINDOLPHO R. GUIMARÃES

Até o momento apenas cinco espécies de Amblycera, tôdas pertencentes à família *Menoponidae*, foram encontradas em aves da ordem dos Tinamiformes. O primeiro menoponida verificado em tinamida foi *Trinoton biguttatum*, descrito por Rudow em 1866, de material colecionado em “*Tinnamus bonnaquira*” (= *Nothura boraquira*?). Os autores modernos são acordes em considerar esta espécie irreconhecível, mesmo genêricamente, pois as descrições de Rudow são completamente ineficientes, e até hoje nenhuma espécie de malófago pertencente ao gênero *Trinoton* ou a outro gênero que lhe seja semelhante, foi encontrada em *Nothura boraquira*, espécie com a qual tem sido identificado o “*Tinnamus bonnaquira*”. Recentemente (1941), referindo-se a ela diz Hopkins ⁽¹⁾: “No conclusion is possible with regard to *Trinoton biguttatum*, but there is a strong probability that the specimens were stragglers. It is conceivable that there is on the Tinamidae an Amblycerous genus superficially resembling *Trinoton*, but no subsequent author has rediscovered it”.

Em 1874, Giebel, descreveu *Menopon brachygaster*, encontrado em *Crypturus tao* (= *Tinamus tao*). Carriker (1936) ⁽²⁾ acha que essa espécie não é um hospede normal de tinamida. Ké-

⁽¹⁾ Ann. Mag. Nat. Hist., Ser. 11, Vol. VII, p. 45, 1941.

⁽²⁾ Proc. Acad. Nat. Sc. of Philadelphia, Vol. LXXXVIII, p. 45, 1936.

ler, que a transferiu para o gênero *Menacanthus*, assinala sua presença no *Tinamus solitarius*. Neste mesmo hospedeiro tivemos oportunidade de encontrar um macho.

Menopon arctifasciatum foi descrito por Piaget em 1885, de material colecionado em *Rhynchotus rufescens*, e incluído por Neumann, em 1912, no seu então novo subgênero *Menacanthus*.

Recentemente Kéler descreveu a quarta espécie, *Microctenia tibialis*, de material encontrado em *Tinamus solitarius*.

No presente trabalho descrevemos a quinta espécie, pertencente ao gênero *Microctenia*, de material encontrado no *Crypturellus n. notivagus*.

O gênero *Menacanthus* encontrado em diversos grupos de aves encerra um número regular de espécies cujos caracteres morfológicos se apresentam bastante heterogêneo, estando longe de significar, portanto, de acordo com nosso conceito genérico, um agrupamento ideal.

As duas espécies de *Menacanthus* encontradas em tinamida, entretanto, apresentam caracteres que as aproximam bastante de *Menacanthus robustus* (Kellogg), espécie tipo do gênero, tornando muito duvidosa a possibilidade de serem colocadas em gênero diferente, embora o genótipo de *Menacanthus* seja encontrado em aves da família *Paridae*.

O gênero *Microctenia*, porém, é muito característico e parece ser encontradiço somente em *Tinamidae*, o que nos leva a pensar serem suas espécies hóspedes normais de aves unicamente desta família.

***Menacanthus brachygaster* (Giebel)**

(Figs. 1 a 3)

Menopon brachygaster GIEBEL, 1874, Insecta Epizoa, p. 293; HARRISON, 1916, Parasitology, Vol. 9, n.º 1, p. 34; CARRIKER, 1936, Proc. Acad. Nat. Sc. of Philadelphia, Vol. LXXXVIII, p. 45 e 54.

Menacanthus brachygaster (Giebel), KÉLER, 1939, Arb. morph. taxon. Ent. Berlin-Dahlen, Band 6, nr. 3, p. 250.

Giebel descreveu esta espécie baseado em um único exemplar macho encontrado em *Crypturus tao* (= *Tinamus tao*). Car-

riker acredita ser ela “stragler” de algum hospedeiro desconhecido e a coloca na lista das espécies hipoteticamente encontradas em tinamida.

Em 1939, Kéler teve oportunidade de examinar 3 fêmeas encontradas em *Tinamus solitarius* e compará-las com um macho desta espécie da coleção do Museu de Zoologia da Universidade de Haie.

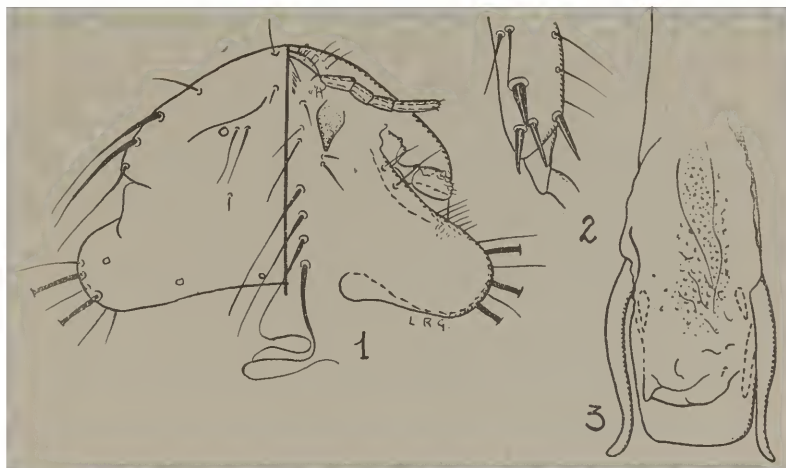


Fig. 1 - *Menacanthus brachygaster* (Giebel). Cabeça do macho.

Fig. 2 - *Menacanthus brachygaster* (Giebel). Extremidade distal da tíbia posterior do macho.

Fig. 3 - *Menacanthus brachygaster* (Giebel). Aparelho copulador do macho.

Baseado nessa comparação concluiu aquêl autor sôbre a co-especificidade do material e transferiu a espécie de Giebel do gênero *Menopon* para *Menacanthus*. Embora tenhamos examinado apenas material encontrado em *Tinamus solitarius*, julgamos acertada a conclusão de Kéler, devido à semelhança das faunas malofagológicas do *Tinamus tao* e *Tinamus solitarius*, não excluindo, entretanto, de modo absoluto a possibilidade de se tratar de espécies diferentes dada a diferença específica entre os hospedeiros. Conforme verificaremos adiante, é bastante grande a semelhança entre esta espécie e *Menacanthus artifasciatum*, encontrada no *Rhynchotus r. rufescens*, o que vem em favor de nossa convicção

de ser *Menacanthus brachygaster* um hóspede normal de tinamidas. Damos a seguir algumas medidas de um exemplar macho:

	<i>comprimento</i>	<i>largura</i>
Cabeça	0,350 mm	0,560 mm
Protórax	0,210 mm	0,450 mm
Metatórax	0,210 mm	0,490 mm
Abdômen	1,170 mm	0,620 mm
Total	1,810 mm	—

***Menacanthus arctifasciatum* (Piaget)**

(Figs. 4 a 9)

Menopon arctifasciatum PIAGET, 1885, *Pédiculines*, Suppl., p. 112, pl. 12, fig. 4, 4a, 4b; HARRISON, 1916, *Parasitology*, Vol. 9, n.º 1, p. 33.

Menopon (Menacanthus) arctifasciatum (Piaget), NEUMANN, 1912, *Archives de Parasitologie*, Vol. XV, n.º 3, p. 360, fig. 6.

Menacanthus arctifasciatum (Piaget), CARRIKER, 1936, *Proc. Acad. Nat. Sc. of Philadelphia*, Vol. LXXXVIII, p. 63.

Não sabemos se o material que serviu de base à descrição original foi colecionado na espécie nominal de *Rhynchotus rufescens*. Os exemplares que temos em mãos, colecionados em *Rhynchotus r. rufescens*, embora apresentando ligeiras divergências com a descrição e desenhos dados por Piaget, estão dentro de um limite razoável de variação, que pode ser levado à conta de deficiência e falta de detalhes nos desenhos daquele autor. Entretanto, a verificação de exemplares desta espécie, feita por Carriker, em *Rhynchotus r. rufescens* e *Rhynchotus r. maculicollis* e o desenho da cabeça de uma fêmea, possivelmente pertencente ao material estudado por Piaget, dado por Neumann, nos induz a pensar que nossa identificação seja certa. Carriker diz que a única diferença tangível verificada entre sua fêmea e a descrição e figura de Piaget é que as têmporas de seu material são um pouco mais arredondadas. Essa mesma diferença encontramos no nosso material. A figura dada por Neumann, entretanto, representa essa parte da cabeça bem mais arredondada que a figura de Piaget, aproximando-a mais da forma que o nosso material apresenta. A forma do

protórax também se apresenta um tanto diferente. No nosso material ele não é tão alongado em pescoço como é representado na figura de Piaget. Referindo-se aos fêmures diz aquele autor que são mais longos que as tíbias e “poilus tout autour”. Esta quetotaxia é representada, em sua figura, nos três pares de patas. Conforme se verifica pela fig. 5, sómente os fêmures do par pos-



Fig. 4 - *Menacanthus arctifasciatum* (Piaget). Cabeça de macho.
Fig. 5 - *Menacanthus arctifasciatum* (Piaget). Fêmea.

terior é que apresentam maior aglomeração de cerdas, e assim mesmo apenas na superfície interna; os fêmures dos dois pares anteriores mostram muito poucas cerdas. As diferenças de tamanho também são grandes: Piaget dá 25-26 para as fêmeas e 20-21 para os machos; os nossos exemplares apresentam comprimento de

2,080 mm para a fêmea e 1,720 para o macho. A quetotaxia do abdômen, representada por Piaget apenas a da superfície dorsal, concorda perfeitamente com a dos nossos exemplares. É bem

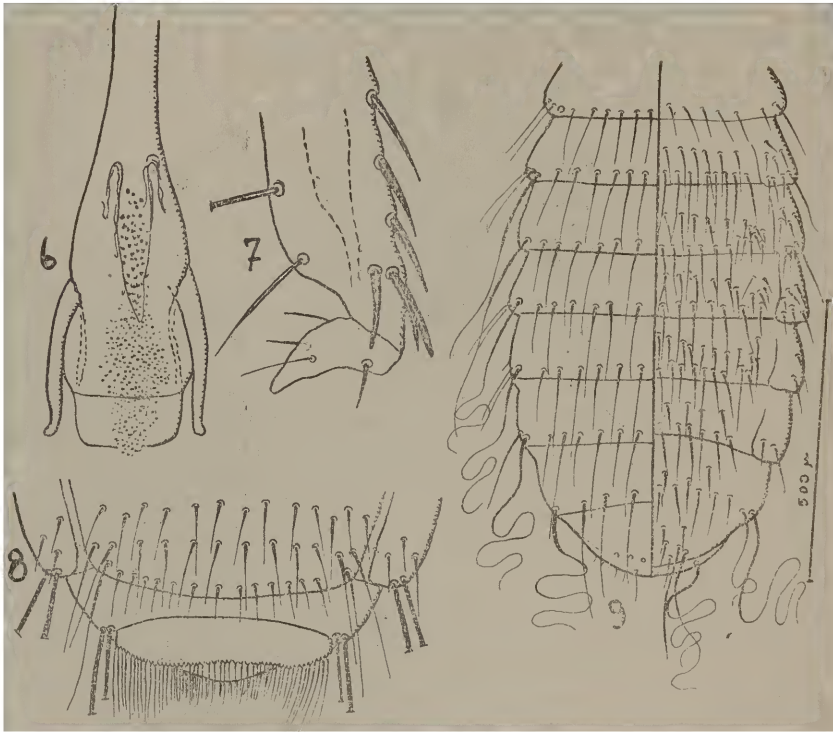


Fig. 6 - *Menacanthus arctifasciatum* (Piaget). Aparelho copulador do macho.

Fig. 7 - *Menacanthus arctifasciatum* (Piaget). Extremidade distal da tibia posterior do macho.

Fig. 8 - *Menacanthus arctifasciatum* (Piaget). Extremidade posterior do abdômen da fêmea (vista ventral).

Fig. 9 - *Menacanthus arctifasciatum* (Piaget). Abdômen do macho.

grande a semelhança entre os machos desta espécie e os de *Menacanthus brachygaster*. Mesmo os aparelhos copuladores, conforme se verifica pelas figs. 3 e 6, diferenciam-se apenas em deta-

lhes. A forma da cabeça e a quetotaxia do abdômen e das patas, porém, são características para as duas espécies. As diferenças existentes na forma das cabeças é bem evidenciada pelas figs. 1 e 4.

Os fêmures do par posterior de *Menacanthus brachygaster* não apresentam o aglomerado de cerdas existentes em *Menacanthus arctifasciatum*, e a porção ventral do abdômen desta espécie apresenta um número muito maior de cerdas que a espécie de Giebel. Damos abaixo algumas medidas de *M. arctifasciatum*:

Fêmea

	<i>comprimento</i>	<i>largura</i>
Cabeça	0,380 mm	0,560 mm
Protórax	0,200 mm	0,450 mm
Metatórax	0,220 mm	0,540 mm
Abdômen	1,274 mm	0,920 mm
Total	2,080 mm	—

Macho

	<i>comprimento</i>	<i>largura</i>
Cabeça	0,350 mm	0,520 mm
Protórax	0,160 mm	0,350 mm
Metatórax	0,184 mm	0,380 mm
Abdômen	1,160 mm	0,540 mm
Total	1,720 mm	—

***Microctenia soaresi*, n. sp.**

(Figs. 10 a 16)

HOSPEDADOR TIPO: *Crypturellus n. notivagus* (Wied), proveniente do rio S. José, Estado do Espírito Santo, Brasil.

ESPÉCIMES EXAMINADOS: Um macho colecionado no hospedador tipo por B. M. Soares, em 15-IX-1942; uma fêmea colecionada pelo mesmo Sr. em hospedeiro idêntico, com a mesma procedência, em 22-IX-1942.

Descrição. — Fêmea:

Cabeça mais larga que longa, apresentando o contorno um tanto irregular; têmporas salientes; occiput reintrante. Lojas an-

tenais profundas; palpos maxilares com o comprimento ultrapassando as bordas da cabeça; saliência ocular distinta e dupla. Manchas de cor castanho escura e bastante conspícuas. De cada lado da linha mediana da borda frontal, na superfície dorsal, encon-

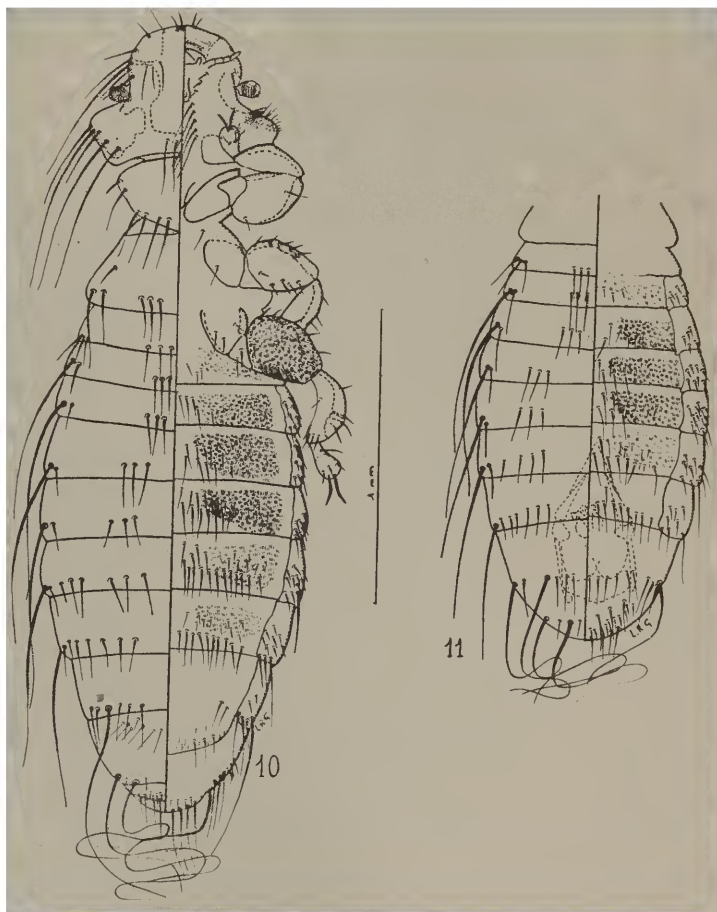


Fig. 10 - *Microctenia soaresi*, sp. n. Fêmea.

Fig. 11 - *Microctenia soaresi*, sp. n. Abdômen do macho.

tram-se 7 cerdas pequenas; na borda lateral, ao nível da implantação da antena, encontram-se 4 cerdas de comprimento regular e uma longa; nas bordas das têmporas encontram-se $3/4$ cer-

das pequenas e 4 bastante longas; ao nível do occiput duas de comprimento médio; na superfície dorsal encontram-se ainda 4/5

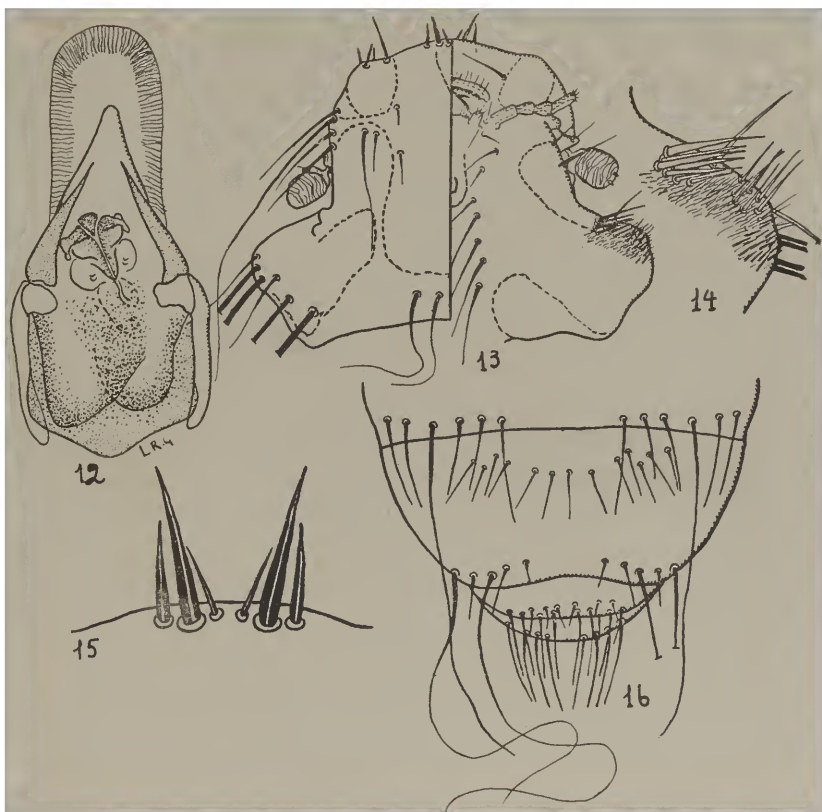


Fig. 12 - *Microctenia soaresi*, sp. n. Aparelho copulador do macho.

Fig. 13 - *Microctenia soaresi*, sp. n. Cabeça da fêmea.

Fig. 14 - *Microctenia soaresi*, sp. n. Região temporal da cabeça da fêmea.

Fig. 15 - *Microctenia soaresi*, sp. n. Região frontal da cabeça da fêmea.

Fig. 16 - *Microctenia soaresi*, sp. n. Extremidade posterior do abdômen da fêmea (vista dorsal).

cerdas de comprimentos diversos. Na superfície ventral, além de diversos pares localizados ao nível da região gular, encontram-se,

nas têmporas, tufos de cerdas de tipos e tamanhos diferentes.

Protórax mais estreito que a cabeça, apresentando as bordas látero posteriores um tanto angulosas, acompanhadas de 10 cerdas de comprimentos iguais; uma cerda mais curta em cada ângulo látero anterior. Como o protórax, o metatórax é mais largo que longo, de lados divergentes, com 5 cerdas de cada lado da linha mediana da borda posterior. As patas são relativamente curtas, porém, robustas; suas faixas são largas e conspícuas; a porção distal das tíbias do par anterior apresenta um tufo de numerosas e finas cerdas; como em *M. tibialis* Kêler, o prosterno é saliente e os fêmures do par posterior apresentam-se revestidos por pequenos pentes constituídos por agrupamentos de minúsculas formações denticuladas.

Abdômen longo, de forma oval e apresentando nítida separação entre os diversos segmentos; as bordas laterais dos segmentos são levemente arredondadas e guarneçadas de cerdas longas, localizadas nas proximidades dos ângulos látero posteriores. O 9.º segmento apresenta, na superfície dorsal, além das cerdas da borda posterior, uma fileira de 12/13 cerdas finas e delicadas, dispostas em meia lua. Segmento terminal arredondado e bordejado por 8 cerdas de comprimento médio. Os esternitos apresentam um número variável de cerdas e são revestidos pelas minúsculas formações denticuladas que, entretanto, tornam-se mais nítidas nos segmentos 3.º, 4.º e 5.º. A borda da região genital, que no nosso exemplar se acha levemente deslocada, é arredondada e apresenta 3/4 cerdas de cada lado.

Macho:

Em sua forma geral o macho é muito semelhante à fêmea. É, entretanto, menor e o seu abdômen se apresenta de forma menos oval. Com exceção dos segmentos distais do abdômen e dos esternitos, a quetotaxia é idêntica à da fêmea. Êstes últimos se apresentam menos pilosos que os da fêmea, e como os desta, são revestidos pelas formações denticuladas que se tornam mais conspícuas nos 3.º, 4.º e 5.º esternitos. O aparelho copulador é bastante característico como se pode vêr pela fig. 12.

Mensurações:

	Holótipo fêmea		Alótipo macho	
	<i>comprimento</i>	<i>largura</i>	<i>comprimento</i>	<i>largura</i>
Cabeça	0,453 mm	0,650 mm	0,425 mm	0,550 mm
Protórax	0,270 mm	0,467 mm	0,212 mm	0,425 mm
Metatórax	0,326 mm	0,650 mm	0,255 mm	0,623 mm
Abdômen	1,700 mm	0,950 mm	1,330 mm	0,807 mm
Total	2,690 mm	—	2,250 mm	—

TIPOS: Holótipo fêmea sob n.º 45.460 e alótipo macho sob n.º 45.461, nas coleções do Departamento de Zoologia.

DISCUSSÃO TAXINÔMICA: Esta espécie é bastante semelhante a *Microctenia tibialis* Kéler, tanto em relação aos caracteres morfológicos como quanto ao comprimento. A quetotaxia e a estrutura do aparelho copulador do macho, entretanto, a caracteriza perfeitamente, diferenciando-a da espécie de Kéler. *Microctenia soaresi* n. sp. apresenta 3 cerdas de comprimento médio em cada lado da porção mediana e próximo a esta dos segmentos abdominais 1.º a 5.º e do metatórax; *Microctenia tibialis* Kéler, apresenta apenas duas. A superfície dorsal do 9.º segmento abdominal da fêmea de *M. tibialis* apresenta diversas cerdas pequenas esparsas em sua superfície, enquanto que em *M. soaresi* n. sp., este tergito apresenta apenas uma fileira de cerdas finas, porém, bem mais longas que as de *M. tibialis*. Os esternitos da fêmea de *M. soaresi* n. sp., apresentam-se muito mais pilosos que os de *M. tibialis*. O aparelho copulador do macho, embora obedecendo ao mesmo aspecto geral do de *M. tibialis*, é bem diferente; os parâmeros da nova espécie não são tão afilados nem tão longos como em *M. tibialis*; a placa basal (?) apresenta a porção anterior muito mais afilada; o corpo mediano apresenta-se mais curto e mais largo. A estrutura estriada, localizada anteriormente à placa basal, é muito pouco visível em nosso material.

O nome desta espécie é dado em homenagem ao seu coletor, Dr. B. M. Soares, nosso prezado companheiro de trabalho.

Microctenia tibialis Kéler.

Microctenia tibialis Kéler, 1939, Arb. morph. taxon. Ent. Berlin-Dahlen, Band 6, n.º 3, p. 251, figs. 22 e 23.

O material que serviu para a descrição de Kéler foi coletado em *Tinamus solitarius*. Examinando peles de *Tinamus tao tao*, tivemos oportunidade de encontrar, por diversas vezes, exemplares machos e fêmeas que identificamos como *Microctenia tibialis*, embora as estruturas do aparelho copulador dos ♂ se apresentem levemente diferentes da figura dada por Kéler.

A B S T R A C T

In this paper de A. deals with the Mallophaga of the family *Menoponidae* from Tinamiformes and describes a new species, *Microctenia soaresi* n. sp., found on *Crypturellus n. notivagus* (Wied), from Espírito Santo, Brazil.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO BRASIL

SÔBRE AS AVES DO DISTRITO DE MONTE ALEGRE,
MUNICÍPIO DE AMPARO (SÃO PAULO, BRASIL)

POR

OLIVERIO PINTO

I

INTRODUÇÃO

Chamado a colaborar nos estudos a que atualmente se procedem sôbre o aspecto físico e riquezas naturais da região de Monte Alegre, tem o Departamento de Zoologia enviado vários técnicos àquela pequena localidade, com o intuito de investigar-lhe as condições ecológicas e colecionar os exemplares necessários a um levantamento faunístico. Monte Alegre, cuja localização corresponde a 22°40' de longitude a oeste de Greenwich, é ainda uma pequena cidade, pertencente ao município de Amparo e situada a nordeste do estado de São Paulo, em região muito montanhosa, subordinada à grande serra da Mantiqueira. O colecionamento de Mamíferos e Aves foi confiado ao snr. José Leonardo de Lima, taxidermista da repartição, com experiência longa em missões desta natureza. As aves, de que particularmente se ocupa o presente trabalho, constituem, como era de prever, a parte mais importante do material coligido, no que respeita pelo menos ao número e variedade de formas.

É óbvio que para o conhecimento rigoroso da composição avifaunística da zona seriam necessários alguns anos de atividade no lugar. Só uma longa permanência poderia permitir uma coleta sa-

tifatória, não só dos elementos constantes ou banais, como também dos visitantes esporádicos. Não sendo, porém, materialmente possível realizar este ideal, tracei o plano de visitas sucessivas à localidade, intervaladas aproximadamente de quatro meses, e distribuídas de modo a surpreender, na medida do possível, as variações decorrentes das estações e consecutivas mudanças nas condições climáticas.

Fez o snr. Lima em Monte Alegre uma primeira excursão em meados do ano transacto (1942), demorando-se de 17 de julho a 7 de agosto. Foi conseguida boa representação das espécies mais comuns (ao todo 133 exemplares), além de algumas peças preciosas, pela sua maior raridade ou beleza de plumagem.

Orientando-se pelas informações dos moradores e fazendeiros e guiando-se pelo mapa topográfico de que se munira, procurou o colecionador visitar os pontos mais recomendados, a despeito das dificuldades criadas, tanto pela sua situação, quase sempre no alto de elevadas montanhas, como pela sua distância do povoado, onde houve necessidade de fixar a sede dos trabalhos.

A segunda visita de Lima teve muito curta duração e foi empreendida na entrada da estação mais quente, entre 23 de novembro e 3 de dezembro. Seus resultados, no que se refere às Aves, foram, forçosamente muito menores do que os da primeira, devido também em grande parte às chuvas, que se tornam continuadas e impetuosas no curso da estação referida.

Objetivos especiais abreviaram o intervalo que conviria guardar antes da terceira excursão, pelo que já em 13 de janeiro regressava o snr. Lima a Monte Alegre, onde desta feita permaneceu durante mais de um mês (até 17 de fevereiro), conseguindo algumas novidades com referência às viagens anteriores.

Ao fazer o estudo do material trazido e das observações feitas nestas excursões, convenci-me da utilidade de conhecer pessoalmente a localidade, a que só fizera rápida visita, por ocasião da primeira viagem do colecionador. Assim, a 8 de maio (1943), acompanhado deste último, seguí para Monte Alegre, aproveitando uma temporada propícia de dias muito claros e temperatura agradável. Das observações e episódios desta viagem dou pormenorizado relatório no diário que se segue.

II

CONSIDERAÇÕES GERAIS SÔBRE O RESULTADO
DAS EXCURSÕES

Do exâme global das coleções ornitológicas realizadas, e levadas ainda em conta as espécies que afirma o colecionador ter observado, sem delas conseguir exemplares representativos, fica a impressão de que a região em estudo é, do ponto de vista ornitológico, uma das mais devastadas e empobrecidas do Estado de São Paulo. Isso está, de certo, em relação com a destruição quase completa das matas que deviam outrora cobrir grande parte do seu solo, destruição esta tanto mais nociva quanto se processou especialmente na orla dos rios, de cuja mata ciliar já hoje não existe o menor vestígio. Não se possuem informações sôbre a extensão e importância que teriam primitivamente as matas do distrito; mas, atenta a composição e relevo do solo, é de crêr não fossem elas muito diversas das existentes nas zonas montanhosas do interior de São Paulo e quiçá comparáveis, no que respeita à vida animal, às de Ipanema, cuja assombrosa riqueza faunística foi atestada em começos do século findo, pelas explorações de Natterer. Seja como fôr, devem ter-se como de formação secundária, ou meramente residuais, as matas atualmente existentes, não obstante muitas vezes pareçam reproduzir a primitiva sinécia, segundo se depreende do estudo fitofisionômico da região, realizado por Kuhlmann. ⁽¹⁾

Uma das fazendas que conservam maior extensão de matas é a de Santa Izabel, situada pouco ao norte da cidade, em terrenos cuja altitude oscila ordinariamente entre 800 e 900 metros. Infelizmente, por ser muito penosa a subida às montanhas em cujo cimo principalmente se localizam os seus 100 alqueires de matas, só poucas buscas permitiram realizar nestas reservas. Matas de relativa importância ainda existem nas fazendas Bom Jesus e Santa Maria, a primeira muito perto da cidade e a segunda ao norte do distrito, ambas em terreno montanhoso e de muito difícil acesso, especialmente a última. Na fazenda Ponte Alta, há também uma

⁽¹⁾ M. Kuhlmann, *Observ. ger. e Contrib. ao estudo da Flora e Fitofisionomia do Brasil* (Instituto de Botânica de São Paulo), V, 1943.

reserva, onde as aves gosam da proteção do proprietário, que mantém a caça permanentemente interdita.

Os meses que se supõem mais remuneradores à atividade do colecionador são os de verão, até abril, quando as primeiras ondas de frio começam a acossar a população alada, tangendo os pássaros migratórios para as zonas mais baixas e de clima mais benigno. É também a época em que a maturação dos frutos atrai aos pomares e chácaras o bando de pássaros frugívoros, em número todavia assaz limitado de espécies, conquanto bastante abundantes em indivíduos.

Certos pássaros sabidamente migrantes parece visitarem a zona apenas muito passageiramente, à entrada do verão. Neste número merece referência particular a “tesoura” (*Muscivora tyrannu tyrannus* (Linnaeus)), cujos numerosos exemplares foram todos coligidos na segunda quinzena de janeiro (entre os dias 16 e 23), e que já em fevereiro não era mais vista.

Interessante achado ornitológico, fruto ao que parece de mero encontro accidental, foi a de um lindo macho adulto do “gaturamo rei” (*Tanagra musica aureata* Vieil.), obtido em 27 de julho (1942). É passarinho de larga distribuição na América meridional quente e temperada, mas, pelo menos no Brasil, só muito raramente colecionado.

III

DA AVIFAUNA SILVESTRE

Muito mais sensível do que a dos campos, está quase inteiramente extinta no distrito de Monte Alegre a avifauna da mata propriamente dita. Não lhe bastaram para preservar a existência a conservação de umas poucas reservas de floresta, todas de dimensões bastante limitadas, além de isoladas e circunscritas no seu âmbito, circunstâncias a que acresce a situação desfavorável nos lugares elevados, onde a água às vezes falta de todo.

Mais porém do que os fatores climáticos e geográficos, a perseguição insensata pelos caçadores deve ter sido a causa principal do aniquilamento quase completo da primitiva fauna silvestre da zona estudada. Assim é que o maçuco (*Tinamus solitarius* (Vieillot)), desapareceu de todo, desde tempo imemorial, e que o

mesmo está prestes a acontecer com os jacús (*Penelope supercilialis jacupemba* Spix), dos quais um ou outro indivíduo desgarrado se observa, atraído pela abundância eventual de alguma fruta. Conforme pude eu próprio verificar, identificando-o pelo canto, nas matas da Fazenda Santa Izabel existe ainda com relativa abundância o inambú-guassú (*Crypturellus obsoletus obsoletus* (Temmm.)). Consta existirem também as duas espécies menores do gênero, o inambú-chororó (*Crypturellus parvirostris* (Wagler)) e o chintã (*Crypturellus tataupa tataupa* (Temmm.)), o que não pude todavia confirmar.

Quase desertas que atualmente são, pelas razões anteriormente expostas, as poucas reservas de mata da zona de Monte Alegre conservam ainda assim alguns testemunhos da fauna que nelas vivia em outros tempos. *Pyriglena leucoptera* (Vieillot), por exemplo, representada na coleção por um exemplar da Fazenda Boa Vista (13 de fevereiro), é passarinho tipicamente da mata, onde frequentemente aparece dando ativa caça às baratas, grilos e gafanhotos, que as correições de formigas carnívoras expulsam de seus esconderijos. Observa-se ainda, com relativa frequência, o dansador ou tangará (*Chiroxiphia caudata* (Shaw)), um dos pássaros mais encontrados nas matas de nosso estado, como também *Conopophaga lineata lineata* (Wied), ou chupa-dente, elegante avezinha, que o príncipe de Wied foi o primeiro a descrever. São também pássaros silvestres, entre outros, *Hypoedaleus guttatus* (Vieil.), *Dysithamnus mentalis mentalis* (Temmm.), *Dryophila ochropyga* (Hellm.), *Platyrinchus mystaceus mystaceus* (Vieil.) e *Trichothraupis melanops* (Vieillot).

Menção particular merece ainda o sonolento e toleirão João barbudo (*Malacoptila striata striata* (Spix)), nunca encontrado fora da sombra da mata, onde representa o conhecido João bobo (*Nystalus chacuru* (Vieil.)), que vive nos lugares abertos e ocorre também em Monte Alegre. A alma de gato (*Piaya cayana macroura* Gambel), que na mata representa os anuns, é rara na zona, estando representada na coleção por um exemplar. Não foi porém observado nenhum representante das famílias dos momótidas (juruvás) e dos troglonídeos (surucuás), características da avifauna de nossas matas virgens.

Com serem dos pássaros mais comuns e muito peculiares à

avifauna silvestre indígena, é muito digna de nota a ausência quase absoluta de dendrocoláptidas. Desta vasta e importante família apenas foi colecionado um mesquinho representante (*Sittasomus griseicapillus sylviellus* (Temm.)), em princípios de maio. Esse fato deve prender-se à ausência hoje das velhas árvores ou troncos apodrecidos, nas frinchas de cuja casca costumam esses pássaros procurar as larvas e insetos de que se nutrem, grimpendo à maneira de pica-paus (*Picidae*). Estes também praticamente não existem, provavelmente pelas mesmas razões.

IV

DAS AVES MAIS COMUNS NO DISTRITO E SUAS RELAÇÕES COM A AGRICULTURA

Na ornis da região predominam, como é natural, as espécies acéfiçoadas ao convívio do homem, na primeira linha das quais se destaca o tico-tico (*Zonotrichia capensis subtorquata* Swainson), pássaro de sobra conhecido; e o pardal europeu (*Passer domesticus* (Linn.)), ave importada e de hábitos estritamente citadinos; que, à força de se multiplicar excessivamente, vem comprometendo cada vez mais a vida de seu companheiro indígena, incapaz de sempre vantajosamente com ele competir na luta pela existência. Vêm em segundo lugar os pássaros frugívoros comuns nos pomares do interior, dos quais o mais vulgar e abundante é incontestavelmente o sanhaçu, ou sanhaço (*Thraupis sayaca sayaca* (Linn.)), ávido comedor de goiabas e mamões; a que vêm ter também frequentemente as saíras, especialmente a *Tangara cayana chloroptera* (Vieil.), quase tão comum quanto ele.

A posição desses e outros pássaros frequentadores das zonas habitadas, no tocante à vida humana e aos interesses da agricultura, varia de espécie a espécie, abrindo às vezes margem à controvérsia. Neste particular, não há questão mais debatida do que a dos malefícios ocasionados pelo pardal, em confronto com os serviços que também nos presta. Este pássaro é tido, não sem fundamento, como o maior flagelo das plantações hortícolas, onde não se limita a devorar as plantazinhas tenras, mas chega ao ponto de destruir as sementeiras, exgravatando o solo com o bico e as patas; mas, por outro lado, para criar os filhotes, faz prodigioso

consumo de larvas e de pequenos insetos, expurgando assim as lavouras de muitas pragas. Nos Estados Unidos, que é onde mais a fundo se investigou o assunto, chegou-se à conclusão de que, pesados todos os elementos, é o pardal muito mais prejudicial do que benéfico à agricultura. Baldados foram porém todos os meios tentados para extirpá-lo, conseguindo-se, quando muito, restringir-lhe multiplicação demasiada. Com o nosso tico-tico o caso difere, sendo as opiniões unânimes a seu favor, não obstante ser possível responsabilizá-lo ocasionalmente por alguns danos infligidos às plantações.

No que se refere às aves frugívoras, é fóra de dúvida que às vezes ocasionam reais malefícios aos nossos pomares, perseguindo com predileção determinados frutos, alguns dos quais, como os figos, goiabas e mamões, não lograriam em certos sítios amadurecer, intactos, se não fossem devidamente protegidos pelo lavrador.

Com os sanhaços e saíras, acima referidos, concorrem outros pássaros, mais ou menos comuns na zona de Monte Alegre. A cambica (*Coereba flaveola chloropyga* (Caban.)), protegida pelas suas exíguas dimensões, aventura-se a frequentar os jardins da própria capital. Como os beija-flores, gosta muito de haurir a secreção açucarada das flores; mas não poupa também os frutos saborosos das jaboticabeiras, videiras e outras árvores frutíferas. Dos sabiás, muito vegetarianos em seu regime alimentar, mas ainda assim mais úteis que nocivos, ocorrem em Monte Alegre o sabiá branco (*Turdus amaurochalinus* Caban.) e o sabiá laranjeira (*Turdus rufiventris rufiventris* Vieil.). Este último, é, aliás, bastante comum em quase todo o estado e, no verão, encontradiço até nos parques da nossa capital.

Entre os pássaros de vida livre que mais perto convivem conosco, apontam-se as andorinhas e a curruíra ou garriça. A andorinha grande (*Progne chalybea domestica* (Vieil.)) está representada na coleção de Monte Alegre por dois exemplares de fevereiro, ao passo que da pequena existem seis exemplares de meses vários, donde parece concluir-se ser esta muito mais constante ou numerosa do que a primeira. *Stelgidopteryx ruficollis ruficollis* (Vieil.) é andorinha campestre, também representada na coleção

por dois exemplares, colecionados no verão (novembro e janeiro). Tanto as andorinhas, como a curruíra (*Troglodytes musculus musculus* Naum.) contam-se entre os passarinhos mais eminentemente úteis ao homem, graças à quantidade prodigiosa de insetos que devoram.

Das andorinhas, com que efetivamente se assemelham quando voam nas alturas, não sabe distinguir devidamente o vulgo os cipsélidas, aves das mais prestadias, por isso que se alimentam exclusivamente de insetos, capturados em pleno vôo. Nenhum representante da família foi colecionado; mas afirma o snr. Lima ter reconhecido duas espécies, das que é frequente ver-se em certas estações do ano nos arrabaldes de São Paulo. A maior deve ter sido provavelmente o taperussú (*Streptoprocne zonaris* (Shaw)), que vive, como as suas similares, agarrada à parede áspera e rochosa dos saltos e cachoeiras.

Bastante comuns, conquanto mais esquivos, por isso que só raramente se acercam das habitações, são os anuns, auxiliares não menos prestantes do homem na luta contra os insetos nocivos. O anum preto (*Crotophaga ani* Linn.) é ordinariamente muito mais frequente do que o branco (*Guira guira* (Gmelin)); mas este, certamente de passagem, se aventura a visitar até os grandes centros populosos, onde nunca aparece o seu companheiro de escura plumagem. Cigarras e principalmente gafanhotos formam a base do regime alimentar habitual do anum branco, pelo que é ave merecedora da maior proteção de nossa parte. Larvas de lepidópteros e lagartas de outra espécie entram ainda em larga conta na alimentação dos anuns, como também na de um outro cucúlida, o papa-lagartas (*Coccyzus melacoryphus* Vieillot), muito menos comum, mas também representado na coleção de Monte Alegre.

Em oposição a estes auxiliares, as lavouras são frequentadas por algumas aves mais ou menos danosas à produção. Desse ponto de vista, depois do pardal, a ave mais nociva na zona que estudamos talvez seja o chopim (*Molothrus bonariensis bonariensis* (Gmelin)), mais conhecido em certas regiões pela alcunha de papa-arroz, já de si bastante expressiva. Os psitácidas pequenos, tão prejudiciais a certas culturas nas zonas menos desbravadas, provam ser ali de ocorrência rara e desprezível. Na coleção está re-

presentado apenas um único membro da família, o menor de todos o tuim (*Forpus passerinus* Linn.), espécie inocente, que ocorre em todo Brasil, diferenciada em cinco raças levemente distintas. Nem mesmo os periquitos, de que uma espécie (*Tirica tirica* (Gmelin)) visita anualmente as palmeiras dos jardins e parques da cidade de São Paulo, figura na serie em estudo; mas devemos ter como certa a sua ocorrência no distrito em estudo.

Muito abundantes nos capinzais e gramados naturais de Monte Alegre são os papa-capins (*Sporophila caerulescens caerulescens* Vieil.), frequentemente acompanhados pelo bigodinho (*Sporophila lineola* (Linn.)) e não menor número de vezes pelo tsiu (*Volatinia jacarina jacarina* (Linn.)), todos grandes comedores dos frutos minúsculos das plantas onde vivem. Passarinho também bastante comum na zona é ainda o canário (*Sicalis flaveola brasiliensis* (Gmelin)) e, depois dele, o pintassilgo (*Spinus magellanicus ictericus* (Licht.)), ambos muito procurados como pássaros de viveiro e apartamento. Todavia, de acordo com testemunhos fidedignos, observou-se anos atrás uma visível diminuição na frequência deste último, coincidindo o seu retorno com o crescimento das plantações de pinheiros (*Araucaria angustifolia*) praticadas em vários pontos, inclusive nos arredores da própria cidade. A este propósito, é fato digno de atenção o grande paralelismo que se observa no Brasil meridional, entre a área de dispersão do pintassilgo e a daquela conífera, cujo domínio geográfico abrangia primitivamente uma extensão assaz considerável, contribuindo até para caracterizar uma zona florística perfeitamente definida.

O joão de barro (*Furnarius rufus badius* Licht.), de alegre presença em todas as fazendas do inferior, é também na zona pássaro sedentário, de que vários exemplares foram coligidos, tanto no inverno como no verão.

Não foi verificada a ocorrência de nenhuma das nossas grandes pombas silvestres; mas, segundo informações, não deve ser rara a chamada pomba do ar (*Columba rufina sylvestris* (Vieil.)), que de suas congêneres é a única verdadeiramente espalhada em São Paulo. Ouve-se com frequência, na mata, o canto das juritís, provavelmente da espécie *Leptoptila verreauxi ochroptera* Pelzeln. São comuns, tanto a rolinha côr de telha (*Columbigallina talpacoti tal-*

pacoti (Temm.)), como a fogo-apagou (*Scardafella squammata* (Lesson)). Ambas se podem tornar acidentalmente prejudiciais, devorando sementes; mas, as mais das vezes, é relativamente fácil coibir-lhes os abusos.

Da multidão de aves pequenas, que pelo regime predominantemente insetívoro devem considerar-se bons auxiliares do homem dos campos, encontram-se representados na coleção vários exemplares que convem salientar. Tais são o benteví comum (*Pitangus sulphuratus maximiliani* Caban.), o suiriri (*Tyrannus melancholicus melancholicus* (Linn.)), a marid'-é-dia (*Elaenia flavogaster flavogaster* (Thunb.)), o sanacocá ou choquinha (*Thamnophilus caerulescens caerulescens* (Vieil.)), etc.

Os bacuraus, aves estritamente insetívoras e de grande voracidade, acham-se representadas na série pela mais ubíqua das espécies indígenas (*Nyctidromus albicollis derbyanus* Gould), a mesma que à noite é costume vêr-se pousada no leito limpo das estradas e caminhos próximos das matas e capoeiras, onde se oculta durante o dia, silente e imóvel entre as folhas caídas, ou junto a algum tronco, admiravelmente camuflado pela sua plumagem mimética. Observou também o snr. Lima outro caprimúlga de vôo largo, que penso deva ser alguma das espécies do gênero *Chordeiles*; é, porém, muito provável a ocorrência ainda de outras espécies, não identificadas.

Falta à coleção qualquer representante das aves de rapina, demasiadamente ariscas para que se deixassem surpreender pelo caçador. Foram entretanto observados pelo snr. Lima numerosos representantes do grupo, entre os quais muitas espécies puderam ser devidamente identificadas. Estão neste caso: o caracará (*Milvago chimachima* (Vieil.)) e o carancho (*Polyborus plancus* (Miller)), gaviões banais em tôdas as zonas cultivadas; o quirí-quirí (*Cerchneis sparverius eidos* (Peters)), muito mais ousado que os primeiros, pelo que não teme frequentar, também as aglomerações urbanas, onde fazem do pombo doméstico alimento predileto; o gavião carijó (*Rupornis magnirostris magniplumis* (Bert.)), espécie silvestre, comum na orla da mata, sempre à espreita dos roedores e passarinhos de que faz larga destruição, equilibrando dificilmente os benefícios com os prejuizos que causa. Observou tam-

bém o sr. Lima o soví, ou gavião saúveiro (*Ictinia plumbea* (Gmelin)), grande devorador das saúvas, por ocasião de cujo vôo nupcial costumava afluir em bandos às fazendas e sítios do interior. Está no mesmo caso *Elanus leucurus leucurus* (Vieil.), que me lembro de ter visto nas imediações do Butantã, na curiosa atitude que lhe valeu no nordeste do Brasil o nome expressivo de gavião peneira, ou simplesmente peneira. Por fim, embora o fato me pareça duvidoso, afirma o sr. Lima, ter ouvido também o grito característico do acauã (*Herpetotheris cachinnans queribundus* Bangs & Penard), gavião serpentívoro, utilíssimo no combate às serpentes venenosas e notável pelas sonoras gargalhadas que dá, quando surpreendido de inopino pelo caçador, ou simples viandante.

Como em toda parte, é comum em Monte Alegre o urubú comum (*Coragyps atratus foetens* (Licht.)); o urubú de cabeça vermelha (*Cathartes aura ruficollis* Spix), muito mais campestre e menos necrófago em seu regime, concorre com ele no expurgo dos pastos.

De entre as corujas foram colecionadas duas espécies, uma estritamente campestre (*Speotyto cunicularia grallaria* (Temm.)) e outra exclusivamente afeiçoada à sombra da mata (*Otus choliba choliba* (Vieil.)). Aquela, vulgarmente conhecida por coruja buraqueira ou caburé do campo, é ave diurna, que se vê frequentemente nos pastos, posada em algum montículo, ordinariamente ninho de cupim (*Termita*), vizinho à toca onde vive e cria os filhotes. Como a generalidade dos membros da família, são iminentemente úteis, a primeira pelos insetos que devora e a última pela caça movida aos roedores daninhos.

Ficaria incompleta esta resenha das aves mais comuns si não se mencionassem os beija-flores, de que nada menos de nove espécies foram colecionadas. São dos mais comuns o beija-flor grande de rabo bifurcado (*Eupetomena macroura macroura* (Gmelin)); o de suissas purpurinas (*Colibri serrirostris* (Vieil.)), e a pequena *Agyrtrina lactea* (Lesson). Também não são raros o beija-flor preto (*Melanotrochilus fuscus* (Vieil.)), o de rabo branco (*Anisoterus pretrei* (Del. & Lesson)), cuja eventual visita aos nossos jardins e alpendres floridos é por vezes tão mal recebida pelas pessoas superstitiosas.

V

DA RECONSTITUIÇÃO DA FAUNA
E DO REPOVOAMENTO DAS MATAS

Depois da coberta de vegetação, a primeira condição para a existência de aves e mamíferos silvestres é a água abundante e constantemente renovada das nascentes e dos rios. Pelo que qualquer tentativa de repovoamento será infrutífera em reservas a que falte esse elemento capital, impossível de conseguir fora dos vales naturais, a não ser que a abundância das precipitações garanta dele um afluxo permanente, como acontece em toda a cadeia marítima este-brasileira.

O esforço de reconstituição da fauna indígena, complemento natural do reflorestamento que se projeta, devem incidir preferentemente nestas espécies silvestres de grande valor alimentar. O êxito porém de qualquer tentativa neste sentido depende, em primeira linha, do modo pelo qual se proceda a reconstituição do revestimento vegetal, em que se deve ter em mira, tanto quanto possível, introduzir e multiplicar as espécies peculiares à flora primitiva, respeitando-lhes a existência promíscua em que naturalmente existiriam, sem exceção mesmo das que a primeira vista nos pareçam indiferentes ou nocivas.

Tão misteriosas e intrincadas são as relações garantidoras da harmonia entre os seres vivos, que as mais insignificantes alterações no meio podem refletir em prejuízo da existência destes últimos. Isso se rerere ao caso em que se tenha em mira verdadeiramente a restauração da fauna e flora nativas; porque, no tocante à primeira, é sempre possível, em condições mais ou menos artificiais, experimentar a multiplicação preferencial de certas espécies, submetendo-as a um processo gradual de domesticação. Todavia, muito pouco ou quase nada tem o homem civilizado conseguido neste terreno. As espécies domésticas, no sentido rigoroso do termo, ingressaram no convívio do homem em épocas muito remotas, quando o nomadismo das primitivas tribus evoluiu gradualmente para a vida sedentária das tabas e das aldeias, conservando porém ainda intimidade estreita com a natureza, de que em tudo diretamente dependia.

No que toca à generalidade das espécies mais notáveis da

fauna alada indígena, só há um meio de presservá-la da extinção completa e definitiva. É a manutenção de grandes reservas de mata natural, em que possam se multiplicar a vontade, livres dos caçadores e de outros inimigos seus, satélites do homem.

Dou a seguir a lista sistemática das aves colecionadas pelo snr. Lima, nas três excursões que fez a Monte Alegre.

V I

DIÁRIO E NOTAS DA EXCURSÃO REALIZADA PELO AUTOR A MONTE ALEGRE EM MAIO DE 1943

Saí de São Paulo no dia 9, domingo, às 13 horas, pela trem de ferro. Na véspera, já o snr. José de Lima havia seguido para Monte Alegre, em caminhão automovel pertencente ao Departamento de Zoologia.

Ao deixar a capital toldava o firmamento densa cortina de nuvens, como é frequente acontecer durante o inverno em toda região sujeita ao clima da serra marítima; depois de Judiai, o céu começou a clarear, permitindo dentro de pouco que o sol aparecesse francamente, para júbilo do viajante, ávido de admirar a paisagem. Mais adiante, porém, não muito longe de Campinas, começaram novamente as nuvens a adensar-se cada vez mais, assim continuando até Monte Alegre, onde cheguei às 18 e meia horas, hospedando-me no único hotel.

A noite operou-se de novo brusca mudança no estado atmosférico; fortes rajadas do sul entraram a soprar ininterruptamente, limpando-se de todo o céu e começando a fazer intenso frio.

O dia 10 amanheceu muito claro. Graças à pouca umidade ambiente, a temperatura nada tinha de desagradável, isso a despeito da sombra projetada pelas montanhas, que não permitem aos raios do sol nascente banhar diretamente a localidade, situada no vale, à margem do rio Camanducaia. Breve nos puzemos a campo com as nossas espingardas, rumando para a Fazenda Ponte Alta, de propriedade do snr. Sebastião Siqueira, onde, na tombada da montanha, existe boa reserva de mata. A caminho, já perto da sede, um grupo de machadeiros se ocupava em derrubar pujante cedro, dos poucos que ainda se vêm, isolados, no espaço limpo dos pastos. Aqui a mata parece resto da floresta primiti-

va, mas grandemente despojada das arvores maiores. Subindo a íngreme escarpa por entre o cafezal que sôbre ela se estende, entramos na mata pela sua extremidade mais alta. Aí, o silêncio seria completo si o vento não continuasse a soprar forte, agitando a folhagem, ou fazendo ranger, pelo atrito, algum tronco de encontro ao vizinho. Depois de paciente expectativa, alguns imprudentes pipilos nos advertiram da presença de um pássaro, que o snr. Lima não tardou a descobrir por entre a sombra da galharia, abatendo-o para a coleção. Tratava-se de um *Sittasomus*, da espécie que Temminck batizara com o nome de *sylviellus*. É pássaro que nada tem de raro nas nossas matas; mas, ainda assim, exultei com o achado, pois além de não ter sido colecionado nas excursões anteriores, era o primeiro representante da família dos dendrocoláptidas conseguido no distrito. Mais tarde, descendo sempre pelo interior da mata, novo canto de pássaro perto de nós dava a Lima a oportunidade de atirar num bonito exemplar de *Schiffornis virescens* (Lafresn.), pássaro também novo para as coleções de Monte Alegre. A plumagem inteiramente verde em ambos os sexos, fá-lo difícil de descobrir por entre a folhagem. No laboratório examinei-lhe o conteúdo do estomago, encontrando, além de volumosa lagarta de lepidóptero, abundantes resíduos vegetais e, quase intacta, uma frutinha maior do que uma ervilha grande. Chegou depois a minha vez de atirar noutro passarinho desgarrado; era uma fêmea de *Thamnophilus caerulescens* Vieillot, espécie das mais comuns nos cerrados e nas matas de nosso estado, onde o conhecem por nomes vários, como “choquinha”, “sanacocá”, etc. Deixa-se atrair muito facilmente, imitando-se com os lábios de encontro à mão o chiado de um pássaro ferido, ou aflito. É este, estratégia de que se servem todos os colecionadores, para chamar perto de si, ou arrancar ao mutismo em que se escondem, as espécies mais variadas. Vezes não raras, em lugar dos passarinhos, acode a semelhante apêlo algum gavião, que se precipita pressuroso e alvoroçado, na ânsia de descobrir aquilo que supõe uma presa ao alcance fácil de suas garras.

Nada mais conseguimos depois daí. Uma ou outra nota ouvia-se à distância e entre largos intervalos; mas nenhum outro exemplar adicional, ou simples observação digna de nota.

Foi também infrutífera a excursão que à tarde eu e o meu

companheiro fizemos na baixada adjacente à pequena corredeira do Camanducaia, na esperança de avistarmos algum habitante ribeirinho, saracura ou frango d'água. Ouvimos entretanto, ao cair do crepúsculo, cantarem no brejo alguns, por entre o labirinto das tabôas (*Typha* sp.) e os tufos de sapé (*Imperata brasiliensis* Trin.). No final, a família dos ráldas, a que pertencem, não forneceu nenhum representante às coleções de Monte Alegre. O vento, que soprava intenso todo o dia, amainou agora à tarde, permitindo resultados talvez melhores para o dia seguinte.

Na manhã de 11, com o céu inteiramente limpo e reinando temperatura ainda mais baixa do que no dia anterior, seguimos para a Fazenda Nossa Senhora da Encarnação, de que é proprietário o sr. Sebastião José de Carvalho e Castro, um dos mais antigos membros da laboriosa colônia lusa domiciliada no distrito. Fica ela do outro lado do Camanducaia, muito perto porém do povoado. Sua pequena reserva de mata começa pouco acima do cemitério e é muito fácil de atingir, graças ao caminho carroçável, que a princípio lhe acompanha a borda, contornando o morro, e depois penetra-lhe o interior, abrindo uma longa clareira. Ainda na estrada, pouco antes do cemitério, deram alerta alguns casais de chanchãs (*Colaptes campestris campestris* (Vieillot)), oferecendo a Lima oportunidade de obter para a coleção o primeiro exemplar da espécie. Infelizmente, tinha a plumagem no estado mais lastimável; além do grande desgaste, inteiramente untada com a secreção pegajosa do capim gordura, a que aderira espessa camada de carvão. E muito difícil conseguirem-se exemplares perfeitos deste pica-pau campestre onde as queimadas tenham carbonizado a espessa cortiça dos troncos que costumam visitar.

Os raios do sol atingem em cheio este lado do morro, penetrando francamente nas aberturas do caminho e fazendo cintilar as grandes teias da *Nephila clavipes* (Linnaeus), que, às dezenas, íamos encontrando durante todo o trajeto, e não raro nos detinham o passo. Como hoje não temos o vento da véspera, ouvem-se muito mais vozes de pássaros. Numa árvore pejada de frutinhas que não pude identificar, reúnem-se pássaros miúdos, das espécies frugívoras mais vulgares. Não é grande o número de indivíduos e menor ainda a sua variedade; predominam o sanhaço comum (*Thraupis sayaca sayaca* (Linn.)) e as saíras (*Tangara cayana*

chloroptera (Vieillot)), estas talvez mais numerosas do que os primeiros. Também apareceram diversos passarinhos da espécie *Hylophilus poicilotis poicilotis* (Temminck), já representada nas coleções anteriores, em numerosos exemplares. Não conseguí matar um lindo macho adulto de tangará dansador (*Chiroxiphia caudata* (Shaw & Nodder)); pude todavia, com facilidade, abater um exemplar com a aparência de macho jovem, mas que o exame anatómico provou ser uma fêmea, de certo muito velha. A meia subida, fomos surpreendidos com o muito conhecido concerto dos saás (*Callicebus nigrifrons* (Spix)), que nos pareciam nada distantes. O sr. Lima saiu logo à sua perseguição, com todas as cautelas possíveis; mas foi imediatamente pressentido pelos espertos macacos, que silenciaram, sem ao menos permitir que lhes avistassemos o pequeno bando, ou lhe ouvissemos sequer o ruído da fuga. A espécie era outrora comum em todas as matas e serrados do interior. Passarinho dos que aqui se avistam com grande frequência é *Basileuterus hypoleucus* Bonaparte. As numerosas espécies do gênero a que se filia divergem às vezes bastante, não só quanto à voz, como no habitat. *Basileuterus flaveolus* (Baird), dito “canarinho do mato”, cujo canto pouco difere do da espécie citada, é amarelo como o canário e não existe em São Paulo senão nas matas quentes do interior, onde aliás é comum. *Basileuterus leucoblepharus* (Vieillot), pelo contrário, é peculiar ao clima úmido da serra marítima e adjacências; ele se notabiliza pela voz forte e melodiosíssima, semelhante a um longo harpejo executado por mão de mestre. Pela mata, atingimos o alto do morro. Daí, olhando para o nascente, descortinávamos esplêndido cenário de montanhas, cujo ponto culminante, alto de mais de 1.300 metros, é constituído pelo pico da Serra Negra. Também à nossa frente, em plano mais próximo, viam-se os elevados morros da Fazenda Santa Izabel, abrigados ainda àquela hora dos raios diretos do sol e em grande parte cobertos de bela mata, que logo decidí conhecer na primeira oportunidade. Ficava de permeio o vale estreito do rio Camanducaia; seu trajeto é seguido pela estrada de ferro, evitados alguns meandros, em que seria desnecessário e oneroso acompanhá-lo. Tínhamos a cidade à nossa esquerda, no ponto em que o rio, fazendo uma grande curva, recebe as águas do Paiol de Telha. Contrastando com a côr mais desmaiada das ma-

tas nativas, aparece, num canto do quadro, o vasto pinheiral plantado pelo snr. Sebastião de Carvalho, na grande fazenda de que é proprietário. Menos elevado do que aquele em que nos achávamos, e separado apenas por nesga estreita de vale, resplendia ao sol a arredondada e nua superfície do morro onde a fé católica dos moradores de Monte Alegre fizeram erguer o monumento ao Cristo, à semelhança do que existe no pico do Corcovado.

Da eminência em que estávamos, podíamos contemplar o vôo magnífico do urubú caçador (*Cathartes aura* (Linnaeus)), que sem curvar sequer as grandes asas, dirige-se para onde lhe apraz, utilizando as correntes mais leves do vento. Escapam à percepção os movimentos de asa e cauda com que certamente se põem no melhor sentido de aproveitar a aragem, que se incumbe de impelí-los horizontal ou verticalmente, quando erram por montes e vales, esquadrinhando os campos, em busca de alimento escasso. E' então fácil distingui-lo do urubú comum, de cabeça preta (*Coragyps atratus foetens* (Licht.)), que é muito mais exclusivo no seu regime necrófago e, por isso mesmo, o único a ser visto nas cidades, à espreita, enfileirados nos muros dos quintais, ou descansando em grupo nas cumieiras dos telhados. No urubú de cabeça vermelha a asa tem perfil mais regular, talhado da base à ponta em curva harmoniosa, ao passo que no seu ignóbil companheiro as penas extremas daquele órgão divergem sensivelmente, destacando-se umas das outras, quase como os dedos da mão entreaberta. Mais apreciável é ainda a diferença quando se atenta na distribuição do claro e escuro no lado inferior da asa, que é, aliás, o único normalmente visível durante o vôo. No urubú caçador o branco é muito mais puro e ocupa larga faixa na metade posterior da asa, ao passo que no urubú comum só as extremidades são mais claras, e, ainda assim, bem pouco destacadas do preto geral. Este fato, cuja observação aliás salta aos olhos do observador menos atento da natureza, feriu a atenção de H. Krieg, por ocasião de sua última viagem ao Chaco paraguaio. Os desenhos que publicou a respeito, dele não dão todavia idéia muito nítida. ⁽²⁾

E' sempre mais interessante e agradável regressar por caminho

(2) Cf. Zeitsch. für die gesam. Naturw., Heft 8, p. 309 (1937).

diferente; a probabilidade aumenta de novos achados e o espírito se mantém vivace para novas observações. Por isso, para alcançar o vale, preferimos a encosta desnuda da colina. A empresa não seria nada fácil, visto a grande declividade e a ausência de pontos de apoio naturais, se não fosse perlongá-la, do tope até a base, uma cerca de arame, a cujos sólidos moirões nos agarramos, poupando-nos a tropeços e quedas inevitáveis. Pois que, além de tudo, espesso tapete de capim gordura (*Melinis minutiflora* Beauv.), reveste toda a lombada exposta do morro, fazendo logo lustrosas e escorregadias as solas dos calçados. Chegando à falda do oiteiro despertou-nos a atenção a algazarra dos viras (*Gnorimopsar chopi chopi* (Vieillot)), reforçada a cada momento pelo canto enérgico de vários casais de João de barro (*Furnarius rufus badius* (Licht.)). Uns e outros procuravam abrigo na bela e densa copa das batalhas (*Cryptocarya mandiocanna* Meiss.), plantas de que os criadores ali especialmente se utilizam para dar sombra ao gado, nas horas calmosas de sol intenso. ⁽³⁾ Ao apropriado apêlo nosso, acudiu um bando dos primeiros; tal lhes era porém o pânico, que ficou infrutífero o esforço do snr. Lima para conseguir sequer um exemplar da espécie, não representada ainda nas coleções de Monte Alegre.

A 12, quarta-feira, tivemos um amanhecer, si possível, ainda mais belo do que nos dias anteriores; fazia intenso frio e nenhum floco de nuvem, por mais tênue, toldava a pureza do céu. Dirigimo-nos para a Fazenda Santa Izabel, aquela cuja mataria, estendida em larga superfície de elevada montanha, havíamos avistado na véspera, do alto da Fazenda da Encarnação, que demora em ponto fronteiriço, no lado oposto do rio. Alternando com a mata, ficam os cafezais, hoje na zona lavoura decadente, não obstante os viçosos talhões que ainda existem em franca produção. A meia encosta, passamos pela sede da Fazenda Boa Vista, que também guarda uns restos de mata ou capoeira, onde apenas conseguimos caçar dous exemplares da já referida espécie de *Basileuterus*, a única que parece existir na região explorada.

Bastante penosa é a subida aos altos cabeços da Fazenda

⁽³⁾ Cf. M. Kuhlmann, *Observ. ger. e Contrib. ao estudo da Flora e Fitofisionomia do Brasil* (Instituto de Botânica de São Paulo), V, 1943, pág. 8.

Santa Izabel, os quais, a cavaleiro de todos os morros mais próximos, dominam soberbo panorama. Para atingirmos a mata em seu ponto mais elevado, tivemos de romper extenso trecho de capim gordura. Esta gramínea, que nas pastagens frequentadas pelo gado não se eleva geralmente acima do solo mais do que alguns palmos, forma aqui capinzal extremamente viçoso e denso. Só a muito custo conseguimos rompê-lo, quase escondidos pela pegajosa e odorante folhagem, alta de um metro ou mais. A mata é frondosa e encerra ainda árvores de avantajado porte; dos troncos maiores pende quase sempre denso cordame de cipós. Não obstante, o subosque é ralo, os espinhos poucos, o que permite passagem geralmente fácil. Lembrou-se logo Lima de provocar os guassús (*Crypturellus obsoletos obsoletos* (Temm.)), com o pio que tinha em mãos. Não tardou que replicassem um ou dous daqueles tinâmidas, a distância bem pequena de nós. Deixaram-se porém ficar prudentemente onde estavam, silenciando ao cabo de alguns instantes, certamente por se terem apercebido a tempo do logro fatal em que iriam cair. A despeito de tudo, a mata não me parece menos pobre de vida animal do que as visitadas nos dias precedentes. Impressionava principalmente a pobreza extrema de formicariidas e a ausência absoluta de dendrocoláptidas, famílias que tão largo contingente fornecem à avifauna silvestre indígena. Contudo, sem falar na choquinha comum (*Thamnophilus caer. caerulescens* Vieillot), mostra-se bastante enconstrado o bonito *Hypoedaleus guttatus* (Vieillot), de que matamos, quase ao mesmo tempo, dous exemplares, ambos do sexo feminino. É pássaro estritamente insetívoro; no estômago dos espécimes colecionados encontrei sobretudo restos de coleópteros. Antes de deixar a mata erma, conseguimos ainda dois machos belamente plumados de *Salinator similis similis* Lafresn. & d'Orbigny, o "tico-tico guloso" dos caboclos da Serra.

Na quinta-feira, 13, nossa excursão foi às matas da Fazenda Bom Jesus (de propriedade do snr. Ovidio Truzzi), que fica muito próxima à cidade, à direita do ribeirão Monte Alegre, confluente do Paiol de Telha. Suas matas começam quase ao nível do vale e ocupam extensa lombada de montanha, alta de mais de 1000 metros acima do nível do mar. Dão a impressão de serem umas das mais bem conservadas e pujantes do distrito, concor-

rendo certamente para isso a sua situação favorável junto a cabeceiras e córregos, fatores precípuos do elevado grau de úmidade ambiente. Às oito horas da manhã, havia visível animação entre a passarada miúda que encontravamos nas árvores à margem do caminho. Eram todas formas comuns, com predominância de tantas vezes citado *Basileuterus hypoleucus*. Despertou-me a atenção uma voz de pássaro, “tin-quim”, “tin-quim” . . . , aqui nova, mas familiar talvez aos fazendeiros do interior, onde *Synallaxis ruficapilla* Vieillot existe quase por toda parte. A espécie não existe, que eu saiba, na região da capital paulista, em cujos subúrbios se ouve, todavia, com grande frequência, o canto da sua próxima parenta, *Synallaxis spixi* Sclater. Esta existe também em Monte Alegre e é ordinariamente conhecida pela alcunha onomatopáica de joão-tenenem. Ambas devem ter-se por eminentemente úteis, insetívoras que são, como todas as congêneres. Só pelo canto, sonoro brado de duas notas, que é aliás inconfundível, pude notificar a presença de uma alma de gato (*Piaya cayana macroura* Gambel), em regra o mais comum dos nossos cucúlidas silvestres. Vê-se que em Monte Alegre já se tornam tão escassos que não foi possível colecioná-lo em nenhuma das excursões. O saci (*Tapera naevia chochi* (Vieillot)), que é do campo, também não foi colecionado, nem visto. Procurando imitar-lhe o canto, a que nunca deixam de responder, certifiquei-me também de que do distrito em estudo devem ter desaparecido inteiramente os surucuás (*Trogonidae*), ornamento inexcédível das nossas florestas nativas. Nas vizinhanças do cafezal, vi abundância de tico-ticos (*Zonotrichia capensis subtorquata* Swainson), entre os quais me apressei em obter um exemplar, como lembrança e documento. É suposição que este passarinho, tão característico da ornithofauna de nosso estado, está em Monte Alegre rapidamente escasseando, sob a influência do pardal, que já existe no distrito, desde algum tempo. O fato poderá ser verdadeiro no centro povoado e nas suas imediatas proximidades; não obstante porém, como pude verificar, a espécie é ainda muito espalhada nos sítios e chácaras da redondeza. (4)

(4) As causas de diminuição do tico-tico deve juntar-se o fato, bastante conhecido, de ser ele a vítima preferida do chopim (*Molothrus bonariensis* (Gmelin)), não fazendo ninho, entrega a outros a tarefa de incubar os ovos e criar os filhotes, com o sacrifício dos legítimos donos do ninho.

Foi breve a excursão que fizemos no dia 14 ao sítio do snr. Raimundo Daolio; o intenso aproveitamento agrícola da gleba já reduziu aí a mata a dous pequenos capões muito devastados. Contudo, muito perto, ecoou o côro dos saás. Foi porém baldado querer avistá-los, como já havia acontecido na Fazenda da Encarnação, que fica bastante próxima, e é separada apenas pelo estreito leito do Camanducaia. Em dado momento, ouvimos se corresponderem os macacos deste com os daquele lado. Contaram-nos como esses símios já tinham sido vistos a atravessar o rio, utilizando a longa vara dos bambús marginais, que galgam até a extrema ponta, fazendo-a pender até a margem oposta.

Devendo viajar no dia seguinte, de volta a São Paulo, dei por encerrados os trabalhos de campo. Todavia, quase ao cair da tarde, a convite do snr. Vicente Gonçalves de Oliveira, tive o prazer de realizar mais uma última excursão, visitando em sua companhia as terras da incipiente Estação Experimental, de que é competente e operoso diretor. Distam elas pouco do povoado, e compreendem largo trecho de serra afora uma parte plana, adjacente ao rio Camanucaia. A cavalo subimos, passo a passo, pela estrada, ainda em construção, que leva aos cafezais. Êstes, como de regra, estão situados, no flanco íngreme da serra. Debruçando-se sôbre o caminho coleante, pendiam os cachos rubros do cipó de couro (*Camptosema grandiflora* Benthams), disputando a primazia, na ornamentação da paisagem, com outra maravilha vegetal, uma esplêndida cassia de porte arbustivo e grandes flores amarelas, muito semelhantes ao fedegoso. O traçado da estrada obdece a feliz orientação e proporciona ao viajante as mais agradáveis perspectivas. Acima de sua cabeça, ergue-se o tope da montanha, em grande parte vestido de mata, e em plano inferior, pende a encosta escavada, que se continua pelo vale, até as margens do rio. Pestanas de verdura sombreiam a úmida profundidade de algumas grotas e sulcos de erosão recente destacam-se também, aqui e ali, já em parte avassalados pela vegetação. Em dado momento, ví descer um gavião por entre as árvores de um destes capões. Interessado em identificá-lo, puz-me imediatamente a imitar o chiado de um pássaro ferido. A prontidão com que acudiu a êste sedutor apêlo veio nos provar que, si era a sêde que affligia o rapineiro não lhe merecia por isso desprezo, àquela hora,

a carne palpitante de uma presa inesperada. Comentamos eu e o dr. Gonçalves, o partido que poderíamos ter tirado daquela situação, si para tanto estivessemos preparados; mas tive de me contentar em reconhecer na vítima do logro um gavião dos chamados carijó (*Cerchneis sparverius eidos* (Peters)), entre nós a mais comum das espécies mateiras do grupo.

O resto da excursão passou-se em visita aos trabalhos agrícolas, às instalações anexas e às benfeitorias de toda espécie, com as quais espera o dr. Gonçalves fazer de sua Estação agrônômica modelo digno de ser imitado.

A 15, deixando Monte Alegre às primeiras horas da manhã, estava eu de regresso a São Paulo.

VII

LISTA DAS AVES COLECIONADAS EM MONTE ALEGRE ⁽⁵⁾

Ordem COLUMBIFORMES

Família COLUMBIDAE

Scardafella squammata squammata (LESSON) — Rôla carijó, Fogo apagou.

Monte Alegre: ♂, Janeiro 16 (1943).

Estação Experimental: 2 ♂ ♂, Fevereiro 7 e 8 (1943); ♀, Fevereiro 11 (1943).

Columbigallina talpacoti talpacoti (TEMMINCK) — Rôla, Rolinha cor de tijolo.

Fazendá Santa Maria: ♀, Novembro 26 (1942).

Monte Alegre: ♂, Janeiro 16 (1943); 2 ♀ ♀, Julho 21 (1942)

Estação Experimental: ♂, Fevereiro 12 (1943); ♀, Fevereiro 11 (1943).

Ordem CUCULIFORMES

Família CUCULIDAE

Coccyzus melacoryphus VIEILLOT — Papa-lagartas.

Monte Alegre: ♀, Janeiro 16 (1943).

⁽⁵⁾ Foi a presente lista preparada pelo encarregado da seção ornitológica, snr. Eurico A. de Camargo, cujo valioso concurso tem sido útil ao Autor, em várias emergências.

Crotophaga ani LINNAEUS — Anum preto.

Monte Alegre: ♀, Julho 29 (1942).

Chácara Bom Jesus: 1 ♂ e 1 ♀, Janeiro 23 (1943).

Guira guira (GMELIN) — Anum branco.

Estação Experimental: 2 ♂ ♂, Janeiro 29 (1943).

Ordem PSITTACIFORMES

Família PSITTACIDAE

Forpus passerinus viridus (RIDGWAY) — Tufm.

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Agosto 1 (1942).

Fonte Bom Jesus: 1 ♂ e 1 ♀, Janeiro 18 (1943).

Estação Experimental: ♂, Janeiro 18 (1943).

Ordem STRIGIFORMES

Família STRIGIDAE

Otus choliba choliba (VIEILLOT). — Coruja.

Estação Experimental: 1 ♂ e 1 ♀, Janeiro 18 (1943).

Speotyto cunicularia grallaria (TEMMINCK) — Caburé do campo.

Fazenda N. S. da Encarnação: ♀, Fevereiro 16 (1943).

Chácara Bom Jesus: ♀, Fevereiro 24 (1943).

Ordem CAPRIMULGIFORMES

Família CAPRIMULGIDAE

Nyctidromus albicollis derbyanus GOULD — Curiango, Bacurau.

Estação Experimental: ♂, Janeiro 29 (1943).

Ordem MICROPODIIFORMES

Família TROCHILIDAE

Anisoterus pretrei (DELATTRE & LESSON) — Beija-flor do rabo branco.

Chácara do Capitão: ♂, Janeiro 25 (1943).

Estação Experimental: ♂, Janeiro 28 (1943).

Phaethornis squalidus (TEMMINCK).

Fazenda Bom Jesus: ♀, Maio 13 (1943).

Eupetomena macroura macroura (GMELIN) — Beija-flor, Coitelo.

Monte Alegre: ♂, Julho 23 (1942); ♀, Julho 21 (1942).

Estação Experimental: ♂, Janeiro 18 (1943).

Chácara do Capitão: ♂, Janeiro 22 (1943).

Chácara Bom Jesus: ♀, Janeiro 23 (1943).

Melanotrochilus fuscus (VIEILLOT).

Fazenda Sta. Maria: ♂, Novembro 27 (1942).

Fazenda Sta. Izabel: ♂, Janeiro 25 (1943).

Agyrtrina lactea (LESSON).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Agosto 1 (1942); ♀, Julho 19 (1942).

Fazenda Bom Jesus: ♀, Julho 29 (1942).

Chácara do Capitão: ♂, Janeiro 25 (1943).

Chlorostilbon aureoventris pucherani (BOURCIER & MULSANT).

Monte Alegre: ♀, Julho 21 (1942).

Fazenda Bom Jesus: ♂, Janeiro 19 (1943).

Thalurania glaucopsis (GMELIN).

Fazenda Ponte Alta: ♀?, Agosto 2 (1942).

Fazenda Sta. Maria: sexo?, Novembro 26 (1942).

Colibri serrirostris (VIEILLOT).

Estação Experimental: 3 ♂ ♂, Janeiro 18 e 29 (1943).

Leucochloris albicollis (VIEILLOT).

Monte Alegre: sexo? (1943).

Lepidolarynx squamosus (TEMMINCK).

Monte Alegre: ♂, Julho 23 (1942).

Ordem PICIFORMES

Família BUCCONIDAE

Nystalus chacuru (VIEILLOT) — João Bobo.

Fazenda Ponte Alta: ♂, Agosto 3 (1942).

Estação Experimental: ♂, Janeiro 29 (1943).

Malacoptila striata striata (SPIX).

Fazenda Ponte Alta: ♂, Agosto 3 (1942).

Família PICIDAE

Colaptes campestris campestris (VIEILLOT) — Chanchã.

Fazenda N. S. da Encarnação: ♀, Maio 11 (1943).

Picumnus cirratus cirratus TEMMINCK — Picapauzinho.

Chácara do Capitão: ♂, Janeiro 25 (1943).

Estação Experimental: ♀, Janeiro 30 (1943).

Ordem PASSERIFORMES

Família DENDROCOLAPTIDAE

Sittasomus griseicapillus sylvellus (TEMMINCK).

Fazenda Ponte Alta: ♀, Maio 10 (1943).

Família *FURNARIIDAE*

Furnarius rufus badius (LICHTENSTEIN) — João de barro.

Monte Alegre: 2 ♂ ♂, Julho 24 (1942).

Fazenda N. S. da Encarnação: sexo?, Janeiro 20 (1943).

Estação Experimental: ♂, Janeiro 28 (1943).

Synallaxis spixi spixi SCLATER — João Tenenem.

Monte Alegre: ♂, Janeiro 28 (1943); ♀, Julho 25 (1942).

Chácara do Capitão: ♀, Janeiro 25 (1943).

Synallaxis ruficapilla VIEILLOT.

Fazenda Bom Jesus: ♂ e ♀ de Maio 13 (1943).

Certhiaxis cinnamomea russeola (VIEILLOT) — Curruira do brejo.

Monte Alegre: ♂, Julho 25 (1942).

Chácara Recreio: ♂, Janeiro 26 (1943); ♀, Janeiro 26 (1943)

Estação Experimental: 2 ♂ ♂, Janeiro 30 e Fevereiro 2 (1943);
♀, Fevereiro 7 (1943).

Automolus leucophthalmus leucophthalmus (WIED).

Sítio Boa Vista: ♂, Fevereiro 13 (1943).

Fazenda Sta. Izabel: ♀, Fevereiro 23 (1943).

Lochmias nematura nematura (LICHTENSTEIN).

Monte Alegre: ♀, Julho 25 (1942).

Sítio Boa Vista: ♀, Fevereiro 15 (1943).

Família *FORMICARIIDAE*

Hypodaleus guttatus (VIEILLOT).

Fazenda Sta. Izabel; sexo?, Julho 20 (1942); 2 ♀ ♀, Maio 12 (1943).

Fazenda Sta. Maria: ♂, Novembro 27 (1942).

Monte Alegre: ♂, Fevereiro 11 (1943).

Thamnophilus caerulescens caerulescens VIEILLOT. — Choquinha, Sanacocá.

Fonte Bom Jesus: 2 ♀ ♀, Agosto 1 (1942) e Janeiro 19 (1943).

Fazenda Sta. Maria: 1 ♂ e 1 ♀, Novembro 29 (1942).

Fazenda Bom Jesus: 2 ♂ ♂, Janeiro 19 e Maio 13 (1943).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♀, Janeiro 21 e 2 ♂ ♂, Maio 11 (1943).

Estação Experimental: ♂, Janeiro 30 (1943).

Sítio Boa Vista: 2 ♂ ♂, Fevereiro 13 e 15 (1943).

Fazenda Ponte Alta: ♀, Maio 10 (1943).

Thamnophilus ruficapillus VIEILLOT — Choquinha.

Estação Experimental: 2 ♀ ♀, Janeiro 18 e 19 (1943).

Dysithamnus mentalis mentalis (TEMMINCK).

Fazenda Ponte Alta: 2 ♂, Agosto 2 (1942).

Sítio Boa Vista: 2 ♂, Fevereiro 13 e 15 (1943).

Herpsilochmus rufimarginatus rufimarginatus (TEMMINCK).

Fazenda Sta. Izabel: 2 ♂ e 1 ♀, Fevereiro 23 (1943).

Drymophila ochropyga (HELLMAYR).

Fazenda Sta. Maria: ♂, Novembro 25 (1942).

Pyriglena leucoptera (VIEILLOT).

Sítio Boa Vista: ♂, Fevereiro 13 (1943).

Família CONOPOPHAGIDAE

Conopophaga lineata lineata (WIED) — Vira-folha.

Fazenda Ponte Alta: ♂, Agosto 2 (1942).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Janeiro 21 (1943); ♀, Fevereiro 17 (1943).

Chácara Bom Jesus: ♀, Janeiro 23 (1943).

Estação Experimental: 1 ♂ e 1 ♀, Fevereiro 18 (1943).

Fazenda Sta. Izabel: ♀, Fevereiro 23 (1943).

Família TYRANNIDAE

Arundinicola leucocephala (LINNAEUS) — Viuvinha do brejo.

Monte Alegre: ♂, Julho 25 (1942).

Chácara Recreio: ♂, Janeiro 24 (1943); ♀, Janeiro 26 (1943)

Chácara Bom Jesus: ♂, Janeiro 27 (1943).

Estação Experimental: ♂, Fevereiro 2 (1943).

Muscivora tyrannus tyrannus (LINNAEUS) — Tesoura.

Monte Alegre: ♂, Janeiro 16 (1943); ♀, Janeiro 15 (1943).

Fazenda N. S. da Encarnação: 2 ♂ e 1 ♀, Janeiro 20 (1943).

Fazenda Bom Jesus: 2 ♂, Janeiro 21 (1943); ♀, Janeiro 23 (1943).

Tyrannus melancholicus melancholicus VIEILLOT — Siriri.

Fazenda Sta. Maria: ♀, Novembro 26 (1942).

Monte Alegre: 2 ♂, Janeiro 15 (1943).

Estação Experimental: 3 ♂, Janeiro 28, Fevereiro 6 e 8 (1943); 3 ♀, Fevereiro 7 e 8 (1943).

Empidonomus varius varius (VIEILLOT).

Fazenda N. S. da Encarnação; ♂, Janeiro 20 (1943); ♀, Fevereiro 11 (1943).

Estação Experimental: 2 ♂, Fevereiro 7 e 8 (1943).

Myiozetetes similis pallidiventris PINTO — Bentivizinho

Monte Alegre: ♀, Agosto 1 (1942).

- Pitangus sulphuratus maximiliani* (CAB. & HEINE) — Bentivi.
Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Janeiro 20 (1943).
- Myiarchus ferox australis* HELLMAYR.
Fazenda Sta. Maria: ♂, Dezembro 2 (1942).
Estação Experimental: ♂, Janeiro 28 (1943).
- Contopus cinereus cinereus* (SPIX).
Fazenda Bom Jesus: ♂, Julho 28 (1942).
- Empidonax euleri euleri* (CABANIS).
Fazenda Sta. Maria: ♂, Dezembro 2 (1942).
Chácara Bom Jesus: ♂, Janeiro 23 (1943).
Fazenda N. S. da Encarnação: 3 ♂ ♂ e 2 ♀ ♀, Fevereiro 17 (1943).
Estação Experimental: ♂, Fevereiro 18 (1943).
Fazenda Sta. Izabel: ♂, Fevereiro 23 (1943).
- Myiophobus fasciatus flammiceps* (TEMMINCK).
Estação Experimental: 2 ♂ ♂, Janeiro 30 e Fevereiro 7 (1943).
- Hirundinea bellicosa bellicosa* (VIEILLOT) — Birro.
Fazenda Sta. Izabel: ♂, Julho 19 (1942).
Monte Alegre: ♀, Julho 19 (1942).
- Platyrinchus mystaceus mystaceus* VIEILLOT.
Fazenda Sta. Izabel: ♂, Julho 20 (1942); ♀, Maio 12 (1943).
- Tolmomyias sulphureus sulphureus* (SPIX).
Fazenda Sta. Izabel: ♂, Julho 20 (1942); 2 ♀ ♀, Julho 20 e 27 (1942).
Estação Experimental: 2 ♂ ♂, Fevereiro 11 e 16 (1943).
Sítio Boa Vista: ♀, Fevereiro 13 (1943).
- Todirostrum poliocephalum* (WIED).
Fazenda Bom Jesus: ♂, Julho 28 (1942).
Fazenda Ponte Alta: ♂, Agosto 2 (1942).
Estação Experimental: ♀, Janeiro 30 (1943).
- Euscarthmornis nidipendulus paulistus* (HELLMAYR).
Estação Experimental: ♂, Janeiro 30 (1943).
- Euscarthmornis orbitatus* (WIED).
Fazenda Sta. Izabel: ♂, Julho 20 (1942).
- Serpophaga subcristata* (VIEILLOT).
Monte Alegre: ♂, Julho 24 (1942); 2 ♀ ♀, Julho 21 e 25 (1942).
Chácara do Capitão: ♀ ?, Janeiro 25 (1943).
Estação Experimental: ♂, Fevereiro 11 (1943); 2 ♀ ♀, Fevereiro 6 e 11 (1943).
Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Fevereiro 11 (1943);
2 ♀ ♀, Fevereiro 16 e Maio 11 (1943).

Elaenia flavogaster flavogaster (THUNBERG) — Guracava, Madrid'-é-dia.

Monte Alegre: 3 ♂ ♂, Julho 31 (1942) e Janeiro 16 (1943);
3 ♀ ♀, Agosto 1 (1942) e Janeiro 15 (1943).

Fazenda Sta. Maria: 2 ♀ ♀, Novembro 25 e 26 (1942).

Estação Experimental: 4 ♂ ♂, Janeiro 18, Fevereiro 6, 8 e 18 (1943).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Janeiro 20 (1943).

Chácara Recreio: ♂, Janeiro 27 (1943).

Comptostoma obsoletum obsoletum (TEMMINCK).

Estação Experimental: 2 ♂ ♂, Janeiro 28 e 30 (1943).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Maio 11 (1943).

Fazenda Bom Jesus: ♂, Maio 13 (1943).

Phyllomyias fasciatus brevirostris (SPIX).

Monte Alegre: ♂, Julho 24 (1942); ♀, Julho 21 (1942).

Família PIPRIDAE

Chiroxiphia caudata (SHAW) — Tangará, Dansador.

Fazenda Sta. Maria: 2 ♀ ♀, Novembro 28 (1942).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♀, Maio 11 (1943).

Fazenda Bom Jesus: ♀, Maio 13 (1943).

Schiffornis virescens (LAFRESNAYE).

Fazenda Ponte Alta: ♂, Maio 10 (1943).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Janeiro 21 (1943).

Sítio Boa Vista: ♂, Fevereiro 13 (1943).

Família TROGLODYTIDAE

Troglodytes musculus musculus NAUMANN — Curruira.

Monte Alegre: 2 ♂ ♂, Julho 22 e 26 (1942); ♀, Julho 22 (1942).

Chácara Bom Jesus: ♂, Janeiro 21 (1943).

Estação Experimental: 2 ♂ ♂, Janeiro 30 e Fevereiro 7 (1943).

Família MIMIDAE

Mimus saturninus frater HELLMAYR — Sabiá-poca.

Monte Alegre: ♂, Janeiro 15 (1943).

Chácara Bom Jesus: ♀, Janeiro 23 (1943).

Sítio Boa Vista: ♀, Fevereiro 13 (1943).

Donacobius atricapillus atricapillus (LINN.).

Chácara Recreio: ♂ e ♀, 26 Janeiro (1943).

Família *TURDIDAE*

Turdus amaurochalinus CABANIS — Sabiá branco.

Monte Alegre: 3 ♂ ♂, Julho 23, 25 e 28 (1942); ♀, Julho 28 (1942).

Turdus rufiventris rufiventris VIEILLOT — Sabiá laranjeira.

Monte Alegre: ♀, Janeiro 16 (1943).

Estação Experimental: ♂, Fevereiro 11 (1943).

Platycichla flavipes (VIEILLOT).

Fazenda Bom Jesus: 2 ♂ ♂ e 2 ♀ ♀, Julho 28 (1942).

Família *HIRUNDINIDAE*

Progne chalybea domestica (VIEILLOT) — Andorinha comum.

Estação Experimental: 2 ♂ ♂, Fevereiro 12 (1943).

Sítio Boa Vista: ♀, Fevereiro 12 (1943).

Stelgidopteryx ruficollis ruficollis (VIEILLOT).

Fazenda Sta. Maria: ♂, Novembro 26 (1942).

Chácara Bom Jesus: ♂, Janeiro 27 (1943).

Pygochelidon cyanoleuca cyanoleuca (VIEILLOT).

Monte Alegre: ♂, Julho 31 (1942); 2 ♀ ♀, Julho 29 (1942) e Janeiro 16 (1943).

Chácara Bom Jesus: ♂, Janeiro 23 (1943).

Estação Experimental: ♂, Fevereiro 7 (1943); ♀, Janeiro 30 (1943).

Família *VIREONIDAE*

Vireo chivi chivi (VIEILLOT) — Juruviara.

Fazenda Sta. Maria: 2 ♂ ♂, Dezembro 2 (1942).

Estação Experimental: 3 ♀ ♀, Janeiro 18 e 30, Fevereiro 6 (1943).

Fazenda Bom Jesus: ♀, Janeiro 19 (1943).

Fazenda N. S. Encarnação: 4 ♂ ♂, Janeiro 20 e Fevereiro 16 (1943); 3 ♀ ♀, Janeiro 20 e 21, Fevereiro 16 (1943).

Monte Alegre: ♂, Janeiro 28 (1943).

Sítio Boa Vista: ♂, Fevereiro 13 (1943).

Hylophilus poicilotis poicilotis TEMMINCK.

Monte Alegre: ♀, Julho 27 (1942).

Chácara Bom Jesus: ♀?, Janeiro 23 (1943).

Estação Experimental: ♂, Janeiro 30 (1943).

Sítio Boa Vista: 3 ♂ ♂, Fevereiro 13 (1943).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♀, Maio 13 (1943).

Fazenda Bom Jesus: ♀, Maio 13 (1943).

Família *MOTACILLIDAE**Anthus lutescens lutescens* PUCHERAN

Fazenda Bom Jesus: ♀, Maio 10 (1943).

Família *CYCLARHIDAE**Cyclarhis gujanensis ochrocephala* TSCHUDI.

Fazenda Sta. Izabel: ♀, Fevereiro 23 (1943).

Fazenda Bom Jesus: ♂, Maio 13 (1943).

Família *COEREBIDAE**Dacnis cayana paraguayensis* CHUBB — Sai.

Fazenda Bom Jesus: 5 ♂ ♂, Julho 28 e 29 (1942); ♀, Julho 28 (1942); ♂, Maio 13 (1943).

Fazenda N. S. da Encarnação: 3 ♂ ♂, Julho 30 e 31 (1942) e Janeiro 20 (1943); sexo ?, Janeiro 20 (1943); 3 ♀ ♀, Julho 25 e 30 (1942) e Janeiro 20 (1943).

Monte Alegre: 2 ♂ ♂, Julho 25 (1942) e Janeiro 28 (1943).

Fazenda Sta. Maria: ♂, Dezembro 2 (1942).

Coereba flaveola chloropyga (CABANIS) — Mariquita.

Monte Alegre: ♀, Julho 24 (1942).

Fazenda Sta. Izabel: ♂, Julho 27 (1942).

Chácara do Capitão: ♂, Janeiro 22 (1943).

Chácara Bom Jesus: ♂, Janeiro 23 (1943).

Chácara Recreio: ♀, Janeiro 24 (1943).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Fevereiro 11 (1943).

Família *COMPSOTHTYPIDAE**Geothlypis aequinoctialis velata* (VIEILLOT) — Pia-cobra.

Fonte Bom Jesus: ♀, Agosto 1 (1942).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♀, Agosto 1 (1942).

Estação Experimental: ♂, Janeiro 30 (1943).

Basileuterus hypoleucus BONAPARTE.

Fazenda N. S. da Encarnação: ♀, Janeiro 21 (1943).

Sítio Boa Vista: ♀, Fevereiro 15 (1943).

Fazenda Sta. Izabel: ♂, Fevereiro 23 (1943); ♀, Maio 12 (1943).

Fazenda Bom Jesus: ♀, Maio 13 (1943).

Família *TERSINIDAE**Tersina viridis viridis* (ILLIGER).

Fazenda Sta. Maria: ♀, Novembro 25 (1942).

Família *THRAUPIDAE**Tanagra musica aureata* VIEILLOT.

Fazenda Sta. Izabel: ♂, Julho 27 (1942).

Tanagra chlorotica violaceicollis HELLMAYR

Monte Alegre: ♀, Julho 22 (1942).

Tangara cyanoventris VIEILLOT — Saíra

Fazenda Sta. Izabel: ♂ juv., Novembro 23 (1942).

Tangara cayana chloroptera (VIEILLOT) — Saíra.

Monte Alegre: 5 ♂ ♂, Julho 22, 25, 26 e 30 (1942).

Fazenda Bom Jesus: ♂, Julho 28 (1942); 3 ♀ ♀, Julho 28 (1942).

Fazenda Ponte Alta: ♀, Agosto 2 (1942).

Fazenda Sta. Maria: ♂, Dezembro 2 (1942).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂ juv., Janeiro 21 (1943);

♂, Fevereiro 11 (1943); 2 ♀ ♀, Janeiro 21 (1943).

Estação Experimental: 2 ♂ ♂, Janeiro 29 e Fevereiro 2 (1943)

Thraupis sayaca sayaca (LINNAEUS) — Sanhaçu, Sanhaço de mamoeiro.

Monte Alegre: 9 ♂ ♂, Julho 21, 22, 23 e 25, Novembro 26 (1942); 6 ♀ ♀, Julho 21, 22 e 23 (1942).

Fazenda Sta. Maria: 2 ♂ ♂, Novembro 26 e Dezembro 2 (1942).

Fazenda Bom Jesus: ♂, Janeiro 19 (1943).

Fazenda N. S. Encarnação: 2 ♂ ♂, Janeiro 20 e Maio 11 (1943).

Chácara Bom Jesus: 1 ♂ e 1 ♀, Janeiro 23 (1943).

Tachyphonus coronatus (VIEILLOT) — Gurundi, Tié preto.

Monte Alegre: ♂, Julho 23 (1942).

Fazenda Bom Jesus: ♀, Julho 30 (1942).

Estação Experimental: ♂ juv., Novembro 11 (1942).

Trichothraupis melanops (VIEILLOT).

Fazenda Bom Jesus: 3 ♂ ♂, Janeiro 19 e Maio 13 (1943).

Sítio Boa Vista: ♂?, Fevereiro 15 (1943).

Thlypopsis sordida sordida (LAFRESNAYE & D'ORBIGNY).

Monte Alegre: ♂, Julho 25 (1942).

Fazenda Bom Jesus: 1 ♂ e 1 ♀, Julho 28 (1942).

Estação Experimental: ♂, Fevereiro 8 (1943); ♀, Fevereiro 19 (1943).

Família *ICTERIDAE**Molothrus bonariensis bonariensis* (GMELIN) — Chopim.

Chácara Recreio: ♂, Janeiro 24 (1943).

Monte Alegre: ♂, Janeiro 27 (1943).

Chácara Bom Jesus: ♂, Janeiro 21 (1943); 2 ♀ ♀, Janeiro 21 e 23 (1943).

Estação Experimental: ♂ juv., Janeiro 28 (1943); ♀, Janeiro 30 (1943).

Família PLOCEIDAE

Passer domesticus domesticus (LINNAEUS) — Pardal.

Monte Alegre: ♀, Julho 22 (1942).

Família FRINGILLIDAE

Saltator similis similis LAFRESNAYE & D'ORBIGNY — Tico-tico guloso.

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Fevereiro 15 (1943).

Estação Experimental: ♀, Fevereiro 18 (1943).

Fazenda Santa Izabel: 2 ♂ ♂, Maio 12 (1943).

Cyanocompsa cyanea sterea OBERHOLSER — Azulão.

Fazenda Bom Jesus: ♂, Janeiro 19 (1943).

Tiaris fuliginosa fuliginosa (WIED).

Chácara Recreio: ♂, Janeiro 24 (1943).

Sporophila caerulescens caerulescens (VIEILLOT) — Papa-capim.

Fonte Alegre: 7 ♂ ♂, Julho 21 e 30 (1942) e Janeiro 16 (1943); 3 ♀ ♀, Janeiro 16 (1943).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Julho 31 (1942); ♀, Janeiro 21 (1943).

Fazenda Sta. Maria: 2 ♂ ♂, Novembro 25 e 26 (1942).

Chácara Bom Jesus: 11 ♂ ♂, Janeiro 19, 21, 23 e 27 (1943); 2 ♀ ♀, Janeiro 23 e 27 (1943).

Estação Experimental: 4 ♂ ♂, Janeiro 28 e 30, Fevereiro 12 (1943); 5 ♀ ♀, Janeiro 28, 29 e 30, Fevereiro 6 (1943).

Chácara do Capitão: 4 ♂ ♂ e 1 ♀, Janeiro 22 (1943).

Chácara Recreio: 3 ♂ ♂, Janeiro 24 (1943); ♀, Janeiro 1 (1943).

Sítio Boa Vista: ♀, Fevereiro 13 (1943).

Sporophila lineola (LINNAEUS) — Bigodinho.

Chácara do Capitão: 1 ♂ e 1 ♀, Janeiro 22 (1943).

Chácara Recreio: ♂, Janeiro 26 (1943); 2 ♀ ♀, Janeiro 24 e 27 (1943).

Chácara Bom Jesus: 6 ♂ ♂, Janeiro 27 e Fevereiro 24 (1943); ♀, Janeiro 27 (1943).

Estação Experimental: ♂, Janeiro 30 (1943).

Volatinia jacarina jacarina (LINNAEUS) — Tsiu.

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Julho 31 (1942).

Chácara do Capitão: 4 ♂ ♂, Janeiro 22 e 25 (1943).

- Chácara Recreio: 2 ♂ ♂, Janeiro 27 (1943); 3 ♀ ♀, Janeiro 24, 26 e 27 (1943).
Monte Alegre: ♂ (1943).
Chácara Bom Jesus: ♂, Janeiro 27 (1943).
Estação Experimental: ♂, Janeiro 28 (1943).
Fazenda Sta. Izabel: ♀, Janeiro 25 (1943).
Spinus magellanicus ictericus (LICHTENSTEIN) — Pintassilgo.
Estação Experimental: 3 ♂ ♂, Janeiro 18 e Fevereiro 24 (1943).
Chácara Recreio: ♂, Janeiro 24 (1943).
Sicalis flaveola brasiliensis (GMELIN) — Canário.
Monte Alegre: 2 ♂ ♂, Julho 22 (1942) e Janeiro 16 (1943); ♀, Janeiro 16 (1943).
Fazenda N. S. da Encarnação: 2 ♂ ♂, Julho 30 (1942).
Fonte Bom Jesus: ♂, Agosto 1 (1942).
Chácara do Capitão: ♂, Janeiro 22 (1943); ♀, Janeiro 25 (1943).
Sítio Boa Vista: ♀, Fevereiro 13 (1943).
Estação Experimental: ♀, Janeiro 30 (1943).
Haplospiza unicolor CABANIS
Chácara Recreio: ♀, Janeiro 24 (1943).
Sítio Boa Vista: ♂, Fevereiro 13 (1943).
Coryphospingus cucullatus rubescens (SWAINSON) — Tico-tico rei.
Monte Alegre: ♂, Julho 23 (1942).
Fazenda Ponte Alta: ♂, Agosto 3 (1942).
Chácara Bom Jesus: 2 ♂ ♂, Janeiro 19 e 23 (1943); ♀, Janeiro 23 (1943).
Chácara Recreio: 2 ♀ ♀, Janeiro 24 (1943).
Estação Experimental: ♂, Fevereiro 12 (1943).
Zonotrichia capensis subtorquata SWAINSON — Tico-tico.
Monte Alegre: 4 ♂ ♂, Julho 21 e 22 (1942); ♀, Julho 21 (1942).
Fazenda Sta. Maria: ♂, Dezembro 2 (1942).
Fazenda Bom Jesus: ♂, Maio 13 (1943).
Donacospiza albifrons (VIEILLOT).
Monte Alegre: 1 ♂ e 1 ♀, Julho 25 (1942).

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO BRASIL

ARACNIDEOS DE MONTE ALEGRE

POR

B. M. SOARES

INTRODUÇÃO

A localidade de Monte Alegre está situada no município de Amparo, Estado de São Paulo. O governo do Estado pretende fundar aí uma estação experimental, motivo por que está cuidando do levantamento zoogeográfico da região. Trato, na presente nota, dos aracnídeos aí coligidos em 1942, dando a lista das espécies encontradas e descrevendo, a seguir, as formas novas.

Quanto às aranhas, adotei a classificação de Petrunkevitch, dada no volume 33 de "Transactions of the Connecticut Academy of Arts and Sciences, New Haven, Connecticut, 1940", p. 139.

Os opiliões se mostraram, na época da coleta, relativamente raros. É mister que se façam novas explorações na região, para a captura destes interessantes aracnídeos. São absolutamente inofensivos.

Entre os escorpiões, sómente uma espécie foi encontrada, aliás a mais ocorrente no Estado de São Paulo, e quase que a única responsável pelos acidentes registados.

É a seguinte a relação dos aracnídeos coligidos em Monte Alegre, em 1942:

ARANEAE

Anyphaenidae

Anyphaeninae

Anyphaena sp.

Osoriella osoriana Melo-Leitão, 1922

Teudis fortis (Keyserling, 1891)

*Argiopidae**Araneinae**Parawixia audax* (Blackwall, 1863)*Taczanowskia pulchra*, sp. n.*Zilla melanocephala* (Taczanowski, 1875)*Argiopinae**Argiope argentata* (Fabricius, 1775)*Gasteracanthinae**Gasteracantha kochi* Butler, 1873*Nephilinae**Nephila clavipes* (L., 1758)*Ctenizidae**Ctenizinae**Idiops montealegrensis*, sp. n.*Rachias intermedia*, sp. n.*Dinopidae**Dinopinae**Dinopis* sp.*Eusparassidae**Eusparassinae**Polybetes maculatus* (Keyserling, 1880)*Micrommatinae**Olios caprinus* Melo-Leitão, 1919*Olios macroepigynum*, sp. n.*Olios rapidus* (Keyserling, 1880).*Lycosidae**Lycosinae*

Lycosa raptoria Walckenaer, 1837. Muito frequente no Estado de São Paulo. Veneno de ação local intensa. Tratamento: sôro específico anti-licósicc, fabricado pelo Instituto Butantã.

*Lyssomanidae**Lyssomaninae**Lyssomanes* sp.*Mimetidae**Mimetinae**Gelanor zonatus* (C. Koch, 1845)*Oxyopidae**Oxyopinae**Oxyopeidon marmoratum* (Simon, 1898)*Oxyopes salticus* Hentz, 1845*Peucetia rubrigastra* Melo-Leitão, 1929

*Pholcidae**Blechnroscelinae**Blechnroscelis cyaneo-taeniata* Keyserling, 1391*Salticidae**Myrmarachninae**Simonella* sp.*Salticinae**Menemerus bivittatus* (Dufour, 1831)*Selenopidae**Selenopinae**Selenops spixii* Perty, 1830*Senoculidae**Senoculinae**Senoculus* sp.*Sicariidae**Scytodinae**Scytodes lineatipes* Taczanovski, 1873*Theridiidae**Theridiinae**Thwaitesia adamantifera* Keyserling, 1884.*Thomisidae**Thomisinae**Acentroscelus versicolor* Soares, 1942*Ceraarachne germaini* Simon, 1886*Metadidaea litterata* Piza, 1933*Metadidaea paranensis* Melo-Leitão, 1932*Misumena pulchra* Badcock, 1932*Misumenops curadoi* Soares, 1943*Misumenops croceus* (Keyserling, 1880)*Misumenops guianensis* (Taczanowski, 1872)*Misumenops pallens* (Keyserling, 1880)*Misumenops pallidus* (Keyserling, 1880)*Synaema luteovittatum* Keyserling, 1891*Synaema nigrianus* Melo-Leitão, 1929*Tmarus* sp.*Tmarus albolineatus* Keyserling, 1880*Tmarus camelinus* Melo-Leitão, 1929*Tmarus mutabilis*, sp. n.*Uloboridae**Miagrammopinae**Miagrammops* sp.

OPILIONES**Gonyleptidae****Bourguyinae**

Discocyrtoides violaceus Melo-Leitão, 1923

Gonyleptinae

Sodreana sodreana Melo-Leitão, 1922

Pachylinae

Discocyrtus flavigranulatus, sp. n.

SCORPIONES**Buthidae****Centurinae**

Tityus bahiensis (Perty). Espécie muito comum no Estado de São Paulo, para a qual o Instituto Butantã fabrica sôro específico.

Dou, a seguir, a descrição das formas novas assinaladas:

Taczanowskia pulchra, sp.n.

(Fig. 1)

♀. Comprimento - 5,5 mm.

Cefalotórax tão longo quão largo, muito arredondado, abrupta e grandemente estreitado na região da fronte, convexo. Olhos anteriores em linha recurva, os médios muito maiores que os laterais, equidistantes. Olhos posteriores também em linha recurva, os médios muito maiores e mais próximos entre si que dos laterais. Olhos laterais contíguos, os anteriores maiores. Área dos olhos médios um pouco mais larga que longa, de olhos anteriores maiores que os posteriores. Clípeo vertical, estreitíssimo, mais ou menos da altura do diâmetro dos olhos médios anteriores. Quelíceras com o bordo superior do sulco ungueal provido de três dentes e com o bordo inferior mútico. Lábio e lâminas maxilares com rebordo muito desenvolvido. Lábio triangular, quase tão largo quão longo, de ápice levemente arredondado, excedendo o meio das lâminas maxilares. Estas, direitas, de lados paralelos, pouco mais longas que largas, de ápice um pouco arredondado. Esterno mais longo que largo, truncado entre as ancas IV, as quais estão mais ou menos afastadas entre si. Patas laterígradas, I-II muito maiores que III-IV, lembrando a disposição das patas nos Tomísidas.

Patas míticas. Patas I-II com os tarsos providos de duas unhas, a interna muitíssimo maior que a externa, lisa, apenas com um pequeno dente basal, sem contar a unha mediana.

Abdômen muito mais largo que longo, tendo de cada lado um alto tubérculo dorsal com a extremidade curvada para fóra, comprimido transversalmente no bordo anterior e deprimido longitudinalmente no dorso, com dois pares de grandes pontos na depressão e mais um par posterior muito menor, e que indicam a inserção de músculos.



Fig. 1 — *Taczanowskia pulchra*, sp. n.

Cefalotórax amarelo, com os bordos laterais providos de uma faixa castanho-negra na metade anterior; com quatro manchas da mesma cor, irregulares, também na metade anterior, de um lado e do outro; com larga faixa longitudinal mediana de cor castanho-negra, que começa no início da declividade torácica com dois lobos e depois de curto percurso se divide em dois longos ramos que se dirigem para os olhos laterais e um ramo mais fino mediano que se dirige para o meio dos olhos médios posteriores, mas termina muito antes de atingi-los. Olhos com uma auréola polida de

côr vermelho-apagada. Clípeo com uma faixa transversal castanho-negra que toma quase tôda sua altura e é continuação da faixa que existe nos bordos laterais do cefalotórax. Queliceras amarelas, com uma mancha irregular castanho-escura na metade basal da face anterior e com uma mancha vermelha na metade basal da face posterior. Lâminas maxilares e lábio castanho-negros, com o rebordo amarelo. Esterno amarelo, com uma faixa negra que o contorna internamente. Palpos amarelos, com uma mancha enegrecida apical na face dorsal dos fêmures, com pequena mancha trifida, enegrecida, basal, na face dorsal das patelas e outra avermelhada, pouco nítida, apical, na mesma face, e com larga faixa negra longitudinal na face inferior das tíbias, em tôda a sua extensão; o ápice das tíbias na face dorsal também apresenta uma mancha enegrecida pouco nítida. Patas I amarelas, com as ancas e trocanteres irregularmente manchados de castanho-negro, com uma mancha irregular castanho-negra na base dos fêmures, patelas e tíbias e na base e ápice dos protarsos; os fêmures e tíbias apresentam dois larguíssimos anéis amarelo-alaranjados e os protarsos, apenas estreito anel mediano; as patelas têm a base inferiormente enegrecida. Patas II mais ou menos como I, porém com as côres mais vivas, o amarelo-alaranjado sendo aqui de tons vermelhos. Patas III-IV muito manchadas de castanho-negro.

Abdômen branco, irregularmente manchado de róseo e negro, com uma grande mancha rósea de cada lado posteriormente. Ventre branco, região epigástrica amarelo-clara, manchada de negro.

Epígino mal definido.

HABITAT: Fazenda Santa Maria, Monte Alegre, Município de Amparo, Estado de São Paulo, Brasil.

TIPO: Número E.483 C.581, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Coligido pelo Dr. Frederico Lane, em 25-XI-1942.

***Idiops montealegrensis*, sp. n.**

(Figs. 2, 3 e 4)

♂. Comprimento - 13,5 mm.

Cefalotórax com pequeninas eminências circulares, que são a base de pequeninas cerdas, em toda sua extensão. Olhos laterais anteriores quase contíguos, perto do bordo frontal, numa elevação pouco apreciável. Os outros seis olhos formam um grupo disposto sobre um tubérculo. Olhos anteriores (laterais anteriores) um pouco maiores que os laterais posteriores, estes mais ovais que aquêles,



Fig. 2 — *Idiops montealegrensis*, sp. n.

os quais são muito mais arredondados. Olhos médios anteriores formando com os laterais posteriores uma linha muito recurva, os primeiros afastados entre si de meio diâmetro e a pouco mais de um diâmetro dos laterais posteriores. Olhos posteriores em linha procurva, os médios muito menores e muito mais afastados entre

si que dos laterais. Quelíceras com três faixas longitudinais de cerdas, cada faixa formada por duas filas paralelas de cerdas. Fêmures, patelas e tíbias das patas com duas faixas longitudinais lisas, no restante com cerdas em toda a sua extensão, como o são os demais artículos das patas. Lábio pouco mais largo que longo, estreitando-se muito discretamente para o ápice, sem cúspides, com finas cerdas, além de outras maiores no ápice. Esterno



Fig. 3 — *Idiops montealegrensis*, sp. n. (Palpo do macho)

Fig. 6 — *Rachias intermedia*, sp. n. (Palpo do macho)

Fig. 4 — *Idiops montealegrensis*, sp. n. (Palpo do macho)

mais longo que largo, mais largo ao nível das ancas III e mais estreito adiante, provido de finas cerdas. Tíbias I com duas apófises laterais internas, uma apical e outra menor perto do ápice. Protarsos e tarsos I com uma série longitudinal de espinhos de cada lado, sendo a série interna de espinhos mais numerosos. Palpos: Fêmures, patelas e tíbias com duas faixas longitudinais li-

sas na face dorsal. Tibias mais espêssas que os fêmures e patelas, com uma área provida de cúspides na metade apical externa.

Bulbo como na figura (3 e 4).



Fig. 5 — *Rachias intermedia*, sp. n.

Colorido geral castanho-claro. Cerdas negras. Abdômen com pêlos negros, que são em muito menor quantidade na face ventral, a qual é de cor amarela levemente queimada, como as ancas e o esterno.

HABITAT: Fazenda Santa Maria, Monte Alegre, Município de Amparo, Estado de São Paulo, Brasil.

TIPO: Número E.485 C.326, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Coligido pelo Dr. Frederico Lane, em 27-XI-1942.

***Rachias intermedia*, sp. n.**

(Figs. 5 e 6)

♂. Comprimento - 15,0 mm.

Cefalotórax muito mais longo que largo, com longos pêlos sedosos, pouco alto, de região cefálica convexa e fôvea torácica direita, larga. Olhos anteriores em linha procurva, quase iguais, pouco separados. Olhos posteriores em linha recurva, os médios muito menores e muito mais afastados entre si, contíguos aos laterais. Olhos laterais posteriores menores que os laterais anteriores. Quelíceras sem apófise apical, de rastelo pouco distinto e constituído por denticulos pouco abundantes e quase setiformes. Lábio mais largo que longo, com duas cúspulas apicais. Ancas dos palpos com uma área basal interna cuspulosa. Esterno mais longo que largo, mais largo posteriormente, com três pares de sigilas esternas, sendo as do par posterior internas e as outras marginais; há no esterno pêlos finos erectos. Patas com longos pêlos. Tarsos de todos os pares curvos, com escópula de pêlos finos, curtos e muito macios. Protarsos sem escópula. Tíbias I do macho sem esporão apical. Fêmures I-II com espinhos dorsais. Patelas I com 1 e II com 2 espinhos laterais internos abaixo do meio, Tíbias I com 3-3-3 espinhos inferiores e 1-1 do lado interno. Tíbias II com 3-3-2 espinhos inferiores e 1-1 do lado interno. Protarsos I com 4-1-2 espinhos inferiores, sendo os quatro apicais. Protarsos I' com 3-1-2 espinhos inferiores e 1 de cada lado. Tarsos com o terço basal mútico, os dois terços apicais com uma série dupla de curtos espinhos fracos.

Abdômen mais longo que largo, com pêlos deitados macios e pêlos mais grossos quase erectos.

Cefalotórax castanho-oliváceo escuro, com pêlos cinzento-claros. Quelíceras anteriormente da mesma cor do cefalotórax, pos-

teriormente castanhas. Patas e palpos castanho-escuros, bem como o lábio e o esterno.

Dorso do abdômen castanho, com a base dos pêlos em manchas brancas. Ventre branco.

Bulbo como na figura. Tíbia dos palpos com 7 espinhos apicais e 2 laterais internos.

É possível que se trate do macho de *Rachias piracicabensis* Piza, 1938, e só o exame de machos da mesma localidade-tipo da espécie do Prof. Piza poderá solucionar a questão em definitivo.

TIPO: Número E.546 C.629, neste Departamento.

Olios macroepigynum, sp. n.

(Figs. 7 e 8)

♀. Comprimento - 9,0 mm.

Cefalotórax mais longo que largo, com a região cefálica separada da torácica por um sulco em V. Estria torácica fina e longa. Olhos posteriores em linha quase direita, muito pouco procurva, os médios menores e um nada mais afastados entre si que dos laterais. Olhos anteriores em linha levemente recurva, os médios maiores, todos equidistantes. Área dos olhos médios muito pouco mais larga que alta, mais estreita adiante, de olhos anteriores maiores que os posteriores. Clípeo muito estreito, um pouco mais alto que o diâmetro dos olhos médios anteriores. Quelíceras com dois dentes no bordo superior do sulco ungueal e com quatro dentes no bordo inferior, sendo o dente mais interno do bordo inferior muito menor que os demais. Lábio arredondado, muito mais largo que longo, baixo, muito menor que a metade das lâminas maxilares. Estas são direitas, largas, quase da mesma espessura desde a base até o ápice. Esterno quase tão longo quanto largo, truncado anteriormente, terminando em ponta curta entre as ancas IV. Protarsos I-II com 2-2 longos espinhos inferiores e 1 de cada lado perto da base. Tíbias I-II com 2-2-2 inferiores e 1 de cada lado perto do meio. Tíbias e protarsos III-IV também espinhosos.

Abdômen muito mais longo que largo.

Epígino grande, como na figura.

Cefalotórax amarelo, com áreas irradiantes, pouco nítidas,

mais claras. Quelíceras, patas e palpos amarelos. Lâminas maxilares brancas na metade superior e amarelo-claras na inferior. Lábio amarelo-claro, com rebordo branco. Esterno amarelo, quase branco.

Abdômen superiormente amarelo levemente queimado, com uma faixa longitudinal na metade anterior amarela. Ventre amarelo-claro. Epígino castanho-claro.

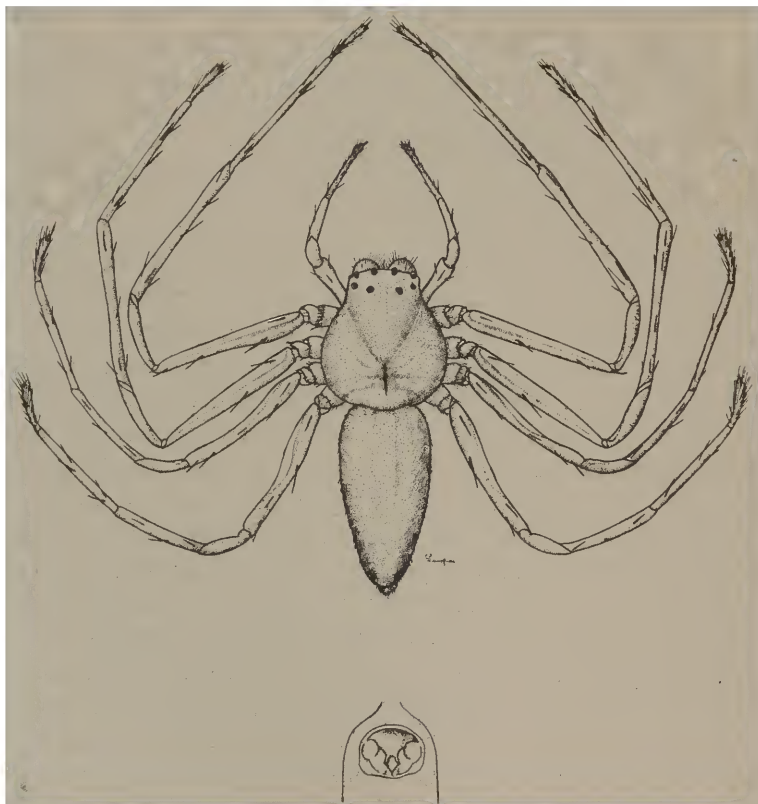


Fig. 7 — *Olios macroepigynum*, sp. n.

Fig. 8 — *Olios macroepigynum*, sp. n. (Epígino)

HABITAT: Fazenda Santa Maria, Monte Alegre, Município de Amparo, Estado de São Paulo, Brasil.

TIPO: Número E.485 C.353, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Coligido pelo Dr. Frederico Lane, em 27-XI-1942.

***Tmarus mutabilis*, sp. n.**

(Figs. 9 e 10)

♀. Comprimento - 7,0 mm.

Cefalotórax mais longo que largo, com cerdas finas e frageis na parte mais dorsal. Clípeo muito proclive, mais alto que a área dos olhos médios. Olhos anteriores em linha recurva, quase equidistantes, os médios muito menores que os laterais. Os olhos posteriores também quase equidistantes, em linha recurva, os médios muito menores que os laterais. Área dos olhos médios um pouco mais larga que alta, mais estreita adiante, com os olhos anteriores menores que os posteriores. Tíbias I com 2-2-2 espinhos inferiores, 1-1-1 de cada lado e 1-1 superiores, protarsos com 2-2-2-2 inferiores e 1-1-1 de cada lado; tíbias II com 2-2 inferiores e 1-1-1 de cada lado, protarsos II com 2-2-2 inferiores e 1-1-1 de cada lado. Lábio muito mais longo que largo, excedendo o meio das lâminas maxilares, e mais largo no ápice que na base. Lâminas maxilares longas. Esterno mais longo que largo, largamente truncado na frente.

Abdômen muito mais longo que largo, com pêlos frageis e longos. Epígino como na figura.

Cefalotórax amarelo, lateral e posteriormente manchado de branco, com linhas irradiantes brancas que partem do início da declividade torácica, entre as quais sobressai uma linha mediana longitudinal que vai até o clípeo. Sobre o cefalotórax há, de um lado e de outro, atrás dos olhos laterais, uma mancha alongada irregular olivácea. Clípeo amarelo, salpicado de vermelho na metade anterior. Tubérculos oculares cinéreos. Patas I-II amarelas, com os fêmures, patelas e tíbias salpicadas de branco e oliváceo, lateral e inferiormente, coloração esta mais acentuada nos fêmures e decrescendo para as patelas e mais ainda para as tíbias. Os fêmures I e II apresentam uma mancha olivácea muito nítida no

ápice inferiormente. Patas III-IV amarelas. Palpos, quelíceras, esterno, lábio e lâminas maxilares amarelas.

Abdômen branco-sujo, com uma faixa longitudinal olivácea que termina antes da extremidade posterior.

HABITAT: Fazenda Santa Maria, Monte Alegre, Município de Amparo, Estado de São Paulo, Brasil.



Fig. 9 — *Tmarus mutabilis*, sp. n.

Fig. 10 — *Tmarus mutabilis*, sp. n. (Epígino)

TIPO: Número E.472 C.331, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Coligido pelo Dr. Frederico Lane, em 27-XI-1942.

PARÁTIPOS: Números E.472 C.571 e E.473 C.332, no mesmo Departamento.

Estes três espécimes (tipo e dois parátipos) servem de exemplo para nos mostrar que, após uma revisão das espécies do gênero *Tmarus* Simon, 1875, o seu número será provavelmente muito reduzido, se se conseguir trabalhar com grandes séries, pois a variação individual é enorme: côr, quetotaxia e, como já tenho observado em outras espécies, o tamanho e as distâncias dos olhos entre si. Assim é que, num dos espécimes, a faixa mediana do dorso do abdômen é muito nítida, em outro não existe e no terceiro se estende até os lados. A forma do epígino se mostra diferente num dos exemplares, talvez por diferença de idade. Suponho que o epígino se mostre igual quando os exemplares têm o mesmo número de mudas. Um dos espécimes da espécie que acabo de descrever, aparecendo futuramente isolado, poderia constituir boa espécie nova. A forma do abdômen também se mostra diferente nos indivíduos da mesma espécie.

Os caracteres utilizados para a separação das espécies do gênero *Tmarus* Simon, 1875, em chave, organizada pelo Prof. Melo Leitão, mostram-se em vista do exposto, falhos (Cf. Melo-Leitão, Afantoquilidas e Tomísidas do Brasil, Arq. Mus. Nac. vol. 31, 1929, pp. 128 a 132). São os seguintes: Côr (presença ou ausência da faixa longitudinal mediana do dorso do abdômen), quetotaxia, altura e largura da área dos olhos médios.

***Discocyrtus flavigranulatus*, sp. n.**

(Fig. 11)

♂. Comprimento - 6,0 mm. Patas: 9,5 - 18,5 - 14,5 - 19,0 mm. Artículos tarsais: 6 - 9/10 - 7 - 7.

♀. Comprimento - 7,0 mm. Patas: 8,5 - 14,5 - 12,0 - 15,0 mm. Artículos tarsais: 6 - 8/9 - 7 - 7.

♂.

Margem anterior do cefalotórax com alguns grânulos pequenos esparsos. Cefalotórax com quatro grânulos atrás do cômodo ocular e com alguns grânulos pequeninos na metade anterior. Cômodo ocular modicamente elevado, com dois espinhos divergen-

tes e alguns grânulos pequenos. Área I bipartida, granulosa sómente no meio; II com grânulos formando a figura de meia-lua de concavidade posterior e no mais lisa; III com um par de tubérculos medianos, com grossas granulações no meio e uma fila de



Fig. 11 — *Discocyrtus flavigranulatus*, sp. n.

pequenos grânulos em tôda a extensão perto do sulco IV; IV bipartida e com pequeninas granulações em quase tôda a sua extensão; V com duas filas de grânulos, a anterior de grânulos muito menores, e com dois grânulos medianos muito maiores que os de-

mais. Áreas laterais com grossos grânulos na parte mais dilatada, e com granulações muito pequenas irregularmente distribuídas. Tergitos livres com uma fila de grânulos e mais alguns grânulos pequeninos irregularmente distribuídos. Opérculo anal parcialmente granuloso, com granulações pequenas. Esternitos livres lisos. Coxas I a III com algumas granulações. Palpos: Trocânteres com dois espinhos apicais inferiores, um deles muito pequeno; fêmures com um espinho basal inferior e robusto espinho apical interno; tíbias com 4-4 e tarsos com 4-3 espinhos inferiores. Fêmures I-II direitos, III-IV curvos. Fêmures III com um espinho apical lateral. Patas IV: Ancas granulosas, com enorme apófise apical externa ponteaguda, curva para trás, e com robusta apófise apical interna direita, com a extremidade em bisel; trocânteres com um dente mediano interno, dois dentes verticilados apicais internos, e com alguns grânulos grossos do lado externo; fêmures com robusta apófise dorsal mediana curva para dentro, com outra, semelhante a ela, menor, perto do ápice, e uma terceira, menor ainda e mais fina, apical, com um par de dentes apicais dorsais e um par de dentes apicais ventrais, com uma fila interna de dentes, e uma fila interna de tubérculos; patelas com um dente basal e um apical inferiores, além de outros dentes tuberculiformes; tíbias com três pares de dentes inferiores apicais, o par mais próximo do ápice maior e o mais afastado o menor, além de outros dentes tuberculiformes irregularmente distribuídos.

Colorido geral castanho-escuro, com as granulações das áreas I-II-III e os quatro grânulos de trás do cômodo ocular amarelo-sulfúreos. Bordas das áreas laterais, da área V e do tergito livre I amarelo-sulfúreas. Palpos e patas I a III oliváceos, o ápice dos fêmures III amarelo. Patas IV castanhas, com o ápice dos fêmures amarelo.

♀.

A área III possui um par de espinhos baixos em vez de tubérculos e é quase toda granulosa, sendo as granulações que ficam entre os espinhos maiores. Área IV bipartida e granulosa em toda a extensão. Tergitos livres I e II com um par de grânulos medianos maiores que os demais, como se vêm na área V do escudo dorsal. Fêmures III com um espinho apical lateral. Coxas

IV granulosas, com uma apófise apical externa espiniforme, e com apófise apical interna espiniforme menor que a externa e pouco visível, sómente apreciável quando examinada pela face ventral do opilião. Trocanteres IV granulosos do lado externo, com um espinho mediano, lateral, interno, e dois espinhos verticilados apicais internos, um dos quais muito pequeno. Fêmures IV com um dente dorsal perto do meio, outro também dorsal perto do ápice e dois apicais dorsais, dois apicais inferiores, um apical interno e outro perto do ápice também do lado interno, afóra grânulos de vários tamanhos irregularmente esparsos. Patelas e tíbias IV com grânulos irregulares.

Quanto a coloração, a fêmea não possui os bordos das áreas laterais, da área V e do tergito livre I amarelo-sulfúreos, a não ser muito discretamente coloridos dessa côr.

HABITAT: Fazenda Santa Maria, Monte Alegre, Município de Amparo, Estado de São Paulo, Brasil.

HOLÓTIPO E ALÓTIPO: Número E.485 C.569, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Coligidos pelo Dr. Frederico Lane, em 27-XI-1942.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

PRIMEIRA CONTRIBUIÇÃO AO CONHECIMENTO DA FAUNA ICTIOLÓGICA DE MONTE ALEGRE (*)

(Estado de São Paulo)

PÔR

A. AMARAL CAMPOS

Em meados do mês de maio do corrente ano, por incumbência do Departamento de Zoologia, fui à cidade de Monte Alegre, com o fim de colher dados e material necessários ao remate dos estudos que venho fazendo já há alguns meses sôbre a ictiologia da região.

A região é banhada pelo rio Camanducaia, ao qual se restringem tôdas as observações trazidas no presente trabalho.

Nasce o referido rio, entre serras distantes algumas léguas e encontra esparsos ao longo do seu percurso bruscos desníveis, que vence em rumorosos saltos encachoeirados ou em movimentadas corredeiras, vindo em seguida retomar o leito arenoso e uniforme, onde desliza mansamente por alguns quilômetros. Suas águas crescem rapidamente com as inúmeras vertentes colhidas das montanhas que contorna, e vai desaguar no rio Jaguari, após um percurso de várias dezenas de quilômetros, já com um volume bastante considerável. A ausência de brejos e pantanais nas margens do rio, que são cobertas de arbustos quando não cultivadas, permite acompanhá-lo em quase tôdo o seu trajeto entre a cachoeira do Falcão e a de Três Pontes, a uma distância calculada de 12 a 13 quilômetros.

A cachoeira do Falcão, pouco distante da sede da Fazenda

(*) Recebido para publicação em X-43.

Experimental, fundada recentemente pela Secretaria da Agricultura, é constituída por uma interessante escarpa de aproximadamente 3 metros de altura, que o rio após fragmentar-se em volumosos jactos transpõe de uma só vez, para a seguir expandir-se num leito de pedras e cascalhos. Pequenos sítios formados ali nos arredores animam a magnífica paisagem. Outras quedas menores e corredeiras são encontradas espaçadamente, estando uma delas situada dentro do território da Fazenda Experimental.

Serpenteando por entre os vales, o rio Camanducaia, como já foi dito, tem as suas margens despidas de matas, notando-se de quando em vez um aglomerado de pequenas árvores que indica um reflorestamento natural. Em tôda a extensão percorrida verifica-se a presença de umas poucas árvores de Ingá, planta comumente encontrada às margens dos rios e produtoras de um fruto apreciado pelos peixes frugívoros.

À devastação das margens sobrevem fatalmente o desaparecimento dos peixes do rio. Desta forma o rio Camanducaia, que pelo seu volume poderia ser muito mais piscoso, parece no momento achar-se na situação de tôdas as águas devastadas e desprotegidas.

Apesar de desprotegido sob êstes aspectos considerados, o rio Camanducaia comporta várias espécies de peixes representadas embora por número pequeno de indivíduos. O tempo frio e desfavorável à pesca contribuiu para que a coleta de espécimes não fosse muito numerosa, limitando-se a 174 exemplares apenas. Não obstante, o material ictiológico colecionado no mesmo rio durante os meses de verão eleva aquêl número a um total de 491 exemplares, distribuídos pelas famílias seguintes: *Loricariidae*, *Siluridae*, *Characidae* e *Poeciliidae*. Embora não figure na coleção, é quase certo ocorrer também a família *Cichlidae*.

A família *Loricariidae*, que é a melhor representada no rio Camanducaia, abrange os peixes vulgarmente conhecidos por "Cascudos". Em tôdas as épocas do ano, êstes peixes são lá encontrados com facilidade. Aliás um fato curioso chama a atenção de quem observa os exemplares desta família coligidos neste rio: é a predominância, ou talvez a exclusividade, do gênero *Plecotomus*. Pois não foi encontrado um exemplar sequer dos outros gêneros, nem mesmo de *Loricaria*, ou "Cascudo viola", que rara-

mente falta onde existem outros componentes da família. Sua ausência é tanto mais notável quanto se trata de uma região em condições ótimas para o seu desenvolvimento. Este fato entretanto não reverte em prejuízo da zona, porquanto os peixes do gênero *Plecostomus* são, dentro da família *Loricariidae*, os que possuem as melhores qualidades como alimento. Possuidores de uma carne ótima e delicado sabor, quando bem preparados podem substituir qualquer outra espécie de pescado fino.

A família *Siluridae* “bagres” e “mandis” é representada pelos gêneros *Pimelodella*, *Pseudopimelodus* e *Rhandia*. A não ser o gênero *Pimelodella*, cujas espécies são de pequeno porte, os outros dois gêneros compreendem peixes que atingem um desenvolvimento razoável, o que lhes confere algum valor econômico.

A numerosa família *Characidae*, cujos gêneros são constatados em quase todas as águas fluviais do Brasil, também aí está presente com o seu contingente de espécies, distribuídas entre os gêneros *Astyanax*, *Poecilurichthys*, *Leporinus*, *Apareiodon*, *Parodon*, *Brycon*, *Salminus*, *Hoplias* e *Prochilodus*. Quase todas contém espécies aproveitáveis para a alimentação do homem, ao lado de outras que, pelo crescimento muito reduzido, prestam-se mais à alimentação dos próprios peixes de tamanho maior.

Há ainda a família *Poeciliidae*, concorrendo com um gênero *Phalodocus*, peixinho muito gracioso cujo valor decorativo em tanques e aquários é sobejamente conhecido.

DISCRIMINAÇÃO DAS ESPÉCIES DE PEIXES ENCONTRADAS

Família LORICARIIDAE

***Plecostomus plecostomus* Cuv. et Val.**

34 exemplares desta espécie vieram enriquecer a coleção do Departamento de Zoologia que já contava com exemplares de diversas procedências como sejam: Franca, Vila Olímpia, Sorocaba, Perus, Piracicaba, Tatui e, agora, mais a de Monte Alegre, todas do Estado de São Paulo, contando também com as de São Luiz de Cáceres no Estado de Mato Grosso, rio Muriaé, Estado do Rio de Janeiro e rio São José no Estado do Espírito Santo.

Plecostomus alatus Casteln.

115 exemplares novos procedentes do Camanducaia reuniram-se aos exemplares desta espécie, quase tôdos colecionados em Piracicaba em 1910 por E. Garbe, naturalista-viajante, e que já faziam parte da nossa coleção.

Plecostomus lexi R. v. Ihering.

Das espécies citadas, salienta-se esta, pouco conhecida por ter sido descrita em data relativamente recente (1910), cujo tipo encontra-se na coleção do Departamento, sob o n.º de registo 2.126. E' procedente do rio Pardo, Estado de São Paulo, colecionado pelo sr. Fausto Lex. Possuimos agora mais de duas dezenas de exemplares dêstes lindos cascudos, que no rio Camanducaia são conhecidos pelo nome popular de "Cascudo-chita".

Família SILURIDAE

Pimelodella lateristriga Mull. & Trosch.**Pseudopimelodus zungaro** (Humb.).**Rhandia quelen** (Quoy & Gmrdr).

Estas espécies de larga distribuição não só no Estado de São Paulo como nos outros estados, estão representadas na coleção de peixes dêste Departamento por um grande número de exemplares de várias procedências.

Família CHARACIDAE

Astyanax fasciatus (Cuv.)

Ocorrentes em tôdos os rios do Brasil e conhecidos por "Lambaris", são êstes pequenos peixes representantes de um grande número de espécies, dentro da família *Characidae*. Mais uma espécie do gênero citado pode-se distinguir nesta região, que é:

Astyanax bimaculatus (L.).

Entre os peixes pertencentes ao gênero *Parodon* e *Apareiodon*, denominados comumente "Canivetes", há a espécie:

***Parodon tortuosus* Eigenm.**

e mais duas espécies do gênero *Apareiodon* das quais, uma, eu considero com caracteres distintos das espécies até agora conhecidas, pelo que passo a descrever sob o nome de

***Apareiodon ibitiensis* nobis**

Tipo do rio Camanducaia, Monte Alegre, Estado de São Paulo (N.º 3.411).

O gênero *Apareiodon* Eigenm. 1916, que tem como tipo *Parodon piracicabae* do mesmo autor, cuja característica diferencial é a ausência completa de dentes na maxila inferior, apresenta várias espécies com as quais entretanto não pude identificar a que encontrei entre os peixes coligidos em Monte Alegre. Muito afim com *Apareiodon piracicabae* Eigenm., *Apareidon dariensis* Meek & Hild, e *Apareiodon davis* Fowler, delas se afasta quanto a fórmula dentária, para não falar nas diferenças de proporções e colorido. Assim comparando a fórmula dentária entre estas espécies, fornecidas pelos respectivos descritores, encontramos:

Apareiodon piracicabae Eigenm. = 4 intermaxilares, e 2 maxilares de cada lado;

Apareiodon dariensis Meek. & Hild. = 3 ou 4 intermaxilares, sem fazer referência aos dentes maxilares;

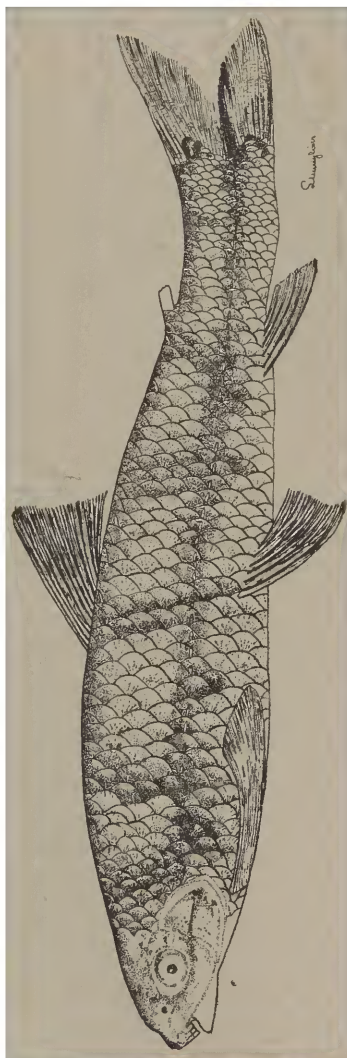
Apareiodon davis Fowler = 4 intermaxilares e 1 maxilar; e

Apareiodon ibitiensis nobis = 3 intermaxilares e 1 maxilar.

Além destas divergências, outras há, como em *A. piracicabae*, as peitorais são mais pontudas e tem os raios medianos recurvados para dentro, enquanto que em *A. ibitiensis* estas nadadeiras apresentam o bordo mais arredondado. *A. dariensis* apresenta três estrias longitudinais em cada lado do corpo o que não se verifica na nova espécie. *A. davis* é muito mais robusta, isto é, tem o corpo mais alto do que a espécie que acabo de encontrar.

DESCRIÇÃO DO TIPO: D. 11; A. 6-7; V. 8; P. 11-13; altura 4 4/5; cabeça 5; olhos 3 - 3 1/2 na cabeça; 1 1/3 no focinho e no interorbital; linha lateral 40; dentes multicúspidos em número de 3 em cada intermaxilar; 1 dente fraco na extremidade proximal de cada maxilar; dorsal com início pouco antes da metade do com-

primento do corpo; peitorais mais longas do que a cabeça; ventrais menores que as peitorais; ambas com membranas inter-radiais espessas, estas últimas situadas a maior distância da origem das



Apareiodon ibitiensis nobis.

peitorais que da anal; anal com os raios anteriores duplamente maiores encobrando os posteriores; lobos da caudal com a base escamosa; escamas do corpo estriadas, 4 séries distintas entre a

linha lateral e base da dorsal e 3 séries entre essa linha e a origem da ventral; dorso escuro, uma estria negra acompanhando a linha lateral segue até às pontas dos raios medianos da caudal; uma mancha escura sôbre o focinho e outra na base do opérculo; mais 5 estrias escuras, porém, transversais partindo do dorso atravessam a longitudinal e desaparecem na face ventral do corpo, a 1.^a aparece logo depois da região occipital; a 2.^a na origem da dorsal, a 3.^a na base desta nadadeira, a 4.^a antes da adiposa e a 5.^a depois da adiposa. A caudal que é fimbriada de escuro, apresenta uma lista oblíqua na base de cada lobo; dorsal com duas listas escuras, uma na base e outra na margem; peitorais e ventrais com a face superior enegrecida, a inferior pálida; anal e adiposa ligeiramente pigmentadas. Comprimento 113 mm.

A outra espécie do gênero é:

Apareiodon piracicabae Eigenm., frequentemente encontrada no rio dêsse nome como também em outros que percorrem o estado.

Brycon orbinyanus Cuv. et Val., pertencentes às chamadas “Piracanjubas” muito apreciadas pelo sabor delicado de sua carne, embora esta espécie não atinja um desenvolvimento igual ao de suas congêneres.

Salminus hilarii Cuv. et Val., ou comumente “Tabarana”, não sendo tão apreciada como sua congênere “Dourado” é bastante consumida para a alimentação.

Leporinus fasciatus Spix.

Leporinus copelandi Steind., que são as conhecidas “Piabas”, “Piaus”, “Piaparas”.

Hoplias malabaricus (Bloch), ou “Traíras” fàcilmente encontradas nas lagoas e águas pouco movimentadas.

Além dêstes gêneros, cujas espécies foram citadas, soube por informação, de que na região costuma ocorrer representantes do gênero *Prochilodus* (Curimbatá) e também espécimes da família *Cichlidae* (Acarás) dos quais, aliás, não constam representantes na coleção.

Para finalizar a lista de peixes coligidos até a presente data, na região de Monte Alegre, temos ainda uma espécie da família *Poeciliidae*, *Phallochercus caudomaculatus* Hense., habitante das águas marginais ou das pequenas águas popularmente conhecida por “Barrigudinho”.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

MAIS ALGUNS OPILIÕES DE BORACÉA (*)

POR

B. M. SOARES

INTRODUÇÃO

Após minha primeira nota sôbre opiliões de Boracéa (Cf. Soares, 1942, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 2: 1), recebi um pequeno lote dêstes aracnídeos da mesma localidade, coligidos pelo sr. Alfredo Zoppei, e cujo estudo foi o assunto dêste novo artigo.

E' a seguinte a lista dos opiliões, todos da subordem *Laniatores*:

GONYLEPTIDAE

Bourguyinae

Discocyrtoides sp. — 2 ♀ ♀.

Hypophyllonomus maculipalpi (PIZA, 1938) — 1 ♂ e 5 ♀ ♀.

Mitobatinae

Promitobates ornatus (MELO-LEITÃO, 1922) — 1 ♂.

Pachylinae

Discocyrtus boraceae SOARES, 1942 — 1 ♂. Alótipo.

Discocyrtus longicornis (MELO-LEITÃO, 1922) - 5 ♂ ♂ e 4 ♀ ♀.

Oxyrhina zoppeii, g. n. sp. n.

Prosampycus argenteopilosus MELO-LEITÃO, 1935 — 2 ♂ ♂ e 3 ♀ ♀.

PHALANGODIDAE

Tricommatinae

Caporiacoius fallax, sp. n.

Hypophyllonomus GILTAY, 1928

(*) Recebido para publicação em 12-IX-43.

Hypophyllonomus GILTAY, 1928, Ann. Bull. Soc. Ent. Belg., 68: 82; ROEWER, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 265; MELO-LEITÃO, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 221, 228.

Parabristoweia Piza, 1938, seria sinônimo, neste caso de *Singram* gica, 10 (4): 116.

Examinando séries grandes da espécie *Hypophyllonomus maculipalpi* (Piza, 1938), 12 exemplares de Boracéia, Município de Salesópolis, Estado de São Paulo, e 14 de Ipiranga, Estado de São Paulo, Capital (localidade em que foi coligido o tipo), cheguei à conclusão de que a espécie deve pertencer à subfamília *Bourguyinae*, pelos caracteres que apresenta. Sendo assim, *Parabristoweia* Piza, 1938, será sinônimo de *Hypophyllonomus* Giltay, 1928. Se a espécie ficasse na subfamília *Pachylinae*, mesmo assim *Parabristoweia* Piza, 1938, seria sinônimo, neste caso de *Singram* Melo-Leitão, 1937 (Cf. Melo-Leitão, 1937, Rev. Chil. Hist. Nat., Ano 41: 154). Pela leitura da diagnose, parece que *Hypophyllonomus maculipalpi* (Piza, 1938) é sinônimo de *Singram simplex* Melo-Leitão, 1937, o que só a comparação com o tipo solucionará. Se houver sinonímia, *Singram* Melo-Leitão, 1937, será também sinônimo de *Hypophyllonomus* Giltay, 1928. Mesmo que não haja sinonímia entre espécies, parece-me que, examinando-se um grande série, *Singram simplex* Melo-Leitão, 1937, passará para a subfamília *Bourguyinae*. *Hypophyllonomus maculipalpi* (Piza, 1938) é espécie afim de *Hypophyllonomus longipes* Giltay, 1928.

***Discocyrtus boraceae* Soares, 1942**

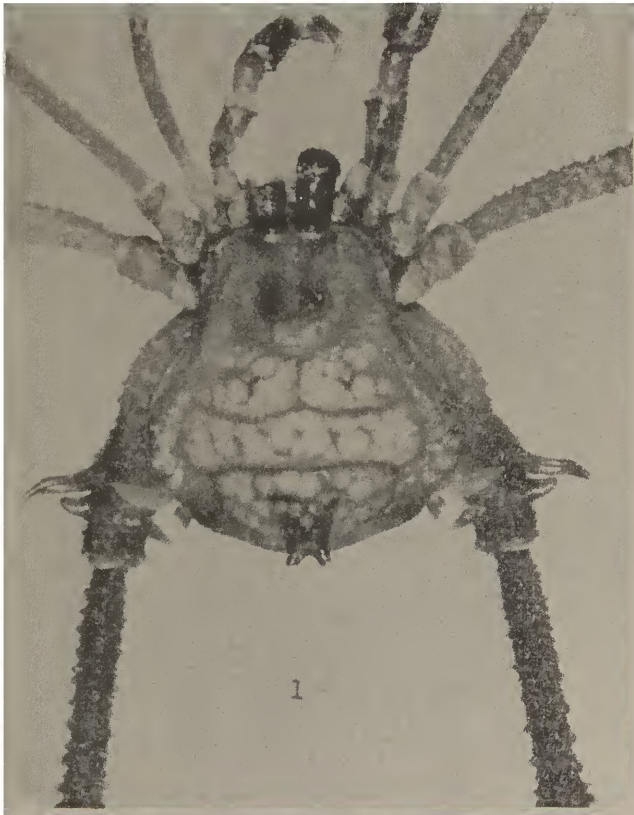
(Fig. 1)

Em trabalho anterior (Cf. Soares, 1942, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 2: 12) descrevi a fêmea desta espécie, sem haver dado ilustração. Agora passo a descrever o macho, fazendo-o acompanhar da respectiva fotografia.

ALÓTIPO ♂. Comprimento: 5,0 mm. Patas: 9,0 - 19,00 - 14,0 - 18,0 mm. Artículos tarsais: 6-13-7-6.

Borda anterior do cefalotórax com alguns grânulos pequenos. Cefalotórax com poucos grânulos pequeninos atrás do cômodo

ocular, que é alto, armado de dois espinhos robustos e provido de alguns grânulos. Áreas I a IV com grânulos pequeníssimos. Área III provida de um processo elevado, dirigido para trás e armado de dois robustos espinhos. Área V e tergitos livres com uma série de grânulos pequeníssimos. Ancas I com uma série de gros-



Discocyrtus boraceae Soares, 1942

sas grânulações providos de longas cerdas. Ancas II, III, parte inferior das ancas IV e área estigmática com cerdas delicadas. Palpos: Trocanteres com dois espinhos inferiores; fêmures com um espinho basal inferior, dois pequenos espinhos inferiores e com espinho apical interno; tíbias com 4-4 e tarsos com 4-3 espinhos inferiores. Fêmures I com grânulos setíferos, II com grânulos se-

tíferos e robusto espinho apical lateral. Patas III: Fêmures com grânulos dorsais, com duas séries de tubérculos que aumentam de tamanho à medida que se aproximam do ápice e com robusto espinho apical lateral; patelas com tubérculos pontudos dorsais; tíbias com tubérculos setíferos dorsais, com duas séries inferiores de espinhos robustos que aumentam de tamanho em direção do ápice, e com dois espinhos inferiores muito robustos e longos, perto do ápice. Patas IV: Ancas lateralmente com grânulos setíferos, com longa apófise apical externa transversal, de extremidade acuminada, arqueada para trás, e provida de um tubérculo basal inferior e, além disso, as ancas apresentam uma apófise apical interna bifida; trocanteres com duas apófises de cada lado; fêmures, patelas e tíbias com muitos tubérculos e espinhos irregularmente distribuídos; os espinhos apicais inferiores das tíbias são muito robustos e longos; protarsos com tubérculos.

Colorido geral castanho, com os grânulos postos em manchas amarelas. Áreas do escudo com estas manchas circundadas por uma linha escura. Patas I a III amarelas, muito manchadas de oliva. Palpos com os tarsos e tíbias de cor oliva, com os restantes artículos amarelos, manchados de oliva. Patas IV castanhas, com os protarsos e tarsos da mesma cor que as patas I a III.

HABITAT: Boracéia, Município de Salesópolis, Estado de São Paulo, Brasil.

ALÓTIPO n.º E.364 C.290, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Coligido por A. Zoppei, em 5-IX-1942.

Discocyrtus Holmberg, 1878

Discocyrtus HOLMBERG, 1878, Natural. Argent., 1: 73, 74.

Discocyrtianus ROEWER, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 250.

Examinei uma série de 5 machos e 4 fêmeas da espécie *Discocyrtus longicornis* (Melo-Leitão, 1922), procedentes de Boracéia, Município de Salesópolis, além de muitos outros exemplares de Alto da Serra. A área I pode apresentar nesta espécie um par de tubérculos ou estes se confundem com os grânulos, o que levaria alguns espécimes para o gênero *Discocyrtanus* Roewer, 1929, e ou-

tros, para *Discocyrtus* Holmberg, 1878. Julgo, pois, oportuno, fundir êstes dois gêneros num só. Doravante *Discocyrtus* Holmberg, 1878, poderá apresentar na área I um par de tubérculos ou ser inerte nesta área.

Oxyrhina, g. n.

Áreas I, II, IV e V do escudo dorsal inermes, III com dois tubérculos. Cômoro ocular provido de robustíssimo espinho pontudo dirigido para diante. Tergitos livres do macho inermes; na fêmea o tergito livre I é inerte, II e III com pequeno tubérculo mediano. Opérculo anal inerte. Palpos de fêmures inermes. Tarsos I de 5 artículos, III-IV de 6, II de mais de 6.

TIPO: *Oxyrhina zoppeii*, sp. n.

A configuração geral e o espinho do cômoro ocular lembram os Falangódidas, mas a presença de pseudoníquio muito evidente tira a possibilidade de pertencer a esta família. E' afim de *Metagyndes* Roewer, 1913.

Oxyrhina zoppeii, sp. n.

(Fig. 2)

♀. Comprimento: 7,0 mm. Patas: 8,0 - 14,0 - 10,5 - 14,5 mm. Artículos tarsais: 5 - 8 - 6 - 6.

Borda anterior do cefalotórax com dois tubérculos setíferos no meio e com três de cada lado. Cômoro ocular granuloso, com robustíssimo espinho muito longo, pontudo, pouco granuloso, dirigido para diante, excedendo muito a borda anterior do cefalotórax. Cefalotórax granuloso adiante e atrás do cômoro ocular, liso de um lado e de outro. Área I dividida por um sulco longitudinal mediano, granulosa, lisa de um lado e de outro. As demais áreas do escudo dorsal e o tergito livre I granulosos; a área III com dois tubérculos grandes. Tergitos livres II e III granulosos e com pequeno tubérculo cônico mediano. Áreas laterais granulosas, com grânulos maiores na metade posterior. Opérculo anal granuloso, com um par de grânulos que dão ideia de dois tubérculos pequenos medianos. Esternitos livres com uma única série de grâ-

nulos. Ancas, trocanteres, fêmures, patelas e tíbias de todos os pares de patas providos de tubérculos setíferos. Todos os fêmures, exceto os do primeiro par, armados de um espinho apical lateral. Fêmures I-II retos, III-IV curvos. Protarsos e tarsos providos de cerdas delicadas. Ancas I e II com dentes dorsais. Pal-



Oxyrhina zoppeii, sp. n.

pos: Trocanteres com 1 ou 3 grânulos setíferos inferiores, os fêmures com 3, as tíbias e tarsos com 3-3 espinhos inferiores.

Colorido geral castanho, com as áreas do escudo mais escuras. Ancas de todos os pares, fêmures, patelas e tíbias posteriores castanhas. Trocanteres dos três primeiros pares de patas amarelos, os fêmures, as patelas e as tíbias destes mesmos pares

de patas castanho-escuros, com áreas mais claras. Protarsos amarelos, com duas áreas irregulares escuras. Tarsos amarelos. Palpos amarelo-acinzentados.

HABITAT: Boracéia, Município de Salesópolis, Estado de São Paulo, Brasil.

TIPO: N.º E.364 C.191, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Coligido por A. Zoppei, em 5-IX-1942.

A coleção deste Departamento possui mais três machos da espécie, coligidos em Alto da Serra, Estado de São Paulo. Um destes machos será descrito em trabalho em elaboração, devendo constituir o alótipo.

A espécie é dedicada ao sr. Alfredo Zoppei, que foi quem coligiu os opiliões estudados na presente nota.

Caporiacoius fallax, sp. n.

(Fig. 3)

Comprimento: 5,0 mm. Patas: 6,0 - 12,0 - 8,0 - 12,5 mm. Artículos tarsais: 3/4 - 6 - 5 - 5.

Borda anterior do cefalotórax lisa. Cômoro ocular marginal, alto, posteriormente granuloso, provido de robusto espinho granuloso dirigido para diante. Áreas I a IV com dois tubérculos e uma série de grânulos perto do sulco posterior de cada área, V com dois tubérculos e uma série irregular de grânulos. Tergitos livres I, II e III com uma única série de grânulos. Opérculo anal granuloso. Áreas laterais com uma série de grânulos. Esternitos livres lisos, providos de grânulos setíferos de um lado e de outro. Opérculo anal ventral com uma série de grânulos. Ancas com grânulos setíferos. Palpos: Trocanteres com um espinho inferior mediano; fêmures com um espinho inferior basal, com um espinho inferior submediano e com espinho apical interno; tíbias com 2-3 e tarsos com 2-2 espinhos inferiores. Fêmures I e II mais ou menos direitos, III e IV curvos. Ancas IV lateralmente com grânulos setíferos e com um tubérculo setífero apical externo.

Colorido geral castanho, com as áreas do escudo dorsal mais

escuras perto dos sulcos. Cômoro ocular escuro em torno dos olhos. Trocanteres de tôdas as patas amarelos. Tergitos e esternitos livres de tom castanho-escuro. Patas castanhas, com aneis enegrecidos no ápice dos fêmures e no ápice e base das patelas, tíbias e protarsos. Palpos amarelos.



Caporiacoius fallax, sp. n.

HABITAT: Boracéia, Município de Salesópolis, Estado de São Paulo, Brasil.

TIPO: N.º E.364 C.192, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Coligido por A. Zoppei, em 5-IX-1942.

NOTA.

Discocyrtoides heliacus (Soares, 1942). Esqueci-me de dar, ao descrever esta espécie, o número de artículos dos tarsos, bem como do comentário que desejava fazer a respeito. O número de artículos tarsais é: 6 - 14 - 7 - 7 (os tarsos I de seis segmentos, os outros de mais de seis). Pelo número de artículos dos tarsos, a espécie vai para o gênero *Despirus* Roewer, 1929. Por outro lado, o cômor ocular apresenta dois fortes espinhos e a área III, dois altos espinhos medianos (caracteres de *Despiroides* Melo-Leitão, 1932, e não de *Despirus* Roewer, 1929). Achei mais lógico considerá-la como *Despirus*, respeitando o número de artículos dos tarsos I como caráter genérico. Como *Despirus* Roewer, 1929, foi por mim fundido com *Discocyrtoides* Melo-Leitão, 1923, a espécie deverá passar para este último gênero (Cf. Soares, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3: 225).

ABSTRACT

The author studies a second small lot of *Opiliones* collected in the Serra do Mar region, State of São Paulo, Brazil, giving a list of species and describing among this arachnological material a new genus, two new species and the alotype of *Discocyrtus boraceae* Soares, 1942. He also gives a note about his species *Discocyrtoides heliacus* (Soares, 1942), of the same region, and proposes the fusion of *Discocyrtus* Holmberg, 1878, and *Discocyrtanus* Roewer, 1929, into a single genus, by having examined series of harvesters of the same species, which showed such a variation as to permit the fusion of these genera. In this paper *Parabrish-toweia* Piza, 1938, is also considered as synonymous with *Hypophyllonomus* Giltay, 1928.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

INTERESSANTE ANOMALIA

EM UM *COSMOSOMA TEUTHRAS* (Walker, 1854).

(*Lepid.*: *Ctenuchidae* Kirby, 1837) (*) (**)

POR

LAURO TRAVASSOS FILHO

Para acompanhar a Comissão do Instituto Oswaldo Cruz na sua quarta viagem à localidade de Salôbra, Estado de Mato Grosso, afim de capturar, entre outros insetos, lepidópteros, particularmente ctenuquídeos, foi designado pelo Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo, o Sr. Carlos de Almeida Carvalho, a quem deixamos expressos os nossos agradecimentos. Entres os muitos exemplares colhidos, achavam-se algumas dezenas de *Cosmosoma teuthras* (Walker, 1854), um dos quais chamou-me a atenção pela curiosa diferença que apresentava sua mancha discal; de início supuz tratar-se de outra espécie, muitíssimo semelhante à de Walker; mas, estudando-a em detalhe, concluí apresentar o exemplar, uma fêmea, apenas uma interessante anomalia.

Anteriormente (pp. 264-267, fgs. 1-6, dos Arq. de Zoologia do Estado de São Paulo, II: 261-280, 2 ests., 1940) tive oportunidade de documentar, com material adequado, a grande variação que apresenta *Cosmosoma teuthras* (Walker, 1854), fato êste que levou alguns autores antigos a criar subespécies, que na realidade não passavam de simples variações, fàcilmente evidenciadas

(*) = *Syntomidae* Snellen, 1867; = *Euchromiidae* Neumoegen & Dyar, 1893.

(**) Entregue para publicação em 30-XI-1943.

quando se estuda uma série numerosa, onde se possa acompanhar, de um extremo a outro, a transição das diferenças julgadas anteriormente como característicos subespecíficos.

Nos exemplares normais de *Cosmosoma teuthras* distingue-se com facilidade a mancha discal, situada sôbre tôda extensão da nervura transversal, como se pode vêr na fotografia do exemplar n.º 50.248, citado no meu trabalho de 1940 (Fig. 1). Esta mancha é formada por escamas pretas, sendo as mais centrais de colorido vermelho, cuja tonalidade pode apresentar flutuações. E' justamente na relação entre o número de escamas pretas e vermelhas da mancha discal que se acha a principal variação da espécie, pois há exemplares com raras escamas vermelhas, ou mesmo sem elas, e exemplares em que a mancha discal tem apenas um fino contôrno preto, sendo o restante francamente vermelho.

A mancha discal dos exemplares normais tem um contôrno mais ou menos retangular, com ligeiras insinuações para a prega membranosa. Esta prega atravessa a célula onde tem origem, em seguida a mancha discal, indo terminar no bordo livre da asa, apresentando tôda a sua extensão recoberta por escamas pretas, que simulam uma nervura, principalmente entre a mancha discal e o bordo externo da asa, onde divide em duas a área hialina compreendida entre as nervuras M^1 e M^2 (Fig. 1).

O exemplar anômalo que motivou esta nota tem a mancha discal alongada até a faixa marginal preta do bordo externo da asa, como pode ser visto na fotografia (Fig. 2). Para maior clareza marquei a nanquin uma cópia da fotografia, da qual removi a emulsão, posteriormente, obtendo assim um desenho absolutamente fiel e bem esquemático da mancha discal (Fig. 3), onde o pontilhado representa a distribuição da côr vermelho-saturno, n.º 181 do "Code Universel des Couleurs" de Séguéy, 1936, pl. XIII.

Pode-se vêr assim que a mancha discal, em lugar de apresentar uma leve insinuação na prega membranosa, estende-se por todo o espaço compreendido entre esta última e a nervura M^2 , ficando dêste modo a mancha discal ligada à faixa marginal preta por uma larga tarja da mesma côr, na qual se insinua a côr vermelho-saturno central (em pontilhado).

Por isto o espaço entre as nervuras M^1 e M^2 apresenta neste exemplar apenas uma área hialina, uma vez que a outra, cuja situação seria entre a prega membranosa e a nervura M^2 , acha-se completamente revestida de escamas. Outra consequência desta disposição consiste em a prega membranosa ficar inteiramente mascarada; para se poder observá-la, é necessário recorrer ao exame da asa montada para estudo da nervulação, onde as escamas foram parcialmente retiradas.

Na asa posterior há também uma pequena anomalia, no ponto correspondente à da asa anterior; a prega membranosa, que depois de atravessar do mesmo modo a célula e a nervura transversal, vai terminar no bordo livre da asa, nos exemplares normais é recoberta de escamas pretas e, como a sua homóloga da asa anterior, simula uma nervura. No exemplar anômalo, esta prega é largamente recoberta de escamas pretas, tomando quase o aspecto de uma tarja, que se alarga bastante para a faixa marginal da asa, onde termina (Fig. 2).

Além do referido, tem o exemplar em apreço uma maior difusão da cor vermelha, sendo isto muito evidente na asa anterior, que está marcado em portilhado no desenho (Fig. 3). Na asa posterior, esta cor se espalha pela metade basal da área costal e por quase toda porção opaca da célula, isto é, pela porção anterior, cujo limite é dado pela prega membranosa.

Tanto a nervulação como a genitália, não ofereceram diferença alguma em relação aos exemplares normais, tendo servido de principal termo de comparação o exemplar fêmea n.º 50.253, da mesma proveniência, bem como outros da série da coleção do Departamento de Zoologia.

Darei a seguir uma rápida descrição do exemplar anômalo, visando facilitar seu estudo comparativo. A cor vermelho-saturno citada, corresponde, como já foi dito, à cor número 181, da estampa XIII, do "Code Universel des Couleurs", de Séguy, 1936.

Cabeça: preta, com escamas azul-brilhantes no vertex e fronte, que podem apresentar iridescência verde; região post-ocular e occiput com escamas vermelho-saturno, sendo as do occiput muito longas. Olhos negros; ocelos escuros. Antenas negras; apófises articulares bem desenvolvidas, claviformes, com algumas cerdas subterminais. Palpos negros, voltados para cima.

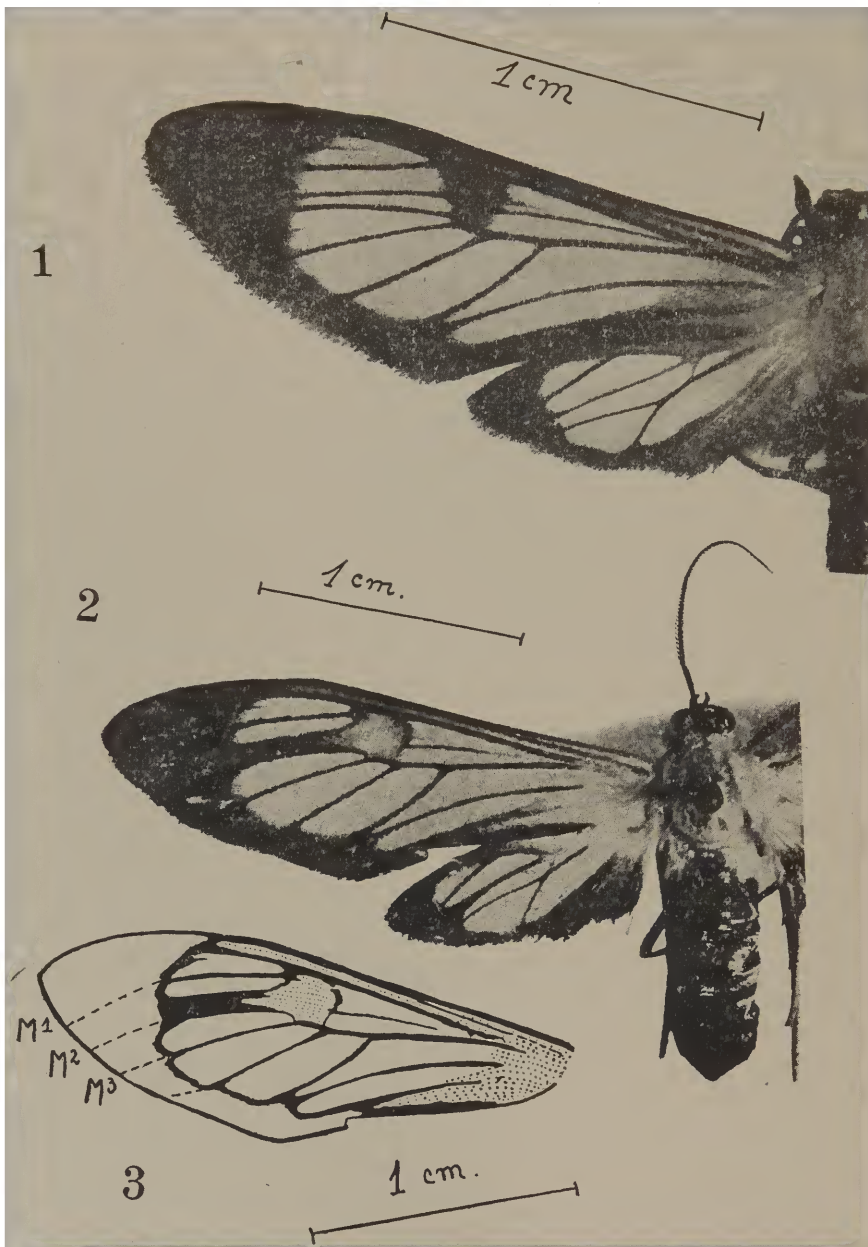


Fig. 1 *C. theutras* normal, ex. n.º 50.248; asas esquerdas. G. Pastore fot.
 Fig. 2 Exemplar anômalo: asas esquerdas. G. Pastore fot.
 Fig. 3 - Exemplar anômalo: esquema da asa anterior (esquerda); assinaladas as nervuras medianas. Em pontilhado a cor vermelho-saturno.

Tórax: vermelho-saturno, com a porção látero-inferior negra, onde as escamas são esparsas e muito longas, semelhantes a pêlos; em algumas pleuras há escamas azul-brilhantes, em continuação com as existentes nas coxas. Patágia vermelho-saturno intenso; disseminadas por toda ela há escamas azul-brilhantes, que tendem a agrupar-se anteriormente. Tégula vermelho-saturno, apresentando na frente, junto à inserção da asa, uma mancha preta, sendo que as escamas centrais são azul-brilhantes; extremidade da tégula com longas escamas vermelho-saturno. Escutelo vermelho-saturno.

Asa anterior: face superior com áreas transparentes densamente cerdosas. Bordo costal preto, com escamas vermelho-saturno na nervura Sc, formando uma linha daquela cor (Figs. 2, 3); faixa marginal preta, muito larga no ápice da asa, estreitando-se para o ângulo posterior, com reentrâncias ao nível da Cub² e da prega membranosa posterior; área anal preta e vermelho-saturno claro; as escamas desta última cor revestem a base da asa, como está marcado em pontilhado. Nervuras recobertas por escamas pretas, com exceção de longa porção da Sc, base do tronco mediano-cubital e porção proximal da nervura A, onde as escamas são vermelho-saturno. Nervura transversal oculta pela mancha discal. Mancha discal de acordo com a fotografia e desenho (Figs. 2, 3), alongando-se até a faixa marginal, tendo a área central coberta por escamas vermelho-saturno intenso, que também se insinuam em direção à faixa marginal, como demonstra o pontilhado do desenho. Prega membranosa anterior com raras escamas no início, mais numerosas à medida que se aproxima da mancha discal, com a qual se confunde até atingir o bordo da asa. Prega membranosa posterior revestida de escamas pretas desde o início na base da asa, indo terminar na faixa marginal, abaixo e próximo da nervura Cub².

Face inferior em tudo semelhante à face superior, porém a cor vermelho-saturno da base é de tonalidade mais clara. Mancha discal com poucas escamas vermelho-saturno, havendo pois predominância das escamas pretas, que ocupam toda porção anterior da mancha em questão.

Nervulação: Sc livre, terminando no bordo costal, aproximadamente ao nível da origem de R⁵. R¹ originando-se bem antes do ângulo superior da célula; as demais R abandonam o tronco comum na seguinte ordem: R², a cerca de 3 mms. do ângulo superior da célula; R⁵, cuja origem dista da precedente cerca de 2 mms., e afinal R³ e R⁴, cuja separação dista cerca de 2,2 mms. da origem de R⁵. R⁴ termina no ápice da asa. M¹ levemente arqueada, tem origem no ângulo superior da célula, junto ao tronco radial; M², também ligeiramente arqueada e M³ quase reta, partem do ângulo inferior da célula; M⁴+Cub¹ parte da proximidade do ângulo último citado e Cub², mais arqueada que a precedente, tem a sua origem distante cerca de 2 mms. da origem da nervura anterior. Nervura transversal com ângulo quase reto, tem o ramo anterior cerca de duas vezes maior do que o posterior. Nervura A forte, terminando no bordo externo, próximo ao ângulo posterior da asa.

Asa posterior: áreas hialinas cerdosas. Margem costal preta, com escamas do terço proximal vermelho-saturno, que vão lentamente desbotando, no sentido distal, até que predomine a cor preta. A faixa marginal preta, bem larga no ápice, estreita-se rapidamente depois da nervura M², voltando a se alargar ao nível da nervura M³ quando, dirigindo-se para a base da asa, faz resultar uma larga área anal preta, com apenas uma pequena porção basal de longas escamas vermelho-saturno. A metade anterior da célula, entre o tronco radial e a prega membranosa, é recoberta de escamas vermelho-saturno, que também vão desbotando para o ângulo superior, onde há predomínio de escamas pretas; ângulo da nervura transversal com escamas vermelho-saturno, de tonalidade intensa. Dobra membranosa anterior evidente só depois da nervura transversal, sendo largamente recoberta de escamas pretas, formando uma tarja estreita, que se alarga bastante ao encontrar a faixa preta marginal (Fig. 2); dobra membranosa posterior oculta na larga área anal preta. As nervuras são recobertas de escamas pretas, menos na base do tronco radial, nos dois terços basais do tronco mediano-cubital e nas bases das nervuras anais, onde são vermelho-saturno. Frênulo com aspecto comum:

Face inferior semelhante à superior, sendo a côr vermelho-saturno mais bem delimitada, isto é, a viragem para a côr preta é brusca; a côr em questão tem amplitude menor do que dorsalmente; na célula a área distal de escamas pretas é maior.

Nervulação: $Sc+R^1$, quase reta, tem origem no ângulo superior da célula e termina no ângulo anterior da asa; R^2+M^1 tem origem comum com a precedente, dirigindo-se obliquamente para a margem da asa. O tronco mediano-cubital ultrapassa o ângulo posterior da célula, formando assim um curto pecíolo; M^2 abandona o tronco logo depois do ângulo da célula e, com obliquidade oposta à de R^2+M^1 , atinge a margem da asa, estreitando a célula marginal; M^3 tem origem muito próximo da margem da asa, sendo quase paralela à precedente; Cub^1 voltada para trás, tem cerca da metade do comprimento da última. Ângulo da nervura transversal praticamente reto; ramo anterior muito maior do que o posterior, sendo a parte anterior da célula consequentemente bem maior do que a oposta. A^1+A^2 e A^3 presentes e habituais.

Perna anterior: coxa preta, com as faces anterior e externa densamente cobertas de escamas azul-brilhantes; demais artículos da perna inteiramente pretos.

Perna média: inteiramente preta, com algumas escamas azul-brilhantes na face externa da coxa; espinhos apicais da tíbia muito discretos.

Perna posterior: inteiramente preta, com muitas escamas azul-brilhantes na face externa da coxa, e algumas na porção distal da face externa do fêmur. Espinhos médios da tíbia maiores do que os apicais, todos bem aparentes.

Garras discretas nos 3 pares de pernas.

Abdômen: preto; os lobos laterais são vermelho-saturno; no primeiro tergito há duas manchas vermelho-saturno, em continuação aos lobos laterais. Há três grosseiras séries de manchas azul-brilhantes; uma dorsal, cujas manchas estão situadas na porção proximal de cada tergito, iniciando-se a série no primeiro tergum; a área destas manchas varia em cada segmento, sendo a maior a do quarto tergo; as últimas acham-se reduzidas a pou-

cas escamas. A segunda série é formada por pares de manchas, situadas nas porções látero-distais de cada tergito, igualmente se

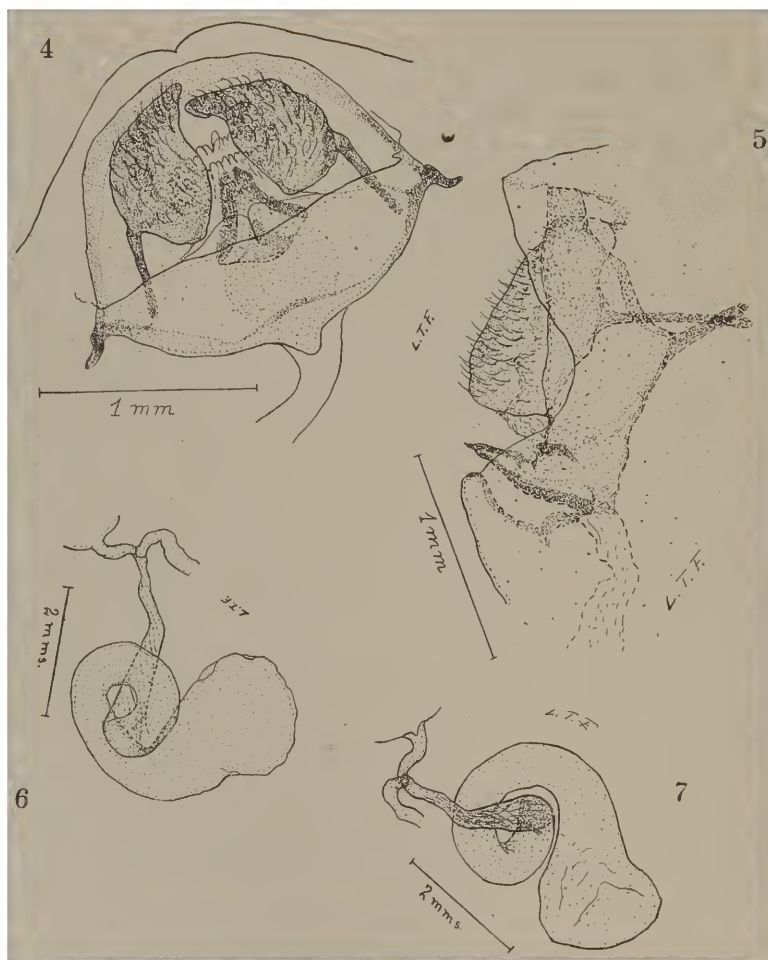


Fig. 4 - Exemplar anômalo: vista ventral da genitália.

Fig. 5 - Exemplar anômalo: vista de perfil da genitália.

Fig. 6 - Exemplar anômalo: *bursa copulatrix*.

Fig. 7 - Exemplar anômalo: outro aspecto da *bursa copulatrix*.

iniciando no primeiro; estas manchas são grandes, formando quase que largas faixas azul-brilhantes, interrompidas por riscas negras. As manchas dos últimos segmentos são fundidas. A última

série é também formada por pares de manchas, que ocupam as áreas látero-distais dos esternitos, iniciando-se no segundo, evidentemente por ser o primeiro esterno muito reduzido; as manchas vão diminuindo para a extremidade do abdômen, sendo a última muito discreta. O último terço aparente é azul-brilhante, com a porção mediana preta.

Estas manchas azul-brilhantes, das três séries descritas, têm contornos e áreas muito irregulares, variando a relação que guardam entre si com o grau de repleção abdominal; talvez por isto mesmo é que emprestam ao abdômen um aspecto característico. Na fotografia (Fig. 2) vêem-se bem as manchas basais vermelho-saturno, e em branco-brilhante algumas das manchas azul-brilhantes.

Genitália: muito reduzida e delicada, podendo ser comparada nos desenhos da vista ventral (Fig. 4) e no de perfil (Fig. 5). *Bursa copulatrix* com formato tubular característico (Figs. 6, 7).

O exemplar estudado recebeu o número 104.414, da Coleção de Insecta do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura de São Paulo, Brasil. Proveniente de Salobra, Estado de Mato Grosso (Noroeste do Brasil): Comissão do Instituto Oswaldo Cruz (Carvalho coll.); 24 de agosto a 6 de setembro de 1940.

Asas direitas montadas em lâmina, sob mesmo número; demais peças examinadas conservadas em álcool creosotado (em frasco), sob mesmo número.

COMENTÁRIO

O fato das nervuras M^3 e Cub^1 da asa posterior se apresentarem isoladas, separa *teuthras* do gênero *Cosmosoma* Huebner, 1822, pois neste as duas nervuras são fundidas. Aliás, a própria mancha discal já é uma boa indicação do que disse acima, visto *Cosmosoma* ter a nervura transversal da asa anterior simplesmente recoberta de escamas (vide Travassos Filho, 1938 - Arq. Inst. Biológico, São Paulo, 9: 59-66, fgs., est. 11). Comparando genitálias de machos de *teuthras*, verificamos também serem genericamente diferentes das de *auge* (L., 1767), genótipo de *Cosmosoma*.

Por outro lado, a separação das referidas nervuras da asa posterior, foi indicada como um dos caracteres genéricos de *Lepidoneiva* Travassos Filho, 1940 (vide Rev. de Entomologia, Rio de Janeiro, 11 (1-2): 477-487, 4 fgs.), bem como a presença de uma mancha escamosa sobre a nervura transversal da asa anterior. Entretanto a genitália dos machos de *teuthras* apresentam diferenças com os caracteres, dados como genéricos, da genitália dos machos de *erubescens* (Butler, 1876), genótipo de *Lepidoneiva*.

Como não há necessidade imediata de estudo detalhado de *teuthras*, acho mais prudente deixá-lo ainda no gênero *Cosmosoma*, até que sejam estudados os genótipos dos gêneros considerados sinônimos de *Cosmosoma*, e que são *Lagaria*, *Erruca* e *Ilipa*, todos de Walker, 1854, *Aristodaema* Wallenger, 1858 e *Rezia* Kirby, 1892.

ABSTRACT

The A. describes an interesting anomalous specimen of *Cosmosoma teuthras* (Walker, 1854); the principal anomaly consisting in the discocellular spot being prolonged until the wing's marginal band. Most other characters, including the genitalia, are the same as those of typical specimens. A summary description of the specimen in question, captured by the Com. Inst. Oswaldo Cruz, in Salobra, Mato Grosso, is given, accompanied by photographs and drawings.

The taxonomic position of *teuthras* is discussed, and, although the A. does not believe it to belong to *Cosmosoma* or to *Lepidoneiva*, he prefers adopting the first genus, until further studies are made on the synonymy of this complex.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

PEIXES DA SUBFAMÍLIA *MYLINAE* EXISTENTES NA COLEÇÃO DO DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA DA SECRETARIA DA AGRICULTURA DE SÃO PAULO (*)

POR

A. AMARAL CAMPOS

O nome *Mylinae* dado a esta subfamília, parece ter sido derivado do gênero *Myleus* Muller & Troschel, 1845, e reúne um número considerável de espécies que se acham distribuídas entre os seguintes gêneros:

Mylopius Muller & Troschel, 1845, descrito sobre a espécie *Myletes asterias* Mull. & Trosch. caracterizando-se pelo número de raios da dorsal, variante entre 23-34; pela forma dos dentes, prismática na série externa e molariforme na série interna; e pela ausência de raios individualmente prolongados na dorsal.

Myleus Muller & Troschel, 1845, com a espécie *Myleus setiger* Mull. & Trosch., cuja característica principal está na união das duas séries de dentes intermaxilares, que no *Mylopius* são separadas.

Catoprion Muller & Troschel, 1845, com a espécie *Serrasalmo mento* Cuvier, muito bem caracterizada pela projeção da mandíbula inferior.

Mylesinus Cuvier et Valenciennes, 1849, descrito sobre a espécie *Mylesinus schomburgkii* Cuv. et Val., que se diferencia das demais pela ausência do serrilhado que precede as nadadeiras ventrais.

Metynnis Cope, 1878, proposto para a nova espécie *Metynnis*

(*) Entregue para publicação em 22-IX-43.

luna Cope, e caracterizado pela estrutura morfológica da nadadeira adiposa, que é baixa, muito longa, igual ou maior que a metade da base da dorsal.

Acnodon Eigenmann, 1903, descrito sobre a espécie *Myletes obligacanthus* Muller & Troschel, cujo caráter principal está em apresentar a nadadeira dorsal, raios filamentosos, porém não prolongados e ser uma das formas mais alongadas desta subfamília.

Piaractus Eigenmann, 1903, baseado na espécie *Myletes brachypomus* Cuv. e distinguindo-se pela nadadeira adiposa, que é curta e distintamente raiada.

Colossoma Eigenmann & Kennedy, 1903, cuja espécie típica é *Myletes oculus* Cope, muito afim com as do gênero *Piaractus*, das quais se distingue apenas pela estrutura não raiada da nadadeira adiposa.

Mylossoma Eigenmann & Kennedy, 1903, tendo por espécie típica *Myletes albiscopus* Cope, que apresenta uma conformação característica da nadadeira anal, cujo bordo é convexo, sendo a curva mais pronunciada no terço posterior da nadadeira, que é quase toda escamosa.

Sealeina Fowler, 1906, criado sobre a espécie *Myletes lippincotianus* Cope, com o caráter genérico constituído pela forma orbicular do corpo e a adiposa relativamente larga, longa e membranosa.

Starksina Fowler, 1906, tendo por espécie típica *Myletes herniarius* Cope, cujo abdômen excessivamente proeminente, é a característica diferencial entre este gênero e o gênero *Mylossoma* Eigenm.

Reganina Fowler, 1906, com a espécie *Myletes bidens* Agassiz caracterizado pela forma um tanto alongada do corpo, porém muito semelhante ao gênero *Colossoma* Eigenm.

O gênero *Reganina* Fowler, foi por Eigenmann & Allen incluídos na sinonímia do gênero *Colossoma* Eigenm. & Kenn. enquanto o gênero *Starksina*, também de Fowler foi pelos mesmos autores incluído no gênero *Mylossoma*.

CARACTERÍSTICAS DA SUBFAMÍLIA

Corpo elevado e comprimido, ventre carenado, serrilhado; boca pequena, duas séries de dentes nos intermaxilares, maxilares edêntulos, mandíbula inferior com uma série única apresentando quase sempre um par de dentes cônicos medianos atrás da série, espinho pré-dorsal presente em alguns gêneros, ausentes em outros; escamas muito pequenas (120 a 150).

$$\text{Fórmula dentária: } \frac{\frac{5}{2}}{\frac{5}{1}} \text{ ou } \frac{\frac{5}{2}}{\frac{5}{0}}$$

As espécies desta subfamília são popularmente conhecidas pelo nome Pacu. São peixes essencialmente frugívoros ou onívoros, sendo facilmente adaptáveis ao cativeiro.

Atingem desenvolvimento considerável e pela qualidade ótima de sua carne representam grande valor econômico.

Ocorrem em quase todos os grandes rios do Brasil, principalmente nos dos Estados de Amazonas, Pará, Mato Grosso, Bahia, São Paulo, Paraná.

ESPÉCIES EXISTENTES NA COLEÇÃO DO DEPARTAMENTO
DE ZOOLOGIA DA SECRETARIA DA AGRICULTURA
EM SÃO PAULO

Gênero **Myleus** Muller & Troschel

Myleus MULLER & TROSCHER, 1845, Horae Ichthyologicae, I, 24. Tipo por designação original *Muleus setiger* MUL. & TROSCH.

Dentes dos ossos intermaxilares em 2 séries unidas; maxilares edêntulos; dorsal com os raios prolongados em filamentos e anal bilobada, um espinho pré-dorsal procumbente; os dentes das duas séries intermaxilares incisivos e unidos. A ausência do par de dentes medianos atrás da série da mandíbula inferior é o caráter diferencial entre este gênero e o gênero *Myloplus* segundo a descrição original de Mul. & Trosch., porém, muitos autores incluem na diagnose do gênero a presença dos dois dentes mandibulares medianos.

***Myleus micans* (Rhdt.)**

Myletes micans REINHARDTS, 1875, Lutken, Velhas-Flodens Fiske, 241, rio São Francisco (Brasil).

D. 26-28; A. 36-39; espinhos abdominais 45-47; altura $1 \frac{1}{3}$ - $1 \frac{1}{2}$; cabeça $3 \frac{3}{4}$; olhos $3 \frac{1}{6}$; focinho pontudo igual a I diâmetro ocular, lábios finos mostrando os dentes; espaço interorbital $1 \frac{1}{2}$ na cabeça; dentes das duas séries intermaxilares incisiformes e unidos. Ausência dos dentes medianos atrás da série mandibular. Dorsal com as pontas dos raios livres porém, não alongados, anal bilobada nos machos; caudal pouco furcada; adiposa curta; escamas pequenas, mais de 100 numa série longitudinal. Coloração prateada uniforme.



Myleus micans (Rhdt.)

N.º 1547; rio São Francisco, Bahia; col. Garbe 1908.

Eigenmann no seu trabalho "*The Serrasalmoninae and Mylinae*" publicado em "Annales of the Carnegie Museum, 9, 1913-1915", apresenta na pág. 270, a espécie *Myloplus micans* (Lutken). Se o ilustre ictiologista se refere à espécie *micans* (Rhdt.) descrita em "Velhas-Flodens Fiske" por Lutken procedente do rio São Francisco, esta espécie apresenta a dentição típica do gênero *Myleus* e não *Myloplus*. Possuindo a coleção do Departamento de

Zoologia de São Paulo vários exemplares do referido rio, pude verificar que elas se enquadram no gênero *Myleus*, confirmando a diagnose d'êste gênero no que diz respeito às séries unidas dos dentes intermaxilares, como também a da espécie *micans* (Rhdt.) quanto à conformação da bôca com lábios reduzidos não encobrindo os dentes, que permanecem expostos.

Gênero **Myloplus** Gill.

Myloplus GILL, 1895, Proc. Un. St. Nat. Mus. XVIII, 214; tipo por designação original *Myletes asterias* MULL. & TROSCH.

Myletes MULL. & TROSCH., 1845, Horae Ichth., I, 22 (não Cuvier).

Dentes em dupla série nos intermaxilares, os externos prismáticos e os internos molares; maxilares edêntulos; mandíbula inferior com uma única série, apresentando geralmente um par de dentes cônicos medianos atrás da série. Corpo comprimido, abdomen serrilhado, em dupla série em frente à região anal; espinho procumbente pré-dorsal; adiposa curta.

Myloplus rhomboidalis (Cuv.)

Myletes rhomboidalis CUVIER, 1815, Mem. du Mus. d'Hist. Nat., IV, 449, pr. 22; fig. 3.

Myloplus rhomboidalis EIGENM., 1915, Ann. Carnegie Mus., IX, 271; rio Madeira (Brasil).

D. 23-25; A. 33-36; espinhos abdominais 32-36; altura $1\frac{1}{4}$ - $1\frac{1}{2}$; cabeça 3 - $3\frac{1}{2}$; diâmetro ocular $2\frac{2}{3}$ - 3 na cabeça; 1 no espaço interorbital e $\frac{1}{2}$ no focinho. Perfil superior e inferior regularmente convexo; base da dorsal $3\frac{1}{2}$ a $3\frac{2}{3}$ do comprimento do corpo; com origem na metade d'êste comprimento, e um espinho procumbente na frente; anal com início em frente o penúltimo raio dorsal, pontuda anteriormente; peitorais não atingindo a origem das ventrais e estas distantes da origem da anal a metade do seu comprimento. Caudal alta, pouco furcada, com o lobo inferior mais desenvolvido. Dentes intermaxilares em 2 séries mais ou menos separadas; um par de dentes cônicos media-

nos atrás da série mandibular inferior. Coloração escura no dorso, argentada dos lados.

N.º 2839, rio Amazonas; col. Garbe, 1902.

Myloplus asterias (Mull. & Trosch.)

Myletes asterias MULLER & TROSCHEL, 1845, Horae Ichthyologicae, 24 (Guiana).

D. I, 25-26; A. II, 35; serrilhado abdominal 44-45; cabeça 4; altura $1\frac{1}{3}$; escamas miudas, linha lateral completa sinuosa no início; espinho pré-dorsal presente; olhos $3\frac{1}{5}$ na cabeça; $1\frac{1}{9}$ no focinho; $2\frac{1}{3}$ no interorbital; opérculo redondo; mandíbula



Myloplus asterias (Mull. & Trosch.)

com 5 dentes graduados de cada lado, sendo os 2 medianos os maiores; dois dentes cônicos atrás da série; intermaxilares com 2 séries de dentes, a exterior composta de 10 dentes incisiformes, série interna com 4 dentes fortes molariformes, limitando um interespaço igual à largura de um dente; maxilas iguais; o maior raio da dorsal $1\frac{1}{5}$ na cabeça; ventrais 2; uma ligeira quase imperceptível depressão na região frontal; anal bilobada, base desta nadadeira $2\frac{3}{4}$ no comprimento do corpo; coloração prateada no ventre e nos lados, com reflexos castanhos no dorso; caudal anal

e dorsal ligeiramente fimbriadas de castanho, 2 manchas alaranjado-vermelha dos lados, à altura da linha lateral. Comprimento 200 a 250 mms. Procedência rio Mogi-Guaçu, Pirassuaunga; ocorrência não muito frequente, colecionador Dr. A. Marques, 1940. Registro n.º 3353.

Gênero **Metynnis** Cope

Metynnis luna COPE, 1878, Proc. Amer. Phil. Soc. XVII, 693; tipo por designação original *Metynnis luna* COPE.

Abdômen carenado e serrilhado, 2 séries de dentes nos intermaxilares, mais ou menos separadas; 2 dentes medianos na mandíbula atrás da série, espinho pré-dorsal presente, adiposa baixa e longa, membranosa, igual ou maior que a metade do comprimento da dorsal, anal ligeiramente convexa ou com o bordo sinuoso pontuda anteriormente.

Metynnis hypsauchen (Mull. & Trosch.)

Myletes hypsauchen MULL. & TROSCH., 1845, Horae Ichth., I, 38, fig. I (Guianas, Essequibo); CUVIER ET VALENCIENNES, 1848, Hist. Nat. Poiss., XXII, 219, rio Amazonas (Brasil).

Metynnis hypsauchen EIGENM., 1915, Ann. Carnegie Mus. IX, 269; EIGENM. & ALLEN, 1942, Fishes Western South America, 246 (Guianas para os rios Huallaga, Guaporé, Paraguay).

D. 18-21; A. 39-43; espinhos abdominais 39-43; altura 1 1/5; cabeça 3 3/4 - 4; diâmetro ocular 2 2/3; I no espaço interorbital; 1/2 no focinho. Dorsal pontuda com um espinho procumbente na frente e origem na metade do comprimento do corpo; anal longa, baixa com bordo quase reto; adiposa tão longa quanto a base da dorsal, caudal truncada e muito alta. Coloração prateada ligeiramente parda no dorso.

N.º 1471, Amazonas e Pará; col. Garbe, 1902.

Metynnis maculatus (Kner)

Myletes maculatus KNER, 1859, Ichth. Beitrage zur Fam. des Characinen, 18, fig. 5, rio Guaporé (Brasil).

D. 17-19; A. 37-39; altura $1\frac{1}{4}$ a $1\frac{1}{2}$; cabeça $3\frac{3}{4}$; diâmetro ocular $2\frac{1}{2}$ na cabeça; espinhos abdominais 34; dorsal situada no meio do comprimento do corpo, alta anteriormente; anal baixa e longa com bordo reto; base da adiposa tão longa quanto a base da dorsal; escamas muito pequenas, mais de 100 em uma série longitudinal, corpo com manchas escuras circulares nos lados. As duas séries de dentes dos intermaxilares quase unidas; um par de pequenos dentes cônicos atrás da série mandibular.

N.º 1468; (jovens), rio São Francisco, Bahia; col. Bicego, 1898.

***Metynnis guaporensis* Eigenm.**

Metynnis guaporensis EIGENMANN, 1915, Ann. of the Carnegie Mus., vol. IX, 267, fig. LIV (rio Guaporé).

Cabeça $3 - 3\frac{1}{2}$; altura $1\frac{1}{6}$; D. 17-20; A. 40-44; serrilhado abdominal 29-33; diâmetro ocular $3\frac{1}{5}$ na cabeça; $2\frac{2}{3}$ no espaço interorbital; quase uma vez no focinho; mandíbula inferior ligeiramente proeminente; perfil dorsal subindo em curva acentuada desde a ponta do focinho até o espinho pré-dorsal; perfil ventral regularmente arcado até a região anal. Serrilhado ventral muito forte sendo os últimos mais desenvolvidos e providos de duas pontas, uma anterior e outra posterior. Origem da dorsal equidistante do focinho e da base da caudal, segundo e terceiro raios prolongados, atingindo um comprimento quase o dobro da base desta nadadeira. Base da adiposa mais ou menos igual ao comprimento da porção posterior da cabeça. Lobos da caudal igual ao comprimento da cabeça; margem da anal quase reta sem lobos; origem das ventrais equidistante do focinho e da origem da dorsal; ventrais não atingindo a anal; peitorais com um comprimento igual a parte posterior da cabeça, incluindo a metade do ôlho. Caudal nua; algumas escamas dos lados estendendo-se até a base da anal. As escamas do início da linha lateral um pouco mais desenvolvidas que as demais. Uma pequena mácula escura situada sobre o início da linha lateral. Coloração cinzenta uniforme um pouco mais escura no dorso.

N.º 3357; Amazonas e Pará; col. Garbe, 1902.

***Metynnis roosevelti* Eigenm.**

Metynnis roosevelti EIGENMANN, 1915, Ann. of the Carnegie Mus., IX, 268 (Manaos).

D. 15-18; A. 36-43; serrilhado abdominal 31-42; cabeça 4; altura $1\frac{1}{4}$; diâmetro ocular $2\frac{1}{2}$ a 3 na cabeça; 2 no espaço interorbital; perfil superior e inferior simétrico de curvas regulares até o início da dorsal e da origem da anal, apenas uma ligeira depressão no perfil da cabeça; focinho curto $\frac{1}{2}$ do comprimento do diâmetro ocular, peitorais atingindo as ventrais; origem da anal em frente o penúltimo raio dorsal; dentes das duas séries dos intermaxilares unidos; um par de dentes cônicos medianos



Metynnis roosevelti Eigenm.

atrás da série da mandíbula inferior. Manchas escuras irregulares às vezes transversais dos lados do corpo; uma na região umeral, redonda e escura. Ventrals e raios anteriores da anal com manchas escuras, dorsal ligeiramente maculada.

N.º 3351; Pará e Amazonas; col. Garbe, 1902.

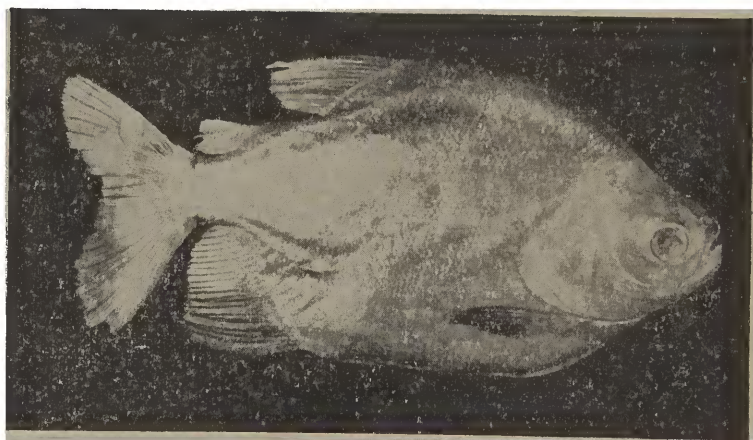
Piaractus Eigenm.

Piaractus EIGENMANN, 1903, Smithson, Misc. Coll. XLV, 148;
Tipo por designação original *Myletes brachypomus* CUV.

Duas séries de dentes unidas nos intermaxilares, maxilares edêntulos; mandíbula inferior com um par de dentes cônicos medianos atrás da série anterior; abdômen serrilhado em toda a extensão; ausência do espinho pré-dorsal; anal nua tão longa quanto o comprimento da cabeça, alta anteriormente porém sem lobo distinto, adiposa curta porém nitidamente raiada, caráter este que distingue este gênero do gênero *Colossoma*. Opérculo com o bordo membranoso, bastante desenvolvido.

***Piaractus nigripinnis* (Cope)**

Myletes nigripinnis COPE, 1878, Proc. Amer. Philo. Soc., 693 (Peru, Amazonas); EIGENM. & EIGENM., 1891, Proc. Un. St. Nat. Mus. XIV, 61 (Tefé).

***Piaractus nigripinnis* (COPE)**

Colossoma (*Waiteina*) *nigripinnis* FOWLER, 1906, Proc. Ac. Nat. Sc. Phil. LVIII, 473, fig. 55 (Amazonas).

Piaractus nigripinnis EIGENM., 1915, Ann. Carnegie Mus. IX, 262, fig. LIII (Amazonas); EIGENM. & ALLEN, 1942, Fishes of Western South America, 247 (Amazonas).

D. 16-18; A. 25-27; serrilhado abdominal 45-50; diâmetro ocular 1 no focinho, 5 a 5 1/5 na cabeça; altura 2 no comprimento

total; cabeça $3\frac{2}{7}$ neste comprimento; dentes dos intermaxilares em 2 séries mais ou menos unidas; mandíbulas com 2 dentes medianos atrás da série anterior; corpo comprimido, sub-romboidal, espaço interorbital maior que a espessura do corpo; perfil deprimido em cima dos olhos; linha pré-dorsal nua, com uma fontanela ovalada; opérculo rugoso com uma desenvolvida margem membranosa. Origem da dorsal um pouco além da metade anterior do corpo, origem da anal em frente o último raio da dorsal; peitorais e ventrais pontudas, aquelas terminando no ponto de origem destas. Todas as nadadeiras nuas.

N.º 2084; Pará e Amazonas; col. Garbe, 1902.

Gênero **Mylossoma** Eigenm. & Kenn.

Mylossoma EIGENMANN & KENNEDY, 1903, Smithsonian, Misc. Coll. XLV, 148. Tipo por designação original *Myletes albiscopus* COPE.

Corpo discoidal, cabeça pequena em relação ao corpo; anal com os raios medianos mais longos, quase toda escamosa, com o bordo convexo, sem lobo; escamas muito pequenas; ventre carenado e serrilhado; perfil da cabeça ligeiramente côncavo; olhos grandes, série anterior de dentes separada da posterior por um pequeno espaço; peitorais tocando as ventrais; espinho pré-dorsal ausente.

Mylossoma duriventre (Cuv.).

Myletes duriventris CUVIER, 1818, Mem. Mus. Hist. Nat., IV, 451, fig. 2 (Brasil); CUVIER ET VALENCIENNES, 1848, Hist. Nat. Poiss., XXII, 206 (Amazonas); GUNTER, 1864, Cat. of Fish., V, 375 (Brasil).

Mylossoma duriventris NORMAN, 1928, Proc. Zool. London, 813 (Brasil); FOWLER, 1940, Proc. Ac. Nat. Sc., Phila., XCI, 272 (Contamana).

Mylossoma duriventre EIGENM. & ALLEN, 1942, Fishes of Western South Amer., 249 (rios Orinoco, Amazonas, de La Plata).

D. 15-17; A. 31-35; espinhos abdominais 46-48; altura $1\frac{1}{4}$; cabeça 4; diâmetro ocular 3 na cabeça; menos que 1 no focinho

e 2 no espaço interorbital; dorsal situada na metade do comprimento do corpo; anal longa com a margem convexa, raios do último terço mais prolongados formando um lobo obtuso; adiposa curta; dentes intermaxilares da série posterior separados dos da



Mylossoma duriventre (Cuv.)

série inferior; mandíbula inferior com um par de dentes medianos atrás da série. Côr prateada uniforme.

N.º 2151; rio Miranda; col. Dr. Travassos Filho, 1940.

***Mylossoma aureum* (Spix).**

Tetragonopterus aureus SPix, 1829, Sel. Gen. et Sp. Pisc. Bras., 74, fig. XXXI.

Myletes aureus AGASS., 1829, l. c.

Mylossoma aureus EIGENM., 1915, Ann. Carnegie Mus. IX, 265 Santarém, rio Madeira, rio Mamoré).

Mylossoma aureum FOWLER, 1940, Proc. Ac. Nat. Sc. Phila., XCI, 271 (Contamana); EIGENM. & ALLEN, 1942, Fishes of Western South America, 249.

D. 15-17; A. 33-35; serrilhado abdominal 42-44; altura 1 1/3; cabeça 4 1/3; diâmetro ocular 2 1/2 na cabeça; 1 1/2 no espaço in-

terorbital, e menos que um no focinho; origem dorsal na metade do comprimento do corpo, perfil da cabeça ligeiramente convexo à altura dos olhos; focinho curto; cabeça pequena cuja altura é $1 \frac{1}{5}$ no próprio comprimento; peitoral pontuda, terminando na li-



Mylossoma aureum (SPIX)

nha de origem da ventral que é a metade do comprimento desta; anal longa escamosa com os raios do último terço mais longo que os anteriores. Linha lateral ligeiramente sinuosa; coloração prateada com reflexos dourados.

N.º 2083; Pará e Amazonas; Col. Garbe, 1902.

Gênero **Colossoma** Eigenm. & Kenn.

Colossoma EIGENMANN & KENNEDY, 1903, Smithsonian, Misc. Coll., XLV, 148; tipo por designação original *Myletes oculus* COPE.

Dentes dos intermaxilares em duas séries quase unidas, ausência do espinho pré-dorsal, adiposa curta membranosa, anal nua, sua margem reta ou convexa; perfil superior e inferior igualmente curvos dando ao corpo uma forma regularmente oval.

Colossoma orbignyanus (Cuv. et Val.)

Myletes orbignyanus CUVIER ET VALENCIENNES, 1849, Hist. Nat. des Poissons, XXII, 220.

D. 14-18; A. 31-33; altura 2 a 2 1/2; cabeça 4; olhos 2 1/2 a 3 no focinho; 6 1/2 a 7 na cabeça; 3 no espaço interorbital; linha mediana do dorso sem escamas; dorsal com origem além da metade do corpo; anal baixa sem lobo distinto anteriormente; peitorais não atingindo as ventrais e estas afastadas da origem da anal. Caudal pouco furcada com os bordos arredondados sendo o inferior mais desenvolvido. Coloração escura uniforme; serrilhado abdominal 28-30.

N.º 3186, rio Paraná, Est. de São Paulo, col. J. Lima, 1940.

Entre o material procedente do rio Amazonas, encontrei um exemplar que a princípio deu-me a idéia de ter em mãos uma espécie do difícil gênero *Mylesinus* Cuv. et Val. Exame mais detalhado porém, modificou esta minha maneira de pensar, pois falta a característica principal do gênero, que é a ausência de escudos antes das nadadeiras ventrais, muito ao contrário o exemplar em exame, apresenta o tórax escutelado desde o início da carena isto, mesmo antes das peitorais. Por outro lado, a dentição mostrando as séries intermaxilares nitidamente separadas por espaço, e os raios da dorsal transformados em longos filamentos, não permitem a inclusão da referida espécie nem no gênero *Myleus* Mull. & Trosch., nem em *Myloplus* Gill.

Encontrei entretanto grande coincidência entre os característicos desta espécie e os da que serviu de base ao gênero *Tomète* Cuv. et Val. 1849, considerado poucos anos depois por Gunther 1864, mero sinônimo de *Myleus*.

Isso portanto me autoriza a revalidar o gênero de Cuv. et Val. que permanece bem distinto, como pude verificar através do material que tenho em mãos. Descrevo a espécie encontrada como *T. maculatus* nobis, devido as manchas de diversos tamanhos que o exemplar apresenta nos lados do corpo, o que não é constatado em nenhuma das espécies deste gênero descritas por Cuv. et Val.

Gênero **Tomète** Cuv. et Val.

Tomète CUV. ET VAL., 1864, Hist. Nat. Poiss., XXII, 225; tipo por designação original *Tomète trilobatus* CUV. ET VAL.

Corpo oval alongado; a curva do perfil superior sobe regularmente desde o focinho até a origem da dorsal; olhos grandes, diâmetro ocular igual ou maior que o focinho; dorsal com os raios prolongados em filamentos; anal bilobada.

***Tomète maculatus*, n. sp.**

D. 28; A. 36; serrilhado abdominal 33; olhos 3 1/2 na cabeça; 2 no espaço interorbital; 1 no focinho; altura 2; cabeça 3; corpo oval; não há concavidade entre os olhos; o focinho é arredon-



Tomète maculatus, n. sp.

dato; o pré-opérculo tem o bordo arredondado, o opérculo é alto e estreito; dentes dos intermaxilares em 2 séries separadas por um espaço; um par de pequenos dentes medianos atrás da série mandibular; espinho pré-dorsal pouco visível porém sensível ao tato; dorsal com início na metade do comprimento do corpo tendo os raios prolongados em filamentos mais longos que a sua extensão; anal bilobada, sendo os seus raios medianos maiores que os precedentes e os seguintes; caudal pouco furcada com os lobos arredondados; escamas muito pequenas e suplementares; linha lateral

fina; um pouco curva na sua origem; adiposa com escamas na base; assim como a anal; coloração parda com manchas mais escuras irregulares e espalhadas pelos lados do corpo e da cabeça; nas nadadeiras pardas sem manchas.

Tipo procedente do rio Amazonas, registrado sob o N.º 3356 na col. do Departamento de Zoologia de São Paulo. Col. Ernst Garbe em 1902.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

ALGUMAS NOTAS SOBRE A NOMENCLATURA DOS FULCIDACÍDEOS

(*Col. Chrysomeloidea*) ⁽¹⁾

POR

E. NAVAJAS

A insistência, ora de um ora de outro autor, em denominar impropriamente alguns gêneros de *Fulcidacidae* ou em propor novos nomes para os mesmos, por ignorância dos já anteriormente propostos, justifica a publicação destas notas embora não apresentem senão pequenas retificações e se ressintam de muitas deficiências bibliográficas. Nelas, serão postas de lado quaisquer considerações sobre o valor sistemático dos grupos abordados. Há quem considere os Fulcidacideos apenas como uma subfamília dos Criptocefalídeos ou, o que era mais frequente há alguns anos atrás, uma subfamília dos Crisomelídeos (tomados em sentido lato); preferimos, no momento, atribuir ao grupo, com Brues & Melander (p. 443) ⁽²⁾, a categoria de família, deixando para outra oportunidade, os argumentos que possam confirmar ou não tal ponto de vista. Além do nome da família, serão comentados apenas três nomes genéricos e dois específicos.

⁽¹⁾ Com. à Soc. Brasileira de Entomologia (S. Paulo) em 24-II-1943 e entregue para publicação em 9-XII-1943.

⁽²⁾ As páginas indicadas, entre parênteses, logo depois do nome de um autor, referem-se a trabalhos relacionados na bibliografia.

NOME DA FAMÍLIA

FULCIDACIDAE Brues & Melander (?), 1932

Chlamydées (Chlamydeae) LACORDAIRE, 1848, Mon. Phyt. II (in Mém. Soc. Liège V), p. 636.

Chlamydae BALY, 1865, Trans. Ent. Soc. Lond. (3) IV, 1, p. 58.

Chlamydes CHAPUIS, 1874, Gen. Col. X, p. 193.

Chlamydinae GEMMINGER & HAROLD, 1874, Cat. Col. XI, p. 3301; JACOBY, 1908 ⁽³⁾; CLAVAREAU, 1913, in Col. Cat. Junk et Schenk. XXIV (pars 53), p. 209; ACHARD, 1914, Gen. Ins. Wytsman 160, p. 1.

Chlamydidae JACOBY, 1881, Biol. Centr.-Amerc. Col. VI (1), p. 73.

Chlamydini LECONTE and HORN, 1883 ⁽⁴⁾

Fulcidacina JACOBSON, 1924, Rev. Russe Ent. XVIII, p. 239.

Fulcidacinae SCHAEFFER, 1926, Proc. Ent. Soc. Wash. 28, p. 181; LABOISSIERE, 1929, Bull. Soc. Ent. France, p. 258.

Chlamydidae (Fulcidacidae), BRUES & MELANDER, 1932, Bull. Mus. Comp. Zool. Harvard LXXIII, p. 443.

Os Fulcidacídeos têm sido, geralmente, designados por algum nome derivado de *Chlamys*: *Chlamydées*, *Chlamydeae*, *Chlamydini* etc. Mas em virtude de *Chlamys* Knoch ter de ceder o lugar, segundo veremos mais adiante, a *Arthrochlamys* Ih. & Ih., o nome do grupo não pode deixar de ser mudado. Fôra preferível designá-lo por *Arthrochlamydidae* mas *Fulcidacidae* tem os seus direitos assegurados. Com efeito. Ao propor, em 1924, o nome de *Bolosche-sis* para substituir o de *Chlamys* Knoch, ignorando o nome já proposto por Ihering & Ihering, sugeriu Jacobson o de *Fulcidacina* (tribo) para o grupo a que aquêlê gênero pertence. *Fulcidacinae* é a designação empregada por Schaeffer (1926) e Laboissière (1929); *Chlamydidae* é o nome preferido, em 1932, por Brues & Melander (p. 443) que, no entretanto, registram *Fulcidacidae* como sinônimo daquêlê. Sem recursos bibliográficos suficientes pa-

⁽³⁾ e ⁽⁴⁾ Segundo Handlirsch, 1925, in Schroeder - Handbuch der Entomologie III (Jena), p. 663, sem indicação bibliográfica. Trata-se, provavelmente, dos seguintes trabalhos, de que não dispomos: Jacoby, 1908, The Fauna of British India including Ceylon and Burma. *Coleoptera. Chrysomelidae*. II, London; Leconte and Horn, 1883, Classification of the Coleoptera of North America. *Smith. Misc. Coll.* n. 507.

ra lhes atribuir, categoricamente, a autoria do último nome citado indicamo-la interrogativamente.

NOMES GENÉRICOS

Arthrochlamys Ih. & Ih., 1904 (1905).

Chlamys KNOCH, 1801, Neue Beytr. Insektenk. I, p. 122; KOLLAR, 1824, Mon. Chlamydom, p. 1; KLUG, 1824, Ent. Mon., p. 87; LACORDAIRE, 1848, Mon. Phyt. II, p. 649; CHAPUIS, 1874, Gen. Col. X, p. 202; DOHRN, 1880, Stett. Ent. Zeif. XLI, p. 296; JACOBY, 1881, Biol. Centr.-Amer. Col. VI (1), p. 75; Id., 1889, id. Suppl., p. 155; Id., 1908, Fauna Brit. India, Chrysom. II, p. 271; CLAVAREAU, 1913, Col. Cat. Junk et Schenk, XXIV (pars 53), p. 209; ACHARD, 1914, Gen. Ins. Wytsman 160, p. 5; etc.

Arthrochlamys IHERING & IHERING, 1904 (1905), Rev. Mus. Paul. VI, p. 642 nota (nom. nov.).

Boloschesis JACOBSON, 1924, Rev. Russe Ent. XVIII, p. 239 (nom. nov.); SCHAEFFER, 1926, Proc. Ent. Soc. Wash. 28, p. 181.

Knoch ⁽⁵⁾, em 1801, estabeleceu o gênero *Chlamys*, imediatamente adotado por todos os entomólogos, para descrever duas espécies de besouros. No entanto, *Chlamys* já havia sido empregado, em 1798, para designar um gênero de *Mollusca* (*Lamellibranchia*, *Pectinacea*, *Pectinidae*), geralmente atribuído a Bolten. Só em 1905, Ihering & Ihering (p. 642) — em nota que passou despercebida até 1929 (Lacossière) e somente em 1934 foi registrada em The Zoological Record (H. v. Ihering) — chamam a atenção para o fato nos seguintes termos (salvo quanto à ortografia): “Observe que estando o nome genérico *Chlamys* já pré-ocupado na literatura conchiliológica desde 1798 por Bolten, este gênero de Crisomélida que também deu o nome a uma subfamília, foi assim denominado por Knoch em 1801, e, pois requer uma nova denominação para a qual proponho o nome de *Arthrochlamys*.” ⁽⁶⁾

Jacobson (p. 239) porém, sem conhecer o nome já proposto,

⁽⁵⁾ Neue Beytraege zur Insektenkunde. Leipzig, Schwickert, 1801, p. 122.

⁽⁶⁾ Em 1907, H. von Ihering (p. 251) considera *Chlamys*, em *Moluscos*, “nomen nudum” e propõe *Myochlamys* Ihering, para substituí-lo, declarando *Arthrochlamys* Ih. & Ih., sem efeito.

escreve, em 1924: "Genus *Chlamys* Knoch 1801, Klug 1824, quod praeoccupatum a Bolten 1798 et Megerle 1830 in *Molluscis* renomino in *Boloschesis* nom. nov. Tribus *Chlamydrina* nominanda est *Fulcidacina*."

Ao rever o assunto, em 1929, Laboissière (p. 257 e 258) referindo-se ao gênero *Chlamys* (de Moluscos), geralmente atribuído a Bolten, diz: "le catalogue dans lequel ce genre figure pour la première fois a pour titre: Museum Boltenianum, il fut publié en septembre 1798 par Peter Friedrich ROEDING; il concerne principalement la collection Bolten, mais ROEDING, dans sa préface, indique qu'il y a intercalé d'autres espèces et déclare — page VIII — qu'il a ajouté des noms latins d'après GMELIN, 13e. éd. du système Linnéen." Depois de concluir, com DAUTZENBERG, pela validez de *Chlamys* (em Moluscos) atribue o nome de *Arthrochlamys* a H. v. Ihering levado, naturalmente, pelas palavras dêste na memória de 1907 (7). O trabalho, porém, em que o nome foi proposto é de colaboração e de autoria de Hermann e Rodolfo von Ihering, embora a nota esteja redigida na 1.ª pessoa do singular.

Deve ser chamada a atenção, dos interessados, para o fato de continuar, em Moluscos, o gênero *Chlamys* a ser atribuído a Bolten apesar do que foi afirmado, sobre o assunto, por Laboissière.

Em conclusão: a validez de *Chlamys* (em Moluscos) está, hoje, assentada (8) e *Chlamys* (em Coleópteros) deve ceder o lugar a *Arthrochlamys* Ih. & Ih.

Diplacaepia Jacobson, 1924

Diaspis LACORDAIRE, 1848, Mon. Phyt. II, p. 645; CHAPUIS, 1874, Gen. Col. X, p. 200; JACOBY, 1881, Biol. Centr.-

(7) "J'ai proposé le nom d'*Arthrochlamys*" (p. 251).

(8) Cf. - Regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica, opinião 96, in Mem. Inst. Butantan XI, 1937, p. 270 (Trad. de A. do Amaral); Neave, 1939, Nomenclator Zoologicus I, p. 703, onde se lê:

"*Chlamys* Bolten 1798, Mus. Bolten., 2, 161 - Moll. (Cf. *Myochlamys* Ihering 1907).

Chlamys Knoch 1801, N. Beitr. Insectenkunde, (I) 122. - Col. (See *Arthrochlamys* Ihering 1904 & *Boloschesis* Jacobson 1924).

Chlamys Young & Young 1877, Ann. Mag. Nat. Hist., (4) 20, 429. - Spong.

Chlamys Beneden 1892, Bull. Acad. Sci. Belgique, (3) 23, 227. - Crust.

Amer. Col. VI (1), p. 74; Id., 1889, id. Suppl., p. 155; CLAVAREAU, 1913, Col. Cat. Junk et Schenk, XXIV (pars 53), p. 209; ACHARD, 1914, Gen. Ins. Wytsman 160, p. 4.

Diplacaspis JACOBSON, 1924, Rev. Russe Ent. XVIII, p. 239 (nom. nov.) = *Diapsis* LAC., 1848, preocc. (nec *Diaspis* Costa, 1828).

Skwarraia van EMDEN, 1932, Zool. Anz. 101, p. 9 (nom. nov.).

Em 1848, Lacordaire (p. 645) instituiu o gênero *Diaspis* para uma espécie (*paradoxa*) singularmente provida de dois escutelos. O nome já estava, porém, pré-ocupado para designar um gênero de *Diaspididae* (*Homoptera*, *Coccoidea*), estabelecido por Costa em 1828⁽⁹⁾. Por este motivo Jacobson, em 1924 (p. 239), propõe: "Genus *Diapsis* Lac. 1848, quod exsistit jam *Diaspis* Bremsi 1847 in *Hemipteris Coccidis*, nomino *Diplacaspis*, nom. nov." Apesar disso, ainda em 1932, van Emden⁽¹⁰⁾ propõe novo nome (*Skwarraia*), para substituir *Diaspis* Lacord. (nec Costa) que será corretamente designado por *Diplacaspis*.

Fulcidax Voet, 1806.

Poroppleura LACORDAIRE, 1848, Mon. Phyt. II, p. 863; Chapuis, Gen. Col. X, p. 205; JACOBY 1881, Biol. Centr.-Amer. Col. VI (1), p. 90; Id., 1889, id. Suppl., p. 173; ACHARD, 1914, Gen. Ins. Wytsman 160, p. 19.

Fulcidax VOET, 1806, Cat. Syst. Col. II, p. 33; CLAVAREAU, 1913, Col. Cat. Junk et Schenk, XXIV (53), p. 222.

O gênero *Poroppleura* foi estabelecido, em 1848, por Lacordaire (p. 863) que, nêle, incluiu as maiores e, talvez, mais belas espécies neotrópicas de Fulcidacídeos; o autor definiu muito bem o gênero e descreveu tôdas as suas espécies, até hoje⁽¹¹⁾, conh-

(9) Prospetto nuova Div. Met. Coccus, p. 7 - segundo Lepage, 1938, Catálogo dos Coccídeos do Brasil (*Homoptera* - *Coccoidea*), in Rev. Mus. Paul. XXIII, p. 403.

(10) "Die Gattung *Diaspis* Lac. 1848 ist homonym zur der bekannten Schildlausgattung *Diaspis* Costa 1828 u. 1836, muss also neu benannt werden. Ich schlage zu Ehren der Entdeckerin der Larve den Namen *Skwarraia* nom. nov. vcr" (p. 9).

(11) Em trabalho anterior — Papéis Avulsos Dep. Zool., 4, 1944, p. 95, — propuzemos a revalidação de *F. violaceus* (Klug), espécie considerada, por Lacordaire, idêntica a *F. cupreus* (Klug).

cidas. Infelizmente, já em 1906, Voet ⁽¹²⁾ descrevera a espécie *Fulcidax azureus* — em diagnose inaproveitável, não fôra a gravura anexada à mesma — que os autores, posteriormente, colocaram na sinonímia de *F. monstrosus* (F.). *Fulcidax* prevalece, pois, em relação a *Poroppleura*.

NOMES ESPECÍFICOS

Arthrochlamys exasperata (Klug, 1824)

Chlamys exarata KLUG (nec Kollar), 1824, Ent. Mon., p. 141, t. 9, f. 11.

Chlamys exasperata KLUG, 1824, Ent. Mon., p. 239 (nom. nov.); LACORDAIRE, 1848, Mon. Phyt. II, p. 743; CLAVAREAU, 1913, Col. Junk et Schenk, XXIV (53), p. 213 (Lac.); ACHARD, 1914, Gen. Ins. Wytsman 160, p. 8 (Lac.).

Arthrochlamys maculosa (Klug, 1824)

Chlamys maculata KLUG (nec Kollar), 1824, Ent. Mon., p. 147, t. X, f. 4.

Chlamys maculosa KLUG, 1824, Ent. Mon., p. 239 (nom. nov.).

Chlamys gratiosa LACORDAIRE, 1848, Mon. Phyt. II, p. 762; CLAVAREAU, 1913, Col. Cat. Junk et Schenk, XXIV (53), p. 214; ACHARD, 1914, Gen. Ins. Wytsman 160, p. 10.

Segundo informações do próprio Klug (p. 239), já estavam impressas as suas "Entomologische Monographien" quando conheceu a "Monographia Chlamydum" de Kollar (1824); aquêle autor teve então o cuidado de juntar um apêndice ao gênero CHLAMYS, em que fixa sinonímias e propõe novos nomes ⁽¹³⁾ para os homônimos: *assimilis* (para *affinis*), *exasperata* (para *exarata*) e *maculosa* (para *maculata*).

(12) Catalogus Systematicus Coleopterorum II, 1806, p. 33, t. 28, f. 1. Achard (p. 19 nota 2) reproduz a diagnose de Voet ("Antennae prope caput laeves, caeterum serratae, quales in Cucujus"), informa que a gravura é má mas não lhe assistem razões nomenclaturais aceitáveis para manter, como propõe, o nome de *Poroppleura*.

(13) "Endlich machen noch einige in der Kollarschen Monographie gebrauchte Benennungen die Aenderung derselben Namen in der meinigen nothwendig. Dieses sind: Chl. affinis, p. 115. n. 23. welches in Chl. assimilis umzuändern, Chl. exarata p. 141. n. 47. wofuer Chl. exasperata zu setzen und Chl. maculata p. 147. n. 52. welche Benennung mit Chl. maculosa zu verstauschen wuerde". (p. 239).

O nome específico *assimilis* tem sido corretamente atribuído a Klug, pelos autores e colocado, por alguns deles, na sinóníma de *foveolata* Knoch. Embora Lacordaire (p. 744) ⁽¹⁴⁾ declare explicitamente que *exasperata* é de Klug, Clavareau e Achard atribuído esse nome àquele autor. Já o nome *maculosa*, sem motivo ponderável, foi posto de lado, pelo autor da Monographie des Phytophages (p. 762) ⁽¹⁵⁾ a favor de *gratiosa* que não pode prevalecer.

ABSTRACT

Some misnamings (in *Fulcidacidae*) are reviewed; a few amendments are also made.

The following names are to be retained as correct: *Fulcidacidae* Brues & Melander (?), 1932 [= *Chlamydidae* Jacoby, 1881]; *Arthrochlamys* Ih. & Ih., 1904 (1905) [= *Chlamys* Knoch, 1801 (nec Bolten or Roeding ?, 1798)]; *Diplacaspis* Jacobson, 1924 [= *Diaspis* Lac., 1848 (nec Costa, 1828) = *Skwarraia* v. Emden, 1932]; *Fulcidax* Voet, 1806 [= *Poropleura* Lac., 1848]; *Arthrochlamys maculosa* (Klug, 1824) [= *A. gratiosa* (Lac. 1848)]; *A. exasperata* is referred to Klug and not to Lacordaire.

Attention is called to the fact the genus *Chlamys* (in Mollusks) is commonly referred to Bolten instead of Roeding as suggested by Laboissière.

BIBLIOGRAFIA

- ACHARD, J. — 1914 - Coleoptera Phytophaga, Fam. Chrysomelidae, Subfam. Chlamydinae & Sphaerotherinae - in Wytman, Genera Insectorum, fasc. 160.
- BRUES, C. T. & MELANDER, A. L. — 1932 - Classification of Insects - Bull. Mus. Comp. Zool. Harvard LXXIII.
- CLAVAREAU, H. — 1913 - Chlamydinae - in Junk et Schenkling, Coleopterorum Catalogus, vol. XXIV (Berlin, 1913-1916), pars 53, pp. 210-223.

⁽¹⁴⁾ "M. Klug l'a décrite sous le nom d'*exarata*, mais ce nom ayant déjà été employé par M. Kollar, a dû être changé, et M. Klug a imposé à l'espèce, sans la décrire de nouveau, celui que j'ai conservé".

⁽¹⁵⁾ "Le nom de *maculata* qu'il (Klug) avait donné à l'espèce ayant déjà été employé par M. Kollar, j'ai dû le changer."

- EMDEN, F. van — 1932 - Die Larven von *Discoloma cassideum* Reitt. (Col. Colyd.) und *Skwarraia paradoxa* Lac. (Col. Chrysom.) - Zool. Anz. 101 (1933), pp. 1-17.
- IHERING, H. von — 1907 - Les Mollusques fossiles du Tertiaire et du Crétacé supérieur de l'Argentine - An. Mus. Nac. Buenos Aires (s. III) VII, pp. 1-611.
- IHERING, H. v. & IHERING, R. v. — 1904 (1905) - Bibliografia, 1902-1904. Historia Natural e Antropologia do Brasil - Rev. Mus. Paul. VI, pp. 584-659.
- JACOBSON, G. — 1924 - Annotationes synonymicae et systematicae de Coleopteris - Rev. Russe Ent. XVIII, pp. 237-244.
- KLUG, Fr. — 1824 - Entomologische Monographien (Mit 10 illuminirten Kupfertafeln), Berlin, pp. XIV+242.
- LABOISSIERE, V. — 1929 - Sur la sous-famille des *Chlamydinae* (Col. Chrysomelidae) - Bull. Soc. Ent. France, pp. 256-258.
- LACORDAIRE, Th. — 1848 - Monographie des Coléoptères subpentamères de la Famille des Phytophages II, pp. VI+890 - in Mém. Soc. Liège, V.
- SCHAEFFER, Chas. — 1926 - New Species of Boloschysis (= Chlamys) with notes on known Species. (Coleoptera; Chrysomelidae; Fulcidacinae) - Proc. Ent. Soc. Wash. 28, pp. 181-190.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

OPILIÕES DO ALTO DA SERRA (*)

POR

B. M. SOARES

INTRODUÇÃO

Em excursão ao Alto da Serra, Estado de São Paulo, em 18-III-1943, com o Dr. Frederico Lane, conseguimos coligir um total de 134 opiliões, sem contar as formas jovens, e cujo estudo forneceu assunto para esta nova contribuição aos Papéis Avulsos. As ótimas fotografias que ilustram o presente trabalho foram tiradas pelo sr. Giro Pastore, fotógrafo-fotomicrografo dêste Departamento, a quem muito agradeço.

E' a seguinte a relação das espécies coligidas na Estação Biológica do Alto da Serra:

LANIATORES

Gonyleptidae

Bourguyinae

Discocyrtoides areolatus, sp. n. — ♂ e ♀.

Discocyrtoides concolor MELO-LEITÃO, 1923 — ♀ (Alótipo).

Coelopyginae

Metarthrodes farinosus MELO-LEITÃO, 1922 — 1 ♂.

Gonyleptinae

Gonyleptes fragilis MELO-LEITÃO, 1923 — 3 ♂ ♂.

Ilhaia cuspidata ROEWER, 1913 — 1 ♂.

(*) Trabalho entregue para publicação a 12-IX-943.

Bunoweyhia variabilis MELO-LEITÃO, 1935 — 2 ♂♂ e 3 ♀♀.

Sodreana sodreana MELO-LEITÃO, 1922 — ♀ e ♂.

Mitobatinae

Promitobates ornatus (MELO-LEITÃO, 1922) — 4 ♂♂, 3 ♀♀ e 4 jovens.

Pachylinae

Camarana unica, sp. n. — 1 ♂.

Discocyrtus longicornis (MELO-LEITÃO, 1922) — 23 ♂♂, 33 ♀♀ e 6 jovens.

Discocyrtus sp. — 1 ♀.

Eusarcus armatus PERTY, 1832 — 2 ♂♂ e 7 ♀♀.

Eusarcus insperatus, sp. n. — 1 ♂.

Oglobinia intermedia, sp. n. — 7 ♂♂ e 2 ♀♀.

Oxyrhina zoppei SOARES, 1944 — 3 ♂♂ (Alótipos).

Phalangodidae

Tricommatinae

Caporiacoius fallax SOARES, 1944 — 3 ♂♂ e 2 ♀♀.

Monticola acutinasua, g. n. sp. n. — ♂ e ♀.

Phalangodella inermis, sp. n. — ♂ e ♀.

Pseudopachylus longipes ROEWER, 1912 — 3 ♀♀.

PALPATORES

Phalangiidae

Gagrellinae

Holcobunus dentatus ROEWER, 1910 — 3 exemplares.

Holcobunus nigripalpis ROEWER, 1910 — 7 exemplares.

***Discocyrtoides areolatus*, sp. n.**

(Figs. 1 e 2)

♂. Comprimento: 6,5 mm. Patas: 24,0 - 63,0 - 44,0 - 96,5 mm. Artículos tarsais: 6-14-7/8-8.

♀. Comprimento: 6,5 mm. Patas: 13,5 - 34,0 - 23,5 - 37,0 mm. Artículos tarsais: 6-12/13-7-8.

♂.

Margem anterior do cefaltórax irregularmente granulosa. Cômoro ocular quase liso, com dois espinhos divergentes. Cefalotórax com dois grânulos maiores atrás do cômoro ocular e com raríssimas granulações. Área I dividida por um sulco longitudinal

mediano, com um par de tubérculos (ou espinhos rombos baixos), irregularmente granulosa. Área II com uma série transversal de grânulos maiores, irregularmente granulosa. Área III com dois altos espinhos divergentes, irregularmente granulosa. Área IV dividida ao meio, com uma série transversal de grânulos e algumas granulações esparsas. Áreas laterais com muitas granulações pe-



Discocyrtoides areolatus, sp. n. ♂

queninas muito juntas. Área V e tergitos livres com uma fila de grânulos. Note-se que na área V e nos tergitos livres podemos observar um par de grânulos maiores que os demais, tendo entre si um grânulo igual aos outros da fila. Esternitos livres com uma série transversal de minúsculos grânulos providos, cada um, de

finíssimo pêlo. Opérculo anal com grânulos pequenos, raros. Ancas I-II-III com grânulos pilíferos, I mais granulosa que II e II mais granulosa que III. Patas IV: Ancas densamente granuladas, com grânulos pilíferos, providas de duas apófises apicais quase iguais, uma externa e outra interna, cada uma com um pequeno ramo do lado de dentro, a interna um nada maior que a externa; trocante-



Discocyrtoides areolatus, sp. n. ♀

res com uma pequena apófise basal externa e outra interna um pouco maior. Palpos: Trocanter com dois espinhos apicais ventrais, o mais interno muito maior; fêmur com um espinho basal inferior e robusto espinho apical interno; tibia com 4-4 e tarso com 4-3 espinhos inferiores.

Colorido geral castanho-oliváceo, com as granulações sulfúreas, postas em manchas circulares da mesma côr; espinhos rombos da área II sulfúreos; espinhos da área III e do cômore ocular castanhos. Ancas IV e fêmures posteriores em seu terço basal castanho-escuros. Palpos amarelos, quase que totalmente tingidos irregularmente de oliváceo.

♀.

Os espinhos da área III são muito mais longos e robustos, inclinados um pouco para trás; os do cômore ocular são quase paralelos. Há dois grânulos maiores nas áreas laterais, ao nível da área II, e que no macho são muito pequenos. As ancas IV apresentam uma pequena apófise apical externa, espiniforme. Trocanteres posteriores com um espinho apical interno. Fêmures III-IV com um espinho apical. As granulações estão sôbre manchas circular amarelas muito menores que no macho, reduzindo-se essas manchas quase que ao tamanho das granulações.

TIPO E ALÓTIPO: Número E.523 C.427, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

HABITAT: Alto da Serra, Estado de São Paulo. Brasil.

Coligidos por F. Lane e B. M. Soares, em 18-III-1943.

Há na coleção mais duas fêmeas desta espécie, números E.364 C.191 e E.364 C.194, coligidas em Boracéia, Município de Salesópolis, Estado de São Paulo.

***Discocyrtoides concolor* Melo-Leitão, 1923**

(Fig. 3)

ALÓTIPO ♀. Comprimento: 7 mm. Patas: 14,5 - 33,0 - 22,0 - 33,0 mm. Artículos tarsais: 6-13/14-7-7.

Margem anterior do cefalotórax com uma fila de grânulos, tendo, atrás dessa fila, na parte mediana, mais quatro grânulos. Cefalotórax com alguns grânulos aos lados e atrás do cômore ocular, onde se nota um par maior que os demais. Cômore ocular muito mais largo que longo, com dois espinhos fortes afastados e quase paralelos, com alguns grânulos lateral e posteriormente. Área I com um par de grânulos maiores medianos, irregularmente granulosa, II, com uma fila transversal de grânulos maiores, irregularmente granulosa, III com dois altos espinhos um pouco inclina-

dos para trás e granuloso na base, IV com uma fila de grânulos e mais alguns esparsos, V com uma fila transversal de grânulos distantes uns dos outros (correspondendo aos espinhos da área III há dois grânulos maiores). Tergitos I-II com uma fila de grânulos e mais alguns grânulos esparsos irregularmente. Tergito III e opérculo anal irregularmente granuloso. Esternitos livres com



Discocyrtoides concolor Melo-Leitão ♀

uma fila de grânulos. Ancas I com uma fila de grossas granulações, II-III com granulações mais finas, as das ancas III mais finas e menos numerosas que das ancas II. Áreas laterais irregularmente granuloso. Ancas IV granuloso, com uma apófise apical externa espiniforme. Trocanteres e fêmures de todos os pares

granulosos. Palpos: Trocanteres com dois espinhos apicais inferiores, o mais interno muito maior; fêmures com dois robustos espinhos, um basal inferior e um apical interno; tíbias com 4-4 e tarsos com 3-3 espinhos inferiores. Todos os metatarsos mostram anéis como se fossem pseudo-articulações dos Fólcidas.

Colorido irregular, de um modo geral castanho, as áreas do escudo e laterais marmoradas de negro, o cefalotórax de um lado e de outro com uma mancha negra. Palpos amarelos, irregularmente tingidos de oliváceo.

ALÓTIPO: número E.523 C.428, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

HABITAT: Alto da Serra, Estado de São Paulo, Brasil.

Coligido por F. Lane e B. M. Soares, em 18-III-1943.

Na coleção deste Departamento há duas fêmeas coligidas no Alto da Serra por J. Lima em 1900 (número 514) e determinadas pelo Prof. Melo-Leitão como *Discocyrtoides violaceus* Melo-Leitão, 1923. Não se trata desta espécie, pois, em outro frasco, há dois machos também determinados por esse autor como *Discocyrtoides violaceus* Melo-Leitão, 1923 (número 519), provenientes de Funil, Estado de São Paulo. Estes dois machos devem ser os tipos, pois Melo-Leitão não fala em fêmeas em sua descrição original da espécie. A procedência é que está em desacôrdo: Melo-Leitão, ao descrever *Discocyrtoides violaceus* dá a procedência como sendo Rio Grande, Estado de São Paulo, ao passo que o catálogo deste Departamento diz que é Funil, Estado de São Paulo. As fêmeas n. 514 são, segundo penso, as de *Discocyrtoides concolor* Melo-Leitão, 1923. Suponho que o Prof. Melo-Leitão, ao examinar o espécime que lhe serviu de tipo para *Discocyrtoides concolor*, teve em mãos material muito velho, coligido há muitos anos e descolorido e fez o exame sob álcool. Por isso a descrição não está fiel quanto às granulações. Não hesito em fazer este acasalamento porque, em favor disso, vem o seguinte: procedência igual, configuração igual, número de artículos tarsais igual; sente-se perfeitamente que se trata de ♂ e ♀. Em suma: espécime número 520, do Alto da Serra - Tipo de *Discocyrtoides concolor* Melo-Leitão, 1923; espécimes número 514, do Alto da Serra, determinados por Melo-Leitão como *Discocyrtoides violaceus* Melo-Leitão, 1923,

são duas fêmeas de *Discocyrtoides concolor*; espécime número E.523 C.428, do Alto da Serra, fêmea por mim escolhida para alótipo de *Discocyrtoides concolor*.

***Eusarcus insperatus*, sp. n.**

(Fig. 4)

♂. Comprimento: 6,5 mm. Patas: 10,5 - 20,0 - 15,5 - 19,0 mm. Artículos tarsais: 6-9-6-6.

Borda anterior do cefalotórax com uma elevação mediana e com um tubérculo de cada lado perto dos ângulos. Cômoro ocular mais largo que longo, granuloso, com dois pequeninos tubérculos afastados. Cefalotórax granuloso. Área I dividida longitudinalmente ao meio, com algumas granulações perto do sulco longitudinal mediano e com duas filas de granulações perto do sulco II; área II granulosa, com uma porção lisa perto de cada canto anterior; área III granulosa e com robusto espinho mediano levemente inclinado para trás, granuloso na base; área IV granulosa. Área V e tergitos livres com duas filas de grânulos, uma anterior de poucos grânulos pequeníssimos e outra posterior de grânulos maiores e em toda sua extensão. Áreas laterais irregularmente granulosas, com a fila mais externa de grânulos maiores. Esternitos livres com uma fila de grânulos. Ancas densamente granulosas. Note-se que todas as granulações são pilíferas. Palpos: trocanteres com dois espinhos apicais inferiores, o mais interno muito maior; fêmures com robusto espinho basal inferior, com três espinhos inferiores em fila longitudinal e com robustíssimo espinho apical interno; tíbias com 4-4 e tarsos com 3-3 espinhos inferiores. Fêmures I-II direitos, III-IV curvos. Fêmures III granulosos e com dois dentes apicais robustos e curtos de cada lado; tíbias III com duas séries inferiores de dentes agudos que vão aumentando irregularmente de tamanho em direção do ápice. Patas IV: ancas densamente granulosas, com apófise apical externa espessa quase transversal e curva para baixo; trocanter com robusta apófise basal do lado externo entalhada no meio; fêmures e tíbias com várias serrilhas longitudinais de grânulos pilíferos, as duas serrilhas inferiores mais notáveis, e com dois robustíssimos espinhos apicais inferiores; metatarsos estreitando-se gradualmente para o ápice.

Colorido geral castanho-avermelhado, os palpos, as quelíceras e os trocanteres dos três primeiros pares de patas amarelos.

TIPO: número E.523 C.430, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

HABITAT: Alto da Serra, Estado de São Paulo, Brasil.



Eusarcus insperatus, sp. n. ♂

Coligido por F. Lane e B. M. Soares, em 18-III-1943.

A espécie é muito afim de *Eusarcus aberrans* Melo-Leitão, 1939, de que difere principalmente pela ausência de apófise apical interna nas ancas IV e de dentes agudos inferiores nas tíbias posteriores. A descrição da armadura das ancas e tíbias IV de *Eusarcus aberrans* Melo-Leitão não deixam dúvida de que o exemplar

acima descrito é de espécie diferente, apesar do desenho número 18 dado por Melo-Leitão parecer o da minha espécie (Cf. Melo-Leitão, Aracnídeos, Anexo n. 1 ao Relatório da excursão cientí-



Oxyrhina zoppeii Soares

fica do Instituto Oswaldo Cruz realizada na zona da E. F. N. O. B., em outubro de 1938, Bol. Biol. (N. S.) vol. IV n. 2, 31-5-1939, pp. 291 e 294, fig. 18).

Oxyrhina zoppeii Soares. 1944.

(Fig. 5)

ALÓTIPO ♂. Comprimento: 7 mm. Patas: 8,5 - 15,0 - 12,0 - 16,0 mm. Artículos tarsais: 5-7-6-6.

Fêmures I-II mais ou menos direitos, III-IV curvos. Os fêmures II apresentam um espinho apical interno; III, forte espinho apical interno. Tíbias III com duas séries longitudinais de dentes agudos, que vão aumentando de tamanho em direção do ápice. Tergitos livres inermes. Patas IV: ancas granuladas, com espessa apófise apical externa quase transversal, sem apófise apical interna; trocanteres com robustíssima apófise lateral externa tomando quase todo o comprimento do trocanter e com longo espinho apical dorsal um pouco inclinado para trás; fêmures forte e irregularmente dentados, sobressaindo pelo tamanho um dente apical interno; patelas e tíbias granuladas, com duas séries longitudinais de pequenos dentes que vão aumentando de tamanho para o ápice.

Não mais, semelhante à fêmea.

ALÓTIPO: Um ♂ números E.523 C.436, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. Há, na coleção, mais dois machos, números E.523 C.437, coligidos junto do alótipo.

HABITAT: Alto da Serra, Estado de São Paulo, Brasil.

Coligidos por F. Lane e B. M. Soares, em 18-III-1943.

***Oglobinia intermedia*, sp. n.**

(Figs. 6 e 7)

♂. Comprimento: 5,5 mm. Patas: 10,0 - 19,0 - 12,0 - 16,0 mm. Artículos tarsais: 6-10-6-6.

♀. Comprimento: 4,5 mm. Patas: 9,0 - 14,0 - 10,5 - 14,0 mm. Artículos tarsais: 5-8/10-6-6.

♂.

Borda anterior do cefalotórax lisa, com uma elevação mediana. Cômoro ocular muito mais largo que longo, liso, com um espinho pontudo mediano. Cefalotórax liso. Área I dividida por um sulco longitudinal mediano, com dois grânulos pilíferos de cada lado, II com um par de grânulos pilíferos anteriores e uma fila transversal de grânulos pilíferos, III com dois robustíssimos espinhos medianos um pouco inclinados para trás, dois grânulos pilíferos adiante destes espinhos e dois de cada lado dos mesmos, IV com uma fila transversal de quatro grânulos pilíferos.

Área V e tergitos livres I-II com uma fila de grânulos pilíferos. Tergito III com um espinho mediano e uma fila de grânulos pilíferos. Opérculo anal granuloso. Esternitos livres com uma fila de grânulos pilíferos. Ancas com abundantes granulações pilíferas. Todos os artículos das patas apresentam granulações pilíferas. Palpos: fêmures com um espinho apical interno, tíbias com



Oglobinia intermedia, sp. n. ♂

3-3 e tarsos 2-2 espinhos inferiores. Patas IV: ancas com robustíssima apófise apical externa provida de um pequeno dente subbasal inferior e de outro dente inferior próximo da extremidade, que é curva para trás em gancho; além disso as ancas apresentam apófise apical interna; trocanteres com um dente lateral ex-

terno perto da base, com um espinho lateral interno sub-basal, com pequeno espinho apical interno e dois grânulos apicais dorsais; fêmures sub-retos, com altíssima apófise vertical dorsal próxima da base com a extremidade em bico voltado para dentro, granuloso, com duas filas inferiores de dentes, a interna com dentes maiores.



Oglobinia intermedia, sp. n. ♀

Colorido geral amarelo-queimado, irregularmente sombreado de negro, especialmente no cefalotórax, nas áreas laterais e nos tergitos livres. Palpos e quelíceras amarelos.

♀. Apresenta atrás do cômodo ocular, no cefalotórax, dois pequeninos grânulos. As áreas laterais são irregularmente granu-

iosas, com grânulos pequeníssimos. Os espinhos do cômor ocular e área III são muito menores que no macho; ao contrário, o espinho mediano do tergito III é maior. As ancas IV apresentam uma pequena apófise apical externa espiniforme.

Quando ao colorido geral, é muito mais escura, sendo quase todo o corpo sombreado de negro.

TIPO E ALÓTIPO: número E.523 C.434, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

PARÁTIPOS: 6 ♂ e 1 ♀ número E.523 C.435; 1 ♀ número E.523 C.451. Todos depositados neste Departamento.

Do exame dos parátipos constatei o seguinte: 1) Três machos apresentam os tarsos I com 6 artículos e os fêmures dos palpos com um espinho apical interno; 2) Um macho apresenta os tarsos I de um lado com 6 e do outro com 5 artículos; fêmures dos palpos com espinho apical interno; 3) Dois machos possuem os tarsos I com 6 artículos. Quanto aos fêmures dos palpos: um dos palpos com espinho apical interno e o outro absolutamente inermes, sem vestígio de espinho apical interno; 4) Uma fêmea com os tarsos I de 5 artículos. Fêmures dos palpos com espinho apical interno.

***Phalangodella inermis*, sp. n.**

(Figs. 8 e 9)

♂. Comprimento: 3,5 mm. Patas: 6,5 - 11,5 - 10,0 - 13,5 mm. Artículos tarsais: 5-7-5-5.

♀. Comprimento: 4,0 mm. Patas: 6,5 - 11,5 - 9,5 - 13,0 mm. Artículos tarsais: 5-7-5-5.

♂.

Margem anterior do cefalotórax lisa. Cômor ocular baixo, muito mais largo que longo, dorsal, com um grânulo mediano e um grânulo de cada lado na frente. Cefalotórax com um ou outro grânulo irregularmente esparso. Área I inteira, com dois grânulos medianos. Áreas II a V com uma fila transversal de grânulos. Áreas laterais com duas filas incompletas de grânulos. Ancas IV granulosas, com uma apófise apical externa muito pequena. Fê-

mures IV mais ou menos curvos. Esternitos livres com uma fila de grânulos pequeníssimos. Opérculo anal com algumas granulações. Trocanteres dos palpos com um espinho inferior e fêmures com um espinho apical interno.

Colorido geral amarelo-queimado, sombreado de escuro, com as quelíceras, palpos e trocanteres das patas mais claros.



Phalangodella inermis, sp. n. ♂

♀. Área I com quatro grânulos em fila transversal. O grânulo mediano do cômor ocular é maior que no macho. Colorido geral mais avermelhado e escuro que no macho.

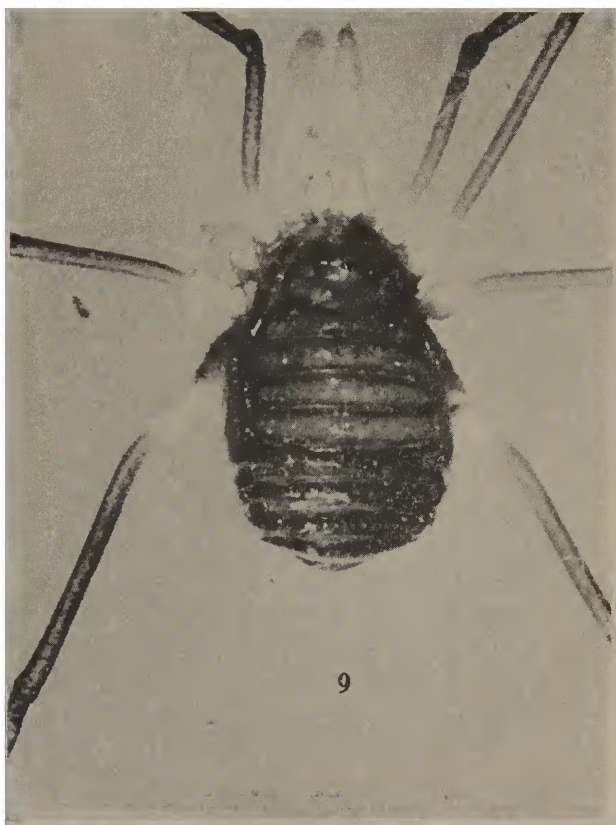
TIPO E ALÓTIPO: número E.523 C.443, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

HABITAT: Alto da Serra, Estado de São Paulo, Brasil.

Coligidos por F. Lane e B. M. Soares, em 18-III-1943.

Monticola, g. n.

Cômodo ocular com altíssimo espinho mediano, com a extremidade voltada para a frente. Área I inteira. Áreas do escudo dor-



Phalangodella inermis, sp. n. ♀

sal, exceto III, que é provida de um par de espinhos, inermes. Tergitos livres inermes. Opérculo anal inerte. Fêmur dos palpos com espinho apical interno. Tarsos I com 4 artículos, os outros com mais de quatro. Tipo, a espécie seguinte:

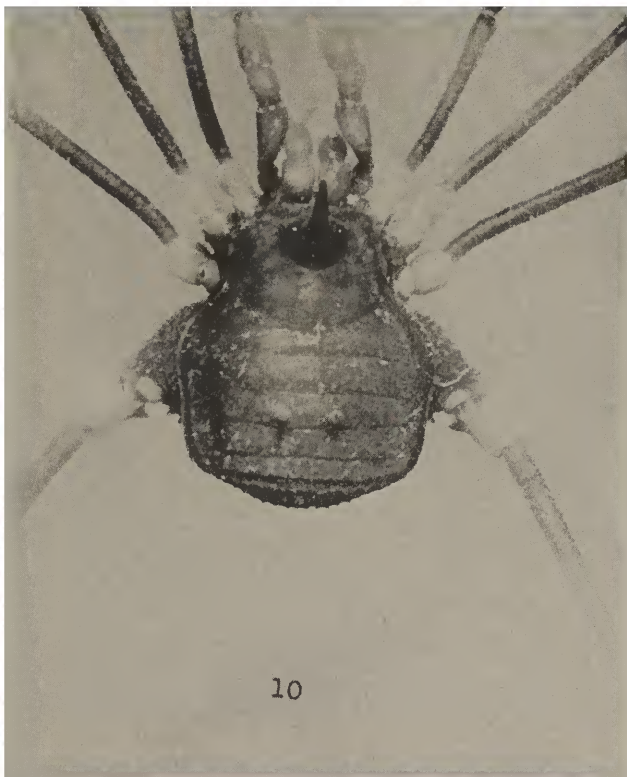
Monticola acutinasua, sp. n.

(Figs. 10 e 11)

♂. Comprimento: 4,5 mm. Patas: 11,0 - 18,0 - 14,0 - 34,0 mm. Artículos tarsais: 2-6/7-5-5.

♀. Comprimento: 4,5 mm. Patas: 9,0 - 14,5 - 10,5 - 22,5 mm. Artículos tarsais: 4-6-5-5.

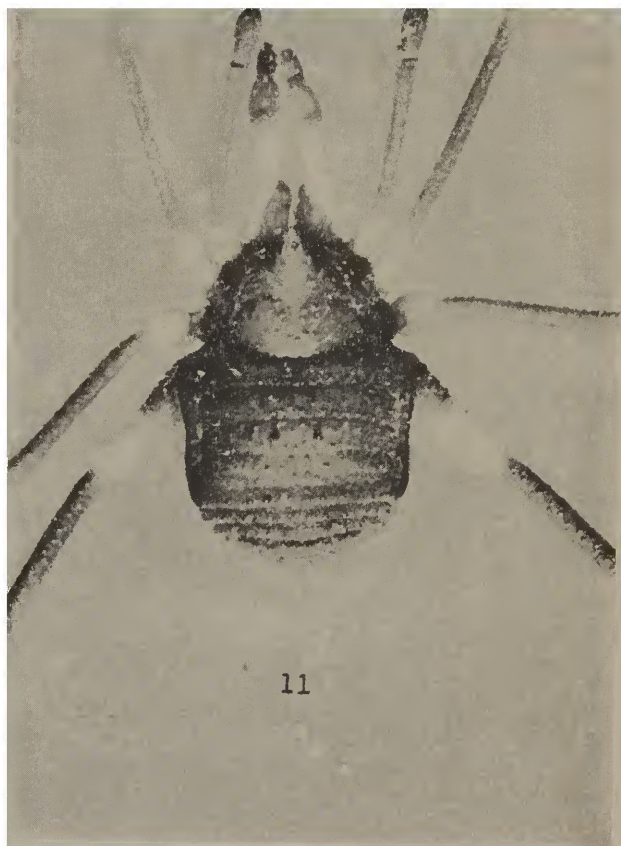
♂.



Monticola acutinasua, sp. n. ♂

Borda anterior do cefalotórax lisa. Cômodo ocular com robustíssimo espinho granuloso que se vai afinando gradativamente para a extremidade, que é inclinada para a frente e aguda. Cefalotórax granuloso aos lados e atrás do cômodo ocular. Áreas do es-

cudo dorsal densa e irregularmente granulosa, a área III com dois espinhos. Áreas laterais com duas filas de grânulos. Tergitos livres com uma fila de grânulos e granulações esparsas. Opérculo anal dorsal e ventral granuloso. Esternitos livres com uma fila de muitos grânulos pilíferos pequeninos. Ancas e área estigmática densamente granulosa. Patas longas. Fêmures IV muito longos.



Monticola acutinasua, sp. n. ♀

Ancas IV densamente granulosa, com uma apófise apical externa e outra interna, ambas as apófises pequenas e espiniformes. Trocanteres IV com uma apófise espiniforme basal interna. Palpos:

fêmures deprimidos do lado interno na base, mais dilatados para o ápice, com um espinho apical interno, um basal inferior e um mediano inferior; trocanteres com dois pequenos espinhos inferiores; tíbias com 1-5 e tarsos com 2-3 espinhos inferiores.

Colorido geral vermelho-acastanhado, com os palpos, quelíceras e trocanteres das patas amarelo-alaranjados; os ápices dos fêmures, patelas, tíbias e bases dos protarsos escuros.

♀. Espinhos da área III muito menores. Apófises das ancas e trocanteres IV também menores.

TIPO E ALÓTIPO: número E.523 C.422, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

HABITAT: Alto da Serra, Estado de São Paulo, Brasil.

Coligidos por F. Lane e B. M. Soares, em 18-III-1943.

***Camarana unica*, sp. n.**

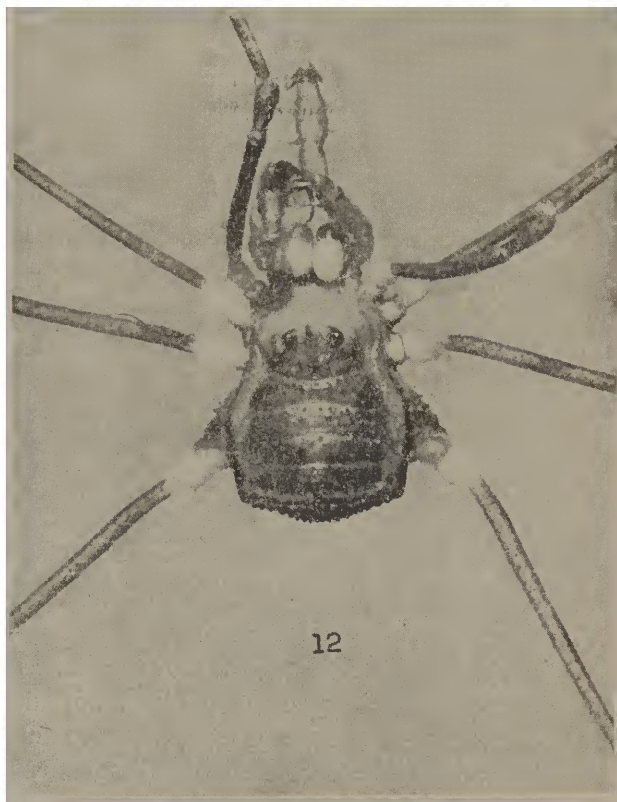
(Fig. 12)

♂. Comprimento: 3,5 mm. Patas: 8,5 - 15,5 - 11,5 - 22,0 mm. Artículos tarsais: 5-9/10-5-5.

Borda anterior do cefalotórax com três pequenos espinhos de cada lado. Cômoro ocular baixo, dorsal, com os olhos afastados, liso, provido de alto espinho mediano um pouco curvo para a frente. Cefalotórax liso, com dois espinhos atrás do cômoro ocular e mais dois grânulos de cada lado, ao lado do espinho. Área I com dois espinhos pequenos medianos e três grânulos ao lado de cada espinho, II com um par de pequenos espinhos medianos e duas filas transversais de grânulos, III com dois espinhos pequenos medianos e duas filas transversais de grânulos, das quais a anterior incompleta, IV com alto espinho mediano e uma fila de grânulos, V com uma fila de grânulos muito perto uns dos outros. Tergitos e esternitos livres com uma fila de grânulos. Ancas e áreas estigmática densamente granuladas. Opérculo anal granuloso. Áreas laterais com duas filas de grânulos. Ancas IV granuladas, com pequena apófise apical externa, espiniforme, curta. Fêmures, patelas e tíbias das patas com pequeninos grânulos. Palpos robustos: tro-

canteres com um espinho inferior robusto; fêmures com três robustos espinhos, um basal inferior, um mediano inferior e um apical interno; patelas com pequeno espinho apical interno; tíbias com 4-4 e tarsos com 3-4 espinhos inferiores.

Colorido geral amarelo, sombreado de fusco; a parte ante-



Camarana unica, sp. n.

rior do cefalotórax, os palpos, as quelíceras, a face ventral do corpo e todos os trocanteres de cor amarela uniforme.

TIPO: um ♂ número E.523 C.450, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

HABITAT: Alto da Serra, Estado de São Paulo, Brasil.

Coligido por F. Lane e B. M. Soares, em 18-III-1943.

ABSTRACT

The author studies a lot of *Opiliones* collected in Alto da Serra, State of São Paulo, Brazil. He gives a list of species and describes one new genus and six new species of harvesters. He also describes to alotypes of *Discocyrtoides concolor* Melo-Leitão, 1923, and of *Oxyrhina zoppeii* Soares, 1944.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

NOTAS SÔBRE OPILIÕES (*)

POR

B. M. SOARES

INTRODUÇÃO

Iniciei há pouco uma série de “Notas sôbre opiliões”, numeradas com algarismos romanos, a partir de I. Tinha em vista dar-lhes publicação imediata, pelo fato de serem trabalhos pequenos, que bem se enquadravam no gênero de artigos inseridos nos Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo. As dificuldades da atual situação, porém, me obrigaram a ir retendo estas notas, por não ter onde publicá-las, de modo que chegaram a ser, atualmente, em número de nove. Resolvi, pois, reuni-las num único trabalho, sem modificar a sua numeração; do contrário, seria obrigado a alterar o texto. Note-se que, em certas notas, faço referência a notas anteriores, que podem fazer parte dêste artigo. As notas I e II foram publicadas no volume 3 dos Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia, 1943; III e IV, no Boletim de Indústria Animal, Estado de São Paulo, n. s., 6 (3), 1943.

V

Neosadocus Melo-Leitão, 1926

Sadocus (part.), MELO-LEITÃO, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 151.

Neosadocus MELO-LEITÃO, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 31 e 54 (sep.).

Bunoweyhia MELO-LEITÃO, 1935, Arq. Mus. Nac., 36: 18.

(*) Entregue para publicação em 12-IX-1943.

Polybunos PIZA, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3: 44.

***Neosadocus bufo* (Melo-Leitão, 1926)**

Sadocus bufo MELO-LEITÃO, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 151, fig. 23.

Neosadocus bufo, MELO-LEITÃO, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 55 (sep.); ROEWER, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 412, fig. 29; MELO-LEITÃO, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a parte): 348, fig. 219.

Polybunos tuberculatus PIZA, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3: 45, fig. 4.

Nêste Departamento estão depositados os tipos de *Neosadocus bufo* (Melo-Leitão, 1923) — 4 machos provenientes de Poço Grande, Estado de São Paulo, com o número 504.

Examinando os quatro machos, tipos de *Neosadocus bufo* (Melo-Leitão, 1923), constatee o seguinte: Todos apresentam um par de tubérculos afastados no cômore ocular. A área III possui duas elevações mamilares muito granulosas. Dois espécimes ainda possuem os palpos: num dêles há, em cada palpo, um espinho apical interno, e, no outro, há, num dos palpos, um granulozinho com uma pequenina cerda, mal vizíveis, no lugar do espinho apical interno, e, no outro palpo, absoluta ausência de espinho apical interno. A fêmea apresenta um par de tubérculos pontudos no cômore ocular; ausência completa de espinho apical interno no fêmur dos palpos; área III com um par de altos espinhos medianos.

Quanto à armação dos tergitos:

♂ - I com dois tubérculos; II-III com um espinho.

♂ - idem.

♂ - I com dois tubérculos; II com um espinho; III com três espinhos.

♂ - idem.

Examinei também, comparando-os com os tipos, os seguintes exemplares da espécie, coligidos em Curitiba, Estado do Paraná:

♀ - Espinho apical interno reduzido a finíssima cerda implantada num granulozinho pouco apreciável. Tergito I com dois tubérculos, II-III com um espinho mediano assimétrico.

♂ - Ausência do espinho apical interno. Tergito I com dois tubérculos; II-III com um espinho mediano, de apreciação confusa, porque também se pode considerar o tergito II com dois espinhos e o tergito III com três espinhos.

♂ - Ausência de espinho apical interno. Tergito I com dois tubérculos, II-III com um espinho mediano.

♂ - Num dos palpos ausência completa de espinho apical interno; no outro há, em seu lugar, um granulozinho com uma cerda finíssima. Tergito I com dois tubérculos, II-III com um tubérculo mediano.

♀ - Ausência de espinho apical interno. Não se notam os dois tubérculos da área IV do escudo dorsal. Tergito I com um tubérculo, II com dois tubérculos, III com um tubérculo.

♀ - Ausência de espinho apical interno. Não se notam os tubérculos na área IV do escudo dorsal. Tergitos I-II com dois tubérculos, III com um tubérculo.

Quanto a *Bunoweyhia variabilis* Melo-Leitão, 1935, há, nas nossas coleções, os seguintes espécimes:

Número E.119 C.67 — 1 ♂. Piza det. Absoluta ausência de espinho apical interno. Área IV com dois tubérculos. Tergito I com dois tubérculos pequenos, II-III com um tubérculo mediano. Note-se que a armação dos tergitos é distinta dos grânulos, se bem que não muito apreciável.

Número E.523 C.419 — 2 ♀ ♀. Soares det. Presença de espinho apical interno. Tergito I com dois tubérculos numa das fêmeas e com um tubérculo apenas na outra, tergitos II-III com um espinho mediano assimétrico em ambas.

Número E.523 C.420 — 2 ♂ ♂ e 1 ♀. Soares det.

♂ - Espinho apical interno obsoleto num dos palpos, ausente no outro. Tergitos inermes.

♂ - Ausência de espinho apical interno no fêmur dos palpos. Tergitos inermes.

♀ - Ausência de espinho apical interno no fêmur dos palpos. Tergito I com dois tubérculos, II-III com um espinho.

Neosadocus bufo (Melo-Leitão, 1923) e *Bunoweyhia variabilis* Melo-Leitão, 1935, são espécies muito afins. Não é possível

distinguir *Bunoweyhia* Melo-Leitão, 1935, de *Neosadocus* Melo-Leitão, 1926, pelas seguintes razões: 1) O espinho apical interno do fêmur dos palpos pode existir ou não no genótipo de ambos os gêneros. 2) O cômodo ocular é provido de um par de tubérculos em ambos os genótipos (não é inerte, conforme se lê na descrição original de *Neosadocus* Melo-Leitão e nas transcrições posteriores). 3) A área IV pode apresentar um par de tubérculos ou ser inerte, caráter que varia com o indivíduo em ambos os genótipos e é susceptível da interpretação do autor que o aprecia. 4) A armação dos tergitos também varia com os indivíduos, sendo caráter susceptível de interpretação diferente de autor para autor.

Em vista do exposto acima, *Bunoweyhia* Melo-Leitão, 1935, deve ser considerado sinônimo de *Neosadocus* Melo-Leitão, 1926, que passará a incluir espécies com os seguintes caracteres: cômodo ocular com dois tubérculos ou espinhos. Área I com dois tubérculos, II com dois tubérculos ou espinhos, III com duas elevações mamilares muito granulosas no macho e com dois espinhos na fêmea, área IV inerte ou com um par de tubérculos, tergito I inerte ou com um ou dois tubérculos, II inerte ou com um ou dois tubérculos ou espinhos, III inerte ou com um tubérculo ou espinho. Fêmur dos palpos inerte ou com um espinho apical interno. Tarsos I de seis segmentos, os outros de mais de seis.

Quanto ao gênero *Polybunos* Piza, 1943, é sinônimo também de *Neosadocus* Melo-Leitão, 1926, pois, comparando o seu genótipo com as fêmeas do *Neosadocus bufo* (Melo-Leitão, 1923), não consegui achar diferença alguma. *Polybunos tuberculatus* Piza, 1943 = *Neosadocus bufo* (Melo-Leitão, 1923). O tipo de *Polybunos tuberculatus* Piza, 1943, apresenta num dos palpos uma cerda finíssima sobre o granulozinho no lugar de espinho apical interno do fêmur, sendo o outro palpo de fêmur inerte.

Acho mesmo possível que *Bunoweyhia variabilis* Melo-Leitão, 1935, seja sinônimo de *Neosadocus bufo* (Melo-Leitão, 1923). Só séries bastante grandes de diferentes procedências poderão, depois de examinadas cuidadosamente, contribuir para a resolução desta questão em definitivo. Consigo, por ora, diferenciar bem as duas espécies. Um fato curiosíssimo é o seguinte: O tipo de *Polybunos*

tuberculatus Piza, 1943, foi coligido, no mesmo local, ao lado de um macho que o Prof. Piza determinou como *Bunoweyhia variabilis* Melo-Leitão, 1935, com o que estou de pleno acôrdo. Ora, como *Bunoweyhia variabilis* Melo-Leitão, 1935, e *Neosadocus bufo* (Melo-Leitão, 1923), são espécies muito afins, é de estranhar que em Batêia, Estado de São Paulo, no mesmo local, tenham sido apanhados um macho de *Bunoweyhia variabilis* Melo-Leitão, 1935, e uma fêmea de *Neosadocus bufo* (Melo-Leitão, 1923). O fato é que, até o presente, com o número de exemplares que examinei, consigo separar perfeitamente as duas espécies.

ABSTRACT

The author considers *Polybunos tuberculatus* Piza, 1943, as synonymous with *Neosadocus bufo* (Melo-Leitão, 1923), and proposes the fusion of *Polybunos* Piza, 1943, *Bunoweyhia* Melo-Leitão, 1935, and *Neosadocus* Melo-Leitão, 1926, into a single genus.

VI

Gonyleptes Kirby, 1818

Gonyleptes KIRBY, 1818, Tr. Linn. Soc. London, 12:452.

Melloleitaniella PIZA, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 60;
PIZA, 1940, Rev. de Agricultura, Piracicaba, 15 (7-8): 313.

Gonyleptes atrus Melo-Leitão, 1923, e
Gonyleptes granulatus (Piza, 1940)

Comparando os tipos de *Gonyleptes atrus* Melo-Leitão, 1923, e de *Gonyleptes granulatus* (Piza, 1940), verifiquei que são espécies muito afins; chego a pensar que se trata da mesma espécie, em diferentes fases de desenvolvimento. Por ora, todavia, enquanto não examinar uma série grande, nada ousou afirmar de positivo, preferindo por esta razão manter as duas espécies. O que não pode persistir é o gênero *Melloleitaniella* Piza, 1940, pois não há razão para separar de um lado as espécies com um par de tubérculos na área III e, do outro, as com um par de espinhos nessa área, uma vez que há casos intermediários em que o observador fica indeciso, se considerar a área com um par de tubérculos ou

com um par de espinhos, pois há tubérculos espiniformes e espinhos tuberculiformes. Isto viria complicar ainda mais a sistemática dos opiliões.

Aproveito a oportunidade para retificar a procedência de *Gonyleptes atrus* Melo-Leitão, 1923. Melo-Leitão, ao descrever a espécie, dá como "habitat" várias localidades do Estado de São Paulo e diz que o tipo se achava depositado no Museu Paulista. Uma vez que as coleções dêste Instituto foram transferidas para o Departamento de Zoologia na data de sua criação, é de crêr que o material estudado pelo prof. Melo-Leitão seja o que se encontra registrado no catálogo dêste Departamento.

Considero, pois, como tipos os exemplares do frasco número 42, 3 ♂♂ e 3 ♀♀ procedentes de Itatiaia, Estado do Rio de Janeiro. As fêmeas do frasco número 508, dois espécimes, de Campos do Jordão, Estado de São Paulo, serão, provavelmente, metátipos.

Promitobates Roewer, 1913

Promitobates ROEWER, 1913, Arch. f. Naturg., 79 A (5): 285.

Leonardosia MELO-LEITÃO, 1935, Arq. Mus. Nac., 36: 28.

Examinando uma grande série de opiliões da espécie *Promitobates ornatus* (Melo-Leitão, 1922), coligidos pelo Dr. Frederico Lane e por mim, em Batêia, Estado de São Paulo, em excursão realizada em 16-IV-1943, tive o ensejo de verificar que a armadura do tergito III pode variar dentro da espécie. Há espécimes com êsse tergito livre inerte; outros o têm provido de um espinho mediano. Em vista disto, é claro que *Leonardosia* Melo-Leitão, 1935, não se pode mais manter como gênero, uma vez que só difere de *Promitobates* Roewer, 1913, pela presença de um espinho mediano no tergito III. Doravante, *Promitobates* Roewer, 1913, poderá apresentar o tergito III inerte ou provido de um espinho mediano. Quanto à validez de *Promitobates nitidus* (Melo-Leitão, 1935), como boa espécie, sómente será possível dizê-lo depois da revisão do gênero cujas espécies são muito afins e dificilmente se distinguem.

***Geraecormchius granulosus* (Melo-Leitão, 1937) e
Geraecormobius princeps (Piza, 1940)**

A espécie *Geraecormobius princeps* (Piza, 1940), descrita originalmente no gênero *Anomaloleptes* Melo-Leitão, 1935, deve passar para o gênero *Geraecormobius* Holmberg. Como o gênero *Anomaloleptes* Melo-Leitão, 1935, foi por mim posto na sinonímia de *Liogonyleptoides* Melo-Leitão, 1925 (Cf. Soares, Papéis Avulsos Dep. Zool. São Paulo, 3: 193), a espécie automaticamente passou para este gênero. Examinando os tipos, verifiquei que as áreas I e II apresentam dois tubérculos, se bem que granuliformes, donde julgo que ficaria melhor em *Geraecormobius* Holmberg. Ademais é muito afim de *Geraecormobius granulosus* (Melo-Leitão, 1937), com cujos tipos tive a oportunidade de compará-la. E' provável mesmo que o estudo duma grande série venha a reunir essas duas espécies numa só.

ABSTRACT

The author considers:

- 1) *Melloleitaniella* Piza, 1940, as synonymous with *Gonyleptes* Kirby, 1818.
- 2) *Gonyleptes atrus* Melo-Leitão, 1923, and *Gonyleptes granulatus* (Piza, 1940) as very closely allied species.
- 3) *Leonardosia* Melo-Leitão, 1935, as synonymous with *Promitobates* Roewer, 1913.
- 4) *Geraecormobius princeps* (Piza, 1940) and *Geraecormobius granulosus* (Melo-Leitão, 1937) as very closely allied species.

VII

***Discocyrtoides* Melo-Leitão, 1923**

Discocyrtoides MELO-LEITÃO, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 130.
Despirus ROEWER, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 269.
Longiperna ROEWER, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 272.
Mitobatoides MELO-LEITÃO, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2): 22.

***Discocyrtoides nigricans* (Melo-Leitão, 1922)**

Ancistrotus nigricans MELO-LEITÃO, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9: 344; MELO-LEITÃO, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 165, fig. 30.

Mitobatoides nigricans, MELO-LEITÃO, 1927, Bol. Mus. Nac., 3 (2): 22; ROEWER, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2-3): 117, fig. 6; MELO-LEITÃO, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a parte): 407, fig. 271.

Discocyrtoides violaceus MELO-LEITÃO, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 131, fig. 13; ROEWER, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 271, fig. 40; MELO-LEITÃO, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a parte): 230; SOARES, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool. São Paulo, 3: 224.

Discocyrtoides ypirangae MELO-LEITÃO, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 132; ROEWER, 1929, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (2): 272; MELO-LEITÃO, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a parte): 229.

Despirus ustus MELO-LEITÃO, 1937, Mem. Inst. But., 11: 287, fig. 9; PIZA, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool. São Paulo, 3: 51.

Despirus piracicabensis PIZA, 1938, Folia Clinica et Biologica, São Paulo, 10 (4): 121, fig. 7; PIZA, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool. São Paulo, 3: 52.

Após a sinonímia por mim estabelecida (Cf. Soares, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool. São Paulo, 3: 224) para *Discocyrtoides violaceus* Melo-Leitão, 1923, tive a oportunidade de examinar o tipo de *Mitobatoides nigricans* (Melo-Leitão, 1922), uma fêmea procedente de Campos do Jordão, Estado de São Paulo, número 497, depositado neste Departamento. Depois de cuidadoso exame deste material a seco, constatei que o espécime apresenta cinco áreas no escudo dorsal e não quatro; sob álcool o sulco IV passa despercebido, parecendo que não existe. Ora, em virtude disto, o exemplar deverá passar para a subfamília *Bourguyinae*, não pode, de modo nenhum, ser *Mitobatinae*. Em *Bourguyinae* entra perfeitamente no gênero *Discocyrtoides* Melo-Leitão, 1923. Comparando os tipos de *Discocyrtoides violaceus* Melo-Leitão, 1923, e de *Mitobatoides nigricans* (Melo-Leitão, 1922), conclui que se trata da mesma espécie. O gênero *Mitobatoides* Melo-Leitão, 1927, desaparece, pois, definitivamente.

Neosadocus Melo-Leitão, 1926

Sadocus (part.), MELO-LEITÃO, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 151.

Neosadocus MELO-LEITÃO, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 31 e 54 (sep.).

Bunoweyhia MELO-LEITÃO, 1935, Arq. Mus. Nac., 36: 18.

Ilhania MELO-LEITÃO, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3-4): 14 (sep.).

Polybunos PIZA, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., 3: 44.

***Neosadocus bufo* (Melo-Leitão, 1923)**

Sadocus bufo MELO-LEITÃO, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 151, fig. 23.

Neosadocus bufo, MELO-LEITÃO, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 31, 55 (sep.); ROEWER, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 411, fig. 29; MELO-LEITÃO, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a parte): 348, fig. 219.

Ilhania robusta MELO-LEITÃO, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3-4): 14, fig. 11 (sep.).

Polybunos tuberculatus PIZA, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool. São Paulo, 3: 45, fig. 4.

Já em trabalho anterior (Notas sobre opiliões - V) estabeleci a sinonímia entre *Polybunos tuberculatus* Piza, 1943, e *Neosadocus bufo* (Melo-Leitão, 1923), por coincidência de tipos. Alií reuni também *Bunoweyhia* Melo-Leitão, 1935, e *Neosadocus* Melo-Leitão, 1926, num único gênero; agora, nesta pequena nota, junto também à sinonímia *Ilhania robusta* Melo-Leitão, 1936. *Ilhania* Melo-Leitão, 1936, desaparece, portanto.

Apesar de não ter examinado o tipo de *Ilhania robusta* Melo-Leitão, 1936, não há dúvida quanto à sinonímia estabelecida, pois possuo material do Estado do Paraná (muitos machos e fêmeas), que coincide com a descrição e figura desta espécie, e, comparando êstes espécimes com os tipos de *Neosadocus bufo* (Melo-Leitão, 1923), é evidente a sua coespecificidade.

Os caracteres de *Ilhania* Melo-Leitão, 1936, estão citados no gênero *Neosadocus* Melo-Leitão, 1926, com os limites de variação por mim estabelecidos na nota supracitada. Quanto ao espinho apical interno do fêmur dos palpos, Melo-Leitão, ao descrever *Neosadocus*, considerou o fêmur dos palpos armado de um espinho apical interno, e, no caso de *Ilhania*, considerou-o inerte. Aliás, isto é natural, em virtude da variabilidade dêste caráter, conforme já fiz sentir no trabalho citado.

ABSTRACT

The author considers:

- 1) *Discocyrtoides violaceus* Melo-Leitão, 1923 = *Mitobatooides nigricans* (Melo-Leitão, 1922), and shows that the species must be removed from *Mitobatinae* to *Bourguyinae*. The genus *Mitobatooides* Melo-Leitão, 1926, cannot persist.
- 2) *Ilhania robusta* Melo-Leitão, 1936 = *Neosadocus bufo* (Melo-Leitão, 1923).
Ilhania Melo-Leitão, 1936 = *Neosadocus* Melo-Leitão, 1926.

VIII

Paragonyleptes Roewer, 1913

- Paragonyleptes* ROEWER, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4): 240.
Soerensenia MELO-LEITÃO, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 378.
Gonyleptilus ROEWER, 1927, Abh. Senckenberg. Naturf. Ges., 40: 345.
Moreira ROEWER, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 431.
Gonyperna ROEWER, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 437.
Caldasiella MELO-LEITÃO, 1931, Arq. Mus. Nac., 33: 192.
Leptogonys MELO-LEITÃO, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte.): 464.
Kainganga MELO-LEITÃO, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2): 143.
Diplocaldasius MELO-LEITÃO, 1934, Mem. Inst. But., 8 (1933-1934): 414.
Kaingangoides PIZA, 1938, Folia Clinica et Biologica, São Paulo, 10 (4): 119.

A diagnose do gênero *Paragonyleptes* Roewer, 1913, com o conceito dado pelo Prof. Piza [1942, Rev. Bras. Biol., 2 (4): 409], deve ser acrescentado o seguinte, no que se refere ao fêmur dos palpos: Fêmur dos palpos com um ou dois espinhos apicais internos. Pois, examinando várias séries de opiliões da espécie *Paragonyleptes fulvigranulatus* Melo-Leitão 1922, tôdas da mesma localidade, Guarulhos, Estado de São Paulo, coligidos pelo Pe. F. S. Pereira, verifiquei que o fêmur dos palpos pode apresen-

tar um ou dois espinhos apicais internos na mesma espécie. Logo, *Diplocaldasius* Melo-Leitão, 1934 (1934, Mem. Inst. But., 8: 414), também é sinônimo de *Paragonyleptes* Roewer, 1913.

***Paragonyleptes fulvigranulatus* Melo-Leitão, 1922**

Paragonyleptes fulvigranulatus MELO-LEITÃO, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9: 339; MELO-LEITÃO, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 149, figs. 21 e 21-a; SOARES, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3: 195.

Soerensenia fulvigranulata, MELO-LEITÃO, 1926, Rev. Mus. Paul., 14: 54 (sep.); MELO-LEITÃO, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a parte): 328, fig. 215.

Diplocaldasius pallidus MELG-LEITÃO, 1934, Mem. Inst. But., 8: 415, fig. 5.

Kaingangoides pardalis PIZA, 1938, Folia Clinica et Biologica, São Paulo, 10 (4): 120, fig. 6.

Caldasiella pustulosa MELO-LEITÃO, 1939, Bol. Biol., n. s., 4 (3): 350, fig. 6.

Gonyperna incus PIZA, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3: 139; PIZA, 1942, Rev. Bras. Biol., 2 (4): 404.

Paragonyleptes pardalis, PIZA, 1942, Rev. Bras. Biol., 2 (4): 410.

Paragonyleptes pustulosus, PIZA, 1942, Rev. Bras. Biol., 2 (4): 415.

Comparando o tipo de *Diplocaldasius pallidus* Melo-Leitão, 1934, com fêmeas de *Paragonyleptes fulvigranulatus* Melo-Leitão, 1922, pude concluir que *Diplocaldasius pallidus* Melo-Leitão, 1934, é sinônimo de *Paragonyleptes fulvigranulatus* Melo-Leitão, 1922.

Apesar de não ter examinado o tipo de *Paragonyleptes pustulosus* (Melo-Leitão, 1939), sua excelente descrição e figura não deixam dúvida de que ainda se trata de *Paragonyleptes fulvigranulatus* Melo-Leitão, 1922. A procedência dada para esta espécie por Piza, que considerou *Paragonyleptes pustulosus* (Melo-Leitão, 1939) boa espécie [1942, Rev. Bras. Biol., 2 (4): 415], deve ser retificada: é Goiás e não São Paulo, pois Melo-Leitão, ao descrevê-la, diz que o seu "habitat" é Goiás.

***Metarthrodes farinosus* Melo-Leitão, 1922**

Metarthrodes farinosus MELO-LEITÃO, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist. ser 9, 9: 347; MELO-LEITÃO, 1923, Arq. Mus. Nac. 24: 173, fig. 33; ROEWER, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2-3): 126, fig. 8; MELO-LEITÃO, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª parte): 380, fig. 242; SOARES, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3: 195.

Metarthrodes massarti GILTAY, 1928, Ann. Bull. Soc. Ent. Belg., 68: 86, fig. 3; ROEWER, 1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2-3): 129, fig. 10; MELO-LEITÃO, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª parte): 378.

Stenoprostygnus mamillatus PIZA, 1940, Jornal de Agronomia, Piracicaba, 3 (4): 279-281, com fig.

Metarthrodes mamillatus, SOARES, 1942, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 2: 1.

Verifiquei, nesta espécie, que as manchas da área III podem existir ou não, e que, além disso, as áreas laterais do escudo dorsal podem ter uma ou duas filas de grânulos. Juntada a isto a mesma procedência, que é Alto da Serra, Estado de São Paulo, não há dúvida de que *Metarthrodes massarti* Giltay, 1928, é também sinônimo de *Metarthrodes farinosus* Melo-Leitão, 1922. Nesta espécie há dimorfismo sexual acentuado. O tipo de *Metarthrodes farinosus* Melo-Leitão, 1922, está representado neste Departamento por duas fêmeas (números 474 e 506), ambas do Alto da Serra, Estado de São Paulo. O tipo dado a princípio como macho (1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser 9, 9: 347; 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 173) é por Melo-Leitão reconhecido mais tarde como fêmea, em sua monografia [1923, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª parte): 380]. Posso afirmar que são duas fêmeas porque uma delas tem o ovopositor desinvaginado. Além disso, retirando o opérculo genital de um macho coligido por mim em Alto da Serra, tive a prova de que se tratava mesmo deste sexo. O macho corresponde à figura dada por Roewer [1931, Abh. Nat. Ver. Brem., 28 (2-3): 129, fig. 10] para *Metarthrodes massarti* Giltay, 1928. Dimorfismo sexual semelhante nota-se em *Heterampheres variabilis* Melo-Leitão, 1935, da mesma subfamília, como se vê confrontando as figuras que este autor dá para macho e fêmea (1935, Mem. Inst. But., 9: 408, figs. 29 e 30).

ABSTRACT

The author considers:

- 1) *Diplocaldastus pallidus* Melo-Leitão, 1934, and *Paragonyleptes pustulosus* (Melo-Leitão, 1939), as synonymous with *Paragonyleptes fulvigranulatus* Melo-Leitão, 1922. *Diplocaldastus* Melo-Leitão, 1934, as synonymous with *Paragonyleptes* Roewer, 1913.
- 2) *Metarthrodes massarti* Giltay, 1928, as synonymous with *Metarthrodes farinosus* Melo-Leitão, 1922.

IX

Metagonyleptoides Melo-Leitão, 1923

Metagonyleptoides MELO-LEITÃO, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 145.

Moojenia MELO-LEITÃO, 1935, Mem. Inst. But., 9: 383.

Anisoleptes PIZA, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 61;
PIZA, 1940, Revista de Agricultura, Piracicaba, 15 (7-8): 316.

Melo-Leitão, na diagnose do gênero *Moojenia* Melo-Leitão, 1935, considera os tergitos livres inermes. Em 1942 (Cf. Melo-Leitão, 1942, Bol. Mus. Nac., 14-17: 9) descreve a segunda espécie do gênero, *Moojenia bicalcarata* Melo-Leitão, 1942, em que diz, a respeito dos tergitos, o seguinte: "Tergitos II e III do macho com um tubérculo mediano; os da fêmea com robusto espinho cônico". Coligi, no Estado do Espírito Santo, vários espécimes machos, que não duvido que sejam da espécie *Moojenia perlata* Melo-Leitão, 1935 (genótipo), pois alguns coincidem com a descrição, figura e medidas dessa espécie de maneira absoluta. Notei que, nesses exemplares, os tergitos podem ser inermes ou apresentarem um tubérculo mediano, fato este que deve ter sido observado por Melo-Leitão, pois, do contrário, não colocaria seus exemplares de *Moojenia bicalcarata* Melo-Leitão, 1942, nesse gênero. Note-se, porém, que a armação dos tergitos é mais evidente nas fêmeas, em certos machos chega a desaparecer, mas nem por isto devemos considerá-los inermes, pois parece que tais indivíduos são examinados logo depois da muda. Posuo muitos exemplares da espécie denominada por Melo-Leitão *Moojenia bicalcarata*, da

mesma localidade-tipo. Nas fêmeas desta espécie o tergito I pode ser inerte ou possuir um tubérculo cônico, os tergitos II e III possuem um processo cônico. Nos machos os tergitos são inertes ou com um tubérculo mediano. *Anisoleptes* Piza, 1940, só difere de *Moojenia* Melo-Leitão, 1935, pela armação dos tergitos. Em virtude do que observei quanto à armação dos tergitos nas duas espécies descritas do gênero *Moojenia* Melo-Leitão, 1935 (*Moojenia perlata* Melo-Leitão, 1935, e *Moojenia bicalcarata* Melo-Leitão, 1942), não haverá mais diferença entre estes dois gêneros, devendo *Anisoleptes* Piza, 1940, ser considerado sinônimo de *Moojenia* Melo-Leitão, 1935. Examinando os tipos de *Anisoleptes condecoratus* Piza, 1940 (genótipos), verifiquei que há exemplares com a área III absolutamente inerte e outros com ela armada de dois tubérculos muito nítidos, simetricamente dispostos e suficientemente maiores que os demais grânulos da área.

Depois destas observações, comparando o gênero *Moojenia* Melo-Leitão, 1935, assim dilatado em seu conceito, com *Metagonyleptoides* Melo-Leitão, 1923, vemos que as espécies descritas por Piza e por Melo-Leitão, respectivamente nos gêneros *Anisoleptes* e *Moojenia*, devem passar para o gênero *Metagonyleptoides* Melo-Leitão, 1923, que ficará com um conceito mais amplo: Cômoro ocular com dois tubérculos ou espinhos. Áreas I, II e IV do escudo abdominal e placa anal dorsal inertes. Área III com dois tubérculos medianos ou espinhos. Tergitos livre I no macho com um tubérculo mediano ou inerte, II e III com um tubérculo mediano; na fêmea o tergito I é inerte ou com um cone mediano e os tergitos II e III são providos de um cone mediano. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I de seis segmentos, os outros de mais de seis. Não considere os tergitos II e III no macho como podendo ser inertes, nem a área III do escudo dorsal como podendo também ser inerte, porque isto viria trazer grande complicação na sistemática do grupo; o fato é que só é possível a determinação de material abundante, pois exemplares isolados caberiam em vários gêneros.

Se o genótipo de *Metagonyleptoides* Melo-Leitão, 1923, apresentar as áreas I e II armadas, *Metagonyleptoides* será sinônimo de *Paragonyleptes* Roewer, 1913 e *Anisoleptes* Piza 1940, ficará na sinonímia de *Moojenia* Melo-Leitão, 1935, que será ri-

validado. Sómente o exame dos tipos de *Metagonyleptoides anomalus* Melo-Leitão, 1923, virá resolver definitivamente a questão, em virtude das contradições do autor na descrição da armação dessas áreas.

Após a sinonímia estabelecida, *Metagonyleptoides* Melo-Leitão, 1923, ficará com quatro espécies:

Metagonyleptoides anomalus Melo-Leitão, 1923

Metagonyleptoides perlatus (Melo-Leitão, 1935)

Metagonyleptoides condecoratus (Piza, 1940)

Metagonyleptoides bicalcaratus (Melo-Leitão, 1942)

Metagonyleptoides perlatus (Melo-Leitão, 1935) e *Metagonyleptoides condecoratus* (Piza, 1940) são espécies afins, sendo aquela muito maior. Julgo que o exame de uma série com indivíduos em diferentes estágios de desenvolvimento virá reuni-las numa única espécie.

Gonyleptoides Roewer, 1913

Gonyleptoides ROEWER, 1913, Arch. f. Naturg., 79 A (4): 253.

Moreiranula ROEWER, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 440.

Progonyleptoidellus PIZA, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 63.

Piraquara PIZA, 1943, Rev. Bras. Biol., 3 (2): 258.

Não vejo diferença entre os gêneros *Piraquara* Piza, 1940, e *Moreiranula* Roewer, 1930, devendo *Piraquara* ser considerado sinônimo de *Moreiranula*. Julgo também mais lógico considerar *Moreiranula* Roewer, 1930, como sinônimo de *Gonyleptoides* Roewer, 1913, evitando assim confusões posteriores pelo abuso de gêneros, pois *Moreiranula* só se distingue de *Gonyleptoides* por possuir dois tubérculos em vez de espinhos na área III do escudo dorsal, caráter êste que em certos casos se torna de difícil apreciação.

Examinando o genótipo de *Progonyleptoidellus* Piza, 1940, verifiquei que as áreas I e II apresentam um par de tubérculos pequenos, que se distinguem dos demais grânulos dessas áreas. Sendo assim, *Progonyleptoidellus* Piza, 1940, também é sinônimo de *Gonyleptoides* Roewer, 1913.

Portanto, *Piraquara* Piza, 1943 = *Progonyleptoidellus* Piza, 1940 = *Moreiranula* Roewer, 1930 = *Gonyleptoides* Roewer, 1913.

Gonyleptoides Roewer, 1913, ficará com as seguintes espécies:

Gonyleptoides acanthoscelis (Bertkau, 1880),
Gonyleptoides moreirae Melo-Leitão, 1922,
Gonyleptoides melanostomus (Melo-Leitão, 1931),
Gonyleptoides niger Melo-Leitão, 1935,
Gonyleptoides androgynus (Piza, 1940) e
Gonyleptoides schubarti (Piza, 1943).

***Laneius fuscipictus* Soares, 1942**

Julgo que esta espécie seja sinônima de *Gonyleptoides androgynus* (Piza, 1940). Por ora não estabeleço tal sinonímia porque os tipos de *Laneius fuscipictus* Soares, 1942, apresentam a área IV e os tergitos livres armados e o tipo de *Gonyleptoides androgynus* (Piza, 1940) tem êsses segmentos absolutamente inermes. Aproveito a oportunidade para esclarecer um ponto que ficou obscuro na diagnose de *Laneius* Soares, 1942: No ♂ os tergitos II e III apresentam de fato, como se lê na diagnose genérica, dois espinhos, mas na ♀ há, entre êstes dois espinhos, que são baixos, um espinho mais alto. Creio que o estudo de uma grande série de exemplares de *Gonyleptoides androgynus* (Piza, 1940) e *Laneius fuscipictus* Soares, 1942, venha a reunir estas duas espécies numa única, bem como vários gêneros, de acôrdo com as variações da armadura dos tergitos livres na mesma espécie.

ABSTRACT

The author considers:

- 1) *Anisoleptes* Piza, 1940, and *Moojenia* Melo-Leitão, 1935, as synonymous with *Metagonyleptoides* Melo-Leitão 1923.
- 2) *Piraquara* Piza 1943, *Progonyleptoidellus* Piza, 1940, and *Moreiranula* Roewer, 1930, as synonymous with *Gonyleptoides* Roewer, 1913.
- 3) *Laneius fuscipictus* Soares, 1942, and *Gonyleptoides androgynus* (Piza, 1940) as very closely allied species, showing the probability of being coespecific.

X

Anoplogynus Piza, 1938

Anoplogynus PIZA, 1938, Folia Clinica et Biologica, 10 (4): 117.

Neotrochanteroceros CANALS, 1943, Notas del Museo de La Plata, Zoologia, 8 (63): 4.

Examinando topótipos de *Anoplogynus nasutus* Piza, 1938, tive a oportunidade de verificar que a área II também apresenta dois tubérculos medianos, além das duas apófises, como em *Neotrochanteroceros* Canals, 1943. Logo, *Neotrochanteroceros* Canals, 1943, é evidentemente sinônimo de *Anoplogynus* Piza, 1938.

Em *Anoplogynus nasutus* Piza, 1938, a área I pode apresentar dois tubérculos que se tocam pelos ápices ou estes tubérculos são completamente separados, variação esta individual dentro da espécie. Não possuindo exemplares de *Anoplogynus singularis* (Canals, 1943), acho difícil a separação destas duas espécies, pela leitura da diagnose e confronto de espécimes da espécie do Prof. Piza com a excelente figura de Canals, para *Anoplogynus singularis* (Canals, 1943). Acho mesmo possível que, comparando-se os tipos das duas espécies; esta última seja apenas variedade daquela.

A B S T R A C T

The autor considers *Neotrochanteroceros* Canals, 1943, as synonymous with *Anoplogynus* Piza, 1938.

Parapucrolia ocellata Roewer, 1916 e**Goitacazia pulchra** Melo-Leitão, 1942

Coligi, nas margens do rio São José, Município de Colatina, Estado do Espírito Santo, muitos espécimes de *Goitacazia pulchra* Melo-Leitão, 1942, portanto na mesma localidade-tipo da espécie de Melo-Leitão.

No gênero *Parapucrolia* Roewer, 1916, encontrei a espécie *Parapucrolia ocellata* Roewer, 1916, descrita de Bahia Blanca, Argentina. Dos exemplares que coligi em Espírito Santo, uns apresentam a área III com um par de manchas branco-amareladas, outros sem estas manchas; há espécimes com a área IV provida de quatro manchas ou de duas; enfim, estas manchas se modificam

um pouco na forma de indivíduo para indivíduo. Quanto à mancha do opérculo anal, figurada em *Parapucroliia ocellata* Roewer, 1916, os meus espécimes também apresentam-na. As descrições de Roewer para *Parapucroliia ocellata* Roewer, 1916, e de Melo-Leitão para *Goitacazia pulchra* Melo-Leitão, 1942, coincidem totalmente, salvo em detalhes susceptíveis de variação individual. Só divergem quanto ao espinho apical interno do fêmur dos palpos. Pelo fato de se tratar de espécies tipicamente armadas, tipicamente coloridas, coincidindo em tudo, inclusive no número de artículos dos tarsos, é possível que *Goitacazia pulchra* Melo-Leitão, 1942, seja sinônimo de *Parapucroliia ocellata* Roewer, 1916.

***Discocyrtus latus* Melo-Leitão, 1935**

Discocyrtus latus MELO-LEITÃO, 1935, Arq. Mus. Nac., 36: 14, fig. 5.

Discocyrtus dualis PIZA, 1943. Rev. Bras. Biol., 3 (2): 256, fig. 2.

A coleção deste Departamento possui 8 machos e 4 fêmeas de opiliões do gênero *Discocyrtus* Holmberg, coligidos em Rio Claro, Estado de São Paulo, pelo Pe. F. S. Pereira, em I-943, da mesma espécie dos que foram determinados pelo Prof. Piza como *Discocyrtus dualis* Piza, 1943. Tendo-os comparado com o tipo de *Discocyrtus latus* Melo-Leitão, 1935, vi que são da mesma espécie. Portanto, *Discocyrtus dualis* Piza, 1943, é sinônimo de *Discocyrtus latus* Melo-Leitão, 1935.

***Acutisoma* Roewer, 1913**

Acutisoma ROEWER, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4): 276.

Leitaoius ROEWER, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 443.

Acutisomella ROEWER, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 445.

Serracutisoma ROEWER, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 447.

Acutisomelloides MELO-LEITÃO, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte): 272.

Glyptogoniosoma MELO-LEITÃO, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.^a pte): 271.

Mitogoniella MELO-LEITÃO, 1936, Bol. Mus. Nac., 12 (3-4):
35 (Sep.).

A separação entre êstes gêneros é muito delicada, trazendo confusões na sistemática dos opiliões. Assim é que, *Serracutisoma* Roewer, 1930, difere de *Acutisoma* Roewer, 1913, por ter dois tubérculos em vez de espinhos no cômoró ocular, por ter a área I inerme (com dois tubérculos em *Acutisoma* Roewer, 1913), e dois espinhos apicais internos no fêmur dos palpos. Examinando a série de tipos de *Serracutisoma proximum* (Melo-Leitão, 1922), genótipos, verifiquei que há exemplares com dois tubérculos ou com dois espinhos no cômoró ocular, com um ou dois espinhos apicais internos no fêmur dos palpos, com a área I inerme ou provida de um par de tubérculos. Êste último carácter é de difícil apreciação. Às vêzes o par de tubérculos dessa área é nítido, outras se mantem do tamanho de grânulos da área, ficando a critério do autor, se considerar a área inerme ou provida de um par de tubérculos, que se distinguem dos demais grânulos da área apenas pela posição simétrica que ocupam e não pelo tamanho. Ademais, mesmo a posição simétrica pode falhar. Tudo isto dentro da mesma espécie. Quase todos os exemplares apresentam a área IV e os tergitos livres com os angulos laterais providos de um espinho. Há um exemplar que tem a área IV inerme e os tergitos com espinhos tão pequenos que se tornam praticamente inapreciáveis. Em virtude destas variações, *Serracutisoma* Roewer, 1930 = *Acutisoma* Roewer, 1913. Doravante, *Acutisoma* Roewer, 1913, ficará com os seguintes caracteres: Cômoró ocular com dois tubérculos ou espinhos, área I inerme ou com um par de tubérculos, II inerme, III com um par de espinhos, IV inerme. Área IV com ou sem espinhos nos angulos laterais. Tergitos livres com os angulos laterais posteriores salientes, espiniformes, ou com êsses angulos pouco salientes, com espinhos quase imperceptíveis. Fêmur dos palpos com um ou dois espinhos apicais internos. Todos os tarsos de mais de 6 segmentos. Com êste conceito dilatado, *Acutisoma* Roewer, 1913, ficará incluindo as espécies dos gêneros *Leitaoius* Roewer, 1930, *Acutisomella* Roewer, 1930, *Serracutisoma* Roewer, 1930, *Acutisomelloides* Melo-Leitão, 1932, *Glyptogoniosoma* Melo-Leitão, 1932, *Mitogoniella* Melo-Leitão, 1936.

***Acutisoma proximum* Melo-Leitão, 1922**

Acutisoma proximum MELO-LEITÃO, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser 9, 9: 343; MELO-LEITÃO, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 161, fig. 28.

Serracutisoma proxima ROEWER, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 447, fig. 46; MELO-LEITÃO, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª parte): 251, fig. 198.

Leitaoius ornatus MELO-LEITÃO, 1934, Mem. Inst. Butantã, 8: 412, fig. 3.

Por confronto de tipos, pude concluir que *Leitaoius ornatus* Melo-Leitão, 1934, é sinônimo de *Acutisoma proximum* Melo-Leitão, 1922.

***Acutisoma monticolum* Melo-Leitão, 1922**

Acutisoma monticola MELO-LEITÃO, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser 9, 9: 342; MELO-LEITÃO, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 160, fig. 27; ROEWER, 1930, Abh. Nat. Ver. Brem., 27 (3): 383, fig. 16; MELO-LEITÃO, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª parte): 278, fig. 200; MELO-LEITÃO, 1937, Mem. Inst. But., 10: 294.

Leitaoius xanthomus MELO-LEITÃO, 1935, Mem. Inst. But., 9: 404, fig. 27.

Leitaoius nitidissimus MELO-LEITÃO, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 24, fig. 26.

Apesar de desconhecer o tipo de *Leitaoius nitidissimus* Melo-Leitão, 1940, que ainda não foi devolvido para este Departamento, não hesito em considerar esta espécie como sinônimo de *Acutisoma monticolum* Melo-Leitão, 1922, pela coincidência de descrições, mensurações, figuras e localidades-tipo. Examinei o tipo de *Acutisoma monticolum* Melo-Leitão, 1922, e o exemplar de Três Pontes, Estado de São Paulo, n. 64, da coleção do Instituto Butantã, a que o Prof. Melo-Leitão se refere (Cf. Melo-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 10: 294), tendo verificado que, de fato, são da mesma espécie. Quanto ao sexo porém, julgo que ambos são fêmeas. O tipo de *Leitaoius nitidissimus* Melo-Leitão, 1940, também parece uma fêmea. Fui levado a estas conclusões quanto ao sexo, porque há, na coleção deste Departamento, um macho da mesma espécie determinado pelo Prof. Piza como *Leitaoius xanthomus* Melo-Leitão, 1935, coligido na mesma localidade do tipo de

Leitaius xanthomus Melo-Leitão, 1935 (Serra da Cantareira, Estado de S. Paulo). De fato, concordo com o Prof. Piza — é o mesmo *Leitaius xanthomus* de Melo-Leitão. Colocando o espécime ao lado de *Acutisoma monticolum* Melo-Leitão, 1922 (tipo) e do exemplar do Instituto Butantã (o referido n. 64), verifiquei que era o macho da espécie, apesar do dimorfismo sexual. Aliás os tipos de *Acutisoma monticolum* Melo-Leitão, 1922, e o exemplar n. 64, do Instituto de Butantã não foram dissecados e ainda estão intactos. Logo, de posse de um só exemplar de cada vez, o autor não poderia afirmar nada de positivo quanto ao sexo, sem a prévia dissecação.

Examinei também um espécime determinado pelo Prof. Melo-Leitão como *Leitaius xanthomus* Melo-Leitão, 1935, ♀, de Caixa d'Água, Estado de São Paulo (número 24, da coleção do Instituto de Butantã). Trata-se de fato de uma ♀, como está declarado no rótulo do frasco. É igual ao tipo de *Acutisoma monticolum* Melo-Leitão, 1922, com que tive ocasião de compará-la.

Suponho que *Mitogoniella mutila* Piza, 1938, também seja sinônimo de *Acutisoma monticolum* Melo-Leitão, 1922.

Acutisoma Roewer, 1913

Acutisoma ROEWER, 1913, Arch. Naturg., 79 A (4): 276.

Pygosomoides MELO-LEITÃO, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2): 140.

Acutisoma molle (Melo-Leitão, 1933)

Pygosomoides mollis MELO-LEITÃO, 1933, Arq. Esc. Agr. Med. Vet., 10 (2): 140, fig. 6.

Leitaius guttulatus MELO-LEITÃO, 1934, Mem. Inst. But., 8 (1933-1934): 413, fig. 4.

Tendo determinado uma grande série de opiliões da subfamília *Goniosominae* para o Museu Paranaense, todos da mesma espécie, *Leitaius guttulatus* Melo-Leitão, 1934, como posso afirmar por havê-los comparado com os tipos da espécie, verifiquei que alguns espécimes apresentam um cone posterior no opérculo anal e outros não. Isto me levou a pesquisar o gênero *Pygosomoides* Melo-Leitão, 1933, tendo concluído que este gênero também deve ir para a sinonímia de *Acutisoma* Roewer, 1913.

Ora, os exemplares do Museu Paranaense foram apanhados em Barigui, Curitiba, Estado do Paraná. Os tipos de *Leitaoius guttulatus* Melo-Leitão, 1934, são de Japira, Paraná. O tipo de *Pygosomoides mollis* Melo-Leitão, 1933, é de Curitiba, Paraná. As procedências, as descrições e as figuras não deixam dúvidas de que *Leitaoius guttulatus* Melo-Leitão, 1934, é sinônimo de *Pygosomoides mollis* Melo-Leitão, 1933, devendo a espécie passar para o gênero *Acutisoma* Roewer, a respeito do qual já falei no título anterior.

O exame da série de *Acutisoma molle* (Melo-Leitão, 1933), do Museu Paranaense, veio provar que os espinhos dos ângulos laterais da área IV e dos tergitos livres podem existir ou não dentro da mesma espécie, podendo ser grandes, médios, pequenos ou nulos. O tipo de *Leitaoius guttulatus* Melo-Leitão, 1934, por exemplo, mostra êsses espinhos tão pequenos que são praticamente imperceptíveis. Além disso, há um exemplar entre os tipos de *Acutisoma proximum* Melo-Leitão, 1922, que apresenta tais espinhos nas mesmas condições. O mesmo observei com os tipos de *Acutisoma inscriptum* Melo-Leitão, 1922. Após o exame de todos os genótipos dos gêneros da subfamília *Goniosominae*, suponho que seus gêneros serão reduzidos enormemente.

O estudo da separação dos opiliões da subfamília *Goniosominae* em dois grupos, de acordo com a presença ou ausência de espinhos nos ângulos laterais da área IV e dos tergitos livres será assunto de uma nota especial em vias de elaboração. Quero aqui deixar assinalada minha prioridade de observação a respeito desta interessantíssima variação: presença ou ausência de espinhos nos ângulos laterais da área IV e dos tergitos livres, na mesma espécie.

Poecilaemula brasiliensis (Melo-Leitão, 1923)

Eucynorta brasiliensis MELO-LEITÃO, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 111, fig. 3; MELO-LEITÃO, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª parte): 64, fig. 29.

Poecilaemula punctilineata MELO-LEITÃO, 1935, Mem. Inst. But., 9: 373, fig. 4.

Poecilaema ornatissimum MELO-LEITÃO, 1942, Bol. Mus. Nac., 14-17: 6, fig. 3.

Nêste Departamento há uma fêmea de *Cosmetinae* com um rótulo escrito pelo Prof. Melo-Leitão: *Eucynorta brasiliensis* Melo-

Leitão, Pinheiro. Tem o número 457, que, no catálogo deste Departamento, corresponde a essa espécie, mas a localidade é diferente: Pinheiros, Estado de São Paulo. Melo-Leitão, ao descrevê-lo, fala numa ♀, proveniente de Pinheiro, Estado do Rio de Janeiro, e diz que o tipo está em sua coleção. Julgo que o espécime n.º 457 corresponde ao tipo, tendo sido enviado para este Departamento com o material todo que foi estudado pelo Prof. Melo-Leitão. A não ser que se prove o contrário, considero tal espécime como tipo. Quanto à procedência, foi trocada pelo autor, como já tive ocasião de retificar para outras espécies, descritas de Pinheiros, Estado de São Paulo, tendo sido essa localidade confundida com Pinheiro, Estado do Rio de Janeiro.

Em excursão realizada ao Estado do Espírito Santo, em 1942, tive a oportunidade de coligir muitos exemplares de *Cosmetinae*, que cabem perfeitamente na descrição de *Poecilaema ornatissimum* Melo-Leitão, 1942. Não há dúvida de que tais espécimes são da espécie que Melo-Leitão chamou *Poecilaema ornatissimum* Melo-Leitão, 1942, pois a localidade é a mesma. Os tipos de Melo-Leitão são de Colatina e Goiatacazes. Os exemplares que coligi são das margens do rio São José, Município de Colatina. Notei que nos diferentes exemplares havia grande variação no colorido.

Comparando o tipo de *Poecilaemula punctilineata* Melo-Leitão, 1935, uma ♀ (n. 45, no Instituto de Butantã), com o tipo de *Eucynorta brasiliensis* Melo-Leitão, 1923, e com os espécimes que coligi em Colatina (*Poecilaema ornatissimus* Melo-Leitão, 1942), verifiquei que se trata de uma única espécie, cujas variações no colorido pude constatar na série por mim apanhada em Espírito Santo.

O tipo de *Eucynorta brasiliensis* não possui mais os tarsos I, para que pudesse contar o número de artículos. O Prof. Melo-Leitão não faz referência ao seu número. Julgo que deve ter sido mais de 6, porque na série por mim examinada, nunca houve caso de 6 artículos. Se este número fosse variável, *Poecilaemula* Roewer, 1912, seria sinônimo de *Eucynorta* Roewer, 1912.

A espécie não pode ser do gênero *Poecilaema* C. L. Koch, 1839, como considerou o Prof. Melo-Leitão, ao descrever *Poecilaema ornatissimum* Melo-Leitão, 1942, porque a área I é inerte e as quelíceras do macho não são dilatadas.

Suponho que *Poecilaemula bella* Melo-Leitão, 1932, também seja sinônimo de *Poecilaemula brasiliensis* (Melo-Leitão, 1923).

Belemnometus Melo-Leitão, 1940

Belemnometus MELO-LEITÃO, 1940, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 1: 39.

Procosmetus MELO-LEITÃO, 1942, Bol. Mus. Nac., 14-17: 3.

Não conseguindo achar diferença entre êstes dois gêneros da subfamília *Cosmetinae*, pela leitura cuidadosa das respectivas diagnoses, *Procosmetus* Melo-Leitão, 1942, deve ser considerado sinônimo de *Belemnometus* Melo-Leitão, 1940. Êste ficará com duas espécies que, de acôrdo com as suas descrições, são afins:

Belemnometus arietinus Melo-Leitão, 1940 e

Belemnometus dubius (Melo-Leitão, 1942).

ABSTRACT

The author considers:

- 1) *Neotrochanteroceros* Canals, 1943 = *Anoplogynus* Piza, 1938.
- 2) *Discocyrtus dualis* Piza, 1943 = *Discocyrtus latus* Melo-Leitão, 1935.
- 3) *Mitogoniella* Melo-Leitão, 1936, *Pygosomoides* Melo-Leitão, 1933, *Glyptogoniosoma* Melo-Leitão, 1932, *Acutisomelloides* Melo-Leitão, 1932, *Serracutisoma* Roewer, 1930, *Acutisomella* Roewer, 1930 and *Leitaoius* Roewer, 1930, as synonymous with *Acutisoma* Roewer, 1913.
- 4) *Leitaoius ornatus* Melo-Leitão, 1934 = *Acutisoma proximum* Melo-Leitão, 1922.
- 5) *Leitaoius nitidissimus* Melo-Leitão, 1940 and *Leitaoius xanthomus* Melo-Leitão, 1935, as synonymous with *Acutisoma monticolum* Melo-Leitão, 1922.
- 6) *Leitaoius guttulatus* Melo-Leitão, 1934 = *Pygosomoides mollis* Melo-Leitão, 1933.
- 7) *Poecilaema ornatissimum* Melo-Leitão, 1942, and *Poecilaemula punctilineata* Melo-Leitão, 1935, as synonymous with *Eucynorta brasiliensis* Melo-Leitão, 1923.

- 8) *Procosmetus* Melo-Leitão, 1942 = *Belemnometus* Melo-Leitão, 1940.

X I

***Metagonyleptes curvispinosus* (Melo-Leitão, 1935)**

O gênero *Nygoleptes* Melo-Leitão, 1931, já foi por mim posto na sinonímia de *Acanthogonyleptes* Melo-Leitão, 1922, porque os seus genótipos são da mesma espécie.

Examinando os tipos da segunda espécie que Melo-Leitão descreveu no seu gênero *Nygoleptes*, *Nygoleptes curvispinosus* Melo-Leitão, 1935, achei que os exemplares estariam melhor no gênero *Metagonyleptes* Roewer, 1913. Pois são 2 ♂ e 1 ♀ (número 30 da coleção do Instituto de Butantã), provenientes de Lagoa Santa, Estado de Santa Catarina. Os dois machos apresentam um tubérculo mediano em todos os tergitos (caráter de *Metagonyleptes* e não de *Nygoleptes*) e na fêmea esses tubérculos são muito pequenos, sendo que no tergito I praticamente o tubérculo mediano se confunde com os demais grânulos da área, o que não se dá no gênero *Nygoleptes* Melo-Leitão, 1931, quando ainda existia. Parece-me que se trata de *Metagonyleptes grandis* Roewer, 1913.

***Discocyrtus* Holmberg, 1878**

Discocyrtus HOLMBERG, 1878, Natural. Argent., 1: 73, 74.

Pachylobos PIZA, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 55.

Examinando uma grande série de *Discocyrtus longicornis* (Melo-Leitão, 1922), pude constatar que a área V pode apresentar um par de tubérculos distintos dos demais grânulos dessa área ou esses dois tubérculos são menores, confundindo-se com os grânulos. Em vista disto, *Pachylobos* Piza, 1940, que só difere de *Discocyrtus* Holmberg, 1878, por apresentar um par de tubérculos na área V, passará a ser sinônimo deste último gênero. O Prof. Piza deve dar nome novo a *Discocyrtus areolatus* (Piza, 1940), que é nome pré-ocupado.

ABSTRACT

The author considers *Acanthogonyleptes curvispinosus* Melo-Leitão, 1935, as belonging to the genus *Metagonyleptes* Roewer,

1913, and *Pachylobos* Piza, 1940, as synonymous with *Discocyrtus* Holmberg, 1878.

XII

***Gryne coccinelloides* (Melo-Leitão, 1935)**

Poecilaema coccinelloides MELO-LEITÃO, 1935, Mem. Inst. But., 9: 374, fig. 5.

Gryne reticulata PIZA, 1938, Bol. Biol., n. s., 3 (3-4): 144, Est. 4, M.

Por coincidência de tipos, *Gryne reticulata* Piza, 1938, é sinônimo de *Poecilaema coccinelloides* Melo-Leitão, 1935.

Examinando os tipos de *Poecilaema coccinelloides* Melo-Leitão, 1935, verifiquei que as unhas dos dois últimos pares apresentam esboço de denticção, sendo, portanto, pectíneas, de dentes mal visíveis. Quanto ao número de artículos dos tarsos I, vê-se que a divisão ainda não está terminada, pois se nota sinal de divisão em artículos ainda inteiros.

A espécie, deve, pois, passar para o gênero *Gryne* Simon, 1879, na subfamília *Discosomaticinae*, sendo denominada *Gryne coccinelloides* (Melo-Leitão, 1935).

***Pachylus* C. L. Koch, 1839**

Pachylus C. L. KOCH, 1839, Arach., 7: 20.

Acanthopachyloides PIZA, 1942, Rev. Bras. Biol., 2 (4): 387.

***Pachylus chilensis* (Gray, 1833)**

Gonyleptes chilensis GRAY, 1833, Anim. Kingdom, 13, pr. 20, fig. 2.

Gonyleptes curvipes GUÉRIN-MÉNEVILLE, 1830-38, Iconogr. Règne an., 3, pr. 4, fig. 5; GERVAIS, 1844, in Walckenaer, Ins. Apt., p. 104, pr. 46, fig. 1; GERVAIS, 1849, in GAY, Hist. Chile, 6:20, pr. 1, fig. 5.

Pachylus granulatus C. L. KOCH, 1839, Arach., 7: 20, fig. 548; THORELL, 1877, Period. Zool. Argent., 2: 213.

Pachylus chilensis, SOERENSEN, 1884, Naturh. Tidsskr., 14: 639; LOMAN, 1899, Zool. Jahrb. Suppl. IV, 2: 9; SOERENSEN, 1902, Ergeb. Hamburg. Magalh. Sammlr. (Gonyleptiden), p. 31 (sep.); ROEWER, 1913, Arch. f. Naturg.,

79 A (4): 36, figs. 11-12; ROEWER, 1923, Die Weberknechte der Erde, pag. 406, fig. 499, 500.

Acanthopachyloides patellaris PIZA, 1942, Rev. Bras. Biol., 2 (4): 387, fig. 1.

Já Roewer, em 1913, diz que a espécie é largamente distribuída pela América do Sul temperada (Buenos Aires, Cordoba, Chile). De fato, está muito espalhada pelo Chile, onde várias vezes foi assinalada.

Examinando os dois exemplares-tipos, de *Acanthopachyloides patellaris* Piza, 1942, depositados neste Departamento (♀ e ♂), determinei-os como sendo *Pachylus chilensis* (Gray, 1833), pois, lendo cuidadosamente a diagnose desta última espécie, dada por Roewer, [Cf. Roewer, 1913, Arch. f. Naturg. 79 A (4): 36], não há dúvida de que com ela coincidem os tipos de *Acanthopachyloides patellaris* Piza, 1942. A figura de Roewer (Op. cit., p. 36, fig. 11), é apenas esquemática, por isso que à primeira vista não coincide com a de Piza [Cf. Piza, 1942, Rev. Bras. Biol., 2 (4): 387, fig. 1], que está fiel. A armadura das patas figurada por Roewer [fig. 2: a) b)] é a mesma do exemplar macho por mim examinado. Roewer fala, tanto na diagnose do gênero *Pachylus* C. L. Koch, 1839, como na descrição do seu genótipo, *Pachylus chilensis* (Gray, 1833), em um par de tubérculos na área III, sem, no entretanto, figurá-los no desenho. Enfim, as descrições de Roewer e de Piza coincidem.

Quanto a *Acanthopachyloides* Piza, 1942, passa a ser sinônimo de *Pachylus* C. L. Koch, 1839. Aliás as diagnoses destes dois gêneros coincidem, a não ser quanto à armadura do tergito livre III, que Roewer considerou como inerte, e Piza, como armado de 3 tubérculos (no ♂) ou de 3 dentes (na ♀). Examinando os tipos de *Acanthopachyloides patellaris* Piza, 1942, notei que, quanto ao tergito III, deve variar a interpretação de autor para autor quanto a sua armadura (inerte ou armado), pois é, aí, caráter de difícil apreciação.

Melo-Leitão, ao descrever o gênero *Pachylus* C. L. Koch, 1839, dá a área III como sendo inerte, o que não está de acordo com o que diz Roewer [Cf. Melo-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª parte): 151].

***Liarthrodes tetramaculatus* Melo-Leitão, 1922 e
Heterarthrodes alvimi Melo-Leitão, 1935**

Examinei o cótipo número 50, da coleção do Instituto de Butantã, de *Heterarthrodes alvimi* Melo-Leitão, 1935, e o tipo de *Liarthrodes tetramaculatus* Melo-Leitão, 1922, depositado neste Departamento. São dois indivíduos da mesma localidade, com a mesmíssima configuração, com a mesma distribuição de tubérculos e espinhos, igualmente coloridos, tipicamente manchados, com as mesmas medidas. Muito interessante é que aquêlé é muito granuloso e possui dois tubérculos medianos nas áreas I e II, ao passo que êste é quase liso e de áreas I e II inermes. O tipo de *Liarthrodes tetramaculatus* Melo-Leitão, 1922, apresenta na área III um par de tubérculos que não foram assinalados na descrição original pelo autor da espécie. Julgo, pois, que, diante de tal coincidência, uma grande série poderá vir a reunir as duas espécies numa só. Também é curiosa a semelhança que há entre *Caelopygus elegans* (Perty, 1833), e *Heterarthrodes alvimi* Melo-Leitão, 1935. Parece que a espécie de Perty é uma fêmea de *Heterarthrodes alvimi* Melo-Leitão, 1935 [Cf. Roewer, 1913, Arch. f. Naturg., 79 A (5), Taf. 1 b, fig. 4, e Melo-Leitão, 1935, Mem. Inst. But., 9: 406, fig. 28]. Aliás, *Caelopygus elegans* (Perty, 1833), e *Heterarthrodes alvimi* Melo-Leitão, 1935, são da mesma localidade.

***Caelopygus* C. L. Koch, 1839.**

Neste gênero o fêmur dos palpos é provido de um espinho apical interno e a porção terminal dos tarsos I e II é de 3 segmentos. É o que diz Roewer [Cf. Roewer, 1913, Arch. f. Naturg., 79 A (5): 307]. Distingue-se de *Arthrodes* C. L. Koch, 1839, porque êste possui a porção terminal dos tarsos I de 3 segmentos e II, de 4 segmentos. Deve-se corrigir, na monografia do Prof. Melo-Leitão, a diagnose do gênero *Caelopygus*, no que se refere ao fêmur dos palpos, que não é inerte [Cf. Melo-Leitão, 1932, Rev. Mus. Paul., 17 (2.ª parte): 365]. Aliás, é apenas erro de transcrição porque na chave que o autor dá para os gêneros na mesma monografia, está tudo certo.

ABSTRACT

The author considers:

- 1) *Gryne reticulata* Piza, 1938, as synonymous with *Gryne coccinelloides* (Melo-Leitão, 1935).
- 2) *Acanthopachyloides* Piza, 1942 = *Pachylus* C. L. Koch, 1839.
Acanthopachyloides patellaris Piza, 1942, as synonymous with *Pachylus chilensis* (Gray, 1833).

XIII

Metagonyleptoides perlatus (Melo-Leitão, 1935)

Moojenia perlata MELO-LEITÃO, 1935, Mem. Inst. But., 9: 384, fig. 13.

Anisoleptes condecoratus PIZA, 1940, Arq. Zool. Est. São Paulo, 1: 62, figs. 9 e 10.

Em trabalho anterior (Notas sobre opiliões - IX), estabeleci a sinonímia entre os gêneros *Anisoleptes* Piza, 1940, *Moojenia* Melo-Leitão, 1935, e *Metagonyleptoides* Melo-Leitão, 1923, e suspeitei da coespecificidade entre *Metagonyleptoides condecoratus* (Piza, 1940) e *Metagonyleptoides perlatus* (Melo-Leitão, 1935). Os exemplares que possuía daquela espécie eram muito menores que os desta última e provinham do Estado de Minas Gerais (rio Matipoo, nas matas da Fazenda da Floresta, segundo o catálogo deste Departamento). Os espécimes de *Metagonyleptoides perlatus* Melo-Leitão, 1935), eram do Estado do Espírito Santo (Chaves, Município de Santa Leopoldina). Tendo a oportunidade de examinar dois exemplares machos da mesma localidade, coligidos juntos (de Viçosa, Estado de Minas Gerais), e determinados na coleção do Instituto de Butantã como *Gonyleptes cancellatus* Roewer, 1916 (Número 44), verifiquei que não se tratava de *Gonyleptes cancellatus* Roewer, porém de dois espécimes (um grande e um pequeno) de *Metagonyleptoides perlatus* (Melo-Leitão, 1935). Assim, tive a oportunidade de constatar que na mesma localidade há espécimes grandes e pequenos da mesma espécie. Portanto, não há mais razão para manter *Metagonyleptoides condecoratus* (Piza, 1940) como espécie distinta, ela deve passar para a sinonímia de *Metagonyleptoides perlatus* (Melo-Leitão, 1935).

Bourguyia albiornata Melo-Leitão, 1923

A sinonímia estabelecida por mim para esta espécie (Notas sobre opiliões - IV), juntar *Isopucroliia tripos* Melo-Leitão, 1937 (Cf. Melo-Leitão, 1937, Mem. Inst. But., 11: 276, fig. 1). Comparando o tipo desta espécie com os tipos de *Bourguyia albiornata* Melo-Leitão, 1923, e de *Isopucroliia conspersa* Melo-Leitão, 1937, não consegui achar diferença. Não vejo motivo para a separação em chave, de *Isopucroliia conspersa* e *Isopucroliia tripos*, como faz Melo-Leitão (Op. cit., pag. 278), pelo cômodo ocular (granuloso ou liso) e pelas granulações da área V e do tergito livre I (pontudas ou arredondadas), pois, tanto o cômodo ocular como a área V e o tergito livre I se apresentam com o mesmo aspecto nos dois tipos.

Metagonyleptes Roewer, 1913

Metagonyleptes ROEWER, 1913, Arch. f. Naturg., 79A (4): 207.

Geogonys MELO-LEITÃO, 1937, Mem. Inst. But., 10: 292.

Não havendo diferença entre *Geogonys* Melo-Leitão, 1937, e *Metagonyleptes* Roewer, 1913, *Geogonys* deve ir para a sinonímia de *Metagonyleptes* Roewer, 1913. A espécie que era genótipo de *Geogonys* passará a denominar-se *Metagonyleptes pallidipalpis* (Melo-Leitão, 1937).

Geraecormobius rohri (Melo-Leitão, 1933)

Weyhia rohri MELO-LEITÃO, 1933, Arq. Esc. Sup. Agr. Med. Vet., 10 (2): 142-143, fig. 8; MELO-LEITÃO, 1935, Arq. Mus. Nac., 36: 106.

Weyhia serriperma MELO-LEITÃO, 1937, Mem. Inst. But., 11: 284, fig. 6.

Geraecormobius rohri, MELO-LEITÃO, 1940, Arq. Zool., Est. S. Paulo, 1: 20.

Geraecormobius serriperma, MELO-LEITÃO, 1940, Arq. Zool., Est. S. Paulo, 1: 21.

Examinei o tipo de *Geraecormobius serriperma* (Melo-Leitão, 1937) e um casal de opiliões da coleção do Instituto de Butantã (Número 92) determinados como *Geraecormobius rohri* (Melo-Leitão, 1933). Verifiquei que se trata da mesma espécie. *Gerae-*

cormobius serriperma é de Porto União, Estado de Santa Catarina, e *Geraecormobius rohri*, de Curitiba, Estado do Paraná.

Apesar de desconhecer o tipo de *Geraecormobius rohri*, não duvido de que *Geraecormobius serriperma* é sinônimo daquela espécie. As procedências são semelhantes, provindo de estados vizinhos. As diagnoses e figuras são iguais. Apenas, na descrição de *Geraecormobius rohri*, o autor fala numa armadura dos trocanteres IV que não existe no desenho nem nos exemplares de *Geraecormobius rohri* a que me referi acima (Número 92, da coleção do Instituto de Butantã). É espécie muito típica pela armadura dos fêmures IV do macho, que é igual nas supostas duas espécies.

***Acanthopachylus aculeatus* (Kirby, 1818) e
Heteropachyloidellus dimorphicus Melo-Leitão, 1927**

Examinei 7 ♂♂ e 5 ♀♀ da espécie *Heteropachyloidellus dimorphicus* Melo-Leitão, 1927, procedentes de Uruguaiana, Estado do Rio Grande do Sul, depositados neste Departamento sob número 454 e determinados pelo Prof. Melo-Leitão como *Acanthopachylus aculeatus* (Kirby, 1818) (Cf. Melo-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 118, 119). Tive também a oportunidade de examinar 2 ♂♂ da mesma espécie (número 89 da coleção do Instituto de Butantã) e determinados como *Heteropachyloidellus dimorphicus* Melo-Leitão, 1927.

Examinando a figura dada por Roewer (Cf. Roewer, 1913, Arch. f. Naturg., 79 A (4): 52, figs. 19, 20) para *Acanthopachylus aculeatus*, verifiquei que os exemplares coincidem em quase tudo com a figura e descrição. Só divergem quanto à armadura dos tergitos II e III, que são inermes ou com pequeníssimo tubérculo mediano nos espécimes que examinei. Mas a espécie é tão típica, que me parece que *Heteropachyloidellus dimorphicus* Melo-Leitão, 1927, é sinônimo de *Acanthopachylus aculeatus* (Kirby, 1818), apesar do que diz Roewer da armadura dos tergitos. É possível que os exemplares examinados por Roewer apresentassem pequeno espinho mediano nos tergitos II e III. Nada, porém, de positivo, posso afirmar, por ora, quanto à coespecificidade dessas duas espécies. Mas, na atual situação, sou obrigado a considerar o ma-

terial determinado em 1923 por Melo-Leitão como *Acantopachylus aculeatus* (Kirby, 1818), como sendo *Heteropachyloidellus dimorphicus* Melo-Leitão, 1927 (Cf. Melo-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 118, 119).

Paragonyleptes triacanthus Melo-Leitão, 1922 e
Paragonyleptes anomalus (Soares, 1942)

Comparando os tipos destas duas espécies muito afins, notei que naquela as áreas II e III apresentam um par de espinhos medianos pontudos e, nesta, um par de tubérculos arredondados. Além disso, em *Paragonyleptes triacanthus* há na margem anterior do cefalotórax uma elevação mediana com três espinhos e o cômodo ocular possui dois espinhos afastados, ao passo que em *Paragonyleptes anomalus* há na margem anterior do cefalotórax uma elevação baixa, com dois tubérculos granuliformes e dois pequenos tubérculos próximos no cômodo ocular. Quanto à distribuição de grânulos, é um pouco diferente nas duas espécies. A armadura dos fêmures IV é típica e quase igual em ambas. Julgo que o estudo duma grande série virá reuni-las numa única espécie. Parece tratar-se da mesma espécie em diferentes estágios do desenvolvimento.

Penygorna bimaculata Melo-Leitão, 1937

O tipo desta espécie apresenta um espinho apical interno rudimentar no fêmur dos palpos: uma cerda muito fina implantada num grânulo. Isto o levaria para o gênero *Paragonyleptes* Roewer, 1913. Prefiro, no entanto, mantê-la em *Penygorna*, enquanto não tiver oportunidade de examinar maior número de exemplares. Ademais, em *Paragonyleptes*, há uma espécie, *Paragonyleptes bimaculatus* (Soerensen, 1884), com que se assemelha, por causa das duas manchas do cefalotórax.

ABSTRACT

The author considers:

- 1) *Metagonyleptoides condecoratus* (Piza, 1940) = *Metagonyleptoides perlatus* (Melo-Leitão, 1935).
- 2) *Bourguyia tripes* (Melo-Leitão, 1937) = *Bourguyia albicornata* Melo-Leitão, 1923.

- 3) *Geogonys* Melo-Leitão, 1937 = *Melagonyleptes* Roewer, 1913.
- 4) *Geraecormobius serriperna* (Melo-Leitão, 1937) = *Geraecormobius rohri* (Melo-Leitão, 1933).

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

OPILIÕES DO ALTO DA SERRA

II

POR

B. M. SOARES

INTRODUÇÃO

Depois de meu primeiro trabalho sobre opiliões do Alto da Serra (Cf. Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4: 221), tive o ensejo de examinar mais alguns destes aracnídeos que ainda não haviam sido aí assinalados. Aproveito a oportunidade para redeterminar o material dessa localidade, pois quase tudo o que foi aí encontrado está depositado neste Departamento. Devido a minha determinação discordar, em alguns casos, com a anterior, resolvi fazer ressaltar este fato, pois é de máxima importância, vindo mostrar que a fauna opiliológica da região é um pouco diferente da de que se tinha noção até agora.

Alto da Serra está situada no caminho da estrada São Paulo-Santos, no cume da Serra do Mar, com uma estação ferroviária. A pouca distância desta estão localizadas terras pertencentes ao Instituto de Botânica do Estado de São Paulo, com belíssimas reservas florestais.

Note-se que esta é a segunda contribuição que faço ao estudo dos opiliões do Alto da Serra, mas a quarta ao estudo dos opiliões da Serra do Mar (Cf. Soares, 1942, Contribuição ao estudo dos opiliões da Serra do Mar - Opiliões de Boracéia, in Pa-

(*) Entregue para publicação em 19-II-1944.

péis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 2: 1; Soares, 1944, Mais alguns opiliões de Boracéia, id., 4: 177; Soares, 1944, Opiliões do Alto da Serra, id., 4: 221).

As sinônímias que aqui aparecem já foram estabelecidas em notas anteriores.

Acho oportuno, nesta nota, redescrever os tipos de *Asarcus pallidus* Melo-Leitão, 1923, bem como descrever o alótipo de *Exochobunus pulcherrimus* Melo-Leitão, 1931.

As descrições do alótipo e das espécies novas e a redescrição figuram neste trabalho depois da lista das espécies assinaladas.

E' a seguinte a lista das espécies:

A) L A N I A T O R E S

GONYLEPTIDAE

BOURGUYINAE

1) **Bourguyia albiornata** Melo-Leitão, 1923.

a) 9 ♂ ♂, N.º 485, tipos; b) 1 ♀, N.º 450, alótipo.

Determinação anterior:

a) *Bourguyia albiornata* Melo-Leitão, 1923; b) *Bourguyia curvipes* Melo-Leitão, 1923.

2) **Discocyrtoides areolatus** Soares, 1944.

a) ♂ e ♀, N.º E.523 C.427, tipos; b) 1 ♀, N.º E.364 C.191, Boracéia, Município de Salesópolis, Estado de São Paulo, Soares det. 1943; c) 1 ♀, N.º E.364 C.194, Idem; d) 1 ♂, N.º 480.

Determinação anterior:

d) *Mitobates conspersus* (Perty, 1832).

Há na literatura referência a esta espécie no Alto da Serra, com indicação de que o material está depositado no Museu Paulista, isto é, Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo (Cf. Melo-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 162). O que aqui encontrei determinado como tal foi um macho de minha espécie *Discocyrtoides areolatus* Soares, 1944.

3) **Discocyrtoides concolor** Melo-Leitão, 1923.

- a) 1 ♂, N.º 520, tipo; b) 1 ♀, N.º E.523 C.428, aló-tipo, Soares det. 1943; c) 2 ♀ ♀, N.º 514; d) 5 ♀ ♀ N.º 486-a, a que me referirei ao tratar de *Discocyrtus cornutus* Piza, 1940.

Determinação anterior:

- c) *Discocyrtoides violaceus* Melo-Leitão, 1923, 2 ♀ ♀.

4) **Discocyrtoides nigricans** (Melo-Leitão, 1922).

- ♂ e ♀, N.º 470.

Determinação anterior:

Discocyrtus dilatatus Soerensen, 1884.

Esta espécie, que é do Paraguai e da Argentina, foi assinada em Alto da Serra, Estado de São Paulo, estando o material depositado no Museu Paulista (Cf. Melo-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 125). O que aqui encontrei com esta determinação foi um casal de *Discocyrtoides nigricans* (Melo-Leitão, 1922).

5) **Hypophyllonomus maculipalpi** (Piza, 1938).

Examinei desta espécie, do Alto da Serra, um macho imaturo, que estava num frasco com três fêmeas de *Discocyrtus cornutus* Piza, 1940. Este frasco tinha o número 448 e um rótulo em que se lê *Discocyrtus rectipes* Roewer, 1913.

Há referência à presença de *Discocyrtus rectipes* Roewer, 1913, no Alto da Serra, estando o material examinado neste Departamento (Cf. Melo-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 126). O que aqui encontrei, porém, determinado como tal, foram 3 ♀ ♀ de *Discocyrtus cornutus* Piza, 1940, e um macho jovem de *Hypophyllonomus maculipalpi* (Piza, 1938), com o número 448.

CAELOPYGINAE

6) **Exochobunus pulcherrimus** Melo-Leitão, 1931.

Não vi nenhum exemplar desta espécie de Alto da Serra, porém o tipo é desta localidade (Cf. Melo-Leitão, 1931, Arq. Mus.

Nac., 33: 139-140). Examinei, porém, exemplares de Boracéia, Município de Salesópolis, Estado de São Paulo, que também fica na Serra do Mar. Dou adiante a descrição do alótipo. Os espécimes da coleção deste Departamento são os seguintes:

- a) 2 ♀ ♀, N.º E.245 C.123, Boracéia, Município de Salesópolis, Estado de São Paulo, Soares col. 2/3/4-IV-1942;
- b) 1 ♂, N.º E.191 C.91, alótipo, Boracéia, Município de Salesópolis, Estado de São Paulo, Soares col. 8/9/10-II-1942, Soares det. 1942.

7) **Metarthrodes farinosus** Melo-Leitão, 1922.

- a) 1 ♀, Alto da Serra, Estado de São Paulo, J. Lima col. 1900, N.º 474; b) 1 ♀, Alto da Serra, Estado de São Paulo, N.º 506; a) e b) devem ser os tipos; c) 1 ♂, N.º E.523 C.415, Alto da Serra, Estado de São Paulo, F. Lane e B. M. Soares col. 18-III-1943, Soares det. 1943; d) 1 ♀, N.º E.191 C.121, Boracéia, Município de Salesópolis, Estado de São Paulo, Soares col. 8/9/10-II-1942, Soares det. 1942; e) 1 ♀, N.º E.245 C.122, Boracéia, Município de Salesópolis, Estado de São Paulo, Soares col. 2/3/4-IV-1942, Soares det. 1942.

GONIOSOMINAE

- 8) **Acutisoma proximum** Melo-Leitão, 1922.
18 exemplares (♂ ♂ e ♀ ♀), N.º 528, tipos.

9) **Goniosoma venustum** C. L. Koch, 1839.

Esta espécie foi assinalada em Alto da Serra, estando o material depositado neste Departamento (Cf. Melo-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 155). Não encontrei em nossa coleção material com essa determinação, bem como não consegui coligir nessa localidade nenhum exemplar da espécie.

GONYLEPTINAE

- 10) **Acanthogonyleptes pulcher** Melo-Leitão, 1922.

- a) 5 exemplares, N.º 447, Alto da Serra, Estado de São Pau-

lo; b) 1 exemplar, N.º 509, Alto da Serra, Estado de São Paulo, J. Lima col. 1900. São os tipos.

11) **Gonyleptes fragilis** Melo-Leitão, 1923.

- a) 1 ♀, Alto da Serra, Estado de São Paulo, s/n.º; esta fêmea, que deve ser o tipo, recebeu o número novo E.108 C.56; b) 1 ♂, N.º 516; c) 3 ♂ ♂, N.º E.523 C.421, Soares det. 1943; d) 2 ♂ ♂, N.º E.539 C.621, Soares det. 1943.

Determinação anterior:

- a) *Gonyleptes fragilis* Melo-Leitão, 1923, 1 ♀;
b) *Weyhia curvicornis* Roewer, 1913.

Geraecormobius curvicornis (Roewer, 1913) foi assinalada em Alto da Serra, e o material examinado está neste Departamento (Cf. Melo-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 137). O que aqui encontrei determinado como tal foi um macho de *Gonyleptes fragilis* Melo-Leitão, 1923, que, excepcionalmente, apresenta um dos palpos com o fêmur inerte, pois o outro palpo está faltando no exemplar. Posso afirmar isto, por havê-lo comparado com outros espécimes da mesma localidade.

12) **Gonyleptoides androgynus** (Piza, 1940).

- a) 1 ♀, N.º 934, tipo; b) ♂ e ♀, N.º 36, Poço Grande, Estado de São Paulo; c) 1 ♀, N.º E.555 C.705, Alto da Serra, Estado de São Paulo, Soares det. 1943, topótipo.

Determinação anterior:

- a) *Metarthrodes melanacanthus* Roewer, 1913.

Há indicação na literatura de que neste Departamento estão depositados exemplares de *Metarthrodes melanacanthus* Roewer, 1913, de São Paulo: Alto da Serra, Franca e Poço Grande (Cf. Melo-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 174).

O que aqui encontrei determinado como tal foi um casal da espécie *Gonyleptoides androgynus* (Piza, 1940), proveniente de Rio Grande, Estado de São Paulo.

- b) Indeterminado.

13) **Gonyleptoides curvifemur**, sp. n.

♂ e ♀, N.º E.555 C.700, holótipo e alótipo.

14) **Ilhaia cuspidata** Roewer, 1913.

1 ♂, N.º E.523 C.429, Soares det. 1943.

15) **Liogonyleptoides inermis** (Melo-Leitão, 1922).

a) 1 ♂, N.º 489, deve ser o tipo; b) 2 ♀ ♀, N.º 472.

Determinação anterior:

a) *Liogonyleptoides inermis* (Melo-Leitão, 1922), ♂; b) *Liogonyleptoides cimex* (Melo-Leitão, 1923), 2 ♀ ♀.

16) **Metagonyleptes mamillatus**, sp. n.

1 ♂, N.º E.555 C.704, tipo.

17) **Neosadocus variabilis** (Melo-Leitão, 1935).

a) 2 ♀ ♀, N.º E.523 C.419; b) 1 ♀, N.º E.523 C.420; c) 2 ♂ ♂, N.º E.523 C.433; d) 3 ♀ ♀, N.º E.539 C.622; e) 1 ♀, N.º 523.

De a) a d) foram por mim determinados em 1943.

A ♀ n.º 523, referida em e), estava determinada como *Weyhia armata* Roewer, 1913. Melo-Leitão fala na presença de *Geraecor-mobius armatus* (Roewer, 1913) em Alto da Serra e diz que o material que examinou está neste Departamento (Cf. Melo-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 137). O que aqui encontrei determinado como tal foi a referida fêmea, n.º 523, que é uma fêmea de *Neosadocus variabilis* (Melo-Leitão, 1935) e não *Geraecor-mobius armatus* (Roewer, 1913).

18) **Paragonyleptes fulvigranulatus** Melo-Leitão, 1922.

2 ♂ ♂, N.º 464; devem ser os tipos.

19) **Sodreana sodreana** Melo-Leitão, 1922.

♂ e ♀, N.º E.523 C.416, Soares det. 1943; comparados com o tipo.

MITOBATINAE

20) **Asarcus pallidus** Melo-Leitão, 1923.

Melo-Leitão se refere a *Asarcus corallipes* Simon, 1879, em Alto da Serra e diz que o material que examinou está neste Departamento (Cf. Melo-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 168). Neste mesmo trabalho descreve *Asarcus pallidus* Melo-Leitão, 1923, onde diz que o tipo está neste Departamento e que o seu "habitat" é Franca, Estado de São Paulo (Op. cit., pags. 168-169).

O que encontrei neste Departamento foi o seguinte:

- a) 1 ♂ e um exemplar jovem, N.º 507, Alto da Serra, Estado de São Paulo, determinados como *Asarcus corallipes* Simon, 1879; b) 2 ♂ ♂, N.º 499, Piquete, Estado de São Paulo, determinados como *Asarcus pallidus* Melo-Leitão, 1923. Devem ser, muito provavelmente, os tipos.

Concluo o seguinte: 1) Que o macho e o exemplar jovem n.º 507 não são *Asarcus corallipes* Simon, 1879, mas *Asarcus pallidus* Melo-Leitão, 1923; 2) Que os dois machos n.º 499, provavelmente os tipos de *Asarcus pallidus* Melo-Leitão, 1923, são de Piquete, Estado de São Paulo, e não de Franca. Acho mais lógico seguir as indicações deste Departamento no que se refere ao "habitat". Resolvi redescrever e desenhar o que considero tipo de *Asarcus pallidus* Melo-Leitão, 1923.

21) **Promitobates ornatus** (Melo-Leitão, 1922).

- a) 1 exemplar, N.º 41; b) 5 exemplares, N.º 479; c) 2 ♂ ♂, N.º E.523 C.424; d) 1 ♂ e 2 ♀ ♀, N.º E.523 C.425; e) 1 ♂, N.º E.523 C.426; f) 1 ♀ e 2 exemplares jovens, N.º E.523 C.438; g) 2 exemplares jovens, N.º E.523 C.448; h) 1 ♀, N.º 486-e, que foi encontrada no frasco n.º 486, junto com vários exemplares diferentes, e com um rótulo em que se lia *Discocyrtus affinis* Roewer, 1913.

Determinação anterior:

- a) *Neomitobates ornatus* Melo-Leitão, 1923; b) *Neomitobates ornatus* Melo-Leitão, 1923.

Devem ser tipos, pois Melo-Leitão se refere ao “habitat” como sendo Poço Grande, Alto da Serra e Franca, Estado de São Paulo, e diz que o tipo está neste Departamento (Cf. Melo-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 164-165). Neste Departamento não há espécimes de Franca. Há seis exemplares de Poço Grande, que também devem ser tipos.

De d) a g) estavam indeterminados e foram por mim coligidos em Alto da Serra.

PACHYLINAE

22) **Camarana unica** Soares, 1944.

1 exemplar, N.º E.523 C.450.

23) **Discocyrtus cornutus** Piza, 1940.

a) 1 ♂, N.º 471.

Determinação anterior: *Discocyrtus prospicius* (Holmberg, 1876).

Há referência a *Discocyrtus prospicius* em Alto da Serra, com base em material depositado neste Departamento (Cf. Melo-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 126). O que aqui encontrei com tal determinação foi um macho, n.º 471, de Alto da Serra, de *Discocyrtus cornutus* Piza, 1940.

b) 4 ♀ ♀, N.º 448.

No frasco com êste número também havia um ♂ jovem de *Hypophyllonomus maculipalpi* (Piza, 1938) e um rótulo com a determinação de *Discocyrtus rectipes* Roewer, 1913.

A presença de *Discocyrtus rectipes* Roewer, 1913, foi assinalada em Alto da Serra estando o material depositado neste Departamento (Cf. Melo-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 126). Mas o que aqui encontrei foram 4 ♀ ♀ de *Discocyrtus cornutus* Piza, 1940, com essa determinação.

c) 3 ♂ ♂, N.º 483-a.

No frasco n.º 483 havia o seguinte:

3 ♂ ♂ de *Discocyrtus cornutus* Piza, 1940; 5 ♂ ♂ de *Discocyrtus longicornis* (Melo-Leitão, 1922); 3 ♂ ♂ de *Discocyrtus sulcatus*, sp. n.

Todos êstes espécimes estavam determinados como *Discocyrtus affinis* Roewer, 1913. A presença desta espécie foi indicada em Alto da Serra (Cf. Melo-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 124). Mas o que encontrei neste Departamento com esta determinação foram as espécies supracitadas, tendo-lhes dado os seguintes números:

3 ♂♂ de *Discocyrtus cornutus* Piza, 1940, N.º 483-a; 5 ♂♂ de *Discocyrtus longicornis* (Melo-Leitão, 1922), N.º 483-b; 3 ♂♂ de *Discocyrtus sulcatus*, sp. n., N.º 483-c; d) 3 ♀♀, N.º 486-c.

No frasco n.º 486 havia o seguinte:

5 ♀♀ de *Discocyrtoides concolor* Melo-Leitão, 1923; 6 ♀♀ de *Discocyrtus longicornis* (Melo-Leitão, 1922); 3 ♀♀ de *Discocyrtus cornutus* Piza, 1940; 1 ♀ de *Discocyrtus rarus*, sp. n.; 1 ♀ de *Promitobates ornatus* (Melo-Leitão, 1922).

Todos êstes espécimes estavam no mesmo frasco, em que havia um rótulo em que se lê *Discocyrtus affinis* Roewer, 1913. Deilhes, respectivamente, na ordem acima, os seguintes números: 486-a, 486-b, 486-c, 486-d e 486-e.

24) ***Discocyrtus longicornis*** (Melo-Leitão, 1922).

- a) 4 exemplares, N.º 512; b) 7 ♂♂, 12 ♀♀ e 1 exemplar jovem, N.º E.539 C.611, Soares det. 1943; c) 6 ♂♂, 4 ♀♀ e 4 exemplares jovens, N.º E.523 C.439, Soares det. 1943; d) 6 ♂♂ e 5 ♀♀, N.º E.523 C.440, Soares det. 1943; e) 6 ♂♂, 13 ♀♀ e 2 exemplares jovens, N.º E.523 C.441, Soares det. 1943; f) 5 ♂♂, 11 ♀♀, N.º E.523 C.442, Soares det. 1943; g) ♂ e ♀, N.º 858; h) 2 ♀♀, N.º 1017; i) 5 ♂♂, N.º 483-b; j) 6 ♀♀, N.º 486-b.

Determinação anterior:

- a) *Gonyleptes longicornis* Melo-Leitão, 1922.

De b) a f) estavam indeterminados e foram por mim coligidos em Alto da Serra.

- g) *Discocyrtus transversalis* Piza, 1940, tipos.

- h) *Discocyrtus transversalis* Piza, 1940, cótipos.

- i) Os 5 ♂♂ estavam, junto com outras espécies, no frasco n.º 483, com a determinação de *Discocyrtus affinis* Roewer, 1913.

- j) As 6 ♀ ♀ estavam, junto com outras espécies, no frasco n.º 486, com a determinação de *Discocyrtus affinis* Roewer, 1913.

25) ***Discocyrtus rarus***, sp. n.

- a) 1 ♂, N.º E.555 C.706, tipo; b) 1 ♀, N.º E.523 C.443, alótipo; c) 1 ♀, N.º 486-d, encontrada no frasco n.º 486, com outras espécies, com um rótulo em que se lê *Discocyrtus affinis* Roewer, 1913.

26) ***Discocyrtus sulcatus***, sp. n.

3 ♂ ♂, N.º 483-c, encontrados no frasco n.º 483, com outras espécies, com um rótulo em que se lê *Discocyrtus affinis* Roewer, 1913.

27) ***Eusarcus armatus*** Perty, 1832.

2 ♂ ♂ e 7 ♀ ♀, N.º E.523 C.431, Soares det. 1943.

28) ***Eusarcus insperatus*** Soares, 1944.

1 ♂, N.º E.523 C.430, tipo.

29) ***Oglobinia intermedia*** Soares, 1944.

- a) ♂ e ♀, N.º E.523 C.434, tipos; b) 6 ♂ ♂ e 1 ♀, N.º E.523 C.435, parátipos; c) 1 ♀, N.º E.555 C.708; esta fêmea apresenta os fêmures dos palpos sem espinho apical interno, absolutamente inermes.

30) ***Oxyrhina zoppeii*** Soares, 1944.

- a) 1 ♂, N.º E.523 C.436, alótipo; b) 2 ♂ ♂, N.º E.523 C.437.

31) ***Paraluederwaldtia bituberculata*** (Melo-Leitão, 1922).

Melo-Leitão, ao descrever a espécie, diz que o "habitat" é Alto da Serra e que o tipo está aqui depositado (Cf. Melo-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9: 329; Melo-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 117).

Não encontrei na coleção dêste Departamento o tipo, bem

como não consegui coligir nenhum exemplar desta espécie em Alto da Serra.

32) **Pseudogyndesoides latus**, g. n. sp. n.

1 ♂, N.º E.555 C.707, tipo.

PHALANGODIDAE

TRICOMMATINAE

33) **Caporiacoius fallax** Soares, 1944.

3 ♂ ♂ e 2 ♀ ♀, N.º E.523 C.452.

34) **Monticolina acutinasua** (Soares, 1944). (*)

♂ e ♀, N.º E.523 C.422.

35) **Phalangodella inermis** Soares, 1944.

♂ e ♀, N.º E.523 C.449.

36) **Pseudopachylus longipes** Roewer, 1912.

3 ♀ ♀, N.º E.523 C.423.

B) PALPATORES

PHALANGIIDAE

GAGRELLINAE

37) **Holcobunus dentatus** Roewer, 1910.

a) 2 exemplares, N.º E.523 C.444, Soares det. 1943; b) 1 exemplar, N.º E.523 C.445, Soares det. 1943.

38) **Holcobunus nigripalpis** Roewer, 1910.

a) 5 exemplares, N.º E.523 C.446, Soares det. 1943; b) 2 exemplares, N.º E.523 C.447, Soares det. 1943.

Dou, a seguir, a descrição do alótipo de *Exochobunus pulcherrimus* Melo-Leitão, 1931, a redesccrição de *Asarcus pallidus* Melo-Leitão, 1923, e as descrições das espécies novas.

(*) *Monticolina*, n. n. para *Monticola* Soares, 1944 (nec *Monticola* Boie, 1822).

Exochobunus pulcherrimus Melo-Leitão, 1931.

(Fig. 1)

♂. Alótipo.

Comprimento: 7,0 mm. Artículos tarsais: 10 - 19 - 17/18 - 19/21.

Borda anterior do cefalotórax com pequena elevação mediana provida de dois tubérculos, e com três minúsculos grânulos de cada lado. Cômoro ocular baixo, com dois tubérculos afastados. Cefalotórax com dois tubérculos afastados atrás do cômoro ocular, perto do sulco I, e com dois grânulos de cada lado, perto da área lateral. Áreas I e II com dois tubérculos e uma grossa granulação ao lado de cada tubérculo, III com um par de altos espinhos afastados, com quatro grossas granulações de cada lado, além de granulações menores em sua superfície, IV com uma fila de pequenas granulações. Áreas laterais com três grossas granulações e mais três pequenos grânulos ao lado do cefalotórax. Tergito livre I com uma fila de grânulos, II-III com uma fila de granulações finíssimas de que partem cerdas muito finas, além de outras esparsas. Opérculo anal com um espinho mediano e um tubérculo pequeno abaixo do espinho. Esternitos livres com uma fila de minúsculas granulações de que partem cerdas finíssimas. Palpos: trocanteres com pequeno espinho apical inferior; fêmures inermes, com pequeno espinho basal inferior; tíbias com 4-3 e tarsos com 2-2 espinhos inferiores. Todas as ancas granulosas. Patas com os fêmures, patelas e tíbias providos de minúsculos grânulos. Fêmures III com uma série de alguns dentes inferiores. Patas IV: ancas granulosas, com apófise apical externa espiniforme muito longa, e com pequena apófise apical interna espiniforme; trocanteres inferiormente granulosos, com longa e robusta apófise apical interna, e com curtíssimo processo irregular, lateral, externo, mediano; fêmures curvos, granulosos, afinando-se gradualmente da base para o ápice, com robusto espinho mediano interno, com três espinhos menores internos na metade apical, com uma série superior mediana de pequenos espinhos de vários tamanhos e uma inferior de espinhos semelhantes na metade apical; patelas inferiormente com espinhos de vários tamanhos,

irregularmente distribuídos; tíbias com uma série de espinhos inferiores de vários tamanhos em todo o seu comprimento.

Cefalotórax pardo-claro, com uma faixa escura atrás do cômodo ocular. Área I, II e III amarelas, com larguíssima faixa negra mediana, a área III com duas manchas esbranquiçadas. Área IV quase negra. Opérculo anal negro, com duas manchas grandes circulares esbranquiçadas. Tôdas as granulações, tubérculos e espinhos negros, exceto os pequenos espinhos da borda anterior do cefalotórax. As partes negras e pardo-queimadas apresentam uma poeira branca, quando o material é examinado a sêco. Ancas I a III, tergitos e esternitos livres pardo-queimados. Ancas IV e área estigmática amarelas. Patas pardo-claras, com as granulações eréctas. Palpos e quelíceras oliváceos.

ALÓTIPO ♂ : N.º E.191 C.91, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

HABITAT: Boracéia, Município de Salesópolis, Estado de São Paulo, Brasil.

Coligido por B. M. Soares, em 8-9-10/II/1942.

***Asarcus pallidus* Melo-Leitão, 1923**

(Fig. 2)

Melo-Leitão descreve a espécie de Franca, Estado de São Paulo, e diz que os tipos estão depositados neste Departamento (Cf. Melo-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 168-169).

O que aqui encontrei foi o seguinte: 1.º - Um frasco com um ♂ e um exemplar jovem (N.º 507) determinados como *Asarcus corallipes* Simon, 1879, provenientes de Alto da Serra. Verifiquei que se trata de *Asarcus pallidus* Melo-Leitão, 1923. 2.º - Um frasco (N.º 499) com dois machos determinados como *Asarcus pallidus* Melo-Leitão, 1923, provenientes de Piquete, Estado de São Paulo. Considero êstes dois machos como tipos, apesar de provirem de Piquete e não de Franca, como diz o autor (Op. cit.). Resolvi dar uma redescrição da espécie, minuciosa, e ilustrar com desenho, afim de facilitar futuras determinações. E' a seguinte a redescrição da espécie:

♂. Comprimento: 9,0 mm. Artículos tarsais: 7 - 14 - 10 - 12/13.

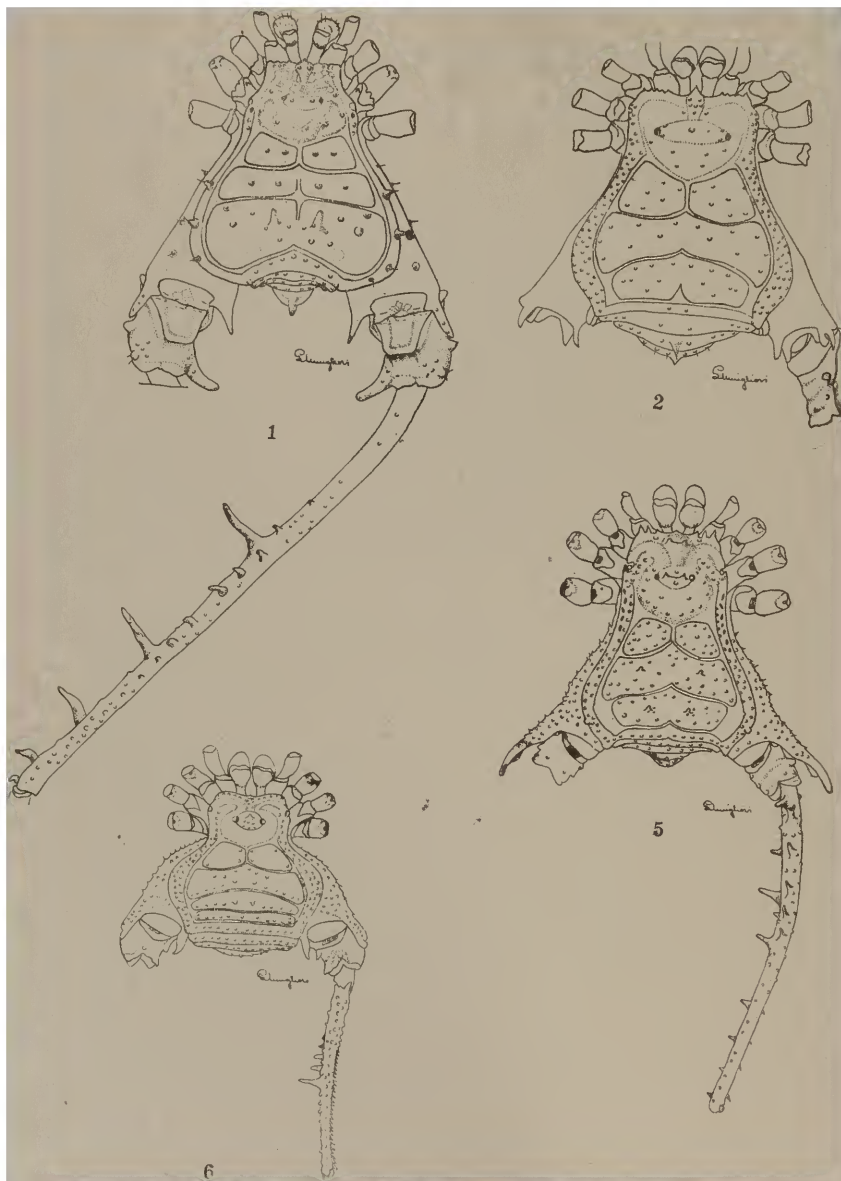


Fig. 1 - *Exochobunus pulcherrimus* Melo-Leitão, 1931.
Fig. 2 - *Asarcus pallidus* Melo-Leitão, 1923.
Fig. 5 - *Metagonyleptes mamillatus*, sp. n.
Fig. 6 - *Pseudogynodesoides latus*, sp. n.

Borda anterior do cefalotórax com uma fileira de grânulos; na região mediana há uma área com pequeninos grânulos. Cômoro ocular baixo, de olhos muito afastados, liso, com um tubérculo no meio. Cefalotórax liso, com dois pequeninos grânulos atrás do cômoro ocular. Escudo dorsal inerme; sob álcool parece absolutamente liso, mas, examinando-se a sêco, vê-se na área I um par de grânulos medianos maiores, e 5 grânulos de cada lado da área; na área II, 7 grânulos; na área III, dois grânulos perto do sulco III; na área IV, dois grânulos. Tergito livre I com dois grânulos, II com um espinho mediano e um grânulo de cada lado, III com um tubérculo mediano e uma fila de grânulos. Áreas laterais com uma fila de grânulos pequenos. Opérculo anal com alguns grânulos. Esternitos livres lisos. Área estigmática lisa. Palpos: trocanteres com um espinho apical inferior; fêmures com um espinho basal inferior, uma fila longitudinal inferior de 3 a 4 grânulos e com robusto espinho apical interno; tíbias com 4-3 e tarsos com 3-4 espinhos interiores. Patas longas. Ancas I muito granulosas inferiormente, II com uma fila de grânulos, III com dois grânulos. Patas IV: ancas com alguns grânulos, com pequena apófise apical interna espiniforme e com curta apófise apical externa com dois ramos divergentes desde a base e superpostos, o superior mais longo e pontudo, o inferior mais curto e rombo; trocanteres com uma série de três tubérculos inferiores e com duas apófises dorsais, a mais próxima da base muito maior, além de um tubérculo dorsal perto do ápice; fêmures muito longos, granulosos.

Colorido geral amarelo-pálido.

TIPOS: N.º 499, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

HABITAT: Piquete, Estado de São Paulo, Brasil.

Coligidos por Zech, em 1896.

***Gonyleptoides curvifemur*, sp. n.**

(Figs. 3 e 4)

♂. Comprimento: 8,0 mm. Artículos tarsais: 7 - 13/14 - 7 - 8.

♀. Comprimento: 8,5 mm. Artículos tarsais: 7 - 13 - 7 - 8.

♂.

Borda anterior do cefalotórax com uma elevação mediana provida de dois espinhos, e com dois espinhos, de um lado e de outro, junto dos ângulos laterais. Cômoro ocular baixo, com dois pequeninos espinhos afastados e um grânulo na frente e outro atrás de cada espinho. Cefalotórax com grânulos aos lados e atrás do cômoro ocular; atrás dêste há também um par de pequeninos tubérculos. Áreas I-II-III granulosas, I-II com um par de pequeninos tubérculos, III com dois tubérculos grandes, havendo, logo atrás de cada tubérculo desta última área, um pequeno tubérculo igual aos das áreas I e II. Área IV e tergitos livres I-II-III com uma fileira de grânulos, sendo que na área IV e nos dois primeiros tergitos livres podem-se contar um par de grânulos medianos maiores que os demais da fila. Áreas laterais granulosas. Opérculo anal com raros grânulos. Esternitos livres com uma fila de grânulos pequeníssimos, só visíveis a seco e com grande aumento. Área estigmática lisa. Palpos longos, de fêmures inermes, as tíbias com 4 espinhos de cada lado, sendo dois muito longos, os tarsos com 2 espinhos de cada lado e uma dupla série longitudinal interna de espinhos. Fêmures I-II direitos, III levemente curvos, IV muito curvos. Patas IV: ancas granulosas, com longa apófise apical externa oblíqua, de extremidade dirigida para trás e com pequeno ramo inferior perto da extremidade, havendo também uma apófise apical interna rudimentar, sob a forma de pequeno espinho; trocanteres granulosos, com pequena apófise lateral externa, quase dorsal, perto da base, e com pequenino dente apical infero-interno; fêmures muito curvos, de armadura característica, com alta apófise dorsal vertical na extremidade distal do terço basal, com grande espinho interno mediano (no meio da curvatura do fêmur), com três espinhos internos na metade basal, com uma série lateral externa de grânulos no sentido do comprimento, além de grânulos irregularmente esparsos e de pequeno espinho lateral externo perto do ápice.

♀.

Na fêmea os fêmures I-II-IV são direitos, III levemente curvos. Os tubérculos da área III são muito mais finos. Patas IV: ancas com um processo cônico oblíquo, apical, externo, e com

pequeno espinho apical interno; trocanteres granuloses, só com pequeno dente granuliforme apical interno; fêmures direitos, irregularmente granuloses, tendo, na metade basal, três curtos dentes cônicos de diferentes tamanhos na face dorsal, e mais três infero-internos; o pequeno espinho lateral externo perto do ápice, referido no macho, também está presente nos fêmures IV da fêmea.

♂ e ♀.

Colorido geral amarelo-queimado, irregularmente marmorado de negro, com as apófises das ancas IV, os trocanteres IV e os fêmures IV avermelhados.

HOLÓTIPO e ALÓTIPO: N.º E.555 C.700, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

HABITAT: Alto da Serra, Estado de São Paulo, Brasil.

Coligidos em 1943.

***Metagonyleptes mamillatus*, sp. n.**

(Fig. 5)

♂. Comprimento: 6,0 mm. Artículos tarsais: 6 - 14/16 - 10 - 11/12.

Borda anterior do cefalotórax com uma elevação mediana provida de dois espinhos e com três pequeninos espinhos de cada lado. Cômoro ocular módicamente elevado, nem alto, nem baixo, com dois tubérculos e um pequeno grânulo atrás de cada tubérculo. Cefalotórax granuloso, liso adiante do cômoro ocular, atrás do qual há dois tubérculos. Áreas I-II-III granulosas, com um par de tubérculos mamilares medianos, os da área I mais afastados entre si que os da área II e os desta mais afastados entre si que os da área III. Além disso, os tubérculos da área I são muito menores que os das outras duas, os tubérculos das áreas II e III são quase iguais entre si. Área IV e tergitos livres I-II-III com uma fila de grânulos, sendo que no tergito livre III há um grânulo mediano maior, que sobressai como pequeno tubérculo entre os demais. Áreas laterais com uma fila longitudinal de grânulos maiores, além de grânulos irregularmente distribuídos em sua superfície. Opérculo anal com pequenos grânulos. Esternitos livres com grânulos minúsculos. Palpos longos, de fêmures inermes, tíbias com 4-4 e tarsos com 3-3 espinhos inferiores. Todos os fê-

mures direitos. Patas IV: ancas granuladas, sem apófise apical interna, com robusta apófise apical externa oblíqua, com extremidade curva, mais fina e mais elevada; trocanteres granulados, com pequeno tubérculo dorsal mediano; fêmures longos, com alta apófise incudiforme basal, com uma série interna de espinhos de vários tamanhos, além de espinhos e tubérculos irregularmente distribuídos.

Colorido geral castanho-avermelhado, irregularmente marmorado de negro. Margens laterais do escudo e do cefalotórax com um rebordo amarelo-sulfúreo. Tubérculos dos olhos amarelo-sulfúreos. Tubérculos das áreas I-II-III castanho-avermelhados, como o colorido geral. Apófises das ancas IV, trocanteres, extremidade das ancas IV e fêmures IV perto da base, negros. Palpos amarelos, irregularmente sombreados de fusco.

TIPO: N.º E.555 C.704, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

HABITAT: Alto da Serra, Estado de São Paulo, Brasil.

Coligido em 1943.

***Pseudogyndesoides*, g. n.**

Cômodo ocular com um espinho mediano. Áreas I, II, IV e V inermes, III com um par de tubérculos. Tergitos livres e opérculo anal inermes. Fêmur dos palpos com um espinho apical interno. Tarsos I-III-IV de seis segmentos, II de mais de seis. Tipo: *Pseudogyndesoides latus*, sp. n.

Este gênero é muito próximo do *Gyndesoides* Melo-Leitão, 1933, de que difere pela segmentação dos tarsos.

***Pseudogyndesoides latus*, sp. n.**

(Fig. 6)

♂. Comprimento: 5,0 mm. Artículos tarsais: 6 - 9 - 6 - 6.

Borda anterior do cefalotórax com uma elevação mediana inerte, e com uma fila de grânulos. Cômodo ocular com fraco espinho mediano, baixo, ereto, e com 6 grânulos. Cefalotórax liso, apenas com alguns grânulos atrás do cômodo ocular. Área I iner-

me, com um par de grânulos medianos perto do sulco II e com outro par abaixo do sulco I. Área II com uma fila de grânulos perto do sulco III e com mais três grânulos medianos. Área III com um par de pequenos tubérculos medianos, uma fila de grânulos perto do sulco IV, de um lado e de outro do par de tubérculos, e dois grânulos adiante do par de tubérculos. Área IV com uma fila de grânulos perto do sulco V, entre os quais sobressai um par mediano de grânulos maiores, quase formando um par de pequeninos tubérculos. Área V e tergitos livres com uma fila de grânulos. Opérculo anal com pequenas granulações. Esternitos livres com uma fila de pequeninas granulações. Áreas laterais com duas filas de grânulos. Área estigmática granulosa. Palpos: trocanteres com um grânulo apical inferior; fêmures com um grânulo basal inferior e mais dois grânulos ventrais no sentido longitudinal, além do espinho apical interno; tíbias com 4-3 e tarsos com 3-3 espinhos inferiores. Fêmures I levemente curvos, II quase direitos, III-IV curvos. Patas IV: ancas granulosas, com espessa apófise apical externa, com a ponta curta e pouco mais fina virada para baixo, e com robusta apófise apical interna, pontuda, pouco menor que a externa; trocanteres com dois espinhos curtos internos, um sub-basal um pouco maior que o outro, que é apical; fêmures com uma apófise basal dorsal, com pequeno dente, com uma serrilha lateral externa em todo o seu comprimento, e com uma série de espinhos internos na metade basal, espinhos êstes que vão decrescendo do meio para a base, até se tornarem grânulos, além de grânulos irregularmente esparsos e de um espinho apical externo.

Colorido geral amarelo-queimado, densamente marmorado de negro, exceto nos sulcos do escudo dorsal. Os protarsos e tarsos posteriores são amarelos.

TIPO: N.º E.555 C.707, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

HABITAT: Alto da Serra, Estado de São Paulo, Brasil.

Coligido em 1943.



Figs. 3 e 4 - *Gonyleptoides curvifemur*, sp. n.

Figs. 7 e 8 - *Discocyrtus rarus*, sp. n.

***Discocyrtus rarus*, sp. n.**

(Figs. 7 e 8)

♂. Comprimento: 6,0 mm. Artículos tarsais: 6 - 11/12 - 7 - 7.

♀. Comprimento: 6,0 mm. Artículos tarsais: 6 - 10/11 - 7 - 7.

Borda anterior do cefalotórax com uma fila de grânulos pequeninos; na região mediana há mais três grânulos fora da fila. Cômoro ocular alto, com dois espinhos divergentes e alguns grânulos. Cefalotórax com dois tubérculos atrás do cômoro ocular e com alguns grânulos irregularmente distribuídos. Área I dividida longitudinalmente ao meio, com cerca de dez pequeninos grânulos de cada lado do sulco longitudinal mediano, entre os quais sobressai um par de grânulos medianos pouco maiores que os demais. Área II com pequeninos grânulos, tendo, de cada lado, próximo das áreas laterais, uma região absolutamente lisa. Área III granulosa, com um par de altos espinhos, cuja base está implantada numa elevação cônica granulosa. Área IV com uma fila de grânulos maiores, além de grânulos pequeninos esparsos; nesta área sobressai um par de grânulos medianos maiores que os outros da fila. Área V e tergitos livres I-II-III com uma fila de grânulos, sobressaindo um par de grânulos medianos maiores. Áreas laterais com grânulos minúsculos irregularmente distribuídos e alguns grânulos grandes ao nível das áreas III e IV do escudo dorsal. Opérculo anal irregularmente granuloso. Esternitos livres com uma fila de grânulos. Área estigmática e ancas granulosas. Palpos: trocanteres com um espinho apical inferior; fêmures com um espinho basal inferior e espinho apical interno, tíbias com 4-4 e tarsos com 4-3 espinhos inferiores. Fêmures I, II e IV direitos, III levemente curvos, quase direitos. Fêmures I inermes, II com forte espinho apical externo, III com forte espinho apical interno, e com dois pequenos espinhos apicais inferiores, IV com forte espinho apical externo, um par de espinhos apicais inferiores, além de alguns espinhos e grânulos irregularmente distribuídos. Tíbias III com uma dupla série inferior de espinhos de diferentes tamanhos, alguns deles robustíssimos. Patas IV: ancas granulosas, com apófise apical externa "sui generis", com pequeno ramo inferior basal e um espinho apical superior, e com robusta apófise apical interna, com pequenino ramo basal interno; trocanteres com duas

apófises laterais externas e duas laterais internas; fêmures como foram descritos acima; patelas e tíbias com espinhos e grânulos de vários tamanhos, irregularmente distribuídos, sendo que nas tíbias sobressaem dois pares de fortes espinhos apicais inferiores; protarsos com duas séries irregulares de espinhos curtos inferiores muito característicos.

Colorido geral castanho-queimado. As granulações do cefalotórax, das áreas do escudo dorsal e dos tergitos livres postas em manchas amarelas circulares muito nítidas. Palpos e patas II-III amarelos, densamente marmorados de oliváceo.

♀.

Na fêmea os fêmures III não possuem o par inferior de espinhos apicais, as tíbias III são inermes, bem como os protarsos IV, as patelas e tíbias IV apresentam tubérculos e grânulos, não espinhos (como no macho), as ancas IV possuem pequena apófise apical externa espiniforme e pequeníssima apófise apical interna espiniforme, só visível ventralmente; os trocanteres IV só possuem dois pequenos espinhos laterais internos; a armação dos fêmures IV é semelhante à do macho.

HOLÓTIPO: ♂ N.º E.555 C.706, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

ALÓTIPO: ♀ N.º E.523 C.443, no mesmo Departamento.

HABITAT: Alto da Serra, Estado de São Paulo, Brasil.

Holótipo coligido em 1943 e alótipo, em 18-III-1943, por F. Lane e B. M. Soares.

Há, na coleção deste Departamento, mais uma ♀, da mesma procedência, n.º 486-d.

***Discocyrtus sulcatus*, sp. n.**

(Fig. 9)

♂. Comprimento: 5,5 mm. Artículos tarsais: 6 - 11 - 7 - 7.

Borda anterior do cefalotórax com uma fila de pequeníssimas granulações. Cefalotórax com um par de grânulos pequenos atrás do cômodo ocular e com raros grânulos pequeninos, quase inteiramente liso. Cômodo ocular com alto processo mediano pro-

vido de dois espinhos divergentes. Áreas I-II-III-IV divididas por um sulco longitudinal mediano, exceção em *Discocyrtus*. Área I com alguns grânulos, II com uma fila posterior de grânulos e mais alguns irregularmente distribuídos, III com um par de espinhos, granulosa, IV com duas filas de grânulos, a anterior de grânulos maiores, V com uma fila de grânulos. Tergitos livres



Fig. 9 - *Discocyrtus sulcatus*, sp. n.

I-II-III com uma fila de grânulos. Opérculo anal granuloso. Esternitos livres com uma fila de pequeníssimas granulações. Área estigmática com pequeninas granulações. Ancas com pequenos grânulos. Palpos: trocanteres com um espinho apical inferior, fêmures com um espinho basal inferior e robusto espinho apical inte-

no, tíbias com 4-4 e tarsos com 4-3 espinhos inferiores. Fêmures I-II mais ou menos direitos, III-IV curvos. Patas IV: ancas pouco granuladas, com robusta apófise apical externa provida de pequenino tubérculo inferior antes da extremidade, que é mais afilada, e com apófise apical interna em forma de espátula; trocanteres mais longos que largos, curvos, com uma apófise lateral basal externa, um dente mediano interno, curto espinho apical interno e grosso rebordo dorsal apical de forma irregular; fêmures com uma série de tubérculos dorsais de vários tamanhos, uma série interna, e grânulos e espinhos pequenos irregularmente distribuídos, com robustos espinhos apicais também irregularmente distribuídos; patelas e tíbias com dupla série de espinhos inferiores. Tíbias III com dupla série de pequenos espinhos inferiores, como que uma serrilha de dentes diminuindo de tamanho do ápice para a base.

O material estava descolorido pelo álcool, mas parece que o colorido é castanho mais ou menos queimado.

TIPOS: 3 ♂♂, N.º 483-c, no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

HABITAT: Alto da Serra, Estado de São Paulo, Brasil.

E' interessante notar que, em Alto da Serra, foram encontrados 30 gêneros, com 38 espécies de opiliões, assim distribuídos:

GONYLEPTIDAE

BOURGUYINAE

<i>Bourguyia</i>	..	..	..	..	..	..	1 espécie
<i>Discocyrtoides</i>	..	..	..	..	..	..	3 espécies
<i>Hypophyllonomus</i>	..	..	..	..	..	..	1 espécie

COELOPYGINAE

<i>Exochobunus</i>	..	..	..	..	..	..	1 espécie
<i>Metarthrodes</i>	..	..	..	..	..	..	1 espécie

GONIOSOMINAE

<i>Acutisoma</i>	..	..	..	..	..	..	1 espécie
<i>Goniosoma</i>	..	..	..	..	..	..	1 espécie

GONYLEPTINAE

<i>Acanthogonyleptes</i>	..	..	..	..	..	..	1 espécie
--------------------------	----	----	----	----	----	----	-----------

<i>Gonyleptes</i>	..	..	..	..	..	..	..	1 espécie
<i>Gonyleptoides</i>	..	..	..	..	..	..	..	2 espécies
<i>Ilhaia</i>	..	..	..	..	..	..	..	1 espécie
<i>Liogonyleptoides</i>	..	..	..	..	..	..	..	1 espécie
<i>Metagonyleptes</i>	..	..	..	..	..	..	..	1 espécie
<i>Neosadocus</i>	..	..	..	..	..	..	..	1 espécie
<i>Paragonyleptes</i>	..	..	..	..	..	..	..	1 espécie
<i>Sodreana</i>	..	..	..	..	..	..	..	1 espécie

MITOBATINAE

<i>Asarcus</i>	..	..	..	..	..	..	..	1 espécie
<i>Promitobates</i>	..	..	..	..	..	..	..	1 espécie

PACHYLINAE

<i>Camarana</i>	..	..	..	..	..	..	..	1 espécie
<i>Discocyrtus</i>	..	..	..	..	..	..	..	4 espécies
<i>Eusarcus</i>	..	..	..	..	..	..	..	2 espécies
<i>Oxyrhina</i>	..	..	..	..	..	..	..	1 espécie
<i>Oglobinia</i>	..	..	..	..	..	..	..	1 espécie
<i>Paraluederwaldtia</i>	..	..	..	..	..	..	..	1 espécie
<i>Pseudogyndesoides</i>	..	..	..	..	..	..	..	1 espécie

PHALANGODIDAE

TRICOMMATINAE

<i>Caporiacoius</i>	..	..	..	..	..	..	..	1 espécie
<i>Monticolina</i>	..	..	..	..	..	..	..	1 espécie
<i>Phalangodella</i>	..	..	..	..	..	..	..	1 espécie
<i>Pseudopachylus</i>	..	..	..	..	..	..	..	1 espécie

PHALANGIIDAE

GAGRELLINAE

<i>Holcobunus</i>	..	..	..	..	..	..	..	2 espécies
-------------------	----	----	----	----	----	----	----	------------

ABSTRACT

The author revises the *Opiliones* of Alto da Serra, São Paulo State, Brazil, having examined all specimens found in that region. He also studies a small collection from the same locality, among which he describes a new genus and three new species, and the alotype of *Exochobunus pulcherrimus* Melo-Leitão, 1931.

From the examination of this material, he concludes that *Asarcus corallipes* Simon, 1879, *Geraecormobius armatus* (Roewer, 1913), *Geraecormobius curvicornis* (Roewer, 1913), *Discocyrtus affinis* Roewer, 1913, *Discocyrtus dilatatus* Soerensen, 1884, *Discocyrtus prospicius* (Holmberg, 1876), *Discocyrtus rectipes* Roewer, 1913, *Metarthrodes melanacanthus* Roewer, 1913, and *Mitobates conspersus* (Perty, 1832) were never found in Alto da Serra.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

SÔBRE UMA NOVA ESPÉCIE DE *PLUSIOCAMPA* (*ENTOTROPHI*, *CAMPODEIDAE*) DO BRASIL (*)

POR

PETR WYGODZINSKY

Instituto de Experimentação Agrícola
Rio de Janeiro

A taxonomia dos representantes da família *Campodeidae*, exclusivamente devida ao grande entomólogo FILIPPO SILVESTRI, não representa dificuldades quanto à distinção das várias espécies, que sempre são facilmente distinguíveis entre si. Nos poucos casos, que poderiam apresentar dificuldades, utilizamo-nos dos métodos estatísticos, introduzidos no estudo dos campodeídeos por J. R. DENIS, tomando por base os comprimentos relativos de diversas macroquetas do tórax e do abdômen. Assim não se apresentam maiores dificuldades em colocar todo exemplar em mão numa espécie descrita ou ainda para descrever. Não queremos considerar aqui os trabalhos de HILTON, que descreveu algumas espécies desta interessante e importante família de um modo muito superficial, que exclui qualquer possibilidade de reconhecer as suas espécies. Esperamos, porém, serem futuramente emendadas estas diagnoses, pelo próprio autor, ou por outros.

Também a SILVESTRI devemos a criação de quase todos os gêneros dos campodeídeos. Esta subdivisão em gêneros é em parte artificial, correspondendo só em certo grau ao parentesco natural. Este estado das coisas é causado pelo conhecimento ainda

(*) Entregue para publicação em 15-IX-43.

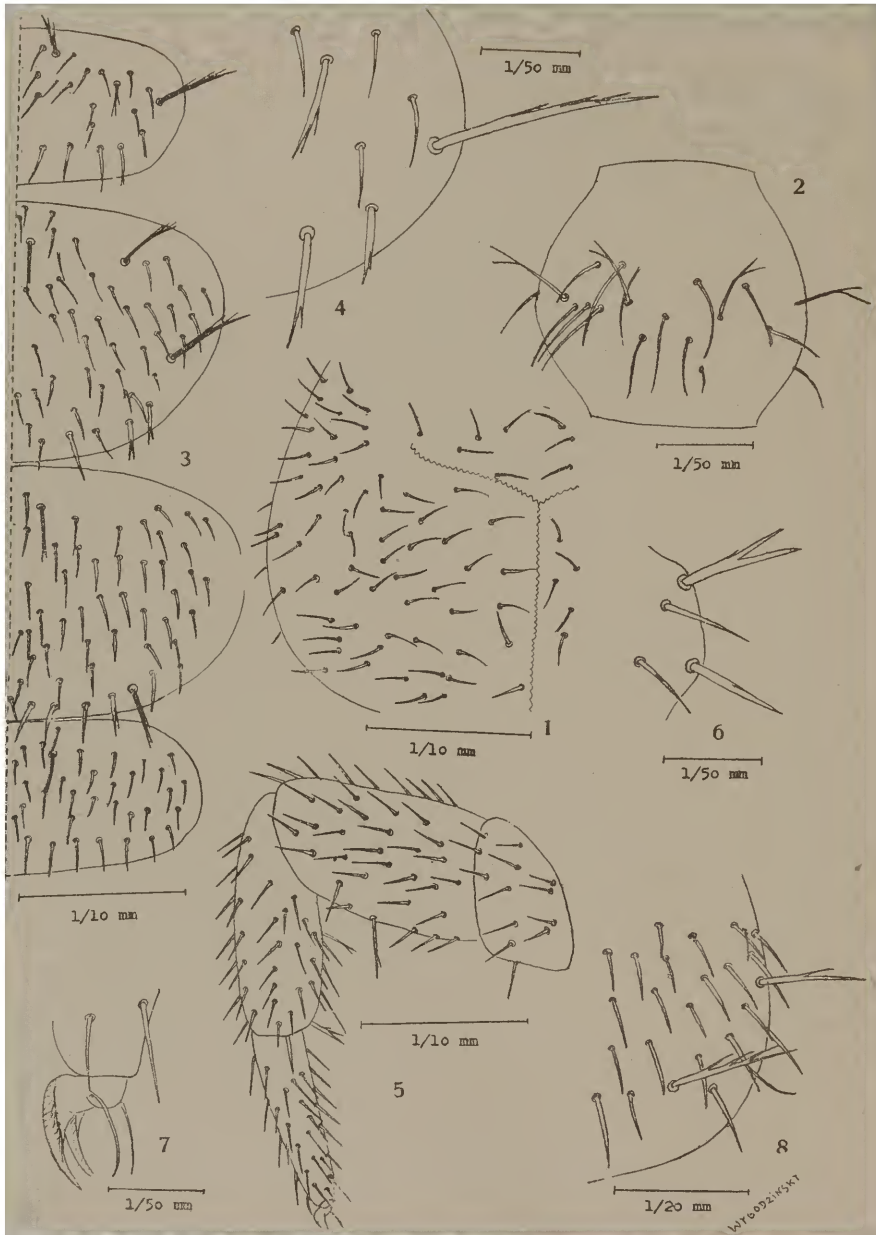


Fig. 1: Parte da cabeça; - Fig. 2: 12.º articulo da antena; - Fig. 3: Pro, meso e metanoto, e 1.º urotergito; - Fig. 4: Parte lateral do pronoto; - Fig. 5: Perna do 3.º par; - Fig. 6: Esporões da tíbia posterior; - Fig. 7: Pré-tarso com apêndices e unhas; - Fig. 8: Parte lateral do 5.º urotergito.

insuficiente que temos das espécies da família. A espécie a ser descrita nas seguintes linhas, nos dá ensejo para ilustrar as mencionadas dificuldades.

O subgênero *Plusiocampa* (*Litocampa*) pode ser definido pelos caracteres seguintes:

Escamas ausentes. Macroquetas do tórax em número regular (3+3, 3+3, 2+2), e não excessivamente curtas. Unhas modificadas. Apêndice pré-tarsal em forma de cerda delicada. Urotergitos II-VII por parte com macroquetas.

A espécie tipo deste gênero é *Plusiocampa* (*Litocampa*) *neotropica*, da Guiana Inglesa. Mais tarde, SILVESTRI descreveu mais uma espécie, da Etiópia, diferindo de *neotropica* pela ausência da macroqueta dorsal do fêmur, pelas unhas modificadas num outro sentido, e por outros caracteres, que em outros agrupamentos de *Campodeidae* já têm servido para criação de subgêneros. Uma espécie cavícola do México, que acabamos de examinar, cabe dentro da diagnose acima dada, mas difere de *neotropica* também por vários caracteres, considerados outrora como pelo menos subgenéricos. A quarta espécie, encontrada no Brasil e abaixo descrita, também possui os caracteres gerais de *Plusiocampa* (*Litocampa*), mas difere muito das outras três espécies, pelo aspeto geral e por certos caracteres taxonômicos.

Seria possível, para “solucionar”, ou melhor, esconder estas dificuldades, elevar *Litocampa* ao valor genérico, e criar quatro subgêneros, um para cada uma das espécies em questão. Escolhemos porém um outro caminho. Descrevemos a espécie nova, como pertencendo, por enquanto, ao subgênero *Plusiocampa* (*Litocampa*), salientando devidamente as suas afinidades, e aproveitamos o ensejo para chamar a atenção dos nossos colegas para este grupo de insetos tão interessantes e tão negligenciados, pedindo colheita e remessa de material. Com um material mais abundante à nossa disposição esperamos poder proporcionar, futuramente, uma modificação na taxonomia dos gêneros dos campodeídeos, ficando assim mais fácil o aproveitamento do estudo laborioso da sistemática dos campodeídeos, porque, ao mesmo tempo, este pequeno grupo proporcionará um dos apoios mais fortes para os estudos zoogeográficos.

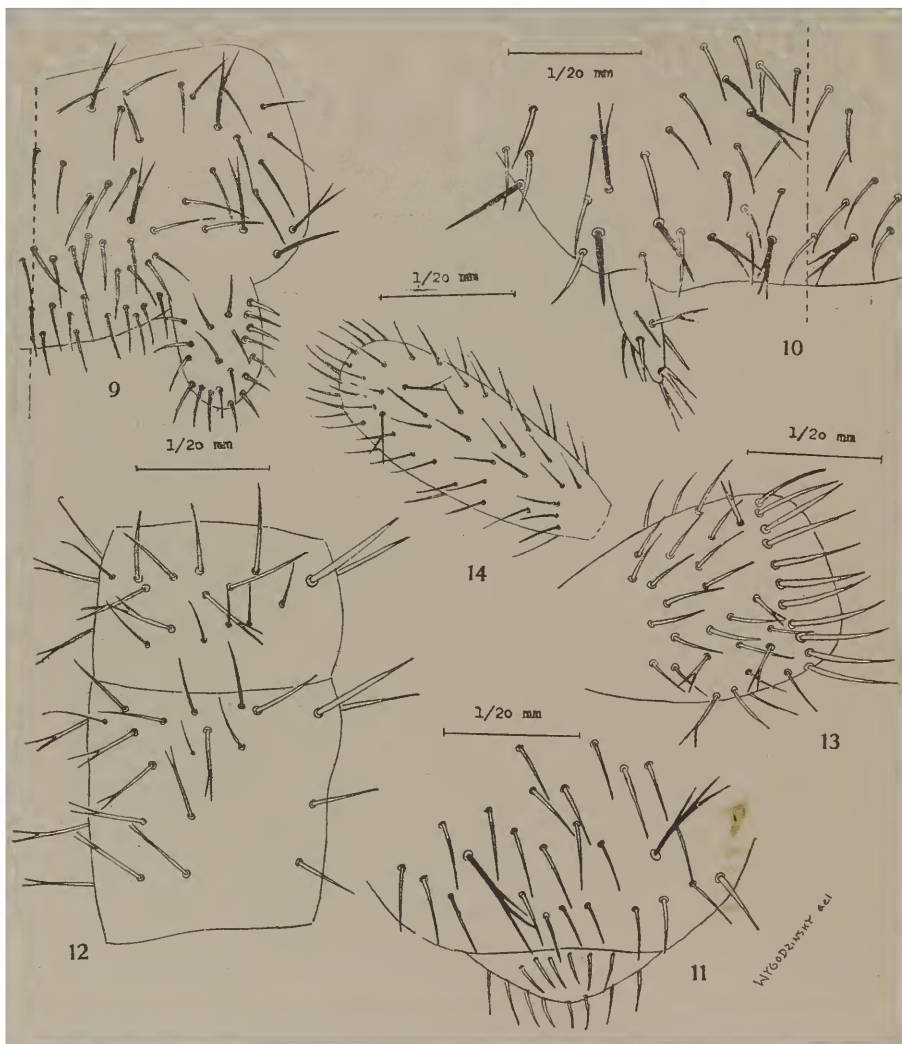


Fig. 9: 1.º urotergito do macho; - Fig. 10: 5.º urosternito com estilo; Fig. 11: 8.º urosternito, com papila genital; - Fig. 12: Os dois artículos basais de um *cercus*; - Fig. 13: Artículo da parte mediana de um *cercus*; - Fig. 14: Um dos artículos distais de um *cercus*.

***Plusiocampa (Litocampa) brasiliensis*, n. sp.**

♂.

Comprimento do corpo 2,5 mm.; lados do corpo subparalelos, o tórax quase da mesma largura que o abdômen.

Cabeça (fig. 1) com cerdas curtas, em número regular.

Antenas muito curtas, com 15 artículos, que são tão compridos quão largos (fig. 2). Macroquetas dos artículos da parte mediana e distal da antena bifurcadas no ápice.

Pronoto e mesonoto com 3+3, metanoto com 2+2 macroquetas (fig. 3). Estas macroquetas são fortes e não muito compridas, e possuem algumas bárbulas longas (fig. 4). Cerdas dorsais (figs. 3 e 4) pouco numerosas, delicadas, simples. Cerdas do bordo posterior (figs. 3 e 4) delicadas, as de posição lateral com uma bárbula subapical.

Pernas grossas, e muito curtas (fig. 5). Fêmur do 3.^o par sem macroqueta dorsal. Tibia sem macroquetas dorsais; macroqueta ventral em posição proximal, delicada, bifurcada apicalmente. Dos dois esporões da tibia (fig. 6) um é aparentemente simples, ou com uma bárbula submediana pouco desenvolvida; o outro tem uma ramificação submediana excessivamente forte, acompanhada de uma bárbula muito curta e delicada. Unhas (fig. 7) em forma de sapato, porém sem calcanhar, delgadas. Apêndices pré-tarsais (fig. 7) em forma de cerda simples, atingindo o ápice da unha.

Urotergitos I-VIII com *m. antica submediana* (fig. 3), que é bifurcada apicalmente, e é mais curta nos segmentos anteriores do que nos posteriores. Urotergitos IV-VII (fig. 8) com *m. postica sublateralis* e *m. lateralis submediana*. Urotergito VIII com 3+3 macroquetas posteriores. Segmento IX, considerando face ventral e dorsal juntas, com 5+5 macroquetas. Todas estas macroquetas são bem desenvolvidas, e possuem bárbulas fortes e bem desenvolvidas também.

1.^o urosternito (fig. 9) com 6+6 macroquetas; apêndices cilíndricos, curtos. Urosternitos II-VII (fig. 10) com 7+7 macroquetas. Urosternito VIII, com a papila genital, como na fig. 11.

Cerci curtos e fortes, com cerca de 10 artículos. Cerdas e macroquetas dos artículos curtas, as macroquetas geralmente bi-

furcadas apicalmente. Artículos basais (fig. 12) caracterizados por cerdas fortes e simples, cretas, na face interna. Artículos da parte mediana dos *cerci* (fig. 13) caracterizados por um anel apical de numerosas cerdas simples e muito fortes; êstes não existem mais nos artículos distais (fig. 14).

Localidades: Mangaratiba, Estado do Rio, Rubião, 600-700 m., 2-1938, Roger ARLÉ leg. (1 exemplar holótipo, nas coleções do Departamento de Zoologia, da Secretaria da Agricultura de São Paulo); Salobra, Mato Grosso, km. 1139, 24-10-1938, Roger ARLÉ leg., amostra 86 (1 exemplar parátipo na Secção de Entomologia do Instituto de Experimentação Agrícola, sob o n.º 754).

Esta espécie distingui-se das já descritas facilmente por grande número de caracteres: a forma das unhas; as macroquetas submedianas dos urotergitos; as macroquetas relativamente curtas do tórax; as antenas compostas de número muito pequeno de artículos, e o feitio todo singular dos artículos dos *cerci*. Numa revisão futura da família, a espécie terá muito provavelmente que figurar como tipo de um novo subgênero ou mesmo gênero.

SUMMARY

The description of a new species of *Campodeidae* from Brasil is given. As there is great need for a generic revision of the whole family, the author does not create a new genus for the rather aberrant species at hand, which, until further studies, based on ampler material are possible, is referred to *Plusiocampa* (*Litocampa*) Silvestri.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

ALGUNS REPAROS A

“NOTAS SOBRE OPILIÕES - V a XIII”. (*) (**)

POR

B. M. SOARES

Em trabalho anterior (Cf. Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17): 244) estabeleci a sinonímia entre *Neosadocus bufo* (Melo-Leitão, 1923) e *Polybunos tuberculatus* Piza, 1943. Em carta gentilmente dirigida a mim o Prof. PIZA me pediu explicação do motivo por que considerei a fêmea de *Neosadocus bufo* e o seu tipo de *Polybunos tuberculatus* como sendo da mesma espécie, uma vez que eu mesmo declarei (Op. cit., p. 244) que a fêmea de *Neosadocus bufo* possui dois altos espinhos na área III ao passo que o seu tipo (de *Polybunos tuberculatus*) tem um par de tubérculos na área III.

De fato, o ilustre zoólogo teve razão de fazer tal pergunta, pois, pelo que se lê em meu trabalho, parece que *Polybunos tuberculatus* não pode ser confundido com *Neosadocus bufo*. Mas o que se deu foi o seguinte:

1. A fêmea de *Neosadocus bufo* descrita por MELO-LEITÃO (Cf. Melo-Leitão, 1923, Arq. Mus. Nac., 24: 151) não pertence à espécie. É uma fêmea de *Neosadocus variabilis* (Melo-Leitão, 1935). Posso afirmá-lo por ter examinado muitos espécimes das duas espécies (*Neosadocus bufo* e *Neosadocus variabilis*), machos

(*) Cf. Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17). 243-276.

(**) Entregue para publicação em 23-9-1944.

e fêmeas. Além disso, a fêmea a que o Prof. MELO-LEITÃO se refere (Op. cit., p. 152), coligida por ALTINO DE AZEVEDO SODRÉ, foi doada por êle às coleções do Museu Paulista, estando depositada neste Departamento; tive, pois, ensejo de examinar cuidadosamente esta fêmea. Aliás, MELO-LEITÃO descreveu o macho de *Neosadocus bufo* de Poço Grande (São Paulo), e a fêmea de Petrópolis (Rio de Janeiro), de localidades bastante diferentes, o que torna tal acasalamento muito duvidoso.

2. Fiz inadvertidamente referência a esta fêmea em meu trabalho (p. 244), mas já havia cancelado de meus manuscritos outras referências à mesma. Foi esta uma referência que me escapou, pois, antes de publicar o meu referido artigo, já havia chegado à conclusão de que a fêmea descrita por MELO-LEITÃO em 1923 como sendo de *Neosadocus bufo* pertencia a outra espécie. Deve-se, pois, retificar, nas linhas números 22, 23 e 24 da página 244 de meu trabalho o seguinte, no que se refere à fêmea de *Neosadocus bufo*: “cômodo ocular com dois tubérculos, ausência de espinho apical interno no fêmur dos palpos, área III com dois tubérculos ou espinhos rombos”.

Pelo exame de maior número de exemplares de *Neosadocus bufo* e de *Neosadocus variabilis*, conclui justamente o contrário do que supuz em meu trabalho (Op. cit., p. 247) quanto à afinidade entre as duas espécies: são espécies muito distintas, distinguindo-se os machos pela armadura das pernas IV (além de outros caracteres) e as fêmeas especialmente pela armadura da área III (dois tubérculos ou espinhos rombos em *Neosadocus bufo*; dois altos espinhos em *Neosadocus variabilis*).

Ao conceito que dei ao gênero *Neosadocus* (Op. cit., p. 246) convém acrescentar, no que se refere à armadura da área III: “área III com duas elevações mamilares muito granulosas no macho ou com dois espinhos ou tubérculos na fêmea”.

Tanto as fêmeas de *Neosadocus bufo* como o tipo de *Polybunus tuberculatus* apresentam na área III a mesma estrutura: dois espinhos baixos e rombos (ou tubérculos) rodeados de grossas granulações.

No trabalho a que me referi acima (Cf. Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17): 260), reuni sete gêne-

ros de *Goniosominae* num único, *Acutisoma* Roewer, 1913. Ao re-ler êste trabalho, notei que não fui bem claro em exprimir o meu ponto de vista. O gênero *Acutisoma*, com o conceito dilatado que lhe dei, ficará incluindo espécies com os seguintes caracteres, no que se refere aos espinhos laterais da área IV e dos tergitos livres: "área IV inerte ou com um espinho lateral em cada ângulo posterior, tergitos livres com espinhos laterais nos ângulos posteriores, quer grandes, quer pequeninos, quase imperceptíveis, mas sempre presentes. Aceito os dois grupos, muito bem caracterizados, em que MELO-LEITÃO dividiu os gêneros de *Goniosominae* (Cf. Melo-Leitão, Arq. Mus. Nac., 36 (1934): 110) e que são: grupo *Goniosoma* Perty e grupo *Acutisoma* Roewer. Apenas, no grupo *Acutisoma*, reuni seus gêneros num único, por haver notado que, dentro da mesma espécie, havia exemplares que caíam, cada um de per si, em cada um dos gêneros de que se compunha o grupo *Acutisoma* Roewer. Apenas um gênero do grupo *Goniosoma* foi considerado sinônimo também de *Acutisoma*; foi o gênero *Pygosomoides*, porque seu genótipo é uma espécie que em geral possui os tergitos livres com ângulos laterais espiniformes (e bem assim a área IV), apresentando esporadicamente indivíduos com essa área (IV do escudo abdominal) e os tergitos livres com os ângulos posteriores sem espinhos, inertes. Tanto assim é que, na grande série que examinei, havia indivíduos que entravam perfeitamente no gênero *Leitaius* e outros no gênero *Pygosomoides*. Esta espécie foi descrita uma vez no gênero *Pygosomoides*, como tive oportunidade de observar, pelo confronto do tipo de *Leitaius guttulatus* com vários espécimes da mesma espécie (Cf. Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zoologia, São Paulo, 4 (17): 260, 263.

E', pois, necessário, muitas vêzes, o exame de vários exemplares da espécie, um exemplar apenas poderá ser colocado no grupo *Goniosoma*, quando, na realidade, a espécie apresenta caracteres que a levam, sem dúvida, ao grupo *Acutisoma*.

Quero aproveitar esta oportunidade para retificar a procedência de algumas espécies de opiliões depositadas neste Departamento. Estas espécies estão registadas em nosso catálogo como sendo coligidas em Pinheiros, Estado de São Paulo. O Prof. MELO-LEITÃO, ao descrevê-las, diz que foram coligidas em Pinheiro, Es-

tado do Rio de Janeiro. Eu, tendo notado esta divergência, supuz que tais espécies tinham sido coligidas em Pinheiros, Estado de São Paulo, uma vez que o nosso catálogo foi, durante muitos anos, manuseado cuidadosamente pelo entomólogo LUEDERWALDT, e que eu não sabia que o Prof. MELO-LEITÃO havia doado material ao Museu Paulista, sem referência oficial. Apenas eu tinha conhecimento de que o material do Museu Paulista foi estudado por MELO-LEITÃO (Cf. Melo-Leitão, 1922, Ann. Mag. Nat. Hist., ser. 9, 9: 329). Por isso que retifiquei, segundo meu ponto de vista tais procedências (Cf. Soares, 1943, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 3 (15): 224; Soares, 1944, Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17): 265; Soares, 1943, Boletim de Indústria Animal, São Paulo, n. s. 6 (3): 56).

Em carta que me enviou o eminente Professor e amigo, Dr. CÂNDIDO DE MELO-LEITÃO, o assunto ficou completamente esclarecido: o erro é de nosso catálogo, pois as espécies de Pinheiro (Rio de Janeiro) foram coligidas pelo Prof. MELO-LEITÃO, quando a Escola Nacional de Agronomia estava aí localizada, e foram por ele doadas ao Museu Paulista, tendo a remessa sido feita junto com o material que, de fato, pertencia ao Museu Paulista.

Para evitar futuras confusões fica, assim, retificada a procedência das espécies *Uropachylus striatus* Melo-Leitão, 1922, *Poecilaemula brasiliensis* (Melo-Leitão, 1923) e *Ilhaia cuspidata* Roewer, 1913 (os 13 exemplares, tipos de *Ilhaia fluminensis* Melo-Leitão, 1922 = *Ilhaia cuspidata* Roewer, 1913). Estas espécies nunca foram assinaladas em Pinheiros, Estado de São Paulo, mas em Pinheiro, Estado do Rio de Janeiro.

ABSTRACT

The author makes some commentaries on his work "Notas sobre opiliões - V a XIII" published in Papéis Avulsos Dep. Zool., São Paulo, 4 (17): 243-276. He clears certain topics which he found obscure and rectifies the habitat of some species belonging to the collection of the Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

SÔBRE A NOMENCLATURA DE ALGUNS GRUPOS SUPERIORES DA ORDEM *LEPIDOPTERA* (*)

3.ª nota: Famílias *LEMONIIDAE*, *MEGALOPYGIDAE*
e superfamília *EUCLEOIDEA*.

POR

R. FERREIRA D'ALMEIDA

Como fizemos ver na introdução do nosso primeiro artigo publicado nos "Papéis Avulsos" do Departamento de Zoologia do Estado de São Paulo, vol. 3, p. 237-256 (1943), não discutimos o valor dos agrupamentos no campo da sistemática, mas apenas vemos a sua validade à luz do C.I.N.Z.

Afim de esclarecer os colegas sôbre a significação dos diversos tipos de letras empregados na impressão dos nomes dos diversos agrupamentos, repetimos um trecho da nossa primeira nota: "Os nomes impressos em versalete (exemplo: *CERATOCAMPIDAE*) devem ser considerados sem valor algum em nomenclatura zoológica, uns porque foram formados em desacôrdo com o que preceitua o artigo 4.º do C.I.N.Z., outros porque foram formados de um nome genérico nati-morto (homônimo) ou de um nome genérico sinônimo absoluto de um outro mais antigo. Os que se acham impressos em caracteres tipográficos de corpo 10 normando (exemplo: *Sphingicampidae*) poderão talvez servir mais tarde para designar novas subdivisões dos atuais agrupamentos, isso dependerá porém do maior conhecimento que se tiver das espé-

(*) Entregue para publicação em 25-11-1943.

cies que o compõem; entretanto, um número bem grande destes últimos agrupamentos, talvez mais de 50 %, irá certamente cair para sempre na sinonímia. Os demais nomes impressos em diferentes caracteres tipográficos são empregados por nós para os diversos grupos que consideramos no momento como bons, opinião, aliás, toda pessoal.”

Família LEMONIIDAE Grote, 1896.

Lemoniidae GROTE, 1896, Mitt. Roemer-Mus. Hildesh., 6, p. 7.

Lemoniidae GROTE, 1897, ibidem, 8, p. 32.

GROTE dá como tipo *Lemonia dumi* (Linné, 1761).

GROTE cita a família como de DYAR (in litteris). Em 1897 êle muda o nome para *Crateronygidae*, alegando ser *Lemonia* um *nomen prae-occupatum*, sem razão, pois o nome mais antigo é *Lemonias* Huebner que não invalida *Lemonia*.

Família LEMONIADAE Hampson, 1901.

Lemoniadae HAMPSON, 1901, Trans. Ent. Soc. Lond., p. 187.

Lemoniadae HAMPSON, 1918, Nov. Zool., 25, p. 367.

TIPO: *Lemonia dumi* (Linné, 1871).

HAMPSON em 1901 diz que o nome já foi ocupado para outra família de lepidópteros e por isso propõe o novo nome *Sabaliadae*.

Família CRATERONYGIDAE Grote, 1897.

Crateronygidae GROTE, 1897, Mitt. Roemer-Mus. Hildesh., 8, p. 32.

Crateronygidae BODE, 1907, ibidem, 22, p. 17.

TIPO: *Crateronyx dumi* (Linné, 1761) (= *Phalaena dumeti* Linné, 1767).

Família SABALIADAE Hampson, 1901.

Sabaliadae HAMPSON, 1901, Trans. Ent. Soc. Lond., p. 187.

TIPO: *Sabalia picarina* Walker, 1865.

Subfamília **Lemoniinae** Neum. & Dyar, 1894.

Lemoniinae NEUMÖGEN & DYAR, 1894, Journ. N. Y. Ent. Soc., 2, p. 129.

Lemoniinae HANDLIRSCH in SCHRÖDER, 1925, Hand. Entom., 3, p. 915.

TIPO: *Lemonia dumi* (Linné, 1761).

NEUMÖGEN & DYAR dão *Lemoniinae* como uma subfamília de *Saturniidae*, incluindo os gêneros *Hemileuca* e *Pseudohazis*. HANDLIRSCH considera-a como subfamília de *Bombycidae*.

Família **MEGALOPYGIDAE** Berg, 1882.

Megalopygidae BERG, 1880, Anal. Soc. Cient. Argent., 13, p. 262.

Megalopygidae NEUMÖGEN & DYAR, 1894, Journ. N. Y. Ent. Soc., 2, p. 173.

Megalopygidae HAMPSON, 1918, Nov. Zool., 25, p. 385.

TIPO: *Megalopyge lanata* (Stoll, 1780) (= *Megalopyge lanifera* Huebner, 1819).

Família **Lagoidae** Packard, 1892.

Lagoidae PACKARD, 1892, Psyche, 6, p. 281.

Lagoidae NEUMÖGEN & DYAR, 1893, Journ. N. Y. Ent. Soc., 1, p. 99.

Lagoïdae NEUMÖGEN & DYAR, 1894, ibidem, p. 109.

TIPO: *Lagoa opercularis* Harris, 1841 (nec Abbot & Smith, 1797), = *Lagoa crispata* Packard, 1864.

Superfamília **EUCLEOIDEA** Mosher, 1916.

Eucleoidea MOSHER, 1916, Bull. Illin. St. Lab. Nat. Hist., 12 (2), p. 31.

TIPO: *Euclea cippus* (Cramer, 1775).

Superfamília **LIMACODOIDEA** d'Almeida, 1932.

Limacodoidea D'ALMEIDA, 1932, Lambillionea, p. 171.

TIPO: *Limacodes testudo* (Fabricius, 1787) (= *Phalaena limacodes* Hufn., 1776).

O gênero *Limacodes* Berthold, 1827 é um sinônimo absoluto de *Apoda* Haworth, 1809.

Família EUCLEIDÆ Dyar, 1894.

Eucleidæ DYAR, V-1894, Ann. Nat. Hist. Acad. Sci., 8, p. 203.

Eucleidæ NEUMÖGEN & DYAR, XII-1894, Journ. N. Y. Ent. Soc., 2, p. 173.

TIPO: *Euclea cippus* (Cramer, 1775).

Família Apodidae Grote, 1895.

Apodidae GROTE, 1895, Nitth. Roemer-Mus. Hildesh., 1, p. 3.

TIPO: *Apoda limacodes* (Hufn., 1776) (= *Bombyx testudo* Fabr., 1787).

Família COCHLIDIAE Grote & Rob., 1866.

Cochlidiae GROTE & ROBINSON, 1866, Ann. Lyc. Nat. Hist. N. Y., 8 (sep. p. 22).

TIPO: *Cochlidia testudiana* Huebner, 1803 (= *Bombyx limacodes* Hufn., 1776).

GROTE & ROBINSON citam *Cochlidiae* como subfamília.

Família COCHLIDIIDAE Dyar, 1898.

Cochlidiidae DYAR, 1898, Journ. N. Y. Ent. Soc., 6, p. 231.

Cochlidiidae STAUDINGER & REBEL, 1901, Cat. Lep. Pal. Faun., p. 398.

TIPO: *Cochlidia testudiana* Huebner, 1803 (= *Bombyx limacodes* Hufn., 1776).

Família COCHLIDIONIDAE Grote, 1899.

Cochlidionidae GROTE, 1899, Can. Entom., 31, p. 71 (March).

Cochlidionidae DYAR, 1899, Journ. N. Y. Ent. Soc., 7, p. 208 (September).

Cochlidionidae BODE, 1907, Mitth. Roemer-Mus. Hildesh., 22, p. 55.

TIPO: *Cochlidion limacodes* (Hufn., 1776) (= *Bombyx testudo* Fabr., 1787).

O gênero *Cochlidion* Huebner foi publicado no Tentamen, publicação que não é válida de acordo com a Opinião 97 do C.I.N.Z.

Família COCHLIOPODIDAE Stainton, 1856.

Cochliopodidae STAINTON, 1856.

Não conseguimos consultar o trabalho de STAINTON. A família não é válida porque foi formada do nome *Cochliopoda*, nome que nunca teve qualquer valor genérico, mas que sempre foi empregado para designar um grupo acima de gênero.

Família LIMACODIDAE Duponchel, 1844.

Limacodidae DUPONCHEL, 1844, Cat. Meth. Lep. Europ., p. 84.

TIPO: *Limacodes testudo* (Fabr., 1787) (= *Phalaena limacodes* Hufn., 1776).

Ver nota na superfamília *Limacodoidea*.

Subfamília **Cochliidiinae** Grote & Rob., 1868

Cochliidiinae GROTE & ROBINSON, 1868, Trans. Amer. Ent. Soc., 2 (sep. p. 10).

Cochliidiinae GROTE & ROBINSON, 1868, ibidem, p. 187.

TIPO: *Cochlidia testudiana* (Huebner, 1803) (= *Phalaena limacodes* Hufn., 1776).

Subfamília COCHLIINAE Grote, 1888.

Cochliinae GROTE, 1888, Can. Entom., 20, p. 181.

TIPO: *Cochlidia testudiana* (Hübner, 1803) (= *Phalaena limacodes* Hufn., 1776).

Subfamília LIMACODINAE Handlirsch, 1925.

Limacodinae HANDLIRSCH in SCHROEDER, 1925, Hand. Entom., 3, p. 896.

TIPO: *Limacodes testudo* (Fabr., 1787) (= *Phalaena limacodes* Hufn., 1776).

Tribu **Cochlidiini** Grote & Rob., 1873.

Cochlidiini GROTE & ROBINSON, 1873, Trans. Amer. Ent. Soc., 4, p. 429.

TIPO: *Cochlidia testudiana* (Hübner, 1803) (= *Phalaena limacodes* Hufn., 1776).

Tribu **Adonetini** Grote & Robinson, 1873.

Adonetini GROTE & ROBINSON, 1873, Trans. Amer. Ent. Soc., 4, p. 428.

TIPO: *Adoneta voluta* Clemens, 1860 (= *Limacodes spinuloides* H. Schaeffer, 1854).

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

NOTAS SOBRE ARANHAS (*)

I

B. M. SOARES

***Pholcus phalangioides* (Fuesslin, 1775)**

Aranea phalangioides FUESSLIN, 1775, Verz. Schweiz. Ins., p. 61.

Aranea meticulosa FOURER, 1785, Entom. Paris, p. 457.

Aranea pluchii ROSSI, 1790, Fauna etrusca, 2: 174 (ad partem).

Pholcus phalangioides, WALCKENAER, 1802, Faune Paris, 2: 213; WALCKENAER, 1837, Ins. Apt., 1: 652, pr. 8, figs. 2-3; BLACKWALL, 1864, Spiders Great Britain & Ir., 2: 208, pr. 15, f. 137; SIMON, 1874, Arach. de France, 1: 261; HOLMBERG, 1876, Aracnidos Argentinos, 4: 4, fig. 3; EMERTON, 1882, Trans. Connecticut Acad. Sc., 6: 30, pr. VI, fig. 2; KEYSERLING, 1891, Spinen Amerikas, Brasil. Sp., p. 169; SIMON, 1893, Hist. Nat. Ar., 1: 471, figs. 444-446; BOESEMBERG, 1902, Spinen Deutschlands, p. 219, pr. 19, fig. 309; EMERTON, 1902, Common Spiders, p. 128, figs. 305-307; PETRUNKEVITCH, 1909, Ann. Entom. Soc. Amer., 2: 14, pr. IV, figs. 5-11; PETRUNKEVITCH, 1911, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist., 29: 161; MELO-LEITÃO, 1918, Rev. Mus. Paul., 10: 114; MELO-LEITÃO, 1933, Arq. Esc. Sup. Agric. Med. Vet., Rio de Janeiro 10 (1): 23; MELO-LEITÃO, 1940, Rev. Mus. La Plata, (N. S.), Sec. Zool., 2: 10-11; COMSTOCK, 1940, The Spider Book, p. 342, fig. 320; MELO-LEITÃO, 1941, Rev. Mus. La Plata (N. S.), Sec. Zool., 2 (12): 109; MELO-LEITÃO, 1941, An. Acad. Brasil. Cienc., 13 (4): 244.

Pholcus nomastomoides C. KOCH, 1838, Die Arachniden, 4: 97, fig. 312.

(*) Entregue para publicação em 12-9-1943.

Pholcus opilionoides C. KOCH, 1838, Die Arachniden, 4: 917, pr. 135, fig. 311; 1886, Ann. Soc. Entom. France, 6: 120, pr. II, figs. 1 a 7.

Pholcus pluchii LUCAS, 1853, Revue et Magaz. de Zool., 2: 27.

Pholcus americanus NICOLET, 1849, Gay's Hist. Chile, 3: 463.

Pholcus atlanticus HENTZ, 1850, Journ. Boston Soc. N. H., 6: 284, pr. X, fig. 7 (Reprint.) Spiders U. S., p. 157, pr. 17, fig. 7.

Pholcus communis PIZA, 1938, Folia Clinica et Biologica, 10 (1): 22, figs. 1-4.

Ver o catálogo de REIMOSER, que desconheço [Cf. Melo-Leitão, 1941, An. Acad. Bras. Cienc., 13 (4): 244].

Como se trata de espécie muito comum, cosmopolita, procurei-a nas habitações da Capital do Estado de São Paulo, Brasil. De fato a tenho encontrado freqüentemente. Recebi-a também do Estado do Paraná (Curitiba).

A espécie que ocorre em Piracicaba é a mesma da Capital do Estado de São Paulo. Não há dúvida quanto a esta afirmação, pela perfeita coincidência dos espécimes aqui capturados com a descrição e figuras dadas pelo Prof. PIZA para sua espécie *Pholcus communis* Piza, 1938.

Para confirmar a minha suposição de que *Pholcus communis* Piza, 1938, é sinônimo de *Pholcus phalangioides* (Fuesslin, 1775), examinei um casal desta última espécie vindo da Alemanha já determinado como tal e que se acha depositado neste Departamento sob o número 292. Há perfeita coincidência destes dois exemplares com machos e fêmeas coligidos nas habitações da Capital do Estado de São Paulo. Aliás, as descrições de *Pholcus communis* Piza, 1938, e de *Pholcus phalangioides* (Fuesslin, 1775), dada pelo Prof. MELO-LEITÃO, à pág. 115, do vol. X da Rev. Mus. Paul., 1918, coincidem quase que totalmente, variando só no colorido.

ABSTRACT

The author considers *Pholcus communis* Piza, 1938, as synonymous with *Pholcus phalangioides* (Fuesslin, 1775), having had the opportunity of comparing some examples from Brazil with specimens from Germany.

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

UM NOVO OPILIAO DO PARANÁ (*)

POR

HÉLIA ELLER MONTEIRO SOARES

INTRODUÇÃO

Tendo meu marido, B. A. M. SOARES, recebido um lote de opiliões do Museu Paranaense para classificar, gentilmente enviado pelo Padre J. MOURE, houve êle por bem ceder-mo para estudo, por notar que já tenho conhecimentos suficientes para determinar os aracnídeos dêste grupo altamente interessante.

Antes mesmo de examinar todo o material, encontrei um belo exemplar que a meu vêr constitui espécie nova e que, por isso, me apresso em descrever.

Agradeço muitíssimo ao Diretor Superintendente do Departamento de Zoologia, Dr. OLIVÉRIO MÁRIO DE OLIVEIRA PINTO, que teve a gentileza de permitir a publicação dêste pequenino trabalho nos "Papéis Avulsos", e ainda me facilitou a continuação dos meus estudos com referência ao assunto.

GONYLEPTIDAE — CAELOPYGINAE

***Zalonius pulcherrimus*, sp. n.**

(Figs. 1 e 2)

♀. Comprimento: 5,0 mm. Artículos tarsais: 7 - 16 - 15 - 17.
Borda anterior do cefalotórax inermes, bem como o cômodo

(*) Entregue para publicação em 30-9-1944.

ocuiar, que é baixo e largo. Cefalotórax liso, apenas com dois granulozinhos afastados entre si, atrás do cômodo ocular. As três primeiras áreas do escudo abdominal divididas ao meio, I e II com dois tubérculos, III com um par de robustos espinhos, IV inerte, com uma fileira de grânulos minúsculos. Áreas laterais com uma



Fig. 1 — *Zalonius pulcherrimus*, sp. n. ♀ (vista dorsal)

fila de grânulos, além de outros menores que a acompanham. Ter-
gitos livres inermes, com uma fila de grânulos pequeninos. Opér-
culo anal dorsal inerte, com algumas pequeníssimas granulações.
Opérculo anal ventral inerte. Esternitos livres e área estigmática
lisos. Palpos de fêmures delgados, inermes, tíbias com quatro es-

pinhos de cada lado e tarsos com dois. Porção terminal dos tarsos II de um lado com 5 segmentos, do outro com 4.

Colorido geral castanho, com abundante secreção esbranquiçada. Cefalotórax com uma mancha de cada lado. Cada uma destas manchas é seguida de outra mancha que abrange lateralmente as

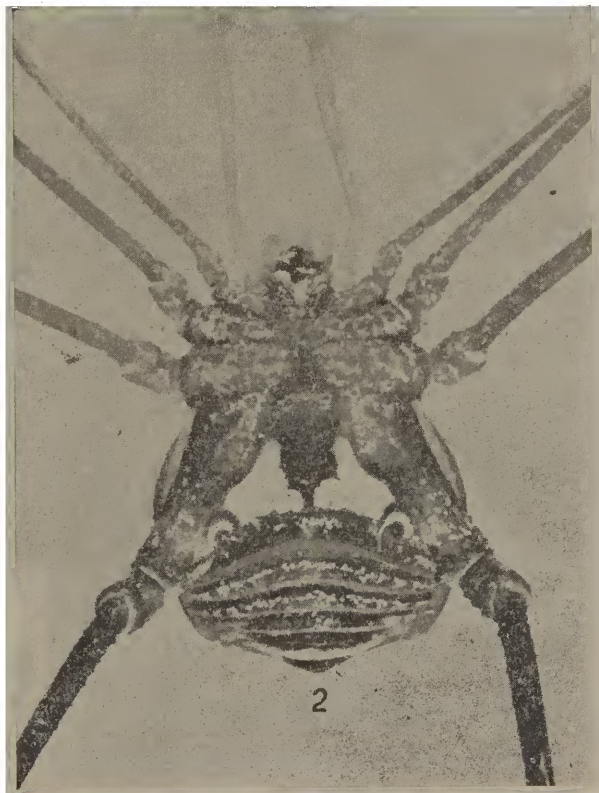


Fig. 2 — *Zalonius pulcherrimus*, sp. n. ♀ (vista ventral)

áreas I e II. Área III com uma mancha posterior transversal que se insinua entre os espinhos dessa área e se continua de um lado e de outro. Na parte posterior das áreas laterais há uma mancha irregular que penetra na área III. Na área IV há duas manchas menores, bem como nos tergitos livres I e II. Tergito livre III com pequenina mancha mediana. Opérculo anal dorsal com uma faixa

transversal de concavidade posterior. Opérculo anal ventral com larga faixa transversal de concavidade anterior ocupando tôda a sua extensão. Área estigmática com duas grandes manchas de forma irregular. Ancas IV com uma faixa lateral em quase todo o seu comprimento. Palpos amarelos. As manchas do cefalotórax, do escudo abdominal, dos tergitos livres, do opérculo anal (dorsal e ventral), da área estigmática e das ancas IV são de forma muito típica, como se vê nas figuras; seu colorido é branco-amarelado.

HABITAT: Guaraqueçaba, Estado do Paraná, Brasil.

TIPO: 1 ♀, no Museu Paranaense.

Coligido por R. HERTEL, em VII-1944.

ABSTRACT

The authoress describes a new species of harvester of the subfamily *Caelopyginae*, genus *Zalonius* Melo-Leitão, 1936.

ÍNDICE ALFABÉTICO

<i>Acanthogonyleptes pulcher</i>	280	<i>Anosia eresimus ares</i>	46
<i>Acanthopachyloides patellaris</i>	269	erginus	46
<i>Acanthopachylus aculeatus</i>	273	kaempfferi	46
<i>acanthoscelis, Gonyleptoides</i>	258	gilippus berenice	39
<i>Acentroscelus versicolor</i>	153	candidus	44
<i>aculeatus, Acanthopachylus</i>	273	centralis	44
<i>acutinasua, Monticola</i>	222, 237	gilippus	38
Monticolina	287	hermippus	43
<i>Acutisoma molle</i>	263	jamaicensis	43
monticolum	262	xantippus	44
proximum	262, 280	plexaure	45
<i>adamantifera, Thwaitesia</i>	153	<i>Anthus lutescens lutescens</i>	146
<i>Adoneta voluta</i>	318	<i>Anyphaena</i>	151
<i>Agyrrina lactea</i>	127, 140	<i>Apareiodon dariensis</i>	173
<i>alatus, Plecostomus</i>	172	davisi	173
<i>albescens, Ituna lamirus</i>	59	ibitiensis	173
<i>albicollis, Leucochloris</i>	140	piracicabae	173, 175
<i>albiornata, Bourguia</i>	272, 278	<i>Apoda limacodes</i>	316
<i>albolineatus, Tmarus</i>	153	<i>arachnoides, Brachyteles arach-</i>	
<i>albifrons, Donacospiza</i>	149	noides	15
<i>Alouatta caraya</i>	9	<i>arctifasciatum, Menacanthus</i>	108
fusca iheringii	11	<i>Ardeicola botauri</i>	82
nigra	10	<i>areolatus, Discocyrtoides</i>	
ursina	12	221, 222,	278
<i>alvimi, Heterarthrodes</i>	270	Discocyrtus	267
<i>amaurochalinus, Turdus</i>	123, 145	<i>ares, Anosia eresimus</i>	46
<i>androgynus, Gonyleptoides</i>	258, 281	<i>argentata, Argiope</i>	152
<i>Anatia cubana</i>	57	<i>argenteopilosus, Prosampycus</i>	177
insignis	58	<i>Argiope argentata</i>	152
jaegeri	57	<i>arietinus, Belemnometus</i>	266
numidia	56	<i>armatus, Eusarcus</i>	222, 286
pantherata	56	<i>Arthrochlamys exasperata</i>	218
clarescens	57	maculosa	218
thirza	58	<i>Arundinicola leucocephala</i>	142
<i>ani, Crotophaga</i>	124, 139	<i>Asarcus pallidus</i>	283, 289
<i>Anisoterus pretrei</i>	127, 139	<i>asterias, Myloplis</i>	202
<i>anomalus, Metagonyleptoides</i>	257	<i>Astyanax bimaculatus</i>	172
Paragonyleptes	274	fasciatus	172
<i>Anoplogynus nasutus</i>	259	<i>atergatis, Lycorea ceres</i>	60
singularis	259	<i>atricapillus, Donacobius atrica-</i>	
<i>Anosia</i>	38	pillus	144

atrus, Gonyleptes	247	Callithrix aurita	7
audax, Parawixia	152	penicillata jordani	6
aura, Cathartes	133	Camarana unica	222, 239, 284
aureata, Tanagra musica	120, 147	camelinus, Tmarus	153
aureum, Mylossoma	208	campestris, Colaptes campestris	131, 140
aurita, Callithrix	7	candidus, Anosia gilippus	44
australis, Myiarchus ferox	143	Caporiacoius fallax	177, 183, 222, 287
Automolus leucophthalmus leucophthalmus	141	caprinus, Olios	152
badius, Furnarius rufus	125, 134, 141	caraya, Alouatta	9
bahiensis, Tityus	154	Cathartes aura	133
barbatus, Mycetes	10	ruficollis	127
Basileuterus flaveolus	132	caudamaculatus, Phallocerus	176
hypoleucus	132, 136, 146	caudata, Chiroxiphia	121, 132, 144
leucoblepharus	132	Cebus caliginosus	24
Belemnometus arietinus	266	cirrifer	24
dubius	266	frontatus	27
bellicosa, Hirundinea bellicosa	143	niger	23
berenic, Anosia gilippus	39	nigritus	23
bicalcaratus, Metagonyleptoides	257	robustus	27
bicolor, Lycorea ceres	61	vellerosus	26
bimaculata, Penygona	274	versutus	29
bimaculatus, Astyanax	172	Ceraarachne germaini	153
bituberculata, Paraluederwaldtia	286	centralis, Anosia gilippus	44
bivittatus, Menemerus	153	Cerchneis sparverius eidos	126, 138
Blechoscelis cyaneo-taeniata	153	ceres, Lycorea ceres	60
bonariensis, Molothrus bonariensis	124, 147	Certhiaxis cinnamomea russeola	141
boraceae, Discocyrtus	177, 178	chacuru, Nystalus	121, 140
botauri, Ardeicola	82	chilensis, Pachylus	268
Bourguyia albiornata	272, 278	chimachima, Milvago	126
brachygaster, Menacanthus	106	Chiroxiphia caudata	121, 132, 144
Brachyteles arachnoides arachnoides	15	chivi, Vireo chivi	145
brasiliensis, Plusiocampa Lito-campa	307	Chlamys	96
brasiliensis, Poecilaemula	264, 312	chloroptera, Tangara cayana	122, 147
Sicalis flaveola	125, 149	chloropyga, Coereba flaveola	123, 146
brevirostris, Phyllomyias fasciatus	144	Chlorostibon aureoventris	pu-cherani
brunello, Callicebus personatus	20	chochi, Tapera naevia	136
brunescens, Lycorea pasinuntia	62	choliba, Otus choliba	127, 139
Brycon orbignyanus	175	chopi, Gnorimopsar chopi	134
bufo, Neosadocus	244, 251, 309	chrysopygus, Leontocebus	4
Bunoweyhia variabilis	222	cinereus, Contopus cinereus	143
caerulescens, Sporophila caerulescens	125, 148	cinnamomea, Lycorea ceres	61
caerulescens, Thamnophilus caerulescens	126, 130, 135, 141	cippus, Eulea	315
caliginosus, Cebus	24	cirratus, Picumnus cirratus	140
Callicebus nigrifrons	19, 132	cirrifer, Cebus	24
personatus brunello	20	clarescens, Anetia pantherata	57
		clavipes, Nephila	152
		cleobaea, Lycorea ceres	61
		cleophile, Danaus	54
		coccinelloides, Gryne	268
		Coccyzus melacoryphus	124, 138

- Cochlidia testudiana* 316
Coereba flaveola chloropyga 123, 146
Colaptes campestris campestris 131, 140
Colibri serrirostris 127, 140
Colossoma orbignyanus 210
Columba rufina sylvestris 125
columbae, Columbicola 82
Columbicola columbae 82
Columbigallina talpacoti talpacoti 125, 138
Comptostoma obsoletum obsoletum 144
concolor, Dyscocyrtoides 221, 225, 279
concolor, Lycorea pasinuntia 62
condecoratus, Metagonyleptoides 257
Conopophaga lineata lineata 121, 142
Contopus cinereus cinereus 143
copelandi, Leporinus 175
Coragyps atratus foetens 127, 133
cornutus, Discocyrtus 284
coronatus, Tachyphonus 147
Coryphospingus cucullatus rubescens 149
Cosmosoma teuthras 187
crispata, Lagoa 315
croceus, Misumenops 153
Crotophaga ani 124, 139
Crypturellus obsolutus obsoletus 121, 135
parvirostris 121
tataupa tataupa 121
cubana, Anetia 57
curadoi, Misumenops 153
curassavicae, Diogas 50
curvifemur, Gonyleptoides 282, 291
curvispinosus, Metagonyleptes 267
cuspidata, Ilhaia, 221, 282, 312
cyaneo-taeniata, Blechroscelis 153
Cyanocompsa cyanea sterea 148
cyanoleuca, Pygochelidon cyano-leuca 145
cyanoventris, Tangara 147
Cyclarhis gujanensis ochrophala 146
Dacnis cayana paraguayensis 146
Danaus 38
cleophile 54
plexippus portoricencis tobagi 53
dariensis, Apareiodon 173
davisi, Apareiodon 173
decolorata, Ituna lamirus 59
deficiens, Degeeriella 81
Degeeriella deficiens 81
hectica 82
interposita 81
marginalis 80
odontopleuron 73, 82
quadratura 82
rotundata 81
simplex 81
uncinosa 81
demeter, Lycorea ceres 62
dentatus, Holcobunus 222, 287
derbyanus, Nyctidromus albicollis 126, 139
dimorphicus, Heteropachyloides 273
Diogas curassavicae 50
megalippe 53
nigrippus 52
erippus 49
Diplacaspia 216
Discocyrtoides areolatus 221, 222, 278
concolor 221, 225, 279
nigricans 249, 279
violaceus 154
Discocyrtus areolatus 267
boraceae 177, 178
cornutus 284
flavigranulatus 154, 165
latus 260
longicornis 177, 222, 267, 285
rarus 286, 297
sulcatus 286, 298
domestica, Progne chalybea 123, 145
domesticus, Passer domesticus 122, 148
Donacobius atricapillus atricapillus 144
Donacospiza albifrons 149
Drymophila ochropyga 121, 142
dubius, Belemnometus 266
dumi, LEMONIA 314, 315
duriventre, Mylossoma 207
Dysitamnus mentalis mentalis 121, 142
eidos, Cerchneis sparverius 126, 138
Elaenia flavogaster flavogaster 126, 144
Elanus leucurus leucurus 127
Empidonax eulerei eulerei 143
Empidonomus varius varius 142
erginus, Anosia eresimus 46

erippus, Diogas	49	Gnorimopsar chopi chopi	134
Euclea cippus	315	Goitacazia pulchra	259
euleri, Empidonax euleri	143	Goniosoma venustum	280
Eupetomena macroura macroura		Gonyleptes atrus	247
	127, 139	fragilis	221, 281
Eurhabdus	86	granulatus	247
Eusarcus armatus	222, 286	Gonyleptoides acanthoscelis	258
insperatus	222, 228, 286	androgynus	258, 281
Euscarthmornis nidipendulus		curvifemur	282, 291
paulistus	143	melanostomus	258
Euscarthmornis orbitatus	143	moreirae	258
eva, Lycorea pasinuntia	62	niger	258
exasperata, Arthrochlamys	218	schubarti	258
Exochobunus pulcherrimus	279, 288	grallaria, Speotyto cunicularia	
fallax, Caporiacoius			127, 139
	177, 183, 222 287	granulatus, Gonyleptes	247
farinosus, Metarthrodes		granulosus, Geraecormobius	249
	221, 254, 280	Gryne coccinelloides	268
fasciata, Lycorea ceres	60	guaporensis, Metynnis	204
fasciatus, Astyanax	172	guianensis, Misumenops	153
Leporinus	175	Guira guira	124, 139
fenestrata, Ituna lamirus	59	guttulatus, Leitaouis	311
flammiceps, Myiophobus fascia-		guttatus, Hypoedaleus	121, 135, 141
tus	143	halia, Lycorea ceres	60
flaveolus, Basileuterus	132	Haplospiza unicolor	149
flavigranulatus, Discocyrtus		hectica, Degeeriella	82
	154, 165	hermippus, Anosia gilippus	43
flavipes, Platycichla	145	Herpetotheres cachinnans que-	
flavogaster, Elaenia flavogaster		ribundus	127
	126, 144	Herpsilochmus rufimarginatus	
fluminensis, Ilhaia	312	rufimarginatus	142
foetens, Coragyps atratus	127, 133	Heterarthrodes alvimi	270
Forpus passerinus vividus	125, 139	Heteropachyloidellus dimorphi-	
fortis, Teudis	151	cus	273
fragilis, Gonyleptes	221, 281	hilarii, Salminus	175
Shannomyioleptes	89	Hirundinea bellicosa bellicosa	143
frater, Mimus saturninus	144	Holcobunus dentatus	222, 287
frontatus, Cebus	27	nigripalpis	222, 287
Fulcidax	217	Hoplias malabaricus	175
		Hylophilus poicilotis poicilotis	
violaceus	98		132, 145
fuliginosa, Tiaris fuliginosa	148	Hypoedaleus guttatus	121, 135, 141
fulvigranulatus, Paragonyleptes		hypoleucus, Basileuterus	
	253, 282		132, 136, 146
Furnarius rufus badius	125, 134, 141	Hypophyllonomus	178
fuscipictus, Laneius	258	maculipalpi	
fuscus, Melanotrochilus	127, 140		177, 279
Gasteracantha kochi	152	hypsauchen, Metynnis	203
Gelanor zonatus	152	ibitiensis, Apareiodon	173
Geothlypis aequinoctialis velata	146	ictericus, Spinus magellanicus	
Geraecormobius granulosus	249		125, 149
princeps	249	Ictinia plumbea	127
rohri	272	Idiops montealegrensis	152, 156
germaini, Ceraarachne	153	iheringii, Alouatta fusca	11
gilippus, Anosia gilippus	38	Ilhaia cuspidata	221, 282, 312
glaucopis Thalaurania	140		

<i>Iihaia fluminensis</i>	312	<i>Limacodes spinuloides</i>	318
<i>ilione, Ituna</i>	59	<i>testudo</i>	315
<i>inermis, Phalangodella</i>	222, 234, 287	<i>lineata, Conopophaga lineata</i>	121, 142
<i>Liogonyleptoides</i>	282	<i>lineatipes, Scytodes</i>	153
<i>insignis, Anetia</i>	58	<i>lineola, Sporophila</i>	125, 148
<i>insperatus, Eusarcus</i>	222, 228, 286	<i>Liogonyleptoides inermis</i>	282
<i>intermedia, Oglobinia</i>	222, 231, 286	<i>litterata, Metadiaea</i>	153
<i>Rachias</i>	152, 160	<i>Lochmias nematura nematura</i>	141
<i>interposita, Degeeriella</i>	81	<i>longicornis, Discocyrtus</i>	177, 222, 267, 285
<i>Ituna ilione</i>	59	<i>longipes, Pseudopachylus</i>	222, 287
<i>lamirus</i>	59	<i>luteovittatum, Synaema</i>	153
<i>albescens</i>	59	<i>lutescens, Anthus lutescens</i>	146
<i>decolorata</i>	59	<i>Lycorea ceres atergatis</i>	60
<i>fenestrata</i>	59	<i>bicolor</i>	61
<i>lanassa</i>	59	<i>ceres</i>	60
<i>phenarete</i>	58	<i>cinnamomea</i>	61
<i>jacarina, Volatinia jacarina</i>	125, 148	<i>cleobaea</i>	61
<i>jacupemba, Penelope superciliosa</i>	121	<i>demeter</i>	62
<i>jaegeri, Anetia</i>	57	<i>fasciata</i>	60
<i>jamaicensis, Anosia gilippus</i>	43	<i>halia</i>	60
<i>jordani, Callithrix penicillata</i>	6	<i>pales</i>	62
<i>kaempferi, Anosia eresimus</i>	46	<i>transiens</i>	61
<i>kochi, Gasteracantha</i>	152	<i>pasinuntia brunnescens</i>	62
<i>lactea, Agyrtrina</i>	127, 140	<i>concolor</i>	62
<i>Lagoa crispata</i>	315	<i>eva</i>	62
<i>opercularis</i>	315	<i>pasinuntia</i>	62
<i>lamirus, Ituna</i>	59	<i>Lycosa raptoria</i>	152
<i>lanassa, Ituna</i>	59	<i>Lyssomanes</i>	152
<i>lanata, Megalopyge</i>	315	<i>macroepigynum, Olios</i>	152, 161
<i>Laneius fuscipictus</i>	258	<i>macroura, Eupetomena macroura</i>	127
<i>lanifera, Megalopyge</i>	315	<i>Piaya cayana</i>	121, 136
<i>lateristriga, Pimelodella</i>	172	<i>maculatus, Metynnis</i>	203
<i>latus, Discocyrtus</i>	260	<i>Polybetes</i>	152
<i>latus, Pseudogyndesoides</i>	287, 294	<i>Tomète</i>	211
<i>Leitaouis guttulatus</i>	311	<i>maculipalpi, Hypophyllonomus</i>	177, 279
<i>Lemonia dumi</i>	314, 315	<i>maculosa, Arthrochlamys</i>	218
<i>Leontocebus chrysopygus</i>	4	<i>magniplumis, Rupornis magnirostris</i>	126
<i>Lepidolarynx squamosus</i>	140	<i>malabaricus, Hoplias</i>	175
<i>Leporinus copelandi</i>	175	<i>Malacoptila striata striata</i>	121, 140
<i>fasciatus</i>	175	<i>mamillatus, Metagonyleptes</i>	282, 293
<i>Leptogaster</i>	93	<i>marginalis, Degeeriella</i>	80
<i>Leptopteromyia</i>	87	<i>marmoratum, Oxyopeidon</i>	152
<i>Leptoptila verreauxi ochroptera</i>	125	<i>maximiliani, Pitangus sulphuratus</i>	126, 143
<i>leucoblepharus, Basileuterus</i>	132	<i>megalippe, Diogas curassavicae</i>	53
<i>leucocephala, Arundinicola</i>	142	<i>Megalopyge lanata</i>	315
<i>Leucochloris albicollis</i>	140	<i>lanifera</i>	315
<i>leucophthalmus, Automolus leucophthalmus</i>	141	<i>melacoryphus, Coccyzus</i>	124, 138
<i>leucoptera, Pyriglena</i>	121, 142	<i>melancholicus, Tyranus melan-cholicus</i>	126, 142
<i>leucurus, Elanus leucurus</i>	127	<i>melanocephala, Zilla</i>	152
<i>lexi, Plecostomus</i>	172		
<i>Liarthrodes tetramaculatus</i>	270		
<i>limacodes, Apoda</i>	316		
<i>Phalaena</i>	315		

melanops, Trichothraupis	121, 147	rhomboidalis	201
melanostomus, Gonyleptoides	258	Mylossoma aureum	208
Melanotrochilus fuscus	127, 140	duriventre	207
Menacanthus arcitifasciatum	108	mystaceus, Platyrinchus mys-	
brachygaster	108	taceus	121, 143
Menemerus bivittatus	153	nasutus, Anoplogynus	259
mentalis, Dysitamnus mentalis		nematura, Lochmias nematura	141
	121, 142	Nephila clavipes	152
Metadiaea litterata	153	Neosadocus bufo	244, 251, 309
paranensis	153	variabilis	282, 310
Metagonyleptes curvispinosus	267	niger, Cebus	23
mamillatus	282, 293	Gonyleptoides	258
Metagonyleptoides anomalus	257	nigra, Alouatta	10
bicalcaratus	257	nigrianus, Synaema	153
condecoratus	257	nigricans, Discocyrtoides	249, 279
perlatus	257, 271	nigrifrons, Callicebus	19, 132
Metarthrodes farinosus		nigripalpis, Holcobunus,	222, 287
	221, 254, 280	nigripinnis, Piaractus	206
Metynnis guaporensis	204	nigrippus, Diogas curassavicae	52
hypsauchen	203	nigritus, Cebus	23
maculatus	203	numidia, Anetia	56
roosevelti	205	Nyctidromus albicollis derbya-	
Miagrammops	153	nus	126, 139
micans, Myleus	200	Nystalus chacuru	121, 140
Microctenia soaresi	111	obsoletum, Comptostoma obsole-	
tibialis	116	tum	144
Milvago chimachima	126	obsoletus, Crypturellus obsole-	
Mimus saturninus frater	144	tus	121, 135
Misumena pulchra	153	ocellata, Parapucroliia	259
Misumenops croceus	153	ochrocephala, Cyclarhis guja-	
curadoi	153	nensis	146
guianensis	153	ochroptera, Leptoptila verreauxi	125
pallens	153	ochropyga, Drymophila	121, 142
pallidus	153	odontopleuron, Degeeriella	73, 82
molle, Acutisoma	263	Oglobinia intermedia	222, 231, 286
Molothrus bonariensis bonarien-		Olios caprinus	152
sis	124, 147	macroepigynum	152, 161
montealegrensis, Idiops	152, 156	rapidus	152
Monticola acutinasua	222, 237	opercularis, Lagoa	315
Monticolina acutinasua	237	orbignyanus, Brycon	175
moticolum, Acutisoma	262	orbignyanus, Colossoma	210
moreirae, Gonyleptoides	258	orbitatus, Euscarthmornis	143
Muscivora tyrannus tyrannus		ornatus, Promitobates	177, 222, 283
	120, 142	osoriana, Osoriella	151
musculus, Troglodytes musculus		Osoriella osoriana	151
	124, 144	Otus choliba choliba	127, 139
mutabilis, Tmarus	153, 163	Oxyopeidon marmoratum	152
Mycetes barbatus	10	Oxyopes salticus	152
Myiarchus ferox australis	143	Oxyrhina zoppei	
Myiophobus fasciatus flammi-			177, 181, 222, 230, 286
ceps	143	Pachylus chilensis	268
Myiozetetes similis pallidiven-		pales, Lycorea ceres	62
tris	142	pallens, Misumenops	153
Myleus micans	200	pallidiventrtris, Myiozetetes si-	
Myloplus asterias	202	milis	142

- pallidus*, *Asarcus* 283, 289
pantherata, *Anetia* 56
Parabristoweia 178
Paragonyleptes anomalus 274
 fulvigranulatus 253, 282
 triacanthus 274
paraguayensis, *Dacnis cayana* 146
Paraluederwaldtia bituberculata 286
paranensis, *Metadiaea* 153
Parapucrolia ocellata 259
Parawixia audax 152
Parodon tortuosus 173
parvirostris, *Crypturellus* 121
pasinuntia, *Lycorea pasinutia* 62
Passer domesticus domesticus 122, 148
patellaris, *Acanthopachyloides* 269
paulistus, *Euscarthmornis nidi-*
 pendulus 143
Penelope superciliaris jacupemba 121
Penygorna bimaculata 274
perlatus, *Metagonyleptoides* 257, 271
Peucetia rubigastria 152
Phaetornis squalidus 139
Phalaena limacodes 315
phalangioides, *Pholcus* 319
Phalangodella inermis 222, 234, 287
Phallocerus caudomaculatus 176
phenarete, *Ituna* 58
Philopterus sturni 82
Pholcus phalangioides 319
Phyllomyias fasciatus breviros-
 tris 144
Piaractus nigripinnis 206
Piaya cayana macroura 121, 136
picarina, *Sabalia* 314
Picumnus cirratus cirratus 140
Pimelodella lateristriga 172
piracicabae, *Apareiodon* 173, 175
Pitangus sulphuratus maximili-
 liani 126, 143
plancus, *Polyborus* 126
Platycichla flavipes 145
Platyrrinchus mystaceus mysta-
 ceus 121, 143
Plecotomus alatus 172
 lexi 172
 plecostomus 171
plexaure, *Anosia* 45
plumbea, *Ictinia* 127
Plusiocampa Litocampa brasi-
 liensis 307
Poecilaemula brasiliensis 264, 312
poicilotis, *Hylophilus poicilotis* 132, 145
poliocephalum, *Todirostrum* 143
Polybetes maculatus 152
Polyborus plancus 126
Polybunus tuberculatus 309
portoricensis, *Danaus plexippus* 54
pretrei, *Anisoterus* 127, 139
princeps, *Geraecormobius* 249
Progne chalybea domestica 123, 145
Promitobates ornatus 177, 222, 283
Prosampycus argenteopilosus 177
proximum, *Acutisoma* 262, 280
Pseudogyndesoides latus 287, 294
Pseudopachylus longipes 222, 287
Pseudopimelodus zungaro 172
Psilonyx 92
pulcher, *Acanthogonyleptes* 280
pucherani, *Chlorostibon aureo-*
 ventris 140
pulcherrimus, *Exochobunus* 279, 288
 Zaloniis 321
pulchra, *Goitacazia* 259
 Misumena 153
 Taczanowskia 152, 154
Pygochelidon cyano-leuca cyano-
 leuca 145
Pyriglena leucoptera 121, 142
quadratura, *Degeeriella* 82
quelen, *Rhandia* 172
queribundus, *Herpetotheres ca-*
 chinnans 127
Rachias intermedia 152, 160
rapidus, *Olios* 152
raptoria, *Lycosa* 152
rarus, *Discocyrtus* 286, 297
Rhandia quelen 172
rhomboidalis, *Myloplus* 201
robustus, *Cebus* 27
roosevelti, *Metynnis* 205
rorhi, *Geraecormobius* 272
rotundata, *Degeeriella* 81
rubescens, *Coryphospingus*
 cucullatus 149
rubigastria, *Peucetia* 152
ruficapilla, *Synallaxis* 136, 141
ruficapillus, *Thamnophilus* 141
ruficollis, *Cathartes aura* 127
 Stelgidopteryx ruficol-
 lis 123, 145
rufimarginatus, *Herprilochnus*
 rufimarginatus, 142
rufiventris, *Turdus rufiventris* 123, 145

Rupornis magnirostris magni- plumis	126	sulcatus, Discocyrtus	286, 298
russeola, Certhiaxis cinnamomea	141	sulphurescens, Tolmomyias sul- phurescens	143
Sabalia picarina	314	sylvestris, Columba rufina	125
Salminus hilarii	175	sylvellus, Sittasomus griseica- pillus	122, 140
Saltator similis similis	135, 148	Synaema luteovittatum	153
salticus, Oxyopes	152	nigrianus	153
sayaca, Thraupis sayaca	122, 147	Synallaxis ruficapilla	136, 141
Scardafella squammata squam- mata	126, 138	spixi spixi	141
Schiffornis virescens	130, 144	Systellogaster	92
Schildia	87	Tachyphonus coronatus	147
Schubartesia singularis	34	Taczanowskia pulchra	152, 154
schubarti, Gonyleptoides	258	talpacoti, Columbbigallina talpa- coti	125, 138
Scytodes lineatipes	153	Tanagra chlorotica violaceicollis	147
Selenops spixii	153	musica aureata	120, 147
Senoculus	153	Tangara cayana chloroptera	122, 147
Serpophaga subcristata	143	cyanoventris	147
serrirostris, Colibri	127, 140	Tapera naevia chochi	136
Shannomyioleptus fragilis	89	tataupa, Crypturellus tataupa	121
Sicalis flaveola brasiliensis	125, 149	Tersina viridis viridis	146
similis, Saltator similis	135, 148	testudiana, Cochlidia	316
Simonella	153	testudo, Limacodes	315
simplex, Degeeriella	81	tetramaculatus, Liarthrodes	270
singularis, Anoplogynus	259	Teudis fortis	151
singularis, Schubartesia	34	teuthras, Cosmosoma	187
Sittasomus griseicapillus sylviel- lus	122, 140	Thalurania glaucopsis	140
soaresi, Microctenia	111	Thamnophilus caerulescens cae- rulescens	126, 130, 135, 141
Sodreana sodreana	154, 222, 282	Thamnophilus ruficapillus	141
sordida, Thlypopsis sordida	147	thirza, Anetia	58
Speotyto cunicularia grallaria	127, 139	Thlypopsis sordida sordida	147
spinuloides, Limacodes	318	Thraupis sayaca sayaca	122, 147
Spinus magellanicus ictericus	125, 149	Thwaitesia adamantifera	153
spixi, Synallaxis spixi	141	Tiaris fuliginosa fuliginosa	148
spixii, Selenops	153	tibialis, Microctenia	116
Sporophila caerulescens caeru- lescens	125, 148	Tirica tirica	125
Sporophila lineola	125, 148	Tityus bahiensis	154
squalidus, Phaetornis	139	Tmarus albolineatus	153
squammata, Scardafella squam- mata	126, 138	camelinus	153
squamosus, Lepidolarynx	140	mutabilis	153, 163
Stelgidopteryx ruficollis rufi- collis	123, 145	tobagi, Danaus plexippus	53
sterea, Cyanocompsa cyanea	148	Todirostrum poliocephalum	143
Streptoprocne zonaris	124	Tolmomyias sulphurescens sul- phurescens	143
striata, Malacoptila striata	121, 140	Tomète maculatus	211
striatus, Uropachylus	312	tortuosus, Parodon	173
sturni, Philopterus	82	transiens, Lycorea ceres	61
subcristata, Serpophaga	143	triacanthus, Paragonyleptes	274
subtorquata, Zonotrichia capen- sis	122, 136, 149	Trichothraupis melanops	121, 147
		Troglodytes musculus musculus	124, 144

tuberculatus, Polybunos	309	violaceicollis, Tanagra chloro-	147
Turdus amaurochalinus	123, 145	tica	154
rufiventris rufiventris	123, 145	violaceus, Discocorytoides	98
Tyrannus melancholicus melan-		Fulcidax	145
cholicus	126, 142	Vireo chivi chivi	130, 144
tyrannus tyrannus, Muscivora	120, 142	virescens, Schiffornis	146
uncinosa, Degeeriella	81	viridis, Tersina viridis	125, 139
unica, Camarana	222, 239, 284	Volidinia jacarina jacarina	318
unicolor, Haplospiza	149	voluta, Adoneta	44
Uropachylus striatus	312	xantippus, Anosia gilippus	321
ursina, Alouatta	12	Zalonia pulcherrimus	152
variabilis, Bunoweyhia	222	Zilla melanocephala	124
Neusadocus	282, 310	zonaris, Streptoprocne	152
varius, Empidonomus varius	142	zonatus, Gelanor	122, 136, 149
velata, Geothlypis aequinoctialis	146	Zonotrichia capensis subtorquata	177, 181, 222, 230, 286
vellerosus, Cebus	26	zoppeii, Oxyrhina	172
venustum, Goniosoma	280		
versicolor, Acentroscelus	153		
versutus, Cebus	29		

